

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Suely Ribeiro Barra

**O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DA
CONVERSÃO A UMA NOVA DENOMINAÇÃO RELIGIOSA:
um estudo dos novos conversos ao grupo religioso das
Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora**

Juiz de Fora
2008

Suely Ribeiro Barra

**O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DA
CONVERSÃO A UMA NOVA DENOMINAÇÃO RELIGIOSA:
um estudo dos novos conversos ao grupo religioso das
Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock.

Juiz de Fora

2008

BARRA, Suely Ribeiro. **O processo de transformação da identidade a partir da conversão a uma nova denominação religiosa**: um estudo dos novos convertidos ao grupo religioso das Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora. 222p. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção do título de Mestre, aprovada pela seguinte banca examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto
Universidade Federal de Juiz de Fora

Orientador: Prof. Dr. Volney Berkenbrock
Universidade Federal de Juiz de Fora

Titular: Prof. Dr. Celso Pinto Carias
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Conceito: A

Aprovada em 26 de agosto de 2008.

Juiz de Fora

2008

A solidão é a nossa condição. Um fato. Também um fardo. Não é necessário ser filósofo para conhecer estas verdades. Basta viver. Ninguém pode viver em meu lugar. Nem morrer. Meu sorriso é meu, somente meu. Assim como meu choro. Meu tédio. Minhas ilusões. Meu desespero. Meu desejo de existir. Ninguém desejará por mim. Se lutarem pela minha existência é para a preservação, de outra. O mesmo se aplica a mim. Se lutar por meu amor, é por mim que luto. Se quiser morrer por ele, também. Verdade da solidão: conatus é a regra. Verdade do conatus: o outro não vive o meu desejo.

BARROS FILHO, LOPES, ISSLER (2005).

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a esta Força que me impulsiona, e que só pode ser Deus, e aos meus pais.

Agradeço ao meu querido orientador Prof. Dr. Volney José Berkenbrock, não só pelas observações e comentários e pelos livros emprestados, mas também pela hospedagem gentil que me possibilitou o acesso aos livros da Biblioteca do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis.

Agradeço aos meus colegas Norma, Marcelo, Reinaldo e Guilherme, à minha querida nora Taís e a Vitor Hugo responsável pelo meu envolvimento neste Programa, ao Prof. Dr. Francisco e a todos os demais professores da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Minha especial gratidão aos meus queridos Luizes – Eduardo, Fernando e Carlos – pelo amor e apoio em todas as horas.

RESUMO

Este trabalho se propõe a pesquisar o processo de transformação da identidade a partir da conversão ao Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová: um estudo dos conversos de duas Congregações de Juiz de Fora. Aborda inicialmente reflexões teóricas sobre o momento da pós-modernidade, a identidade e a diferença e um breve estudo sobre a conversão religiosa. Tenta mostrar a realidade das Testemunhas de Jeová a partir da visão do próprio movimento religioso. O objetivo da pesquisa é perceber o processo de construção da nova identidade dos conversos e como eles se harmonizam e se aceitam a partir da sua conversão. A visão geral do MRTJ foi desenvolvida sob a perspectiva das próprias Testemunhas de Jeová, dos seus registros e de uma análise da construção nova identidade a partir das narrativas destes mesmos atores sociais no seu próprio meio-ambiente.

Palavras-chave: Identidade. Diferença. Conversão. Eu-construído. Testemunhas de Jeová.

ABSTRACT

This work aims to research the identity transformation process from the moment of the conversion to the Religious Movement of Jehovah's Witnesses: a study of converts from two Congregations in Juiz de Fora. It initially approaches theoretical reflections on the postmodernity moment, the identity and the difference as well as a brief study on the religious conversion. It intends to show Jehovah's Witnesses reality from the point of view of the religious movement itself. The objective of this research is to understand the construction process of their new identity, how they harmonize with other converts and how they accept each other from the moment of their conversion. The work was modeled from Jehovah's Witnesses perspective. It is a vision of the Religious Movement of Jehovah's Witnesses based on their records and an analysis of the new identity based on these social actors' narratives in their own social environment.

Keywords: Identity. Difference. Conversion, Built-I. Jehovah's Witnesses.

LISTA DE ABREVIATURASⁱ

1 Cor	Primeira Epístola aos Coríntios
1 Cr	Primeiro Livro de Crônicas
1 Jo	Primeira Epístola de S. João
1 Pe	Primeira Epístola de São Pedro
1 Rs	Primeiro Livro dos Reis
1 Sa	Primeiro Livro de Samuel (livro dos Reis)
1 Te	Primeira Epístola aos Tessalonicenses
1 Ti	Primeira Epístola a Timóteo
2 Co	Segunda Epístola aos Coríntios
2 Pe	Segunda Epístola de São Pedro
2 Rs	Segundo Livro dos Reis
2 Sa	Segundo Livro de Samuel (livro dos Reis)
2 Te	Segunda Epístola aos Tessalonicenses
2 Ti	Segunda Epístola a Timóteo
3 Rs	Terceiro Livro dos Reis
4 Rs	Quarto Livro dos Reis
AT	Antigo Testamento
At	Atos dos Apóstolos
ATVBT	Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados
CGTJ	Corpo Governante das Testemunhas de Jeová
Col	Epístola aos Colossenses
CTJ	Congregação das Testemunhas de Jeová
Da	Profecia de Daniel
Ec	Livro de Eclesiastes
Ef	Epístola aos Efésios
EPES	Estudo Perspicaz das Escrituras Sagradas
EUA	Estados Unidos da América
Ex	Êxodo
Ez	Profecia de Ezequiel

ⁱ Estas abreviaturas são as usadas nos livros das Testemunhas de Jeová, utilizadas neste trabalho.

Fil	Epístola aos Filipenses
Flm	Epístola a Filémon
Gal	Epístola aos Gálatas
Gen	Gênesis
He	Epístola aos Hebreus
Is	Profecia de Isaías
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
Je	Profecia de Jeremias
Jó	Livro de Jó
Jo	Evangelho de Jesus Cristo segundo São João
Jon	Profecia de Jonas
Ju	Epístola de São Judas
Jz	Livro dos Juízes
Lu	Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas
Ma	Evangelho de Jesus Cristo segundo São Marcos
MRTJ	Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová
Mt	Evangelho de Jesus Cristo segundo São Mateus
Ne	Neemias
NT	Novo Testamento
Prov	Livro dos Provérbios
Re	Revelação (Apocalipse de São João)
Ro	Epístola aos Romanos
Sal	Os salmos
So	Profecia de Sofonias
SRTJ	Salão do Reino das Testemunhas de Jeová
Tg	Epístola de São Tiago
Tit	Epístola a Tito
TJ	Testemunha de Jeová
TJPRD	Testemunhas de Jeová Proclamadores do Reino de Deus
TNMES	Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas
To	Livro de Tobias
WTBSNY	Watch Tower Bible and Tract Society of New York
WTBTSP	Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Quadro de indicativos gerais das Testemunhas de Jeová	
118	
Ilustração 2: Quadro das publicações I	127
Ilustração 3: Quadro das publicações II	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA E DA CONVERSÃO	19
1.1 Introdução	19
1.2 A questão da identidade no mundo contemporâneo	21
1.3 Identidade: algumas teorias	29
1.4 Identidade religiosa	36
1.5 Identidade e diferença	43
1.6 A conversão	50
1.7 A construção da nova identidade	61
2 O MOVIMENTO RELIGIOSO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	72
2.1 Introdução	72
2.2 O fundador: a importância de Charles Taze Russell no MRTJ	73
2.3 Estrutura do movimento religiosa das Testemunhas de Jeová	80
2.3.1 <i>Pontos centrais da crença religiosa da Testemunhas de Jeová</i>	80
2.3.2 <i>O conhecimento para o batismo</i>	94
2.3.3 <i>Esquema estrutural da organização das Testemunhas de Jeová</i>	102
2.3.4 <i>Estrutura inicial das Testemunhas de Jeová</i>	103
2.3.5 <i>A organização das Testemunhas de Jeová</i>	104
2.4 A identidade religiosa das Testemunhas de Jeová	111
2.5 A expansão das Testemunhas de Jeová	115
2.5.1 <i>O MRTJ no mundo</i>	115
2.5.2 <i>Relatório Mundial do MRTJ</i>	117
2.5.3 <i>O MRTJ no Brasil</i>	119
2.5.3.1 <i>Expansão do MRTJ no Brasil</i>	119
2.5.3.2 <i>Desafio em terras brasileiras</i>	125
2.5.3.3 <i>Fatos ocorridos durante o Governo Militar</i>	127
2.5.3.4 <i>Números atuais do MRTJ no Brasil</i>	128
2.5.4 <i>O MRTJ em Juiz de Fora</i>	129

3 CONSTRUÇÃO DA NOVA IDENTIDADE RELIGIOSA A PARTIR DO DISCURSO DO CONVERTIDO	132
3.1 Introdução	132
3.2 Considerações acerca de (in)flexões em campo: fazendo etnografia das Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora/MG	134
3.2.1 <i>Análise das entrevistas</i>	134
3.2.2 <i>Uma breve apreciação sobre as anotações de campo</i>	143
3.3 A construção da nova identidade no discurso do converso	147
3.4 As narrativas do “Eu” na perspectiva dos conversos	154
3.4.1 <i>Narrativa do “Eu” inconformado</i>	155
3.4.2 <i>Narrativa do “Eu” superado</i>	158
3.4.3 <i>Narrativa do “Eu” social</i>	159
3.4.4 <i>Narrativa do “Eu” reconciliado</i>	161
CONCLUSÃO	166
BIBLIOGRAFIA	173
BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA DO MRTJ	178
ANEXO – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	183

INTRODUÇÃO-

Esta dissertação procura analisar o processo de transformação da identidade a partir da conversão a uma nova crença religiosa. É um estudo dos novos convertidos ao Grupo religioso das Testemunhas de Jeová de duas congregações de Juiz de Fora – A Congregação Central e a Congregação Fábrica.

Para uma melhor apresentação didática, além desta introdução, o estudo é dividido em três capítulos e a conclusão. O primeiro e o segundo capítulos se completam e preparam o “caminho” para se chegar às respostas procuradas através de abordagens individuais realizadas nas entrevistas transcritas no Anexo. No terceiro capítulo estão as considerações acerca de (in)flexões em campo e sobre a construção da nova identidade no discurso do convertido.

Uma abordagem geral dá início ao primeiro capítulo com estudos sobre a Contemporaneidade, a Identidade, a Identidade e a Diferença, a Conversão e a Identidade religiosa. O segundo capítulo traz uma abordagem mais específica, em que são objetos de interesse: o fundador do Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová (MRTJ), sua estrutura, a identidade religiosa das Testemunhas de Jeová e a expansão do MRTJ no Brasil e no mundo, bem como em Juiz de Fora, onde se desenvolveu este estudo.

O capítulo três é o momento em que o trabalho de campo propriamente dito se desenrola, com a abordagem pessoal às Testemunhas de Jeová através de entrevistas e observação direta de suas atividades dentro de sua comunidade religiosa. Nele são feitas a análise destas entrevistas, as considerações sobre o processo de construção da identidade no discurso do convertido com excertos de suas respostas ao questionário e as narrativas do “Eu” no discurso dos convertidos.

O estudo no capítulo um inicia tratando da questão da identidade no mundo contemporâneo, uma vez que os processos de modernização, globalização atuam de forma contínua e inequívoca na construção das identidades dos sujeitos. A sua ocorrência dá ao sujeito, na medida em que avança no tempo e no espaço, uma nova visão de seu ser e de seu estar neste mundo. Berkenbrock dá uma visão sobre esta questão ao refletir sobre as mudanças e como estas mudanças surgem na vida dos sujeitos e seus efeitos. Este autor também trata das conseqüências deste contexto na vida das pessoas¹. Dentro deste item estão

¹ BERKENBROCK, Volney J. Perspectivas e desafios para a evangelização na América Latina: constatações a partir do outro lado. In: PIVA, Elói Dionísio (Org.). **Evangelização**. Legado e perspectivas na América Latina e no Caribe. Petrópolis: Vozes, 2007, p.232.

abordados alguns autores que entendem que, de fato, há uma crise provocada pelo contexto sócio-político e outros, como Woodward (2000) que condiciona a existência da crise à identidade tornada conflito. Entretanto, os autores estudados são unânimes em afirmar que a globalização provoca mudanças e que estas mudanças não são localizadas, porém estão no universo cultural, disseminadas por todas as classes sociais e em todos os espaços, inclusive no espaço das instituições religiosas. A seguir, o estudo é dirigido de forma mais restrita à identidade consultando obras de Berger, Bauman, Silva, Hall, Woodward, Corcuff, Kaufmann, dentre outros, que discutem a temática entendida por alguns como sendo “as identidades” num contexto onde os sujeitos desempenham diversos papéis. Chega-se à conclusão de que a identidade não é um objetivo que afinal se alcança, todavia é algo em constante construção e transformação, pois o sujeito não vive solitariamente, ele não só envolve como é também envolvido por suas próprias identidades antagônicas e com as identidades dos outros, numa complexa rede de influências. Ainda nesta parte, Berkenbrock lança uma interrogação: Existe ainda uma identidade?².

Com os estudos de Benedicto, Alves, Bellah, Martelli e outros autores inicia-se a reflexão sobre a identidade religiosa, em que o fator religião faz com que o tema se torne mais complexo, uma vez que envolve enredamentos afetivos e emocionais. Ferret, em seu livro *L’identité*, cita textualmente Quine: “Não há entidade sem identidade”. Com estes estudos se chega a deduções sobre a identidade religiosa³.

Autores como Ignatieff⁴ e Woodward falam da diferença, tanto como forma de excluir como uma maneira de identificar. Separam os “diferentes” em inferiores ou superiores conforme o ângulo em que se faz a classificação, porém a diferença também age como fator de identificação. No caso específico das TJs, a sua identificação como crentes passa justamente pela diferença que os membros do MRTJ se primam em demonstrar em relação aos fiéis das demais crenças religiosas. Desse modo, foi tratada a identidade sob a luz da diferença.

Dullius, Hervieu-Lérger, Berkenbrock, Alves, Carozzi e Frigério e, finalmente, Barros Filho, Lopes, Issler, Goffman embasaram o texto sobre a conversão, sem deixar de citar a contribuição sempre relevante de James, com sua definição clássica deste fenômeno de mudança: “Converter-se, regenerar-se, receber graça, sentir a religião [...]”⁵.

² Idem, p.236.

³ FERRET, Stéphane. *L’identité*. Paris: Flammarion, 1998, p.11.

⁴ IGNATIEFF apud WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p.9.

⁵ JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. 10ª.ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p.126.

Ao versar sobre a “Conversão” apenas se falou na conversão religiosa como é o caso da presente pesquisa. Neste ponto se vê que a sua provocação tem raízes na dinâmica dos processos que movimentam a sociedade, em seu todo, com grandes repercussões, como não poderia deixar de ser, no âmbito particular.

Outro tema abordado, ainda neste momento, é o processo de construção de uma nova identidade com todos os seus desafios. Este estudo, especificamente no caso dos conversos ao MRTJ face à pós-modernidade e todas as implicações decorrentes, é dirigido às novas TJs a partir da conversão a outra crença religiosa e vem demonstrar a complexidade que existe entre a permanência em determinada identidade religiosa e a conversão a outro credo religioso, ensejada pela mudança.

Dada a vasta bibliografia sobre o tema, optou-se por estudar aqueles autores cuja temática focava a diferença como fator constitutivo da identidade, escolha justificada também pelo “orgulho” que os novos conversos e os demais associados ao MRTJ sentem ao serem identificados como crentes religiosos “diferentes e marcados pela diferença”.

O segundo capítulo, sob o título de *O Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová*, vai tratar basicamente do MRTJ. Inicialmente é apresentada a biografia do seu fundador e alguns pontos polêmicos sobre a doutrina, pontos estes que ensejaram uma divisão da Organização, quando as profecias sobre o fim do mundo não se concretizaram. A descrição do MRTJ resvala pela origem do modelo que hoje rege o MRTJ, a estrutura que regulamenta e mantém a Organização das TJs, passando pelos pontos centrais de sua crença, pela compreensão da identidade religiosa das TJs até chegar à expansão pelo mundo, pelo Brasil e sua chegada a Juiz de Fora, local onde se desenvolveu o presente estudo.

Até este momento, neste capítulo, foi utilizada a bibliografia específica das TJs com uma inserção de comentários de Fisher sobre a Organização das TJs que, segundo ela, é um dos novos “movimentos religiosos mais solidamente estabelecidos e que baseia a sua missão nas previsões apocalípticas”⁶.

O capítulo três é o que constitui o cerne da pesquisa. Neste capítulo desenvolveu-se a análise das entrevistas realizadas com os conversos ao MRTJ. Os subsídios para atender aos objetivos propostos, bem como a conclusão desta pesquisa, foram encontrados tanto no estudo destas entrevistas, nas falas dos convertidos como nas observações feitas sobre suas atividades e sobre o modo como narram a sua própria identidade religiosa. Através da sua “história” apreendeu-se a dinâmica do processo de construção da nova identidade religiosa pelo qual passaram a partir do seu próprio ponto de vista. É neste capítulo três que também se

⁶ FISHER, Mary Pat. **A religião no século XXI**. Lisboa: Edições 70, 1999, p.82.

percebe, através das respostas dos conversos, a sua harmonização frente a eles mesmos e diante da sociedade na qual se fixam e interagem.

Pode-se observar que nenhuma crença religiosa existe num absolutamente vazio, ela está, de alguma forma, representada, materializada nas sociedades religiosas através de seus rituais, símbolos, crenças, doutrinas, etc. A representação é também o material com o qual se constroem as identidades religiosas e, ao se destruir estas representações do sagrado, se está desconstruindo uma identidade religiosa. O converso ao MRTJ, não pode se constituir neutro, ele tem que tomar partido e substituir a sua antiga identidade religiosa por esta outra. Sem adaptações, modifica-se para se dotar de novos caminhos para a “salvação” como finalidade. Ele tem que se desfazer das representações da crença religiosa anterior, revestir-se de uma nova personalidade e, como disse um converso⁷, tem que ser “outra pessoa”.

No capítulo três o estudo ateve-se, de forma especial, ao processo de mudança de identidade pelo qual o converso ao MRTJ passa e à conseqüente construção de uma nova identidade religiosa no seu próprio discurso. Nesta parte da dissertação deu-se uma especial atenção às narrativas dos novos associados ao MRTJ. Através de suas narrações foi possível perceber o sentimento que envolveu estes sujeitos no desempenho do papel escolhido principal na formação de sua história identitária no processo da conversão.

Há uma convicção de que cada item desta pesquisa mereceria um estudo mais profundo e faria jus a um trabalho mais extenso, porém, dentro das limitações espaço-temporais disponíveis foi possível refletir sobre o processo de construção da nova identidade dos conversos ao MRTJ em Juiz de Fora. É um tema vasto e cheio de vias, e, obviamente, nem todas puderam ser exploradas. Entretanto, as vias percorridas ensejaram a percepção de como os conversos se entendem e como se auto-harmonizam e interagem no interior dos grupos sociais e instituições sociais que integram a partir da conversão.

Uma observação se faz na maneira de como as TJs se protegem, assunto que não será tratado neste estudo, mas que poderá servir de motivo para outras pesquisas. Os temas mais variados são tratados nas revistas da Organização de Jeová, especialmente na revista *Despertai*. Uma forma de “preservar” a incolumidade das TJs mantendo-as, sempre que possível, “fora” do mundo sem retirar delas as informações vitais. Em todos os sentidos, percebe-se uma preocupação grande em “proteger” as TJs e colocá-las “a salvo” do mundo e, ao mesmo tempo, informá-las sobre o mundo, sempre fazendo um paralelo com as previsões da Bíblia. É a característica de toda a literatura jeovianiana que é encontrada em variadas línguas, inclusive em Libras (Linguagem Brasileira de Sinais), para atender aos deficientes

⁷ ANEXO, Entrevista 4, p.201.

auditivos. Fora da Organização são encontrados livros das áreas jurídica e médica, reportagens e processos envolvendo as TJs e suas atitudes perante a sociedade. Propositamente não foram reportados trabalhos sobre as TJs com estes temas, embora se reconheça a sua utilidade e a contribuição que possam dar para o enriquecimento da pesquisa. A preocupação foi preservar ao máximo a pureza das reflexões feitas a partir das respostas dos sujeitos e das observações feitas em campo e assim chegar às conclusões isentas e somente nelas baseadas.

Quanto à metodologia usada, trata-se de uma pesquisa bibliográfica abrangendo três momentos: o primeiro com um estudo de obras dos autores ligados às áreas das Ciências Humanas como Sociologia, Psicologia, Filosofia, Antropologia, sobretudo os autores relacionados às Ciências da Religião; o segundo momento foi de consulta a uma ampla literatura específica do MRTJ constante de livros, brochuras, anuários, revistas, tratados e a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas* (1986), a Bíblia TJ, com a qual se fez os paralelos e a ratificação das citações. Em destaque, três obras de fundamental importância e apoio na confecção do capítulo três sobre o MRTJ: a coleção *Estudo Perspicaz das Escrituras Sagradas* (1991), com seus três volumes, as coletâneas das revistas *A Sentinela* e *Desperta!*, que contêm quarenta e oito publicações semanais e as trinta e seis publicações mensais, respectivamente, ambas com as versões originais em Inglês. O terceiro momento foi reservado à assistência a vídeos sobre o porquê da proibição das *Transfusões de sangue* nas TJs e sobre *Alternativas de tratamento*, além de CDs e fitas cassete.

Após estes momentos, iniciou-se a parte da inserção no campo que consistiu na frequência às Reuniões de Discurso, de Ministério Teocrático e de Estudo, na participação como convidada nos anos de 2006 e 2007 à única comemoração permitida pelo MRTJ que acontece anualmente, em que se lembra a morte de Jesus e a dois Congressos regionais que somaram informações valiosas para a confecção da pesquisa. Releva-se de uma forma muito especial a colaboração dos conversos entrevistados que, durante a execução do estudo, deram seus depoimentos e opiniões, as anotações feitas no diário de campo em diversas ocasiões de encontros com os publicadores anciãos e demais TJs.

A abordagem feita foi útil e permitiu que se chegasse às respostas das perguntas sugeridas no início do trabalho. A escolha deste grupo religioso foi feita em virtude da surpresa que seus membros TJs despertam na autora. Acostumada às lides forenses mais comuns, surpreendeu-se ao se deparar com os conflitos surgidos na esfera legal de proteção à vida da criança e do adolescente, com relação à transfusão de sangue em filho menor de idade de pais TJs. A discussão da recusa a este tratamento médico, proibido pelas diretrizes do

MRTJ, despertou na autora uma curiosidade acadêmica sobre o grupo religioso e, mais especificamente, sobre a identidade dos seus seguidores. A esta proibição foram adicionadas outras, também defesas aos associados ao MRTJ pelas diretrizes emanadas de seu ordenamento, baseado nos preceitos bíblicos do AT, tais como as comemorações de Natal, Ano Novo, Páscoa, aniversários, a proibição de demonstrações de respeito e/ou veneração a símbolos civis e religiosos, de votar e ser votado, dentre outras. Estes fatos, e especialmente o preceito contra a transfusão de sangue, em que a obediência às normas da crença religiosa é levada a ponto de se colocar em perigo e até levar à óbito um filho, fez aumentar a expectativa em relação ao tema: uma vontade de saber não só sobre a identidade das TJs, sobretudo e especialmente querer entender de que maneira acontece a mudança de identidade e posterior construção de uma nova identidade religiosa.

A reflexão mostra que as atitudes, o modo de pensar, o comportamento, enfim a maneira de viver e sentir se torna bem diferente. Interrogações vão se formando à medida que se mergulha no estudo. O primeiro questionamento se forma junto com a vontade de procurar as respostas e, em decorrência dele, dois outros vêm se juntar a eles: – De que forma estas pessoas convertidas a uma crença religiosa, que quase nada tem em comum com sua antiga crença, se tornam tão diferentes a ponto de colocarem-se contra tudo e todos de uma maneira tão contundente e, até certo ponto, criticada e antipatizada socialmente? – O que os faz aceitar tais imposições? – E, aceitando-as, como se compreendem e se harmonizam?

O interesse sobre os convertidos TJs foi despertado pelas interrogações provocadas por suas atitudes até certo ponto desafiadoras. E o fato de terem nascidos em outra tradição religiosa, de serem de lares de uma ou de outra religião, não lhes impede de, num processo “doloroso” e notável, optarem por uma nova crença, pois, como discorre Berkenbrock:

A religião, hoje é uma decisão pessoal. Este é o primeiro fator onde ao meu modo de ver, ocorreu uma mudança significativa. Não que antes religião não fosse algo que ocorresse no âmbito pessoal. A mudança significativa é o entendimento de que a opção religiosa migrou de ser algo de relevância pública, para cada vez mais ser algo de foro íntimo, de nível pessoal (privado).⁸

Esta pesquisa buscou descrever com fidelidade e máxima lealdade as crenças do MRTJ. Com este propósito, a primeira tarefa foi estudar a literatura sobre a pós-modernidade,

⁸ BERKENBROCK, Volney J. Op.cit., p.226.

a identidade, a diferença e a conversão. A segunda, se dispor em campo e colher informações sobre o MRTJ. A terceira, trabalhar no campo propriamente dito realizando as entrevistas *in loco* e depois, após análise, procurar extrair das narrativas respostas às indagações iniciais. O resultado das entrevistas e observações foi o esclarecimento sobre o tema conseguido graças à colaboração conjunta entre pesquisados, anciãos e autora. Muitos dos *insights* foram conseqüências das entrevistas e outros surgiram do registro no diário de campo das observações feitas nas reuniões e nos estudos domiciliares e em outras oportunidades de contato com os membros do MRTJ.

1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA E DA CONVERSÃO

1.1 Introdução

A pesquisa, neste primeiro capítulo, começa com um estudo sobre a questão da identidade no mundo contemporâneo por ser uma época provocadora de grandes mudanças, sobretudo religiosas. Este tempo é chamado pós-modernidade por alguns teóricos, tais como Flieder, Huysen, Baudrillard, termo que surgiu nos EUA no fim dos anos sessenta. Também é considerado por Boff (1982) como um rompimento com o projeto da modernidade. Tempo para se romper com males tais como espelhar todos os homens no branco ocidental e desconsiderar os diferentes, inclusive a mulher, os de outra cultura, etc. Tempo para reflexão e não considerar as diferenças como um mal que deva ser combatido, mas conviver com o diferente e conviver bem, ter respeito e não apenas tolerância. Para este estudo foram pesquisados vários autores entre eles Woodward, Harvey, Boff, Lane.

Também foi feita uma leitura atenta do texto de Camurça que auxiliou na reflexão sobre a conversão ao MRTJ. No texto há uma crítica do autor sobre a secularização feita nos “moldes clássicos” que, a seu ver, está ultrapassada. Ele dá a sua opinião sobre o assunto:

A secularização das sociedades modernas não se resume no processo de evicção social e cultural da religião como normalmente tem sido freqüentemente confundida. A secularização é um processo cultural complexo que combina a perda de controle dos grandes sistemas religiosos [...] e a recomposição das representações religiosa (sob uma forma nova).⁹

O autor aponta para as mudanças, sobretudo da religião, no atual contexto da sociedade contemporânea e como o processo de inserção e disseminação da religião é bem definido pelo progressivo afastamento de suas formas institucionalizadas preponderantes, denominada por Hervieu-Léger (apud CAMURÇA) como *desregulação institucional*, que expressa a maneira de como acontece a mudança da religião no momento atual: “as recomposições das identidades religiosas (...) se inscrevem sobre um duplo signo de

⁹ CAMURÇA, Marcelo Ayres. **A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção**. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003, p.263.

proliferação e disseminação das crenças de uma parte e da desregularização institucional de outra parte”¹⁰.

Depois, o estudo dirigiu-se para definição da identidade onde foram escolhidas algumas entre as muitas lidas. Sob a visão de alguns psicólogos, teólogos, filósofos e sociólogos, tais como Vecchi, Silva, Hall, Lévi-Strauss, optou-se por alguns conceitos cuja linha de pensamento se aproxima mais do objeto deste trabalho.

O segundo segmento trata da identidade e diferença. Foram estudados os autores Berger, Bauman, Hall, De Benedicto, Ignatieff, Elias, dentre outros, sobre o tema. As reflexões dos autores possibilitaram perceber até que ponto estas ou aquelas concepções foram captadas pelos sujeitos desta pesquisa.

Sobre a identidade e diferença os autores Woodward e Silva mostram o quanto uma identidade é correlacional e dependente de outra identidade que ela não é e o quanto a diferença é acentuada em relação à identidade. Atentam para o fato de uma identidade precisar de outra identidade diferente dela para existir¹¹. Um assunto que traz esclarecimentos para se entender o processo da transformação da identidade onde a identificação do ser convertido passa pelo fato de não ser mais como era antes, mas de ser diferente após a sua conversão. No caso das Testemunhas de Jeová, este tema teve o mérito de trazer informações que vão auxiliar na apreensão do item do capítulo três que versa sobre a construção da nova identidade após a conversão e onde a diferença realmente faz a diferença.

Outra parte do capítulo é voltada para a conversão, em que se vai falar sobre o conceito e o porquê dela. Como base deste capítulo são usados os estudos de Berger, James, Alves, Corcuff, Roselló e Lago, entre outros. É importante observar como as conversões ao MRTJ tentam ser diferentes das outras, também conversões religiosas. Como os conversos e os pregadores buscam esta diferença como a grande virtude. A diferença como um grande muro que pretendem colocar entre o antes e o depois. Isto fez com que o estudo envolvesse as conversões sob o ponto de vista católico, protestante e jeoviano. Estudos que servem para se estabelecer uma definição mais fiel da nova identidade do converso.

Encerrando este primeiro capítulo estão reflexões sobre a formação da nova identidade, o processo de construção da realidade social e pessoal. Para fundamentar estes estudos foram utilizadas as obras dos autores Berger, Luckmann, Charbonnier, Mondin, Martelli, Maffesoli, Leuba, Girgensohn, Starbuck e Schleiermacher, entre outros.

¹⁰ CAMURÇA, Marcelo Ayres, op.cit., p.idem.

¹¹ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.9.

1.2 A questão da identidade no mundo contemporâneo

Ao se falar em identidade não se pode deixar de lado o contexto sócio-político da atualidade. A sua importância está não só no processo de formação da identidade, mas também no de desidentificação e no de construção de uma nova identidade, sejam elas movidas por motivos religiosos ou não religiosos. Primeiramente, o que é este tempo que está sendo chamado por uns autores de modernidade tardia e por outros de pós-modernidade, o tempo onde tais mudanças acontecem?

Como se fala muito em identidade e crise de identidade lembra Woodward que tal crise só existirá se a identidade se tornar um problema, se de uma posição considerada coerente e estabilizada há um deslocamento provocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Parece que os estudiosos da sociedade colocam a crise de identidade como uma característica da vida contemporânea ou modernidade tardia. A globalização, por exemplo, pode levar tanto ao distanciamento da identidade relativamente à cultura local e à comunidade como a uma resistência que, ao invés de afastar, reforça ainda mais as identidades nacionais e locais. Além da globalização, muitos outros fatores podem gerar e geram crises de identidade. Veja-se o caso das migrações de pessoas em todo o globo. Esse movimento produz identidades que são estruturadas em locais diferentes e por diferentes locais onde se fixam. Estas identidades tanto podem se desestabilizar como podem comprometer a segurança de outras identidades com as quais convivem¹². Woodward, ao fazer o sumário de sua discussão sobre identidade anunciou:

As identidades são produzidas em momentos particulares no tempo. Na discussão sobre mudanças globais, identidades nacionais e étnicas ressurgentes e renegociadas e sobre os desafios dos 'novos movimentos sociais' e das novas definições das identidades pessoais e sexuais, sugeri que as identidades são contingentes, emergindo em momentos históricos particulares.¹³

Alguns autores da atualidade apresentam fatos que demonstram a existência, dentro do momento atual de crises de identidade. Estes cientistas sociais afirmam que o foco hoje direcionado para esta situação só pode ser entendido dentro do contexto das mudanças globais

¹² WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.21-22.

¹³ Idem, p.38.

que caracterizam os tempos da pós-modernidade. A globalização, que envolve a interação de vários fatores, tanto culturais como econômicos, causa uma transformação nos modelos de produção e de consumo e, conseqüentemente, produzem transformações na identidade. No seu artigo Woodward pondera:

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo. [...] O que é importante para nossos propósitos aqui é que a luta e a contestação estão concentradas na construção cultural de identidades, tratando-se de um fenômeno que está ocorrendo em uma variedade de diferentes contextos [...].¹⁴

Por estas e outras argumentações chegaram estes estudiosos à conclusão de que realmente existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo. Crise que não é localizada. Segundo Woodward, “a identidade importa porque existe uma crise de identidade globalmente, localmente, pessoalmente e politicamente”¹⁵. Uma crise produzida por uma nova cultura que, dentro deste universo cultural, surgiu dominante: a cultura do medo. Um medo que se torna uma realidade no tempo e no espaço e diametralmente, tanto do lado da legalidade como do outro, o lado ilícito das gangues, das quadrilhas, do crime organizado, do crime de “colarinho branco”, etc. Classes dominadas e dominantes sentem medo, de modo diverso, porém o mesmo medo, um fogo cruzado. Ambas internalizaram dentro de si a convicção de que, de um modo ou de outro, vão sobreviver em meio a tudo. As dominantes com a convicção que têm todo o poder nas mãos, de que são impunes e as classes dominadas internalizando o caráter violento, injusto e desigual de seu *status*. Um clima de represálias paira no ar e é compreensível embora não aceitável. Assaltos e destruição irracional aparecem como uma forma inconsciente de vingança e revanchismo. Uma conjuntura que favorece o sentimento de desproteção que aflige os sujeitos e os leva a buscar uma identidade que melhor corresponda aos seus anseios. Uma transformação da sua identidade que os diferencie e os coloque em posição privilegiada, pelo menos espiritualmente, e que os retire da condição de insegurança causada pelo atual contexto político-social. Insegurança que oprime e os impede de reescrever sua história de forma a preencher as lacunas próprias, inerentes aos seres humanos.

¹⁴ WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.25.

¹⁵ Idem, p.39.

Os indivíduos, como exigência da complexidade da vida no mundo atual, vivem diferentes identidades, nem sempre conformes. De acordo com a situação e o tempo assumem diferentes identidades. Isto eles fazem por uma exigência dos vários papéis que são impelidos a representar dentro de instituições sociais que Bourdieu (apud WOODWARD, 2000) chamou de “campos sociais” onde atuam. Agir de acordo com o papel social que representa em determinado momento e lugar é uma cobrança que é feita ao sujeito durante toda sua vida.

Hall (apud SILVA) argumenta que em casa, no trabalho, nas reuniões sociais, enfim o sujeito em todas as situações, se vê envolvido com diferentes identidades, ainda que se veja como sendo “uma mesma pessoa”¹⁶. Em “certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com ‘os campos sociais’ nos quais estamos atuando”¹⁷. Isto ocorre porque a pessoa é diferentemente posicionada em diferentes momentos e locais de sua vida de acordo com os diferentes papéis sociais que exerce.

Conflitos surgem “das tensões entre as expectativas e as normas sociais”¹⁸. Cada pessoa tende a viver estas tensões entre as suas diferentes identidades, quando o que é exigido por uma identidade colide com as exigências da outra. O conflito ocorre quando, ao desempenhar ao mesmo tempo diferentes papéis, as solicitações de um papel interpõem-se nas obrigações exigidas pelo outro papel. Quase sempre, as “demandas de uma interferem com as demandas da outra e, com freqüência”, estas identidades coexistentes no mesmo sujeito assumem posições contrárias¹⁹.

Harvey fala do momento moderno-tardio como implicando não só uma quebra de relações, inflexível, mas também como “caracterizado por um processo sem fim, de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”²⁰. É este contexto social que leva o sujeito a não se acomodar e a não construir uma história plenamente satisfatória sobre ele próprio, uma confortadora narrativa do seu eu e, nesta narrativa, ficar comodamente estacionado.

Boff, embora não seja especialista no assunto, mas com opiniões respeitáveis, fala sobre este tempo. Para ele a pós-modernidade ou modernidade tardia, seria interpretada como um processo de fuga da terrível situação, provocada pela sociedade industrial. Uma situação que viria desde conflitos pessoais a internacionais, de embrutecimento das relações com as pessoas e com a terra, de forte empobrecimento em todos os aspectos, sob o ponto de vista político-cultural²¹.

¹⁶ HALL, Stuart. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op. cit., p.30.

¹⁷ WOODWARD, Kathryn. Op. cit., p.30.

¹⁸ Idem, p.32.

¹⁹ Ibid., p. idem.

²⁰ HARVEY, David. The condition of post-modernity. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op. cit., p.12.

²¹ BOFF, Leonardo. **A voz de arco-íris**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p.10.

Advém com tudo isto uma vontade ativa de se afastar daquele passado desconfortável e a recusa àquele tipo de vida e de consciência que a modernidade lhe proporcionou, que lhe trouxe a apreensão de intermitência vivida e sofrida no desenrolar da história e lhe deu a vivência significativa de não estar seguro nem protegido, uma sensação nada confortável e generalizada.

O relacionamento da modernidade tardia com a modernidade tem dois aspectos diversos: uma ruptura com a modernidade e uma realização final da modernidade. No primeiro aspecto, este relacionamento é visto como um rompimento completo com o projeto da Modernidade: “A partir da subjetivação do indivíduo branco, ocidental e cristão e da objetivação de tudo mais, seja submetendo-o a si, seja destruindo-o, seja fazendo-o espelho do ocidental”²².

Essa cultura onde se encontra enraizada a vontade de um poder/dominação/enriquecimento gerado pela pobreza, sujeição e destruição do outro. A modernidade tardia, no entender de Boff, quer cortar laços com esta cultura e é por isto que enfatiza a diferença como um direito a existir e não como um mal a combater. O diferente, tendo direito não só à existência, mas e, sobretudo, à co-existência numa superação de toda oposição binária – preto e branco, cristão e não cristão, etc. A alteridade, a diferença e a singularidade deverão ser beneficiadas e não mais combatidas e contidas. Nenhuma razão pode pretender o monopólio da verdade. O sujeito constrói a sua própria verdade, embora estas idéias não sejam tão pacíficas e aceitas por todos. Como continuação e realização final da Modernidade é outro aspecto considerado por Boff, em relação à modernidade tardia. Sobre a pós-modernidade o autor acrescenta:

A pós-modernidade assume e estetiza tudo, quer dizer, faz de tudo objeto de uma sensação e uma emoção. Tudo é bom desde que se sinta bem. Tudo pode ser uma vivência estética: as cenas de terror de crianças de rua assassinadas, a ternura de Madre Teresa de Calcutá criando condições de os abandonados nas ruas poderem morrer dignamente [...].²³

Aureolado pela vivência estética tudo passa a ter o mesmo valor e interesse, desde a destruição de vidas pela violência da guerra às tentativas de salvar tudo. Além disto, a divulgação contínua e exagerada de fatos incomuns traz como conseqüência uma banalização, tornando-os aceitáveis e até normais para grande maioria da sociedade. A existência destes

²² Idem, p.11.

²³ Ibid., p.15.

fatos passa a não mais incomodar. Incorpora-se à rotina. Ao mesmo tempo em que a globalização integra os sujeitos mais longínquos, aproximando-os e criando uma falsa atmosfera de contigüidade física e espiritual, trazendo para perto uma quantidade muito grande de problemas diferentes em qualidade e intensidade, ela cria uma intimidade negativa. O ser humano se torna íntimo de todos e de tudo na profusão de dramas humanos. Esta falsa relação com os outros seres humanos acaba por induzi-lo a uma indiferença escudada pela impossibilidade de resolver tais problemas individualmente. Assim, o sujeito se defende perante tudo e todos pela sua omissão e inércia. É pela subjetividade do momento que a busca coletiva de solução não é viabilizada. Esta situação acaba por refletir em sua própria vida, nos grupos sociais com os quais se relaciona e, conseqüentemente, na identidade coletiva e na individual. Boff traduz bem este estado de fragmentação:

A pós-modernidade que por seu relativismo total, por seu desinteresse por uma humanidade melhor e por uma completa ausência de solidariedade pelo destino trágico da humanidade, e por fim, por sua falta de horizonte utópico – não aponta para uma superação da modernidade.²⁴

Para Boff, ao assumir todas as coisas e desenvolver um julgamento estético sobre tudo o que ocorre, o ideal desaparece e os sujeitos inseridos no atual mundo vivem uma permanente crise de identidade. Há no projeto pós-moderno, ou moderno-tardio, uma grande pobreza humanística e espiritual, um total descompromisso com as grandes causas que, no passado, animaram os espíritos. Uma atitude incapaz de criar positivamente se estabelece e que só gera um consumismo individualista e nada promissor para a sociedade. A tônica deixa de ser o conceito trabalho e recai sobre o conceito informação/comunicação. Assim, o pluralismo de racionalidades, conseqüência desta comunicação indispensável, ao mesmo tempo em que liberta das velhas hierarquias traz uma obrigação de se conviver numa estrutura político-social que responda às exigências coletivas da humanidade. Um paradoxo: individualismo e necessidade de convivência. Ou todos são salvos ou todos perecem. São partes de um todo, partes diferentes com racionalizações diferentes, mas com um ponto em comum: sempre humanos e sociais.

A par disto tem-se também o lado positivo da pós-modernidade que é segundo Boff²⁵, o resgate da subjetividade. Não se pode mais, por temer o diferente, tentar eliminá-lo para se

²⁴ BOFF, Leonardo. **A voz de arco-íris**. Op.cit., p.21.

²⁵ BOFF, Leonardo. **A voz de arco-íris**. Op.cit., p.22.

auto-afirmar. Não se sujeita às subjetividades ao encaixe compelido às instituições totalitárias, eticamente rígidas e com filosofias globalizadoras. Convive-se com as diferenças numa visão integradora, vendo nas diferenças o que é comum e humano a todos. Ser no mundo com os outros e não individualmente, apesar dos outros. Conviver e não somente suportar o outro.

A modernidade tardia também permite a emergência da espiritualidade. Essa vontade, que todo ser humano tem, de buscar uma explicação para sua existência na terra, num diálogo com aqueles que tentam uma aproximação íntima com Ele, Deus, a origem e o destino de tudo. Uma preocupação com a humanidade, com o planeta e com o destino coletivo junto com toda criação. Se antes os questionamentos eram julgados desnecessários e até impróprios e for obediente era a única forma de ser considerado bem ajustado, na modernidade tardia é desejável a tomada de consciência de si. É saudável ser desobediente e que se questione o quanto os papéis e a identidade social criam a ilusão de que a identidade é consequência de opções livres que os sujeitos fazem ao conviverem em sociedade²⁶. É a oportunidade que surge neste momento histórico de perceber que, de fato, são as condições sociais decorrentes da produção da vida material que determinam os papéis e a identidade social. Se tal oportunidade for ignorada apenas estar-se-á concordando com a ordem reinante e reproduzindo o que os grupos hegemônicos da comunidade esperam e querem dos demais.

E é neste mesmo momento memorável que o sujeito envolvido num contexto propício às mudanças se questiona e toma consciência de si partindo para uma transformação levado pela insídia de suas angústias e ansiedades pessoais ante as diferenças com as quais se depara a todo instante. Aceitar as diferenças e manter as relações de não dominação na sociedade atual é extremamente difícil. Isto porque o ator social tem, por diversas razões pessoais ou razões sugeridas pelo próprio contexto social onde está inserido, a necessidade de ter alguém no controle da situação. É mais cômodo e mais fácil se deixar levar, não ter que assumir autorias, encargos e decisões e, conseqüentemente, se responsabilizar por sua participação. É mais simples acompanhar os que tomam iniciativas, pois serão eles que responderão por elas. Como diz Lane: “O líder é sempre produto dos liderados, só existe a dominação se houver dominados que a vejam como necessária”²⁷.

Berger e Luckmann questionam “a convicção dos críticos modernos e pós-modernos da sociedade e cultura atuais”²⁸ de que a crise que se atravessa agora é diferente das antigas crises pelas quais os antepassados passaram. Eles lançam a suposição de um novo sentido da

²⁶ LANE, Silvia Maurer T. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.23.

²⁷ LANE, Silvia Maurer T. **O que é Psicologia Social**, p.54.

²⁸ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004, p.14.

vida humana constituído por tantas transformações sociais ocorridas na humanidade. Obviamente, tais mudanças provocam uma crise sem par na história da vida humana. De uma forma original, eles falam sobre certas formações de sentido:

O sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais. Consciência, individualidade, corporalidade específica, sociabilidade e formação histórico-social da identidade pessoal são características essenciais da nossa espécie.²⁹

Ao estabelecer relações entre as várias experiências pelas quais passa, o ser humano dá sentido às mesmas. Ele toma consciência deste inter-relacionamento. As ações do sujeito têm que fazer sentido. Se a ação no passado teve o efeito desejado, ela é significativa ao ser efetuada no presente, é provida de sentido.

Em sua obra, Santos inclui entre os fatores que provocam tantas mudanças a hiper-realidade, o nome dado por ele à distorção da realidade feita pelo próprio sujeito:

O homem parece perder as referências da realidade factual confundindo-a com sua reprodução glamorizada e distorcida, a hiper-realidade e para muitos pensadores a alienação da vida individual. O individual supera o coletivismo das sociedades tradicionais. Há uma destruição do sujeito ocasionada por papéis sociais extremamente poderosos gerados pelos novos aparelhos eletrônicos.³⁰

Na obsessão pelo *ego* o sujeito cai num individualismo onde só há lugar para ele. Cria uma área pessoal, particular, com limites estabelecidos e fortemente defendida contra o outro, defesa aos invasores, no local de trabalho, no seu lar, no seu lazer. Presa fácil da raiva contra o outro que se aproxima sem ser convidado. A vida real cede lugar para a fantasia implementada, cada vez mais, pelas novelas e folhetins da televisão, *internet* e filmes. É nesse contexto grupal que o sujeito se identifica com o outro e constrói e/ou modifica a sua identidade. O ser humano é parte da estrutura global por ele mesmo construída em resposta às necessidades vitais da relação mantida por ele com o mundo. É esta dialética *ser humano X mundo* a criadora dos problemas indefinidamente e que leva este ser humano a erguer as

²⁹ Idem, p.idem.

³⁰ SANTOS, Jair Ferreira dos. **Que é o pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.126.

estruturas doadoras das condições para o enfrentamento. São estas relações, que surgem no cotidiano, voltadas para as necessidades de ações que têm a função de solucionar os problemas. É deste relacionamento que nascem as idéias e a consciência do sujeito. E estas idéias não têm existência própria, elas são uma porção do todo global da vida humana.

A noção de interdependência passa a ter muita importância no tecido social onde até uma ação solitária de um ou mais sujeitos, mesmo distanciados no espaço, pode provocar o coletivo, ainda que os agentes não tenham consciência das “cadeias de interdependência que os coloca em relação”³¹. Esta importância é dada por Elias. Este analista das interdependências considera que “as dependências que ligam os indivíduos entre si não se limitam àquelas cuja experiência e consciência eles podem ter”³². Elias chama de configuração as maneiras peculiares de interdependência que aproximam os sujeitos. Segundo Corcuff, explicando a posição teórica daquele:

A sociedade é então encarada como um tecido em movimento e mudança das múltiplas dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros. Mas o tecido social é atravessado por numerosas formas de inter-relações que se entrecruzam.³³

Estas posições frente à pós-modernidade, ou modernidade tardia como querem alguns, mostram o importante papel que o contexto sociocultural desempenha quando o assunto é identidade, conhecimento este que auxilia o observador a fazer uma análise mais isenta das diversas motivações que impulsionam os sujeitos à mudança de identidade. Entende-se agora o porquê da preocupação freqüente com a identidade religiosa em quase todos os movimentos religiosos na atualidade. Há o pensamento dominante de como preservar as idéias primordiais de suas crenças. Uma atenção dirigida à segurança de seus valores e tradições. Um mundo com uma ampla publicidade em todos os meios de comunicação, sobretudo em tempo recorde bombardeando efetivamente as pessoas, cria um clima que encoraja a insegurança. Problemas à parte, positivamente tais oportunidades propiciam a formação de uma sociedade senão mais crítica, pelo menos mais informada.

Bauman faz uma reflexão sobre o mundo atual excessivamente individuado e sobre a identidade:

³¹ CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**: construções da realidade social. São Paulo: EDUSC, 2001, p.40.

³² ELIAS, Norbert. Qu'est-ce que la sociologie? In: CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**, p.16.

³³ CORCUFF, Philippe. Op.cit., p.39.

No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis simplesmente não funcionam.³⁴

As identidades em excesso são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo estas duas modalidades líquido-modernas de identidade, coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência [...].³⁵

Obviamente o assunto não se exaure aqui e nem seria possível fazê-lo, mas ao leitor desejoso de saber mais sobre o assunto as obras *A sociedade dos indivíduos*, de Norbert Elias; de Pierre Bourdieu, *La misère du monde*; de Hannah Arendt, *La crise de la culture*; de Stuart Hall, *Signification, representation and ideology: Althusser, critical studies in mass communication*; de Roberto Cipriani, Paula Eleta e Arnaldo Nesti, *Identidade e mudança na religiosidade latino- americana* e, de Maria Amélia Faia, *O Eu construído*, serão de grande valia.

1.3 Identidade: algumas teorias

O ato de conceituar identidade tem se mostrado complexo e difícil. Muitos autores investigaram o fenômeno e a sua construção e conclusões foram tiradas no desenvolvimento destes estudos.

Na opinião de Woodward³⁶, as identidades são diversificadas e imprecisas, passam por mudanças e também promovem mudanças. Estas características de diversidade e imprecisão acompanham as identidades tanto dentro do tecido social onde está inserida, quanto na estrutura simbólica através da qual o sujeito dá sentido às ações e posicionamentos em sua vida.

³⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.33.

³⁵ Idem, p.38.

³⁶ WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.9-16.

No início dos anos setenta, a questão da identidade surgiu em toda parte. A temática da busca da identidade, da crise de identidade e a perda da identidade se tornaram o centro das pesquisas e das preocupações. *O novo mal do século*³⁷.

Para Lévi-Strauss (apud KAUFMANN):

A identidade pode ser analisada como uma imensa conversão “entre esta identidade que vem de fora do pensamento e aquela que nós mesmos experimentamos instituir dentro de nós”. Resta não obstante a tentativa de estabelecer o conjunto de correspondências entre estas configurações identitárias contrastantes.³⁸

O ser humano, dentro das sociedades em que vive, não só envolve e é envolvido pelas diversas identidades dos outros seres humanos como também está sujeito ao comprometimento com as suas próprias identidades – a que está do lado de fora do seu próprio pensamento e a outra identidade que ele mesmo forma e submete à prática dentro dele. O desafio é buscar a instauração de uma reciprocidade entre estas identidades antagônicas. É esta uma tarefa complexa uma vez que as sociedades estão – de uma forma irreprimível – em constante movimentação, compelidas a uma mudança em seus sistemas de valores e esquema de pensamentos e comportamentos em razão da demanda dos insertos nelas. Com tal cinesia as pessoas se submetem, cada vez mais, às modificações no seu modo de ser. O reflexo da sociedade se reproduz nas pessoas nela inseridas e vice-versa. Tal circularidade se torna mais e sempre acelerada, promovida pela disseminação rápida e mais acessível dos saberes, efeito da atual tecnologia dos meios de comunicação. Este fenômeno é a causa de maior inquietação entre os sujeitos. Ao se afastar das pessoas que não “pensam” como eles muitos grupos tentam se proteger das influências que os diferentes possam exercer sobre eles.

Kaufmann afirma que, na realidade, a personalidade do ser humano e suas idéias são uma expressão direta deste mundo ao qual pertence³⁹. Assim, a identidade não é muito mais que um reflexo da sociedade na qual o sujeito está inserido. As suas idéias, críticas e dúvidas não são genuinamente suas, mas expressões diretas do mundo onde vive. Os seres humanos usam as mesmas palavras que pensam serem suas para falar de si e das demais coisas. Sob

³⁷ KAUFMANN, Jean-Claude. **L'invention de soi**: une théorie del'identité. Armand Colin/SEJER, 2004, p.56-57.

³⁸ Idem, p.59.

³⁹ KAUFMANN, Jean-Claude. Op.cit., p.50.

este ângulo vê-se que a identidade, de fato, recebe as influências de tudo e de todos que compartilham com ela o quase mesmo espaço sócio-cultural. Digo “quase o mesmo” porque a globalização é hoje uma realidade incontestável e promotora deste avizinhamo. As influências várias ocorrem de uma forma contínua e, por vezes, inconscientemente. Comportamentos e atitudes que não são e não estão congelados, mas em constante mudança, promovem cada vez mais efeitos sobre as pessoas.

Para Kaufmann a concepção clara da identidade só pode ser vista:

Quando se separa claramente indivíduo e identidade; e inscreve com precisão o fenômeno identitário na história. [...] Insisto sobre isto que é habitualmente ocultado: o universo invisível das determinações sociais individualmente incorporadas. [...] Antes de detalhar o processo identitário, é conveniente que se leve em conta o indivíduo e sua ação de autodenominar-se.⁴⁰

Está claro para Kaufmann (2004) que não se pode validar este conceito se o mesmo for feito independente do contexto social-histórico. As identidades se desenvolvem num determinado espaço temporal e geográfico. Elas recebem a influência deste espaço e dependem não só dele, mas também do próprio sujeito que já absorveu um imenso cabedal de valores, idéias e conceitos da sociedade onde vive. Tais haveres têm peso na construção da identidade. O indivíduo, bem como a sociedade em que vive, não é unificado, nem completo e nem acabado. Vive em desenvolvimento, em constante mudança e, apesar disso, é exigência da vida moderna que se reafirme constantemente, que acredite em si mesmo, se creia e se represente estável e autônomo, que tenha, enfim, algo personalíssimo de modo a fazê-lo reconhecido como uma totalidade e distinto na sociedade. O ser humano necessita ter uma identidade. Entende Kaufmann a identidade como um envolvimento.

Para este autor, o indivíduo é uma combinação contínua e constante de dois processos: de um lado, um estoque de memória social incorporado a cada um de maneira específica, excepcionalmente móvel e contraditório e, de outra parte, um sistema de compreensão subjetivo, dando significado a tudo de modo a criar uma ilusão de totalidade manifestamente clara. Ilusão, porque se trata de uma aparente autonomia e liberdade de ser. Ainda segundo Kaufmann:

⁴⁰ Idem, p.53 e 55.

Realmente a subjetividade continua a ser estreitamente forçada pelos auto-esquemas. Estes resultam, com efeito, da trajetória social da história da pessoa. É basicamente apenas o reflexo da experiência de confrontações com diversos contextos registrados sob a forma de quadro de determinação das ações futuras. Enquanto que na sociedade holística os indivíduos são produzidos e reproduzidos pela fórmula geradora do sistema dos modos de ser. Eles são, na modernidade, quotidianamente, construídos por sua própria história, tendo especificamente interiorizado o social, em um diálogo contínuo entre presente e passado secretamente memorizado.⁴¹

Bauman, de maneira similar à definição de identidade de Kaufmann, a considera uma constante construção, um ajustamento sem fim e tira uma conclusão lógica:

Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria um presságio da incapacidade de destrancar a porta quando uma nova oportunidade estiver batendo. [...] ‘Ajustar’ pedaços infinitamente – sim, não há outra coisa que se possa fazer. Mas, ‘conseguir’ ajustá-los, encontrar o ‘melhor’ ajuste que possa por fim ao jogo do ajustamento? Não obrigado, é melhor viver sem isso.⁴²

A identidade é necessária como uma forma de singularizar e diferenciar o indivíduo, uma maneira de recompor as falhas e responder às dúvidas. A necessidade que o ser humano tem de uma organização pessoal vinculada ao padrão do grupo social ao qual pertence faz com que ele se empenhe constantemente contra a falta de normas, uma luta que passa inevitavelmente pelo questionamento identitário. A todo instante, ele precisa de respostas para pensar e para agir, respostas estas que correspondam ao seu sistema de valores⁴³.

A identidade pessoal não é só o reflexo da estrutura social, ela não é simplesmente isso. Há que se atentar para o papel que a subjetividade representa na sua formação. A imagem que o sujeito tem de si mesmo é um início de construção identitária. Ela se apóia, portanto, nestes dois pólos: a subjetividade e a influência da estrutura social onde está o sujeito inserido⁴⁴. O conceito de identidade se torna ainda mais complexo com a inegável pressão que os auto-esquemas infligem à subjetividade. É de Kaufmann a seguinte argumentação a respeito da identidade:

⁴¹ KAUFMANN, Jean-Claude. *L'invention de soi*, p.77.

⁴² BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, p.60-61.

⁴³ KAUFMANN, Jean-Claude. *Op.cit.*, p.79.

⁴⁴ KAUFMANN, Jean-Claude. *L'invention de soi*, p.89.

Inventar-se a si mesmo não se inventa; os mecanismos da criação da identidade não têm nada de aleatório. Embora o instrumento da invenção (imagens e emoções) seja o mais volátil, inscrevem-se entre os procedimentos socialmente definidos e precisos. [...] A tese central é que a identidade é um processo histórico, que, após uma fase de transição onde foi direcionado pelo Estado, não surgiu plenamente ao nível individual da invenção de si mesmo em menos de metade de um século. O surgimento que resulta de uma inversão entre estruturas sociais e reflexos de suas estruturas. Não que estes últimos tornaram-se menos, ou seja, menos determinantes sob o efeito misterioso de uma emancipação abstrata do sujeito. Mas tudo porque em se fazendo mais contraditório, o reflexo não poderia simplesmente, transformar-se em reflexão. O Ego deve doravante fabricar a grade ética e cognitiva que condiciona a sua ação. A construção social da realidade passa pelos filtros identitários individuais.⁴⁵

Bauman (2004) define a identidade como sendo produto de um processo interminável, a que se submete o ser humano. A sua identidade vai sendo construída e delimitada na medida em que vive. Sofre a ação do demais agentes sociais e do próprio meio em que está inserido e também influencia. A identidade não é estática, ao contrário, é instável, incoerente, sujeita a mudanças e de nenhuma forma inflexível. Fato que para Bauman (2004) é bem positivo.

Lévi-Strauss (apud BERND) define a identidade “como uma entidade abstrata, sem existência real, mas indispensável como ponto de referência”⁴⁶. Sendo abstrata não possui elementos captáveis pela experiência. Assim, as características físicas não são suficientes para determiná-la. Estas características apenas construiriam uma identidade de primeiro grau, conforme o autor citado. Para esta construção, seria usado só um quadro referencial e a identidade primária seria apenas uma unidade discreta, redutora e circunscrita a um único ponto e, portanto, longe da real identidade do sujeito assim descrito, uma vez que a identidade é construída por inúmeros quadros referenciais ao longo de toda sua vida. Na mesma linha de raciocínio, Bernd acrescenta:

A identidade é um conceito que não pode se afastar da alteridade: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo (idem). Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro. Por outro lado a identidade que não se concretiza em função de um único referente empírico, mas de vários, é a identidade de segundo grau ou reflexiva, a que possui uma dimensão de exterioridade (fora-dentro).⁴⁷

⁴⁵ Idem, p.291.

⁴⁶ BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.16.

⁴⁷ BERND, Zilá. **Literatura e Identidade nacional**, p.17.

Hall fala das dificuldades em se conceituar identidade e da necessidade de pensar o sujeito em um novo posicionamento – deslocado ou descentrado – no interior do paradigma no mundo atual. Para ele:

Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeito e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, da identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez de práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar - volta a aparecer.⁴⁸

Para Hall (apud SILVA *et al.*), a identificação é “um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação e não uma subsunção”⁴⁹. Preferindo o termo identificação ao termo identidade, este autor a define como um produto sempre em ajuste, que não se completa e ambivalente desde o início, citando Freud. Na identificação há sempre algo em demasia ou em falta. Sobra ou falta alguma coisa, nunca acontece um amoldamento total. É uma sobredeterminação e não a colocação de alguma coisa em outra coisa maior. Silva *et al.* conclui que “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”⁵⁰. Para ele, a identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento em que se nasce. Sendo assim, a identidade permanece sempre incompleta, está sempre sendo formada. Por este motivo, o autor prefere falar não em identidade, mas em identificação e tê-la como um processo sempre em andamento.

Berkenbrock caracteriza o sujeito pós-moderno por um individualismo cultural e neste contexto:

A identidade individual não é mais entendida como uma construção histórica e contínua em torno de um núcleo central (‘um eu’) permanente, mas onde se pode falar em identidades (de forma plural) do indivíduo, como pensar em formação de uma identidade individual? Existe ainda uma identidade? Penso que neste contexto pode-se sim falar de identidade, mas não mais em uma forma estática e no singular. É preciso compreender a possibilidade de identidade individual de uma forma dinâmica e plural.⁵¹

⁴⁸ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**, p.105.

⁴⁹ Idem, p.106.

⁵⁰ Ibid., p.108.

⁵¹ BERKENBROCK, Volney J. Op.cit., p.236.

Vecchi ao fazer a introdução do livro de Bauman, comenta “que a questão da identidade precisa se envolver com o que realmente é: uma convenção socialmente necessária”⁵². Descobre-se a ambivalência da identidade neste envolvimento com sua real definição – as saudades do passado de uma forma harmoniosa reunidas à total conformidade com a “modernidade líquida”. Em todo caso, ao se discutir sobre a ambivalência da identidade é necessário fazer uma distinção entre a pressão moral e a liberdade que são por ela impostas aos que vivem na sociedade.

Maffesoli (apud BERND) comenta sobre a importância do conceito identidade para o homem da contemporaneidade, em seu livro, *Du nomadisme: vagabondages initiatiques*. Maffesoli (apud BERND) ao falar do nomadismo como receptáculo permanente do sonho principal “que lembra o constituinte e por isso mesmo relativiza o peso do instituído”, converge sua reflexão para o mesmo ponto onde se encontra com Hall, Derrida e Glissant (apud BERND): “A identidade não é alvo a ser atingido, mas algo que se vive na tensão, em uma permanente incompletude”⁵³.

O item é concluído sem a pretensão de se ter esgotado o assunto e com uma referência ao sociólogo polonês Bauman que assim se reportou à identidade:

As identidades flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente [...]. Pode-se até começar a se sentir ‘chez soi’, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa.⁵⁴

1.4 Identidade religiosa

As religiões se vêem, a todo instante, incomodadas com a indefinição religiosa entre alguns de seus adeptos. A insegurança que a indefinição provoca não é privilégio de nenhum credo religioso em especial. Quando surge não distingue sexo, idade, credo religioso ou

⁵² VECCHI, Benedetto apud BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p.13.

⁵³ BERND, Zilá. Op.cit., p.27.

⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. Op.cit., p.19.

posição social. Vários são os provocadores deste estado de desproteção. O pluralismo religioso é, sem dúvida alguma, uma das causas fortes deste fenômeno observado em todas as sociedades atualmente e, pelas próprias circunstâncias da época, muito mais visível e mais presente que antes. Os meios de comunicação atraem, cada vez mais e mais rapidamente, olhares sobre as diversas faces religiosas do mundo inteiro. A grande exposição da mídia, esta globalização tão esperada e não raras vezes temida por alguns, faz este fenômeno se tornar cada vez mais natural. Como diz De Benedicto:

Ter e manter uma identidade religiosa definida no contexto globalizante do século XXI é cada vez mais difícil. Algumas das grandes palavras da moda nos últimos anos são: ecumenismo, diversidade, globalização, multiculturalismo e pluralismo. Como as competições esportivas sempre nos lembram, ter uma identidade particular, com a bandeira do seu país tremulando no lugar mais alto, ainda é bom e emocionante, mas isso em certas áreas já não é tão fácil.⁵⁵

A preocupação com as estatísticas dos migrantes dos movimentos religiosos integra quase todas as ações das igrejas. Não menos intenso é o cuidado com a identidade religiosa de seus membros e do seu corpo dirigente. Este fenômeno também ocorre no grupo religioso das Testemunhas de Jeová, objeto deste estudo. Com a grande quantidade de informações acessíveis a todos a maioria dos movimentos religiosos se sentem ameaçados. Mais ou menos abertos à globalização, mas de nenhuma forma protegidos dela, estes movimentos religiosos percebem o risco que suas tradições correm. As notícias sobre valores morais éticos e religiosos e suas provocações nos hábitos, atitudes e habilidades chegam embutidas em toda forma de programação através dos modernos meios de comunicação e da atual tecnologia.

Este fenômeno de banalização, ou seja, a naturalização de tudo o que não é moral, justo e legal, mas recorrente na sociedade, produto desta grande difusão e publicidade provoca nas pessoas uma crise de sentido que força uma indefinição também da identidade religiosa. As religiões, para sua própria sobrevivência, são constrangidas à convivência boa ou má umas com as outras, neste universo plural. A oferta diferenciada de crenças e rituais é muito grande e ostensiva. De uma maneira geral todos são afetados, uns mais outros menos. Uma transformação rápida e incisiva advinda da modernização numa amplitude nunca antes ocorrida provoca mudanças, desconforto e desconfianças em todos os âmbitos. Os grupos

⁵⁵ DE BENEDICTO, Marcos. **Artigo apresentado no IV Simpósio Nacional de Universitários Adventistas**. Agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.unasp.edu.br/simposio/programa.htm>>. Acesso em: 02 out. 2007.

sociais em geral, e particularmente as igrejas, se preocupam com o fenômeno e têm que se adaptar a este *modus vivendi* da melhor maneira possível a fim de não se deixar fragmentar.

A este respeito, Berger e Luckmann comentam que:

A modernização significa transformação radical de todas as condições externas da existência humana. Como sempre se afirmou o motor desta transformação gigantesca é a tecnologia dos últimos séculos, baseada nas ciências modernas. [...] Enquanto, no passado, algumas técnicas transmitidas de uma geração a outra, constituíam o fundamento da existência material, existe hoje em dia uma pluralidade aparentemente interminável de sistemas tecnológicos em constante aperfeiçoamento. Tanto o indivíduo como a grande organização está diante da necessidade de escolher uma ou outra possibilidade dessa multiplicidade.⁵⁶

Recorrente neste tempo de crise é a indagação: Como encontrar o sentido da vida? Há uma longa e variada lista de possibilidades de respostas oferecidas pelos diversos credos religiosos. Em meio de tamanha oferta, o sujeito pensa estar na sua vontade e na vontade de cada um fazer escolhas, todavia, na verdade não há como não fazê-las. As escolhas são impostas pela atual conjuntura social. Tem-se a falsa impressão de liberdade. O sujeito tem a pretensão de que escolher ou não é uma opção sua, depende de sua vontade, mas a alternativa é escolher ou escolher. Assim a religião, em todas as suas formas, presente nas sociedades sofre também a influência destas injunções político-sociais. Dessa maneira, o evento prodigioso das escolhas e todas as suas implicações estendem-se também à identidade religiosa.

Para se chegar à definição de identidade religiosa é necessário tecer algumas considerações sobre o complexo tema da Religião. A análise que Martelli (1995) faz das características da sociedade “pós-moderna” mostra a qualidade distintiva fundamental do atual ambiente sócio-cultural. Tal ambiente oferece um clima apropriado para o estabelecimento de relações complexas entre religião e sociedade. Martelli apresenta seu estudo como uma contribuição para se reconsiderar as relações existentes entre religião e a sociedade:

Como momento de conhecimento reflexo preliminar e indispensável para qualquer ação social. Religião e sociedade, hoje, estão envolvidas em uma

⁵⁶ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Op.cit., p.58.

transição, que repropõe a nunca esgotada exigência de compreensão das respectivas identidades.⁵⁷

Feuerbach afirma que:

A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública de seus segredos de amor. [...] Como forem os pensamentos e as disposições do homem, assim será o seu Deus; quanto valor tiver um homem, exatamente isso e não mais será o valor de seu Deus. Consciência de Deus é autoconsciência, conhecimento de Deus é autoconhecimento.⁵⁸

Feuerbach acrescenta que a idéia de Deus é o que há de mais elevado na mente da pessoa e pertencente ao seu íntimo, uma subjetivação do ser pensante ao contrário de suas experiências externas, gerais, universais. E que isto “é o mistério da religião: o homem projeta seu ser na objetividade e então se transforma a si mesmo num objeto perante essa imagem, assim convertida em sujeito”⁵⁹.

Alves comenta esta reflexão de Feuerbach. De fato, o ser humano tem sonhos, fala de Deus, da sua crença e se revela na medida em que faz esta narrativa. Esta fala vem do seu íntimo, num linguajar muitas vezes nem mesmo por ele entendido, mas o faz de uma forma verdadeira. Acredita na veracidade de suas palavras, pois é um segredo seu e é o anúncio de uma realidade que poderá fazê-lo feliz. As pessoas têm sonhos religiosos, mas eles não são construídos sobre irrealidades. Seus sonhos e sua narrativa podem ser belos, extraordinários, deslumbrantes, divertidos, mas nunca falsos. “Os seus sonhos religiosos se transformam em fragmentos utópicos de uma nova ordem a ser construída”⁶⁰.

Durkheim, à seu tempo, refletia sobre o fenômeno religioso:

A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos.⁶¹

⁵⁷ MARTELLI, Stéfano. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995, p.25.

⁵⁸ FEUERBACH apud ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 2003, p.94.

⁵⁹ Idem, p.95.

⁶⁰ Ibid., p.95-97.

⁶¹ DURKHEIM, Èmile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989, p.79.

Como coisa eminentemente social a religião tem o mesmo dinamismo das sociedades. Com a identidade religiosa o mesmo acontece. Uma energia que leva o sujeito a se modificar quando não mais satisfeito com sua forma de ser. A tendência de modificar sua identidade religiosa surge quando ele não mais distinguir sentido na sua vida. Se a sua atual posição religiosa não fornece respostas suficientes às suas perguntas, a propensão é encontrar a chave em outro lugar. As sociedades evoluem levando as pessoas a mudanças necessárias para se adaptarem ao novo cenário. Como consequência deste dinamismo o crente é motivado a refletir sobre sua identidade religiosa e nela permanece ou não dependendo do grau de satisfação lógica que ela lhe proporciona. É claro que seus fundamentos básicos, enquanto significativos para ele, continuam servindo de modelo.

Ao refletir sobre a religião e identidade religiosa é necessário reconhecê-las como presenças sutis, camufladas no cotidiano da vida de cada um. A religião está mais próxima do ser humano do que ele deseja admitir. Ambas, a estrutura religiosa e a identidade religiosa, não são neutras, mesmo que aparentemente demonstrem isto. Há interesses políticos, econômicos e outros e é preciso proceder de uma forma não simplista. A identidade religiosa nasce como a religião para “melhorar” o mundo, para dar ao ser humano um sentido para tudo. Pode-se entender que ter uma religião, uma identidade religiosa é como encontrar uma “saída” (saída – *exit* = êxito).

O sujeito, à maneira como “sente” e narra a sua religião, modela a sua identidade religiosa. Dessa forma, se reconhece e é reconhecido no grupo religioso e nele se insere como parte viva e atuante.

A reflexão de Rodrigues (1935), mesmo sendo do início do século XX, é importante para a questão da identidade religiosa porque foi a partir dele que os estudos sobre este assunto tiveram início no Brasil. Além disso, traz idéias atuais sobre as questões da conversão e da construção da identidade religiosa. Este autor afirma que todas as crenças religiosas e também as práticas religiosas recebem diversas influências de outra religiosidade existente no contexto social onde está inserida e igualmente as refletem.

Segundo Rodrigues, mesmo quando há uma conversão das denominadas “raças inferiores” às crenças religiosas das denominadas “raças superiores”, a religiosidade construída a partir daí sofre a influência das crenças, magias, superstições anteriores e acaba adaptando-se ao animismo rudimentar de modo a torná-lo assimilável:

O animismo fetichista africano, diluído no fundo supersticioso da raça branca e reforçado pelo animismo incipiente do aborígene americano, constitui o subsolo ubérrimo de que brotam exuberantes todas as manifestações ocultistas e religiosas da nossa população.⁶²

No caso de seu estudo específico sobre os negros brasileiros, Rodrigues (1935) vê a sua conversão ao catolicismo como sendo apenas exterior. Ao construir a nova identidade religiosa ele não o faz na sua totalidade católica. Esta nova identidade também fica limitada ao exterior, nas aparências. O autor explica este raciocínio: o negro, ao invés de converter-se ao catolicismo, sofrer forte influência e ao construir a partir daí uma identidade religiosa que rejeita o fetichismo é o catolicismo que é influenciado e acaba por adaptar-se ao animismo rudimentar procurando a assimilação. Um processo cultural que é uma característica indispensável a todo grupo social que se relaciona com crenças e práticas diferentes das suas.

O autor acrescenta em seu estudo uma prognose para os descendentes desta população negra. À medida que estes conversos fossem menos expostos à cultura religiosa africana as suas práticas iriam aos poucos diminuindo e que haveria uma transferência de suas adorações fetichistas para os santos católicos.

Bellah dá uma contribuição à maneira de perceber os símbolos dos fenômenos religiosos. Em seus estudos, ele volta a valorizar a natureza simbólica dos fenômenos religiosos e resgata a definição de religião como “forma simbólica”:

Religião é um todo sistema de símbolos que serve para evocar [...] a experiência do todo, isto é a totalidade que inclui o sujeito e o objeto e forma o contexto no qual a vida e a ação finalmente possuem um significado [...].⁶³

Na perspectiva simbólica de Bellah a identidade religiosa do sujeito também é construída sob a égide do simbolismo da religião que ele adota. Uma montagem é feita nesse processo identitário. O autor se refere a estes símbolos religiosos como dotados de uma capacidade de estabelecer relações superando as disposições em contrário e a resistência ao relacionamento entre realidades diferentes. Sobre o uso de símbolos Bellah fala dessa apropriação:

⁶² RODRIGUES, Raimundo Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Bahia: s/e, 1935, p.167.

⁶³ BELLAH apud MARTELLI, Stéfano. **A religião na sociedade pós-moderna**, p.116.

[...] na sociedade moderna é também possível apropriar-se de símbolos religiosos de outros tempos e de outras culturas, tornados disponíveis pelas pesquisas históricas e comparativas, desde que sejam consideradas capazes de focalizar ou cristalizar o significado da vida e do universo.⁶⁴

De Benedicto ao fazer um estudo sobre a identidade religiosa da comunidade batista destacou cinco aspectos que a caracteriza. A identidade religiosa é dinâmica, interativa, sociológica, progressiva e transcendental⁶⁵:

a) *Dinâmica* porque está sempre em contínuo movimento de definição. Seus valores também se modificam, não o fundamental, através dos diversos contatos com os mais diferentes meios sociais. Ela assim deve ter esta vocação de adaptar-se, do contrário está fadada ao desaparecimento. O que fica estático no tempo e no espaço é consumido e desaparece. Para seu próprio reconhecimento a identidade religiosa se dinamiza e é continuamente modelada.

b) *Interativa* porque necessita de estar com os outros para se realizar. Como a identidade pessoal, não existe uma identidade religiosa que pertença unicamente a uma pessoa e dela exclusivamente seja originária. No contexto social nasce, é implementada e tem interações. Simplesmente o contexto cultural lhe é não só necessário, mas imprescindível.

c) *Sociológica* porque a religião é um fator social, é coletiva e também individual. No mundo atual, a religião, e por conseqüência a identidade religiosa, não é mais herdada dos antepassados e sustentada gerações afora. Ela é escolhida e muitas vezes, por várias razões, a pessoa monta a sua crença “coletando” influências de várias tradições.

d) *Progressiva* porque à medida que o ser humano se desenvolve física, mental e emocionalmente o seu modo de viver as experiências também evolui. As suas percepções deixam de ser infantis e passam a ter a maturidade que a idade e a convivência com os grupos sociais lhe propiciam. Em determinado momento do seu crescimento integral, ele inicia um processo de conscientização de identidade religiosa e de definição de sua fé. Esta formação de identidade religiosa tem a ver com as experiências espirituais proporcionadas pelo meio em que vive. A sua força e intensidade é determinante na formação da identidade do jovem e do adulto. Estas experiências vão sendo reinterpretadas à vista de novos conhecimentos adquiridos com o passar dos anos e poderão ser aceitas e enriquecidas, ou abandonadas, por não mais terem sentido para eles no atual contexto de decisões e escolhas morais.

⁶⁴ BELLAH apud MARTELLI, Stéfano. Op.cit., p.117.

⁶⁵ DE BENEDICTO, Marcos. Op.cit., 2004.

e) *Transcendental* porque a identidade religiosa conta com a intervenção de um ser superior e criador de tudo, Deus, sem o qual não teria motivos para existir. É através de Deus que a identidade humana religiosa é restaurada na terra.

No livro *L'identité*, Ferret define a identidade como “uma relação que cada indivíduo (coisa ou ente) mantém ele mesmo ao longo de toda a sua existência ou de sua carreira. No seu sentido mais possível e adequado, a identidade é uma noção existencial”. E cita a fórmula de Quine: “Não há entidade sem identidade”⁶⁶. E sem sair da linha científica, por analogia expande-se esta definição ao ente religioso e sua identidade religiosa. Ao fazer esta colocação Ferret (1998) não quer dizer que a identidade se mantém a mesma, definida e imutável ao longo de sua existência, porém entende que se uma ontologia não for constituída de seres idênticos a eles mesmos ela é absurda, é alguma coisa impensável. De acordo com a sua maneira de ver o mundo, a identidade não é incompatível com a mudança e afirma, para dar conta do problema do dinamismo da identidade através do tempo, que se uma pessoa altera a sua identidade isto não significa que esta pessoa perdeu a identificação consigo mesma. O mesmo raciocínio se aplica à identidade religiosa: não é porque o indivíduo se converteu a outra crença religiosa que ele perdeu a sua auto-identificação.

Durkheim em sua obra editada originariamente em 1912, fala da religião como sendo uma forma eminentemente coletiva, um sistema em que há responsabilidade recíproca e interesse comum de crenças e de ações relativas ao sagrado. Tais crenças e práticas unem num mesmo grupo religioso todas as pessoas que se identificam com elas. Embora as idéias de Durkheim sejam, de certo modo, submetidas a análises mais modernas, elas sempre iluminam o debate. Ele via no ser humano dois seres: um individual e outro social e à “medida que participa da sociedade o indivíduo vai naturalmente além de si mesmo, seja quando pensa, seja como age”⁶⁷. Esta vida participativa tem reflexos na identidade religiosa da pessoa. A sua identidade religiosa é construída conectada aos aspectos aceitos pela comunidade religiosa que escolheu embora a construção de sentido seja função subjetiva. No grupo, a ação do social é sentida e tanto pode reforçar a identidade religiosa dos componentes como negá-la. Este poder dentre outros pode ser o das palavras de quem tem este dom, o poder da aprovação, seja com gestos ou ações de pessoas com liderança. Enfim, para que seja preservada a identidade religiosa não pode ter apenas um ponto de convergência, seja ela a prática de vida – o complexo de conhecimentos próprios da pessoa ou específicos adquiridos

⁶⁶ FERRET, Stéphane. **L'identit**: “L'identity est bien la relation que chaque individu (chose, entité) entretient avec lui-même tout au long de son existence ou de sa carrière. Dans son sens le plus fort, l'identité est une notion existentielle. Comme dit la formule de Quine: ‘No entity without identity’”.

⁶⁷ DURKHEIM, Émile. Op.cit., p.47.

através dos sentidos e historicamente acumulados e transmitidos pela humanidade – ou a teologia. Ao se prestigiar apenas a experiência de vida a estabilidade, o amparo, a esperança são perdidos e, se por outro lado, o destaque for dado somente à teologia perde-se a força motriz, a energia que movimenta de forma vibrante a ação do ser humano. Em todos os casos, a postura crítica é uma arma que todos podem usar embora se saiba que nem todos a possuem, por diversos motivos.

No atual contexto social em que, por força da ampla divulgação, o conhecimento das grandes religiões tem atingido quase todas as pessoas, as várias crenças religiosas refletem, mais detidamente, sobre a pertença de seus correligionários e sua identidade religiosa.

1.5 Identidade e diferença

Cada cultura constrói seu próprio sistema de classificação do mundo e é através desta construção que os meios de atribuir sentido ao mundo social e construir significados são propiciados aos seres humanos. A maneira como determinada cultura estabelece limites e percebe detalhadamente as diferenças são decisivas para se entender diversas identidades. Para Woodward, “a marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação”⁶⁸.

A identidade e a diferença constituem uma experiência inseparável. Dullius faz a seguinte afirmação sobre o tema:

Toda identidade, para existir precisa de algo fora dela, de uma outra identidade que difere dela. É preciso pensar, geralmente, primeiro no diferente para tomar consciência de quem somos nós. [...] A identidade é o que ela não é.⁶⁹

De fato, é o diferente que vai fornecer dados para a comparação e para a conscientização das peculiaridades de cada um. O outro vai contribuir de forma generosa e dupla, primeiramente desperta a atenção para a diferença e depois dinamiza a expansão da identidade. E é também neste processo de comparação e crescimento da identidade que se

⁶⁸ WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.41.

⁶⁹ DULLIUS, Paulo Lari. Identidade e diferença. In: PEREIRA, William César C (Org.). **Análise institucional na vida religiosa consagrada**. Pub. CRB, REB-56, março, 1996, p.206.

observa a não neutralidade no seu estabelecimento. A identidade, além disso, não tem como manter-se estável. A identidade não é imutável, fixa, permanente. Ela está em constante estruturação. É efeito, processo e passivo da performatividade. Outro fato a se notar é a intensidade da ameaça à identidade. Se a diferença for demasiada ela exercerá menor pressão sobre a identidade. Isto porque toda identidade necessita do que lhe falta para complemento.

Ignatieff⁷⁰ fala da identidade marcada pela diferença, citando como exemplo a identidade do sérvio, que é ser sérvio é ser um não-croata. Um conceito que, apesar de ter seus problemas, não deixa de ser real quando se fala em identidade e diferença – a identidade é o que não é.

O estudo de Ignatieff se refere especificamente à identidade nacional, mas sua discussão envolve aspectos interessantes sobre o papel da diferença na construção da identidade e, quando for o caso, na desconstrução e construção da nova identidade. Ignatieff ilustra diversos dos principais aspectos da identidade e diferença em geral e faz uma proposta para se estudar a identidade e a diferença baseada neles:

- * As conceituações são necessárias para entender o funcionamento da identidade e como ela se transforma.

- * A identidade, com frequência, cerca-se de reivindicações essencialistas sobre a pertença e a não-pertença a determinado grupo identitário, onde a identidade é percebida como fixa e imutável.

- * Às vezes estas reivindicações se embasam na natureza. Entretanto, na maioria das vezes essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado onde a história é construída ou representada como verdade imutável.

- * A identidade é, de fato, relacional e a diferença é estabelecida por um sistema de símbolos concernentemente a outras identidades.

- * As condições sociais e materiais vinculam a identidade.

- * Tanto o processo social quanto o simbólico, embora sendo dois processos diferentes, são necessários para a construção e suporte das identidades.

- * Ao se definir a identidade é necessário verificar que sistema classificatório foi utilizado para organizar e dividir as relações sociais.

- * Algumas diferenças são evidenciadas, todavia algumas podem ser ignoradas. Ao se firmar, por exemplo, numa identidade religiosa podem ser ocultadas diferenças de classe social ou de gênero.

⁷⁰ IGNATIEFF apud WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.8-9.

* Internamente, nas identidades não há uma unidade isenta de incoerências. Há contradições que têm que ser, com ou sem dificuldades, transacionadas.

* É necessário ainda que se explique o motivo pelo qual as pessoas avocam suas posições de identidade e se identificam com elas. O nível psíquico também desempenha papel importante. Todos concorrem para elucidar o processo de formação das identidades e de sua preservação⁷¹.

Quando se fala das mudanças que têm ocorrido no campo da identidade e que chegam a ocasionar a crise da identidade é crucial um estudo sobre como as identidades se formam, o que implica estudar a diferença e também a ligação dos sistemas de representação com o processo da construção das identidades. Woodward explica os motivos do estudo da diferença no processo de formação das identidades: “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de exclusão social”⁷².

Na representação estão incluídos as práticas e os sistemas simbólicos, através dos quais os conceitos vão sendo construídos. São estes significados assim produzidos que dão sentido à existência de cada sujeito e à sua experiência. É este simbolismo que torna possível ao sujeito ser o que ele é e poder se modificar. É neste contexto físico e social, erigido pelos discursos e pelos sistemas de representação, que o indivíduo social se reconhece nesta ou naquela posição dentro do espaço social. Na arena global, o sujeito constrói determinadas identidades, se apropria delas e as reconstrói conforme a sua necessidade. Tais possibilidades lhes são repassadas pelo incrível sistema de comunicação global ao qual é submetido e que o cerca de milhares e das mais diversas significações. Segundo Woodward, é a ênfase nas representações e o “papel-chave” da cultura na produção dos conceitos que atravessam todas as relações sociais que levam à preocupação com a identificação, ou seja, com a assimilação do aspecto, de uma propriedade, de um atributo de outrem e assim a se transformar total ou parcialmente segundo este modelo.

Na reflexão de Woodward a marcação da diferença é feita de dois modos – pode ser determinada através de sistemas de símbolos e por meio da exclusão do indivíduo do grupo. Considerada de relevo a existência dos símbolos e seu papel na vida em sociedade. Já dizia Durkheim da importância dos símbolos para a vida social. Sem eles a vida dos sentimentos sociais seria tão inconsistente, que não se manteria⁷³. Assim, a influência dos símbolos fica

⁷¹ WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.13-14.

⁷² Idem, p.39.

⁷³ DURKHEIM, Émile. Op.cit. À sua época, o autor se referia aos sistemas de classificação como ordenadores da vida em sociedade, sendo os mesmos afirmados nas falas e rituais.

evidente no estudo da identidade. Contudo, a “identidade não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença”⁷⁴. A marcação da diferença é o componente-chave em qualquer sistema de classificação social e é também um determinante no processo da formação da identidade. Cada cultura, em diferentes épocas e lugares, tem a sua forma própria e distinta de classificação, assim:

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições [...].⁷⁵

Nessa perspectiva, identidade é aquilo que é e diferença é aquilo que não é. A identidade é relacional, depende de outra identidade que ela não é para existir. A identidade de uma pessoa depende de outra identidade que não é ela, mas que lhe dá condições para existir. Então, “a identidade é marcada pela diferença”⁷⁶. A diferença, nesta linha de raciocínio, é uma entidade independente. Em oposição à identidade, a diferença é também vista como uma positividade, diferente é o que o outro é – eu sou brasileiro e o outro é inglês. A diferença, da mesma forma que a identidade, simplesmente existe. Ficaria muito complicado afirmar-se a identidade com negativas. Quando se é brasileiro significa dizer que se é diferente do inglês, diferente do português, não se é inglês, que não se é português. Por trás das muitas negações está a afirmação do que se é. Fica, pois melhor e menos complicado definir a identidade como uma positividade (Antônio é brasileiro, Antônio é bom) embora seja ela marcada pela diferença. Como afirma Woodward a identidade e a diferença andam juntas, são inseparáveis. A identidade depende da diferença e a diferença depende da identidade.

Além dessas particularidades, a diferença e a identidade têm mais uma característica em comum: são resultados de uma criação sócio-cultural. São os seres humanos que as constroem. Não são fatos da vida, como geralmente são consideradas e, portanto, ambas precisam ser nomeadas e isto é feito através de atos de fala. Como ato lingüístico tem certas propriedades. Segundo Saussure “a linguagem é fundamentalmente um sistema de diferenças”⁷⁷.

⁷⁴ WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**, p.39-40.

⁷⁵ Idem, p.41.

⁷⁶ Ibid., p.9.

⁷⁷ SAUSSURE apud SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.77.

E estabelecendo uma estreita relação entre estas reflexões sobre a identidade e a diferença e o estudo de Dausset sobre a diferença genética, em que ele afirma que “a diferença genética é uma necessidade de sobrevivência e de evolução adaptativa da espécie”⁷⁸, dir-se-ia que também é vital para a construção de novas identidades a existência das diferenças.

Em relação à linguagem, percebe-se que ela não é estanque e nem estável. Ela tem como marca a instabilidade e a indeterminação e, obviamente, sendo a identidade e a diferença atos lingüísticos, esta indeterminação – característica das estruturas instáveis – vai trazer conseqüências às questões ligadas à identidade e à diferença. Assim, tanto a linguagem como a identidade são estruturas instáveis, vacilantes. A identidade e a diferença são “o resultado de um processo e produção simbólica e discursiva. [...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social”⁷⁹. Assim, ambas estão sujeitas a relações de poder e imposições sociais: estão lado a lado, não de uma forma harmoniosa, mas em constante disputa.

Silva menciona o envolvimento bem maior nesta disputa:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa muito mais ampla por outros recursos simbólicos materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.⁸⁰

Esta disputa mostra que onde há identidade e diferença há também uma conexão com as relações de poder entre elas. Onde existe diferenciação existe também a presença consciente do poder. A sociedade classifica as pessoas dividindo-as. “Dividir o mundo social entre ‘nós’ e ‘eles’ significa classificar”⁸¹. Sempre que classifica a sociedade o faz a partir do ponto de vista da identidade. A sociedade ao classificar as pessoas não as separa simplesmente em grupos simétricos. A cada um destes grupos é dado um valor social maior ou menor, proporcional e relacionado às suas características próprias e, ao fazer isto, estabelece uma hierarquia. Quando se estabelece uma identidade, demarcam-se limites, fronteiras, inclusões e com a diferença o contrário acontece, impõem-se exclusões.

⁷⁸ DAUSSET, Jean apud AUBERT, Maurice *et al.* **Pour lês droits de l’homme**. Paris: Librairie des Libertés, 1983, p.58. “La différence génétique est une nécessité de survie et d’évolution adaptative de l’espèce”.

⁷⁹ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.81.

⁸⁰ Idem, p. idem.

⁸¹ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**, p.82.

Segundo o autor francês Derrida as relações de identidade e diferença são todas ordenadas em oposições binárias onde o primeiro termo é sempre de valor positivo e o outro recebe a carga negativa⁸². Ao colocar determinada identidade como parâmetro, esta-se hierarquizando, elegendo, arbitrariamente, uma identidade como norma em detrimento de outras. A identidade, assim escolhida, é tida como a ideal, a melhor, a desejável. Ela tem a força de normalização, que é um dos processos mais sutis de demonstração de poder. A identidade-norma tem todas as qualidades positivas enquanto que a diferente, a “anormal” possui as qualidades negativas. “Assim como a definição da identidade depende da diferença as definições de normal dependem da definição do anormal”⁸³. A identidade hegemônica está sempre acossada pelo seu outro, do qual depende para ter sentido. A presença da diferença na produção da identidade é de vital importância.

A identidade e a diferença, ambas estão ligadas a sistemas de significação e, portanto, têm que ser representadas. Esta representação é feita em formas diversas de expressão: pictórica, gráfica, gestual, sonora, etc. Sempre a representação é externa, visível. Além disso, a representação é uma maneira de se atribuir sentido a determinada coisa, sendo assim um sistema lingüístico e cultural e dessa forma é arbitrária e indeterminada. E é neste enfoque que identidade e diferença são dependentes da representação. É a representação que lhes dá sentido, que as faz existirem e que as conecta ao poder. Ao representar adquire-se o poder de definir e determinar a identidade e levantar questões sobre identidade e diferença e, portanto, questionar os sistemas de representação. É dentro dos grupos sociais que o sujeito não só se identifica com o outro, mas também dele se diferencia. Afinal, estes estudiosos concluem que ter uma identidade é ser e é também não ser o outro.

O estudo sobre a importância da diferença quando o assunto é identidade sugere que a multiplicidade é a sua fonte e que a diversidade confirma o idêntico. Nas palavras de Pardo:

Respeitar a diferença, não pode significar ‘deixar que o outro seja como eu sou’ ou ‘deixar que o outro seja diferente de mim como eu sou diferente (do outro)’, mas deixar que o outro seja como *eu não sou*, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu [...].⁸⁴

⁸² DERRIDA. apud SILVA Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.83.

⁸³ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.), HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.84.

⁸⁴ PARDO, José Luis. **El sujeto inevitable**. In: CRUZ, Manuel (Org.). **Tiempo de subjetividad**. Barcelona: Paidós, 1966, p.133-154.

A identidade e a diferença, segundo Silva *et al.*, são o “resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”⁸⁵. Assim, da mesma forma, a construção da identidade religiosa passa pelo sistema simbólico e pelo discurso religioso. A identidade e a diferença são relações sociais e, como tais, sofrem as influências do meio. Dessa maneira, o processo da diferenciação tem o poder de participar na definição da identidade religiosa do sujeito. Ao se identificar como seguidor de determinado credo religioso o crente se diferencia em muitos aspectos do “outro”.

Dessa forma, na construção da identidade religiosa, entre os fatores concorrentes, a presença da diferença é percebida na medida em que uma pessoa se distancia de outra nos diversos aspectos e modos de vida. Nesse sentido, uma identidade religiosa também vai se construindo e se reforçando pela diferença. Esta nova identidade é marcada pela diferença. Assim, uma pessoa que assume a mudança da sua denominação religiosa católica para a de Testemunha de Jeová, por exemplo, passa a ser identificada e a se identificar como uma pessoa diferente da católica. Diferenças várias: no modo de vestir, de falar e de atuar, tanto civil, como socialmente vão identificá-la na Congregação como mais uma nova “irmã”.

As diferenças que se encontram fora de uma identidade confessional são necessárias para a própria existência desta identidade. Dessa maneira, ao perceber as diferenças que existem além da sua identidade religiosa a pessoa se conscientiza do que ela é. Ao deixar de apreender o que não é, quando o diferente lhe passa despercebido o ser humano não tem como perceber a si mesmo e, conseqüentemente, não tem como proceder a mudanças, mesmo as necessárias ao seu equilíbrio emocional e até físico.

A identidade religiosa e a diferença religiosa da pessoa, a exemplo da identidade e da diferença, são manifestadas nas diversas ocasiões da vida sob a forma de diferentes representações das quais são dependentes. A atribuição de um valor religioso desigual às coisas é evidenciada nas muitas formas de expressão que o sujeito usa para representar a sua diferença. Percebe-se que na exteriorização da identidade religiosa e da conseqüente diferença existe uma conexão com as relações de poder. Uma classificação é feita a partir da identidade de cada um e a identidade religiosa, mais uma vez, é também acentuada pela diferença.

Na sociedade hierarquicamente repartida as pessoas convivem com os diversos grupos sociais. No seu cotidiano, o ser humano depara com grupos com os quais se identifica e com aqueles dos quais se diferencia. A identidade dos grupos é estabelecida não só pela semelhança que têm as pessoas que o compõem, mas também pela pelas diferenças que

⁸⁵ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.81.

mantêm em relação aos outros. São estas diferenças que vão nitidamente definir a pertença a este ou àquele grupo religioso.

Não é sem razão que a Congregação das Testemunhas de Jeová (CTJ) insiste na diferença que seus membros devem fazer no meio social onde vivem mostrando-a como uma das características das congregações jeovianas. É nessa diferenciação que as pessoas se identificam e se constituem como partes integrantes da denominação religiosa pela qual optaram.

1.6 A conversão

A conversão, como processo complexo que é, compromete várias idéias, tais como: transformar uma coisa em outra que é tomada como parâmetro, alterar apenas uma direção para outra direção sem mudanças profundas no modo de ser, substituição de uma coisa por outra, mudança das características de algo total ou parcialmente, mudanças objetivando uma adaptação para determinada situação não planejada anteriormente, mudança fundamental de atitude ou de opinião, freqüentemente seguida de conflitos. No caso deste estudo, as noções serão referentes à conversão religiosa que têm impacto na personalidade do sujeito levando-o a construir uma nova identidade religiosa, raramente sem enfrentamentos.

James define de forma clássica a conversão:

Converter-se, regenerar-se, receber graça, sentir a religião, obter uma certeza, são outras tantas expressões que denotam o processo gradual ou repentino, por cujo intermédio um 'eu' até então dividido, e conscientemente errado inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz em consequência de seu domínio mais firme das realidades religiosas. Isso, pelo menos, é o que significa a conversão em termos gerais, quer acreditemos quer não, que se faz mister uma operação divina direta para produzir uma mudança natural dessa ordem.⁸⁶

Nesta definição há muitas explicações sobre o ato de converter-se. De fato, em algum momento da vida, as emoções se alteram e, de acordo com James, o que vai fazer com que o ser humano mude seu comportamento é a maneira com a qual a excitação emocional vai ser

⁸⁶ JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa*, p.126.

alterada. É a intensidade desta deteriorização que vai transformar em ação o desejo de mudança, de conversão, seja ela religiosa ou não. Quando o calor das crenças religiosas não está mais em sintonia com as emoções do crente, ele é motivado à mudança. O autor chama de lugar quente a parte da consciência constituída das idéias, dos sentimentos e das crenças vivas, nas quais o homem acredita, adota e se alicerça. Também este autor denomina este quente de “centro habitual da sua energia pessoal”⁸⁷. Quando o ser humano desloca este centro de energia de um grupo de idéias para outro diferente, sofre uma grande dessemelhança em relação à sua situação anterior. Há um desvio do foco de excitação e de calor. Continuando com James:

Temos então o *eu* oscilante e dividido [...] Ou o foco de excitação e de calor, ou seja, o ponto de vista do qual se visa a meta pode vir a estabelecer-se permanentemente num dado sistema; e nesse caso, se a mudança for religiosa, nós lhe chamamos de ‘conversão’, sobretudo se se operar por meio de uma crise, isto é, subitamente.⁸⁸

O modo preciso de como acontece a conversão, e por que acontece, não se pode determinar exatamente. Mas, conforme James pode-se saber da existência de sentimentos, idéias mortas e crenças frias em espera e de outras tantas vivas e quentes. Na pessoa convertida, “as idéias religiosas, anteriormente periféricas em sua consciência, assumem agora um lugar central”⁸⁹. Os sentimentos e idéias, antes fora de foco, na expectativa de ação, agora se acham com vida e atuantes. Quando uma idéia religiosa se torna fria, torna-se uma impossibilidade acioná-la. Para James, no converso, semelhantemente ao que ocorre com o místico, acontece um envolvimento da integralidade do sujeito na experiência. A conversão pode ocorrer de maneira súbita ou lenta, e não é controlável pela pessoa. São experiências afetivas marcantes que provocam densas modificações na personalidade.

James à sua época via a conversão como os estudiosos Starbuck e Leuba, nos EUA, ou Girgensohn, na Europa de língua alemã a vêem: como um conjunto de convenções e regras estabelecidas para determinadas situações, tal como um jogo de conveniências, de motivos, que mobilizam as pessoas em alguma direção.

Apesar de novas idéias sobre a conversão terem surgido, a reflexão de James não deixa de ser importante, principalmente porque diz respeito às muitas noções que a envolvem.

⁸⁷ Idem, p.130.

⁸⁸ Ibid., p.idem.

⁸⁹ Ibid.

Alves define a conversão como “um processo de reestruturação ou reconstrução de esquemas interpretativos e de valor que se pode seguir à crise. Dizemos: pode se seguir – nada garante que isto se dê”⁹⁰. De acordo com este autor, o converso pode ser levado à mudança sem estar vivendo alguma crise. Pode ser também que o sujeito se encontre num grau bastante de insatisfação e se desestabilize. A necessidade de união entre seres humanos e cosmos é de tal forma primordial e essencial que a destruição desta unidade faz desaparecer todo o sentido colocado na vida. Uma vida sem sentido é uma desorganização tão significativa e fundamental que coloca o ser humano num estado de alienação, independente do mundo em que vive. Ao sentir desestruturados os seus sistemas de interpretação, o ser humano é impulsionado à mudança. Com a conversão ele espera atender à sua imprescindível qualidade de estar em união com o cosmos sem o que se torna incapaz de perceber o significado de ser agente ou paciente das ações.

A palavra *conversão* exprime mudança. Uma mudança que é um retorno do ser humano para ele mesmo. Uma espécie de encontro com sua própria pessoa. Este voltar-se para si mesmo não significa que despreze o ser que é, mas que ele valoriza a sua condição de ser humano. Entende que cada ser humano é único e no encontro consigo mesmo percebe os outros e ele como partes de uma realidade muito maior. Percebe também que é justamente o estar entre os outros é que o faz conhecer-se que isto é uma condição para que possa se compreender cada vez mais. O *convertere* não é um “fechar-se”, não é um repetir-se, mas o converter, para Figueiredo que analisa a conversão sob um só ângulo da catolicidade, é um “ultrapassamento”. Este ultrapassamento é visto como uma tentativa que se repete continuamente de transpor sua situação-limite de ser humano “presente em sua finitude, em sua determinação e contingência”⁹¹. Porém, esta superação da situação-limite não é uma ação, mas é uma maneira de viver e de se colocar na vida.

De uma forma abrangente, a psicologia depreende que a conversão religiosa é um processo pelo qual uma pessoa se encontra num novo grupo religioso e, neste contexto, se integra. Assume a linguagem religiosa deste grupo. O converso rompe com sua biografia, submetendo-a a novos valores e formas de perceber e viver a realidade. A maneira de perceber a vida “aqui e agora”, a escatologia mudam. Perde as preocupações e angústias que antes o afligia. Sente-se em paz e em harmonia. Percebe coisas que antes não havia notado. O antes enigmático torna-se agora claro. A vida volta a ter sentido. O ser humano se torna, praticamente, capaz de agüentar qualquer coisa, pois vê significado nisso. Tendo sentido, a vida é mais facilmente vivida com todos seus embates. É como um renascer. Renascido,

⁹⁰ ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982, p.56.

⁹¹ FIGUEIREDO, Fernando A. **Evangelização: conversão e testemunho**. Petrópolis: Vozes, 1976, p.24.

modifica hábitos, atitudes e comportamentos. O convertido se vê de uma forma diferente e percebe o mundo também de uma maneira diferente. Há um novo em todo seu derredor.

Para Alves a conversão é a mudança da linguagem, pois a linguagem traduz um modo de ser, mostra a realidade de cada grupo social. Dessa forma, a fala de uma pessoa a desvela. Através da linguagem ela se mostra e como realmente é a sua verdade. O seu discurso vai revelando a sua personalidade e, na maioria das vezes, consegue-se divisar o seu credo através de suas palavras e, quanto mais inflamadas, mais quentes elas forem, mais se aproxima de suas emoções. Também a linguagem religiosa, por sua vez, nasce e é ainda mais influenciada e colorida pelas emoções, sentimentos e idéias. A linguagem é funcional, como bem assinala Alves:

A linguagem é um quebra-cabeça. Temos diante de nós as suas peças espalhadas. Nossa tarefa é reconstruí-lo. Há certos quebra-cabeças que podemos desmontar e montar sem nenhuma preocupação com a ordem... Outros quebra-cabeças, entretanto exigem que se descubra a peça que vem primeiro. [...] Neste caso o objeto não é apenas o produto acabado. Parte de sua definição 'ordem' em que ele pode ser construído. Sem a ordem o objeto acabado não existe. [...] Uma linguagem religiosa só é assumida na medida em que ela responde a uma necessidade emocional, ou seja, na medida em que ela é "funcional" em face de certas exigências da personalidade.⁹²

De acordo com Alves: "converter-se é abandonar um discurso e adotar um outro"⁹³. Então, por que trocam as pessoas o seu discurso por outro? Por que as pessoas mudam o seu modo de interpretar as coisas e em consequência se tornam diferentes? Assim:

O recém-convertido fala de uma maneira muito diferente daqueles que já converteram há muito tempo. O converso está no limiar de um universo. Ainda não penetrou nele... Fala apenas de sua mudança emocional íntima. Ainda ignora as regras que estruturam o mundo em que irá entrar... Revela o que lhe passa na alma [...] (não revela ainda racionalidade do crente lá nascido ou a muito convertido). Os outros já aprenderam.⁹⁴

O novo ordenamento é mais claro e permite que ele se diferencie dos demais. Contudo, ele se encontra num estágio da conversão em que a transição da emoção para a

⁹² ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. Op.cit., p.52-53.

⁹³ ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. Op.cit., p.54.

⁹⁴ Idem, p.82.

razão ainda não aconteceu. Embora reconheça a razão como racionalização, Alves não entende a relação que se estabelece entre a razão e a emoção como uma relação de antinomia como a que acontece entre duas coisas opostas. Para ele, “é uma construção pela qual revestimos nossos sonhos e desejos com as vestes da plausibilidade prática”⁹⁵. Dessa forma entendida, a emoção não pode ser vista como um câncer, como queria Kant.

Os estudos sobre a conversão a novos movimentos religiosos têm interessado a muitos cientistas da área religiosa e de áreas afins, tais como Carozzi e Frigério (apud CIPRIANI *et al.*) e que segundo eles, multiplicaram-se na década de oitenta. Continuando na linha de seu raciocínio sobre o que é este processo, ressalte-se que, para ambos, tradicionalmente “acreditava-se que [a conversão] era uma mudança súbita e dramática das crenças religiosas do indivíduo, que transformava radicalmente sua vida”⁹⁶. Era um protótipo de conversão baseada em teorias sociais que consideravam o convertido um sujeito passivo que, por suas qualidades distintivas fundamentais sociais ou psicológicas, eram apenas recebedores de influências externas a ele e, portanto, estavam inclinados a se integrar a novos credos religiosos.

A esta conceituação de conversão, de acordo com Carozzi e Frigério, contrapunha-se o modelo proposto por Lofland e Stark em meados da década de sessenta que colocava a “predisposição” e a “situação” como fatores e sugeria o cunho processual e de interação da conversão e desobstruíram-se novos caminhos no estudo do processo percorrido pelos convertidos. Estudos mais atuais ressaltam a influência dos vínculos afetivos e da forte interação que ocorre entre os membros dos grupos religiosos neste processo. Snow e Philip, em 1980 e Greil e Rudy, em 1984, enfatizam ainda a natureza gradual e evolutiva da conversão. Strauss em 1972, Lofland em 1977 e Richardson, em 1985, atribuem mais ação do convertido neste processo de mudança, no qual ele mesmo “decide filiar-se ou não ao grupo religioso”⁹⁷.

Carozzi e Frigério são de opinião que, apesar dos estudos sobre conversão terem avançado bem, ainda não é possível se ter uma conclusão final sobre este processo. Nenhum autor ainda conseguiu estipular o quanto de mudança é preciso ter e como ela deve proceder para se ter, de fato, uma conversão. Tem havido controvérsias nesta temática e também “não

⁹⁵ Ibid., p.82-83.

⁹⁶ CAROZZI, Maria Julia; FRIGEIRO, Alejandro. **Tornar-se outro: o processo de conversão às religiões afro-brasileiras em Buenos Aires**. In: CIPRIANI, Roberto; ELETA, Paula; NESTI, Arnaldo (Org.). **Identidade e mudança na religiosidade Latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 2001, p.292.

⁹⁷ CAROZZI, Maria Julia; FRIGERIO, Alejandro. *Op.cit.*, p.293.

há acordo acerca do que é que muda se são as ‘crenças, valores, comportamentos e identidade, lealdades interpessoais, ou algo mais fundamental’”⁹⁸.

Para os dois autores acima citados:

Conversão é uma modificação na visão que o indivíduo tem de si mesmo, do mundo e de Deus, que passam a ser interpretados, na maior parte das situações por que passam, de acordo com os conceitos proporcionados por uma nova religião. Assim a conversão se distingue tanto do recrutamento a um grupo religioso como do compromisso com ele.⁹⁹

O *recrutamento* é explicado por Carozzi e Frigerio como a pertença a um novo grupo religioso em que o recrutado dá preferência ao papel que vai desempenhar, sem contudo mudar necessariamente sua visão do mundo. Já no *compromisso*, o sujeito prioriza o papel de membro deste grupo acima de qualquer outro papel que tenha em sua vida. É uma visão analítica em que o processo recrutamento/compromisso se refere às identidades sociais, aos papéis que o sujeito exerce em relação ao grupo religioso. Porém, a conversão é um processo que se refere às mudanças na idéia que o sujeito faz de si mesmo e do mundo. Geralmente, os dois processos – recrutamento/compromisso e conversão – acontecem ao mesmo tempo, uma vez que a ação de internalizar a “cosmovisão depende da interação mantida com os membros do grupo religioso”¹⁰⁰.

Berger, ao falar que “a experiência de conversão a um sistema de significação tem suas raízes numa necessidade humana arraigada de ordenação, objetivo e inteligibilidade”¹⁰¹ responde em parte às indagações que Alves (1982) faz sobre por que as pessoas se convertem? Por que mudam elas o seu discurso? Por que mudam a narrativa de sua história existencial? O ser humano necessita apreender o mundo como um todo lógico, racional. Com isto, ele se sente confortável e emocionalmente equilibrado. A sua rotina diária se apresenta como um conjunto de fatos reais que ele interpreta de modo a torná-los significativos para ele “na medida em que forma um mundo coerente”¹⁰².

Se a forma de conhecer e interpretar o mundo já não satisfaz mais, o indivíduo entra num processo de busca de uma nova fórmula, um novo modo de conhecer, uma nova

⁹⁸ SNOW e MACHALEK, apud CIPRIANI, Roberto; ELETA, Paula; NESTI, Arnaldo (Org.). **Identidade e mudança na religiosidade Latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 2001, p.292.

⁹⁹ Ibid., p.293-294.

¹⁰⁰ CAROZZI, Maria Julia; FRIGEIRO, Alejandro. Op.cit., p.294.

¹⁰¹ BERGER, Peter L. **Invitation to Sociology: a humanist perspective**. New York: Garden City, Doubleday, 1963, p.63.

¹⁰² BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Op.cit., p.35.

interpretação que suspenda a ansiedade e o leve a um estado de tranquilidade, onde consiga construir um sentido para sua vida e para as coisas que o rodeiam. Esse novo modo se for suficiente, se o ajudar nesta construção imprescindível e der as respostas que precisa ter, é então adotado.

Berkenbrock também contribui com suas reflexões sobre a contemporaneidade para elucidar o fenômeno da mudança. Considera o ser humano como “uma espécie que constrói sentidos” e que “talvez isto esteja ligado ao fato de ser ele um ser que precisa construir objetivos para si mesmo”¹⁰³. Sendo assim, pode-se colocar que a opção religiosa feita por ele envolve esta necessidade de sentido e finalização suficientes para sua vida. Esta opção, que acima de tudo é personalíssima, para Berkenbrock, é o primeiro fator onde uma expressiva mudança ocorreu, mudança esta provocada pelo momento atual comprometido com o que o autor chama de civilização urbana caracterizada pelas possibilidades amplas de escolha, pela mobilidade, pelo policentrismo urbano e sua consequência: as comunidades de interesse. Outro fator, apontado por ele como motivador da mudança é a velocidade e o tempo em que todas as coisas ocorrem, até mesmo os processos mentais: tudo no mundo contemporâneo tem que ser muito rápido. O conhecimento acessível, ou pelo menos facilitado a todos, também é um fator, bem como um pluralismo hoje, bem mais próximo e multifacetado, capaz de promover modificações, inclusive na vida religiosa e, conseqüentemente, construir uma nova identidade.

Os autores citados são acordes em afirmar a dinâmica das sociedades e seus efeitos sobre as identidades. O indivíduo da pós-modernidade enfrenta situações dentro de seu contexto muito especiais na promoção de mudanças. Não que antes deste tempo mudanças não ocorressem, que sentimentos de insegurança e procura estivessem ausentes, porém, a intensidade e a rapidez com que tais fenômenos ocorrem é diferente no tempo e no espaço e, portanto, são mais provocadores.

Berkenbrock aponta para as características da vida pós-moderna em que se vive numa civilização urbana, de escolhas e possibilidades imensas e numa velocidade nunca antes experimentada. Um pluralismo total em vários sentidos e direções em que ser anônimo é, geralmente, possível e normal. Um mundo plural, porém com uma pluralidade diferente, uma vez que a diversidade sempre existiu e coexistiu com o ser humano, porém este autor chama atenção para dois fatos: de um plural de forma diversa, “hoje se tem proximidade destas coisas plurais e a compreensão de sua legitimidade”¹⁰⁴, e uma conjuntura social, ao mesmo tempo, mutatória e propiciadora de grandes mudanças.

¹⁰³ BERKENBROCK, Volney J. Op.cit., p.227.

¹⁰⁴ BERKENBROCK, Volney J. Op.cit., p.218-223.

Para ele, dois fatores provocam trocas e alterações nas pessoas. O primeiro fator são as mudanças estruturais: antes, “o indivíduo entendia sua identidade a partir de seu lugar, papel e posição na sociedade. Dentro de uma teia social – como um sistema pré-dado e não construído a cada momento – é que o indivíduo se encontrava”¹⁰⁵. No sistema atual, isto não mais acontece. Os macrossistemas, cada vez menos numerosos, não são mais os referenciais para a construção da identidade de cada um. E, um segundo fator é a mudança no sistema de valores. Não se trata de valorizar coisas antes desvalorizadas ou vice-versa. O problema consiste em não se reconhecer mais valores constituídos, mas valores atribuídos. O que vale dizer que hoje se atribuem valores às coisas de acordo com a sua situação e não mais se reconhecem os valores em si. “E esta atribuição” (de valor às coisas) “como é situacional, pode mudar, dependendo da situação em que se encontram os indivíduos”¹⁰⁶.

Isto não significa dizer que a conversão se dá quando se atribuem valores às coisas que originariamente não tinham em si valor nenhum e que os valores constituídos neste caso são desprestigiados. O que implica esta situação atual é que as pessoas já não estão mais obrigadas a permanecer na religião de seus pais como antes, pela tradição, o faziam. “A decisão pela pertença sai da família, tradição, instituição igreja e passa a ser prerrogativa do sujeito”¹⁰⁷.

Como o ser humano apesar de se formar a partir de um núcleo, porém nas relações com outras pessoas e o meio onde vive, está claro que vai sofrer as influências de ambos, somadas a isto a sua predisposição motivada por várias causas à mudança. Hoje é uma decisão que cada um toma por si, após refletir sobre seu posicionamento frente ao sagrado. Está visível a grande influência que a vida contemporânea exerce sobre cada um nas tomadas de decisão, como citado acima, porém é sua a opção de assumir esta ou aquela crença religiosa, de aceitar esta ou aquela atribuição de valor.

Hervieu-Léger quando trata do “fenômeno moderno do radical processo de autonomia do sujeito na escolha de suas opções religiosas e enfraquecimento das instituições religiosas em sua capacidade de regulação”¹⁰⁸ também fornece subsídios para responder ao por que das trocas religiosas que ensejam as conversões. Segundo o autor, a identidade religiosa é construída na conexão das quatro lógicas: “a lógica comunitária” (delimitação social do grupo), “a lógica emocional” (que envolve a produção do sentimento coletivo de pertença), “a lógica ética” (os valores compartilhados e normas de comportamento) e “a lógica cultural” (os

¹⁰⁵ Idem, p.225.

¹⁰⁶ Ibid.

¹⁰⁷ Ibid., p.233.

¹⁰⁸ HERVIEU-LÉGER apud CAMURÇA, Marcelo Ayres. Op.cit., p.255.

saberes constitutivos da memória comum). Na falta da articulação, desestabilizam-se os eixos comunitário/ético e emocional/cultural ocorrendo uma sobrestimação do social naquele e, neste, a dissolução do vínculo religião-tradição resultando:

Num ‘crer sem tradição’ ou numa memória que não mais mobiliza uma fé comum, uma ‘tradição sem crença’. Isto implicará em duas configurações religiosas que se relacionam: de um lado religiões institucionalizadas sem poder de regulação [...] e, do outro, comunidades emocionais, agregadas pelo sentimento de pertença e afetividade.¹⁰⁹

O autor analisa não só a mudança/conversão como também traça um retrato da mudança da mudança, ou seja, a mudança no processo da conversão nos tempos atuais. Assim, as religiões institucionalizadas tanto para manter seus crentes, como para conquistar novos, entram num esquema de competição. Nesta atmosfera moral, juntamente com a manifestação de desejo que o indivíduo tem de receber um discurso favorável e oportuno, as igrejas, segundo Camurça, investem numa “mobilização emocional” ou numa “racionalização cultural” e:

De caso para caso, as instituições religiosas buscam responder às repercussões da ‘desregulação’, deflagrada e sentida por indivíduos e fiéis, através dos dois artifícios: no registro da emoção, propiciando uma crença sem tradição, e no registro da racionalização cultural, uma tradição sem crenças.¹¹⁰

A citação de Camurça acontece porque no caso da conversão ao MRTJ nota-se que o seu pensamento, embasado em Hervieu-Léger, se aplica a ela no que se relaciona às estratégias apontadas por ele. Pelas respostas dos conversos entrevistados e pelas observações feitas no campo evidencia-se o aspecto afetivo que envolve o processo da conversão. Às contradições que, por vezes, o converso percebe se contrapõem as demonstrações afetivas dos membros do MRTJ em todas as ocasiões de encontro. Isto sensibiliza sobretudo o crente buscador que se integra no novo ambiente, principalmente porque o MRTJ cultiva um espírito comunitário através de relações emocionais.

Para Hervieu-Léger toda religião implica uma mobilização específica da memória coletiva. A tradição passa a ser interpretada como uma totalidade de sentido. A tradição, ao

¹⁰⁹ Idem, p.256-257.

¹¹⁰ CAMURÇA, Marcelo Ayres. Op.cit., p.258.

mesmo tempo em que apóia o modo de crer da pessoa, o legitima e sua “continuidade no tempo lhe garante o caráter absoluto”¹¹¹. A pós-modernidade, como fator de mudança com reflexos na religiosidade das pessoas, deve ser considerada também sob a luz de seus efeitos que tanto podem atingir um ou outro alvo, paradoxalmente diferentes, ambos colocados em pólos distantes, tanto quanto possível um do outro. Já foi dito que a conjuntura das sociedades contemporâneas tanto pode afastar as pessoas da religião como pode levá-las a ela. Longe de se afastar totalmente da religião, o indivíduo a procura, pois necessita como ser humano, perceber que em tudo há significados e se ele não consegue construir este sentido por si mesmo de forma independente, a crença religiosa vai construir este sentido para ele e, na maior parte das vezes, o faz com ele. A religião que o faz capaz de construir um sentido existencial ou constrói com ele este sentido será a sua opção de fé.

Para os adeptos do MRTJ, converter:

Significa ‘mudar de atitude com respeito a uma ação ou conduta passada (tencionada), por se sentir lástima ou descontentamento’, ou ‘sentir lástima, contrição, ou compunção, pelo que a pessoa fez ou deixou de fazer’. Esta é a idéia do hebraico na-hhám. Na-hhám pode significar ‘deplorar (sentir lástima), guardar um período de luto, arrepender-se’ (*Ex* 13:17; *Gen* 38:12; *Jó* 42:6), bem como ‘consolar-se’ (*2Sal* 13:39; *Ez* 5:13), ‘aliviar-se (como que dos inimigos)’. (*Is* 1:24) Quer se sinta lástima quer consolo, pode-se deprender que está envolvida uma mudança de idéia ou de sentimento.¹¹²

A conversão para as TJs é como uma volta às raízes, expressa na volta à tradição que julgam traída, deturpada pela falsa religião ora no poder. De acordo com Hervieu-Léger a conversão, sob o ponto de vista sociológico, é “um retorno às origens”¹¹³. As TJs acreditam que o impulso para a pessoa mudar, muitas vezes, parte do sentimento de infortúnio que tanto pode ser antes do arrependimento por ações ou omissão, como pode vir dele. A ordem no caso não altera o resultado. O que importa é que ambos podem levar a pessoa a uma mudança mais ou menos radical, pode induzi-la a uma definitiva mudança de ponto de vista ou de vontade. O arrependimento e o sentimento de infortúnio são expressões com significados diferentes, mas que mantêm íntima relação. O arrependimento tanto pode dar-se em base coletiva, como em nível individual. Portanto, não se trata apenas de um reconhecimento intelectual do seu procedimento errado, mas de uma avaliação deste fato feita efetivamente no

¹¹¹ Idem, p.251.

¹¹² **ESTUDO PERSPICAZ DAS ESCRITURAS SAGRADAS**. Volume 1, 2 e 3. New York: Watch Tower Bible and Tract Society of Pensilvânia, 1991, p.552.

¹¹³ CAMURÇA, Marcelo Ayres. Op.cit., p.252.

seu íntimo. É necessário que haja uma consciente e firme rejeição ao procedimento nocivo, uma total repugnância a ele. E como toda explicação jeoviana se legitima com uma citação bíblica, da sua forma interpretada, eles apontam para os *Salmos* 97:10; 101:3; 119:104¹¹⁴.

O ser humano é um buscador, procura sempre um sentido, uma explicação redentora para a vida e para os fatos que acontecem. A procura de significados é angustiada, sempre reiniciada quando ele se encontra insatisfeito com sua atual apreensão. Nesta procura da imprescindível segurança, ele desconstrói o seu conjunto de idéias, reflexões, crenças, etc., intelectualmente organizado e o reconstrói de forma a ter um sistema de significação coerente: nele o agente se sente confortável e capaz de sustentar valores. A sua prática de vida não mais contraria a teoria. Ele se sente íntegro, age de acordo com o que pensa ser o certo. O que faz é útil e vale a pena viver de acordo com tal estrutura de valores. Esse *modus vivendi* buscado rompe com a racionalidade anterior e abre espaço para a constituição de outra. Inicia-se uma construção nova, surge uma nova personalidade, é como se nascesse um “novo homem” ou uma “nova mulher”. Há uma recuperação da harmonia perdida com a estrutura anterior. O convertido reorganiza o seu comportamento conforme este sentido novo que passa a dar à sua existência.

Devidamente autenticado, este ser humano além de estar no mundo e precisar de lógica para sua e outras existências é, sobretudo um ser que pensa, sente e age movido por emoções e sentimentos. Este ser possui representações imaginárias, sensações e percepções, crenças, desejos e volições. Por tudo isto, em algum momento de sua vida pode surgir um desconforto relacionado ao seu modo de “sentir a sua religião”¹¹⁵. A qualquer instante da vida, o ser humano pode, ao conectar-se com alguém ou vivenciar um fato, experimentar uma reação nova, pode duvidar da inteireza de sua linguagem religiosa ou tomar consciência de uma inquietação crescente sobre suas crenças, ter a sensação de infelicidade e insatisfação ao ficar dividido e inseguro ou enfim, simples e divinamente, sentir a impressão íntima de ter sido tocado pela graça. A partir deste momento, o questionamento sobre a validade de seus atuais valores começa a fazer parte de sua rotina e a angústia também. É a partir dessas situações que ele sai à procura de renovação. É a necessária motivação que o leva, afinal, a se converter e, convertendo, começa a construir sua nova identidade em cima dos valores recém-descobertos. Aqui se aplica também a força do ato performativo na busca do objetivo último e

¹¹⁴ *Sal* 97:10; 101:3; 119:104 .

¹¹⁵ SCHLEIERMACHER, Friedrich. **On religion**: speeches to its cultured despisers. New York: Harper & Row, 1965, p.26-118. No entender de Schleiermacher, a essência da religião não está num *fazer* ou num *pensar*, mas basicamente num *sentir*.

que, muitas vezes, influencia o processo da conversão, assunto que será estudado no item sobre a formação da nova identidade, a seguir.

1.7 A construção da nova identidade

A cultura modela a identidade. Dentro do universo cultural, há um constrangimento não só pelas inúmeras possibilidades oferecidas, mas e fortemente, pelas relações sociais. Como argumenta Rutherford:

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais culturais econômicas nas quais vivemos agora... A identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação.¹¹⁶

Segundo Hall e Woodward a forma como se constrói ou se transforma as identidades surge em meio a tensões entre as expectativas e as normas sociais. Woodward fala da pressão que o social exerce na construção identitária:

Todo contexto ou campo cultural tem seus controles e suas expectativas, bem como o seu 'imaginário', isto é, suas promessas de prazer e de realização. [...] As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido às nossas próprias posições.¹¹⁷

Hall (apud SILVA *et al.*) acrescenta que a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Sendo assim, ela permanece sempre incompleta, está sempre sendo formada. Por este autor, deve-se falar não em identidade, mas em identificação, e vê-la como um processo em andamento.

Dessa forma, a construção da identidade vai seguir os parâmetros da sociedade onde se desenvolve. O dinamismo da sociedade contamina e interfere na construção da nova

¹¹⁶ RUTHEFORT, Jonathan (Org.). **Identity**: community, culture, difference. Londres: Lawrence and Wishart, 1990, p.19-20.

¹¹⁷ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.33.

identidade É um longo e complexo processo de interação que se desenrola por tempo indeterminado.

O ser humano é por excelência social. Não nasce pronto e tampouco apto a viver só, precisa dos outros humanos, para se tornar humano e viver. Sem esta proximidade está fadado a morrer. Contudo, esta mesma sociedade que o liberta (da morte) também o aprisiona. Uma série de ordenamentos lhe é imposta, uma espécie de morte à sua liberdade, como mostra Berger (1986). Esta prisão, no entanto, não é pesada para a maioria da humanidade. Não que a sociedade não se imponha vigorosamente, é que, ao obedecer a suas regras, o ser humano demonstra que aceita e também aspira ao que a sociedade quer para ele. Esta atitude, absolutamente própria da natureza humana, configura-se como uma necessidade antropológica de estabelecer leis, padrões de comportamento, valores, regras. Este ordenamento inevitável desempenha para o ser humano o mesmo que os instintos realizam para os animais. Tendo os instintos subdesenvolvidos “a manutenção do ‘nomos’ é fundamental”¹¹⁸ para a sobrevivência dos seres humanos. Conforme Berger reflete: “Queremos obedecer às regras. Queremos os papéis que a sociedade nos atribuiu”¹¹⁹. Ao desempenhar os devidos papéis, assumem-se de forma reflexa as atitudes, hábitos e tudo o que lhes é inerente. O papel não é só um padrão “regulador para as ações externamente visíveis”¹²⁰. O papel social cumpre também uma função reforçadora. As ações induzidas por estes papéis vão intensificar emoções e atitudes já existentes no sujeito. Isto acontece porque a demarcação da sociedade é muito mais forte do que se imagina. Segundo Berger:

Todo o papel tem sua disciplina interior, aquilo que os monásticos católicos chamariam de sua ‘formação’. O papel dá forma e constrói tanto a ação quanto o ator. É difícil fingir neste mundo. Normalmente a pessoa incorpora o papel que desempenha. Todo papel na sociedade acarreta certa identidade.¹²¹

No cotidiano todo ser humano desempenha papéis que a sociedade lhe outorga para aquela ocasião. A sua linguagem, comportamento e emoções reforçam o seu desempenho. É como o bom ator que, ao representar um personagem, em cena comove tanto que é capaz de passar uma realidade que não existe de fato. Ao se caracterizar pela maquiagem, adereços e

¹¹⁸ MARIZ, Cecília Loreto. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (Org.). **A religião numa sociedade em transformação**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.97-98.

¹¹⁹ BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 18ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p.107.

¹²⁰ Idem, p.109.

¹²¹ Ibid., p.111.

figurino mais firmemente lhe são impressas as qualidades do personagem que representa. Com o acréscimo do cenário construído para esta encenação, torna ainda mais próxima a sua concretude. Dessa maneira, ao realizar estes papéis na sua vida real, o indivíduo mais acentua na sua personalidade os comportamentos e emoções que antes nele já existiam. A atuação do sujeito na sociedade, como a atuação do ator no teatro, adquire excelência à medida que entra em contato com “os acessórios enriquecedores”¹²² fornecidos pelo próprio meio onde está inserido.

As comunidades a que o sujeito pertence também se comportam como definidoras da sua identidade. Dentro destas comunidades há muitas idéias que a fazem unida. Mesmo cercada por um emaranhado de outras idéias, num mundo cada vez mais policultural, ela se mantém unida pela força das verdades que evoca. Dessa forma:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos por toda a vida são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.¹²³

Berger e Luckmann, no capítulo três de seu livro *A construção social da realidade*, refletem da mesma maneira que Kaufmann (2004) sobre o processo da construção da identidade. Para eles, a identidade está dialeticamente relacionada com o contexto sócio-cultural, e colocam-na como:

Um elemento chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais.¹²⁴

Na reflexão de Bauman a construção da identidade não é um objetivo a atingir. Não é uma tarefa que tem um tempo certo para terminar. É um contínuo caminhar sem ter ponto final previamente estabelecido. O autor afirma isto na sua definição de identidade como sendo

¹²² Chamo de acessórios enriquecedores tudo o que se soma ao ator para a sua melhor atuação: figurino, maquiagem, adereços, sons musicais e da natureza, cenário etc. e por analogia o que auxilia o ser humano no seu desempenho diário.

¹²³ BAUMAN, Zygmunt. Op.cit., p.17.

¹²⁴ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Op.cit., p.228.

um ajustar pedaços indefinidamente. Com esta reflexão, ao chamar a atenção para o fenômeno da construção da identidade, o faz não só para sua efemeridade e a das construções sociais, mas também para a positividade de tal característica e conseqüente normalidade. A determinação de ter uma identidade é provocada pela ânsia de segurança que todo ser humano tem e, ao mesmo tempo, é desejo cheio de ambigüidades. De um lado, ficar sem saber o que é e onde está, “flutuar sem apoio num espaço pouco definido”¹²⁵, é muito ruim, mas, por outro lado, ficar sempre como num estágio final, sem necessidade de mudanças, em um lugar cheio de ofertas excitantes, sem perspectivas de escolha, não é nada acolhedor. Ser “identificado de modo inflexível e sem alternativa, é algo cada vez mais malvisto”¹²⁶.

Em outras palavras, mesmo cristalizada, a identidade não vai se manter intocável e defesa às injunções do meio social no qual está inserida. Isto porque, como disse Rodrigues, somos muito suscetíveis à “influência exercida pela atividade expressa ou pela mera presença passiva de outras pessoas”¹²⁷. A presença do outro sempre irá provocar reação, ainda que minimamente, e nas diversas situações seja o emocional que estabelecerá o grau de intensidade de tais influências. Estes contatos sociais, sejam eles físicos ou não, são importantes na construção da identidade.

A definição do papel da diferença no processo de construção das identidades mostrada pelos estudos feitos por Ignatieff¹²⁸ revela o processo dicotômico da formação da identidade dividido em dois conceitos contrários: identidade e diferença. Para a antropóloga Douglas “A marcação das diferenças é à base das culturas porque as coisas – e as pessoas – ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório”¹²⁹.

Há uma presença destacada da diferença na construção da identidade. Não que o destaque faça da identidade o contrário da diferença, mas marca a dependência que aquela tem desta. O sistema classificatório se apóia no princípio da diferença para colocar cada um em seu projetado lugar dentro da sociedade. São os sistemas de classificação que ordenam a vida social. Já em seu tempo, o sociólogo francês Durkheim (1989) revelava que o significado é produzido através da ordenação das coisas e sua organização de acordo com os sistemas de classificação. Este significado da existência é sempre procurado pelo ser humano e, sem o qual, a vida perde a razão de ser.

¹²⁵ BAUMAN, Zygmunt. Op.cit., p.35.

¹²⁶ Idem, p.idem.

¹²⁷ RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 1988, p.31.

¹²⁸ IGNATIEFF apud SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. Op.cit. p.39.

¹²⁹ DOUGLAS apud SILVA et al. Op.cit. p.40.

Dentro deste item sobre a construção da identidade é abordado outro fator concorrente que é a performatividade. A formulação do conceito de performatividade se deve a Austin. Segundo ele:

Contrariamente à visão que sempre se tem a linguagem não se limita a proposições que simplesmente descrevem a ação, uma situação ou estado de coisas. [...] Um exemplo de proposição típica. [...] ‘O livro está sobre a mesa’. Proposição que Austin chama de ‘constatativa’ ou ‘descritiva’ [...]. Mas a linguagem tem pelo menos outra categoria de proposição [...]: são aquelas proposições que não se limitam a descrever um estado de coisas, mas que fazem com que alguma coisa aconteça. Ao serem pronunciadas [...] fazem com que algo se efetive, se realize. Austin as chama de ‘performativas’. São exemplos: ‘Eu vos declaro marido e mulher’, “prometo que te pago no fim do mês”.¹³⁰

São comuns as mensagens repetitivas nos meios de comunicação e nas instituições sociais. Conscientemente ou não, as pessoas descrevem uma situação ou fato do mundo social sem se lembrar que suas palavras participam de um todo maior que, acionado, contribui para construir novas identidades ou reforçar identidades já instaladas. Os atos lingüísticos não são simples descrições, o que se diz não é apenas o que se diz, mas compõe um conjunto maior e esse “sim” funciona, senão como definidor, pelo menos como contribuinte à formação da identidade. A eficácia em produzir tais resultados é proporcional à sua reiteração.

Silva fala da performatividade e da condição *sine qua non* para surtir efeito. “É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato lingüístico desse tipo tem no processo de produção de identidade”¹³¹ e menciona Derrida:

Que chama esta característica, essa repetibilidade da escrita e da linguagem de ‘citacionalidade’. Nestes termos, o que distingue a linguagem (como uma extensão da escrita) é a sua citacionalidade: ela pode ser sempre retirada de um determinado contexto e inserida em um contexto diferente.¹³²

¹³⁰ AUSTIN apud SILVA *et al. Op. Cit.* p.92.

¹³¹ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**, p.94.

¹³² Idem, p. idem.

Butler fala desta propriedade repetitória da linguagem performática que não só assegura os efeitos efetivos sobre a identidade reforçando-a, como também pode interromper as identidades hegemônicas. Tal repetição pode ser impugnada:

É nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente as relações de poder existentes. E essa possibilidade de interromper o processo de recorte e colagem, de efetuar uma parada no processo de ‘citacionalidade’ que caracteriza os atos performativos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades.¹³³

Sobre o papel dos meios de comunicação na formação das identidades reais, Bauman prefere dizer que da mídia as pessoas recebem a matéria bruta e a usam como instrumentos para se contraporem à ambigüidade do lugar que cada uma delas ocupa na pirâmide social. A maioria dos telespectadores adquire desconfortavelmente a consciência de que são excluídos dos festivais das numerosas culturas do mundo inteiro. O mundo da elite cultural cosmopolita não é seu mundo e sequer pode sonhar em viver nele. Com sutileza, acrescenta:

À multidão de pessoas que teve negado o acesso à versão real, a mídia fornece uma ‘extraterritorialidade virtual’, ‘substituta’ ou ‘imaginada’. O efeito de ‘extraterritorialidade virtual’ é obtido sincronizando-se a mudança de atenção e seus objetos para as vastas extensões do planeta [...]. Isso por algum tempo os eleva espiritualmente acima do chão em que não lhes é permitido mover-se fisicamente.¹³⁴

O conhecimento sobre como se produzem, se reforçam ou se transformam as identidades é importante porque dá às pessoas a possibilidade de “favorecer enfim, toda a experimentação que torne difícil o retorno do ‘eu’ e do ‘nós’ ao idêntico”¹³⁵. Cria-se, desta forma, um clima propício à coexistência harmoniosa, onde não só há espaço para o reconhecimento e celebração da diferença e da identidade, como também um lugar onde é possível discutir, crescer e, sobretudo, estar em harmonia consigo e com os outros. Alerta as pessoas para o perigo tentador de só viver neste mundo virtual intencionalmente criado. Neste simulacro de mundo, onde a celeridade das trocas dos temas de conversas e centros atenção

¹³³ BUTLER apud SILVA *et al.* Op. cit. pp.95-96.

¹³⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, p.104.

¹³⁵ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.100.

impede a fiel percepção da realidade, provoca uma alienação dirigida e cria uma ilusão de liberdade de escolha. Temas e centros de atenção “tendem a desaparecer de vista e serem esquecidos antes que tenha havido tempo para tirar a sua máscara”¹³⁶ e o fazem rápida e propositalmente, não sem antes conseguir aliviar a dor da exclusão numa falsa ilusão de que resolveu os seus problemas.

As novas identidades são construídas não como se pensa, na maior parte das vezes, em que se reflete sobre o processo. Embasado nas opiniões dos autores Derrida, Laclau e Butler, a construção se baseia, segundo a opinião de Hall:

Acima de tudo e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isto implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é por meio das relações com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e assim sua identidade pode ser construída.¹³⁷

Quando em processo de construção da nova identidade o ator se compara ao outro, que toma como paradigma, para de acordo com ele ou eles mudar a sua maneira de vestir, de falar enfim, de se comportar em família e no social de forma a se identificar com ele. Identificando-se com o modelo se distancia dos demais que não aderiram à nova maneira de ver e viver a vida. A sua história e, conseqüente narrativa, já não tem o mesmo conteúdo. Ainda neste mesmo processo comparativo, ele vai fazer uma narrativa conciliada à sua nova identidade.

Na reação às pressões da vida contemporânea observa-se que as pessoas demonstram uma tendência, cada vez mais observável, em constituir uma nova visão utópica do seu passado projetado no futuro e/ou trazer de volta um passado idealizado, “quer ele tenha ou não existido de fato. Este anseio pode ser politicamente adotado”¹³⁸ e, algumas vezes, o é como uma ação das instituições religiosas provocadas pelo atual contexto sócio-político.

Nesta situação, ao optar por esta nova visão de mundo e de si mesmo, torna-se inevitável a construção de uma nova identidade ou, como querem alguns estudiosos anteriormente citados, novas identidades. Ora, o processo de construção da nova identidade

¹³⁶ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., p.100, 105.

¹³⁷ SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Op.cit. p.110.

¹³⁸ FISHER, Mary Pat. **A religião no século XXI**, p.22.

segue os caminhos apontados neste estudo e na ação comparativa as diferenças, se acolhidas vão sendo adotadas.

Na construção da nova identidade, como reflete Giddens:

Existe uma espécie de paradoxo intrínseco, constitutivo da experiência existencial contemporânea, a saber, '[...] uma crescente interligação entre dois extremos de extensividade e intensividade: influências globalizadoras, por um lado, e tendências pessoais por outro'.¹³⁹

Deste modo, a construção da nova identidade passa pelos ângulos construtores da época atual que exercem uma ação mútua influenciadora com o projeto reflexivo do indivíduo, tal como se revela e se conhece representado em sua própria consciência, integrando este *self* num mundo de tal forma, complexo e descontextualizado, que gera novos aparelhamentos de construção e desconstrução de identidades. E é “nessa dialética entre o local e o global que se inscrevem conceitos-chave da contemporaneidade [...] gerando uma lógica reflexiva individual e internamente referencial”¹⁴⁰.

O “Eu” se torna capaz de construir os conteúdos subjetivos através do seu pensamento e de forma autêntica, uma vez que, agora, se encontra, pelo atual contexto social, sem o amparo do Divino. Segundo Faia (2005), autônomo e só, ele procura a “intimidade” (o mesmo que reflexividade), a auto-referencialidade e o compromisso subjetivo fundamental. O sujeito revela com esta busca pela “intimidade”, uma coragem moral própria de uma pessoa que está em constante mudança, em permanente processo de reestruturação e elaboração de sua personalidade, um ser humano obstinado e sempre presente, disposto a alterar hábitos e atitudes de sua vida e traços de sua personalidade, em contínuo processo de adaptação às injunções da vida pessoal e social, ou seja, em permanente processo de construção de sua identidade.

Neste ponto da discussão, para ratificar as teorias sobre a construção da identidade já citadas, Woodward argumenta com o que a teorização de Lévi-Strauss¹⁴¹ sugere que “a ordem social é mantida por oposições binárias, tais como a divisão entre ‘locais’ (*insiders*) e ‘forasteiros’ (*outsiders*)”¹⁴². Os que são classificados de “forasteiros” são os que romperam

¹³⁹ GIDDENS apud FAIA, Maria Amélia. **O Eu construído: identidade pessoal e consciência de si**. Lisboa: Minerva-Coimbra, 2005, p.30.

¹⁴⁰ FAIA, Maria Amélia. **O Eu construído**, p.31.

¹⁴¹ LÉVI-STRAUSS apud WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.45 faz uma teorização sobre como a cultura classifica os elementos naturais em comestíveis e os não comestíveis.

¹⁴² WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.46.

com as regras, o que assegura de certa forma o controle social do referido grupo. A transgressão é o fato de não comungar com as idéias e comportamentos do referido grupo. Seu afastamento é estabelecido e esta sua exclusão vai produzir uma identidade vinculada ao perigo, o indivíduo “forasteiro” passa a representar uma ameaça para os membros do grupo e deve ser evitado. A classificação simbólica está desta forma intimamente vinculada à ordem social. A identidade deste “forasteiro” será construída a partir do “habitante local”, as características deste outro que faz parte dos *insiders*, terão que ser incorporadas por ele se quiser ser aceito como membro da comunidade. Uma identidade é sempre construída em relação à outra, assim como o significado de uma palavra é percebido através de sua relação com outra palavra, e assim por diante, até que se chegue à compreensão do que ela, a palavra, quis traduzir de fato. O processo da construção da identidade, por analogia, segue semelhante percurso. A sua construção vai ser em relação aos outros.

Woodward cita Douglas ao fazer esta comparação e argumenta que a percepção dos conceitos depende da capacidade de cada um de vê-los como fazendo parte de um todo em seqüência e conclui:

Aplicar estes conceitos à vida social prática, ou organizar a vida cotidiana de acordo com esses princípios de classificação e de diferença, envolve, muito freqüentemente um comportamento social repetido ou ritualizado, isto é, um conjunto de práticas simbólicas partilhadas.¹⁴³

Por outro lado, o MRTJ procura dentro daquilo que lhe é possível fazer, evitar as distâncias físicas entre seus adeptos, com a finalidade precípua de fortalecê-los na crença. Isto ele faz incentivando sempre a convivência entre os “irmãos” e a distância física em relação aos “forasteiros”. Porém, nem sempre a proximidade física consegue anular a distância social. “Assim, desde a distância entre os corpos em um diálogo, o tipo de aperto de mão, de abraço, [...] como a inclinação das escadas refletem a distribuição do capital específico em um espaço social dado”¹⁴⁴, tudo isto é levado em conta, com a finalidade de reduzir, não só as distâncias físicas, mas também as distâncias sociais entre os associados TJs comuns e entre eles e os anciãos. Através de gestos afetivos, locais agradáveis e, sobretudo, com uma comunicação pela voz capaz de manter uma unidade de sentido entre o *que é dito* e *como é dito*, a ação pedagógica do comunicador TJ tem por objetivo inculcar, profundamente, um certo tipo de

¹⁴³ WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p. 46.

¹⁴⁴ BARROS FILHO, Clóvis; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. **A comunicação do Eu: ética e solidão**. Petrópolis: Vozes, 2005, p.85.

relação global com o outro que, uma vez interiorizada, “ vai suscitar – toda vez que determinadas condições objetivas se apresentarem – um certo tipo de comportamento”¹⁴⁵ - o comportamento que se espera de uma TJ convertida.

Na construção da nova identidade religiosa também a Congregação exerce uma influência notável sobre o estudante. Tanto o publicador, que o acompanha em seus estudos, como os crentes TJs e anciãos do Salão do Reino freqüentado por ele agem e se expressam intencionalmente, na maioria das vezes de forma inconsciente, para provocar no estudante o tipo de reação esperada e querida por eles: a conversão ao MRTJ. Goffman apresenta uma reflexão sobre esta característica da comunicação:

Quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter.¹⁴⁶

Ao concluir esta parte, cita-se Ricoeur afirmando que a identidade não poderia ser de outra forma a não ser em forma de narrativa: “em última análise definir-se é narrar”¹⁴⁷. Quando uma geração conta a sua história à geração seguinte, fazendo com que suas tradições, no tempo e no espaço sejam conhecidas, tomando ela mesmo conhecimento, através destas histórias pode-se retirar “a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra”¹⁴⁸. É o que ocorre na conversão e no decorrer do processo de construção da nova identidade. A partir daquela, a pessoa vai construir uma nova identidade e outra narrativa vai surgir. Uma narrativa que é montada sobre as suas novas atitudes e hábitos, sobre as novas conquistas e como elas se mantêm. A sua narrativa não se desliga, portanto, do processo a que está submetido: o de formação de uma identidade religiosa diferente. O sujeito social está sempre se apresentando, desde o momento em que encontra alguém ele está a informar quem ele é. A história que ele habitualmente conta a seu respeito, e que ele acredita que é a que de fato o define como a pessoa que é, “é excludente de todo o resto [...] de tudo o que ele supõe não ser. Enfim, Identidade, um relato definidor – de exclusão”¹⁴⁹. Para Barros Filho *et al.* (2005) a identidade é toda manifestação, geralmente em forma de narrativa, pela qual o

¹⁴⁵ Idem, p.65.

¹⁴⁶ GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 14ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p.15.

¹⁴⁷ RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. Paris: Seuil, 1985. In: BERND, Zilá. Op.cit., p.19.

¹⁴⁸ Idem, p.idem.

¹⁴⁹ BARROS FILHO, Clóvis; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. **Comunicação do Eu**, p.14-15.

sujeito se atribui, de forma privilegiada, sentimentos de continuidade e de relativa coerência, fazendo eco às palavras de Bernd: “a construção da identidade é indissociável da narrativa”¹⁵⁰.

¹⁵⁰ BERND, Zilá. Op.cit., p.19.

2 O MOVIMENTO RELIGIOSO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

2.1 Introdução

Em toda descoberta científica há uma verdade bíblica que a precede. É esta indicação bíblica que revela ao ser humano o caminho para as grandes conquistas científicas. Todo o saber dos seres humanos tem origem em Deus. Assim se expressam as Testemunhas de Jeová sobre todas as invenções e descobertas feitas pela humanidade. O ser humano encontra nos textos bíblicos as idéias originais que o inspira em tudo. Por exemplo, os pássaros criados por Deus com seu esqueleto e seus músculos capacitadores do vôo deram ao homem as idéias para a invenção do avião.

As TJs têm uma compreensão diferente sobre a causa da morte humana. Os animais morrem por causas naturais já o ser humano adoece e morre porque herdou este efeito do pecado cometido pelo primeiro casal de humanos, Adão e Eva, criados por Deus. A morte humana é sinônimo de castigo divino. Os adeptos ao MRTJ alertam para o perigo dos desvios na compreensão bíblica provocado pela leitura não orientada de alguns versículos como, por exemplo, *Hebreus 9:27* – “está reservado aos homens morrer uma vez para sempre, mas depois disso um julgamento” – que podem levar a uma equivocada razão natural da morte, contudo tal entendimento não corresponde à verdade. O texto foi assim redigido, explicam as TJs, porque foi escrito depois que ela foi dada por castigo à humanidade, com um efeito devastador sobre os humanos pecadores e imperfeitos. Pela sua interpretação literal da Bíblia as TJs relacionam, inconfundivelmente, a introdução da morte nos humanos com o pecado de Adão.

Interpretando a seu modo as Escrituras Sagradas, as TJs explicam a vida e a morte, justificam as suas medidas de desobediência a algumas normas civis e a recusa a tratamentos médicos considerados contra a lei de Jeová Deus. Agem desta forma porque entendem que somente eles se identificam como cristãos verdadeiros e, como tais, “não fazem parte do Mundo como as demais crenças religiosas que participam das celebrações do mundo e refletem seu espírito de nacionalismo” ¹⁵¹.

“Um só Senhor uma só fé”, assim como está em *Efésios 4:5*. É com esta frase bíblica, interpretada conforme o próprio e genuíno significado das palavras, que as TJs embasam sua

¹⁵¹ TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. PROCLAMADORES DO REINO DE DEUS. São Paulo: ATVB, 1993, p.188.

“não-tolerância” para com as demais religiões e movimentos religiosos. Fundamentam-se nesta afirmação para a não aceitação de nenhuma forma de pluralismo religioso. Disciplinados pela doutrina jeoviana, desde a conversão crêem que “não é verdade que há coisas boas em todas as religiões. Alguns têm zelo, mas não segundo Deus”¹⁵², como está em *Romanos* 10:2,3. Deste modo, a sua recusa em acreditar que nas outras religiões há verdades e que todas podem ser caminhos de salvação é plenamente justificada para eles pela interpretação bíblica do MRTJ.

Neste sentido são exclusivistas, pois vêem o caminho da verdade mostrado apenas pelo MRTJ e acreditam realmente que não há salvação para os que estão fora da Organização de Jeová. Somente o seu modo de interpretar a Bíblia e de agir habilita o ser humano a entrar no Novo Reino, reino este que será estabelecido sob o governo do Senhor aqui na Terra. Nestas circunstâncias, os escolhidos para o Reino de Deus são as suas fiéis testemunhas e aqueles que aceitam ouvir as boas novas anunciadas por eles e as acatam.

Os associados ao MRTJ têm a opinião firme de que somente eles conseguem interpretar e ensinar o que foi revelado por Jeová Deus, íntegra e corretamente, com absoluta fidelidade, de *Gênesis* até *Revelação* (Apocalipse). Estão convictos de que a doutrina que hoje professam é a mesma dos primitivos proclamadores da fé em Jeová Deus. É do seu modo de interpretar as Sagradas Escrituras, que tiram suas normas de conduta e moldam a sua identidade religiosa. Com as reuniões de serviço, de ministério e reuniões de estudos bíblicos implementam a sua maneira de ser. Uma maneira diferente de ser e de se comportar em muitos aspectos da vida, evidenciando a sua identidade religiosa pela diferença se os comparamos aos crentes de outras denominações religiosas.

2.2 O fundador: a importância de Charles Taze Russell no MRTJ

O relato neste estudo sobre a caminhada histórica do MRTJ se baseará na literatura do próprio movimento e também na percepção de seus seguidores desde os primórdios, passando pelo organizador Russell até os dias atuais. O presente trabalho se prenderá com fidelidade à literatura jeoviana e também às informações verbais obtidas através dos publicadores em estudos domiciliares, em conversas informais e por meio dos discursos nas reuniões de Congregação.

¹⁵² TNMES, p.1653.

Charles Taze Russell é muito importante para as TJs. Percebem-no não como um iniciador do MRTJ, mas como um ungido que, em dado momento de sua vida, teve um reforço da iluminação de Deus e, aos poucos e com muita leitura da Bíblia, perseverança e amor, restaurou a Sua organização quando ela se encontrava praticamente nos estertores da morte, enfraquecida pela apostasia e por heresias que surgiram e se estenderam por toda a terra. Russell não é considerado fundador porque as TJs se entendem presentes desde o início dos tempos como legítimas Testemunhas de Jeová Deus, obedientes ao ordenamento bíblico. Seus adeptos não têm como início da organização, em 1870, por um grupo de estudantes da Bíblia, porque acreditam que o seu movimento religioso remonta aos tempos adâmicos. Lêem desde cedo, em seu livro histórico *Testemunhas de Jeová. Proclamadores do Reino de Deus* (1993), cujos textos são sobre a existência de TJs em toda a história bíblica. Reforçam a crença citando Paulo que, na interpretação jeovaniana, identifica a primeira testemunha de Jeová em Abel, no livro *Hebreus* 11:4, cujo sangue ainda “fala” através dos registros inspirados de seu martírio, na Bíblia. Para o MRTJ, através dos tempos, o exemplo de Abel foi preservado, repassado e deu origem ao surgimento de outras testemunhas como Enoque, Noé, etc.

Charles Taze Russel, o segundo filho de Joseph L. e Ann Eliza (Birney) Russell, uma família de presbiterianos de descendência escocês-irlandesa, nasceu nos EUA, em Allegheny, atualmente parte de Pittsburgh, em fevereiro de 1852. Aos nove anos perdeu a mãe e, apesar de criado sob forte orientação religiosa presbiteriana, filiou-se à Igreja Congregacional, pois nela se sentia mais à vontade. Desde cedo se mostrou apto ao comércio e aos onze anos tornou-se sócio de seu pai numa loja de roupas masculinas e, mais tarde, dono de uma cadeia de lojas. Entretanto, mesmo com o sucesso na vida profissional ele vivia atribulado e confuso. O livro narra que ele se sentia angustiado com o fato de não entender o que sua religião ensinava. Por que o Deus de amor deixaria que criaturas criadas por Ele queimassem no inferno eternamente se desobedecessem? Russell raciocinava: “Um Deus que usasse seu poder para criar seres humanos, prevendo e predestinando que seriam atormentados eternamente, não poderia ser sábio, nem justo e nem amoroso”¹⁵³.

Mesmo sendo um homem religioso, Russell não concordava com os ensinamentos das igrejas. Ele mesmo dizia: “Aos poucos fui compreendendo que, embora alguns credos contivessem alguns elementos de verdade, eram em geral enganosos e contradiziam a Palavra de Deus”¹⁵⁴. Abandonou os seus credos e examinou as grandes religiões, inclusive as orientais, para tentar encontrar nelas alguma satisfação e as percebeu insuficientes. Estava

¹⁵³ TJPRD, p.43.

¹⁵⁴ TJPRD, p. 43.

ainda à procura da verdade, quando em 1869, ao caminhar pela Rua Federal, perto da loja da sua família, ouviu um canto religioso. Entrou na sala de onde vinha o som e lá ouviu um discurso bíblico que foi o suficiente para lhe restaurar “a abalada fé na inspiração divina e para mostrar que os escritos dos apóstolos e dos profetas estão indissolúvelmente vinculados”¹⁵⁵.

O pregador era o adventista Jonas Wendell e despertou neste jovem o desejo de ler novamente a Bíblia. Seu entusiasmo foi tal que, em 1870, formou com alguns amigos uma classe para o estudo bíblico. E, entre 1870 e 1875, foi se desenvolvendo cada vez mais o estudo da Bíblia através do método de perguntas e respostas entre os estudantes. Foi um período de crescimento em que aprendeu que, ao contrário da doutrina dos adventistas, que Cristo viria à Terra não para destruir a todos pelo fogo, mas para abençoar as famílias obedientes. O contrário do que criam os adventistas.

Russell não omitiu o auxílio que obteve de outros estudantes no estudo bíblico e também citava os nomes de Jonas Wendell e do pastor George W. Stetson, da Igreja Cristã do Advento, na Pensilvânia nos EUA, bem como George Storrs, nascido em 1796, com quem aprendeu sobre a mortalidade da alma. Storrs defendia:

O que era chamado de imortalidade condicional – o ensinamento de que a alma é mortal e que a imortalidade é dom a ser alcançado pelos fiéis cristãos. Ele raciocinava também que se os maus não têm imortalidade não há tormento eterno¹⁵⁶.

Segundo o próprio Russell, sua vontade de conhecer mais sobre as verdades bíblicas era insaciável, todavia evitava as profecias sobre a cronologia. Certa vez, leu no periódico religioso *Herald of the Morning (Arauto da Manhã)*, editado por Nelson H. Barbour, um texto que falava destas profecias que ele, Russel, desprezava pelo uso errado feito pelos adventistas. Após ler o artigo sob uma nova luz, quis saber mais e procurou Barbour em Filadélfia. Esse encontro foi o início de outros que deram a Russell a certeza da presença do Senhor entre os seres humanos, de forma invisível, para estabelecer o seu Reino. Assim, como mais tarde ele próprio relatou, aprendeu muito com Barbour e foi convencido por ele que, pelas profecias cronológicas, a presença invisível de Cristo já se iniciara em 1874¹⁵⁷. Por

¹⁵⁵ Idem, p.44.

¹⁵⁶ Ibid., p.45.

¹⁵⁷ TJPRD, p.46. Citam as TJs o seguinte: “Nem Barbour nem Russell foram os primeiros a explicar que a volta do Senhor se daria na forma de presença invisível. Sir Isaac Newton (1642-1727) escrevera que Cristo voltaria e

outro lado, ele ensinou a Barbour sobre a plenitude da restauração baseada “na suficiência do resgate dado por todos”¹⁵⁸.

Quanto mais viajava e pregava mais percebia Russell a necessidade de preservar aqueles ensinamentos postos no seu panfleto *O objetivo e a maneira da volta do Senhor*, e no livro de sua autoria e de Barbour, *Três mundos e a colheita deste mundo*. Este livro, publicado em 1877, no mesmo ano do panfleto, era, segundo o próprio Russell, pioneiro ao “combinar a idéia de restauração com as profecias sobre a cronologia. Apresentava o conceito de que a presença de Cristo havia começado no outono de 1874”¹⁵⁹. Desta necessidade surgiu a idéia de fazer os periódicos. Assim foi feito com sucesso até 1878 quando Russell rompeu com Barbour.

Divergências relacionadas à parte essencial da doutrina do resgate onde Barbour negava o valor substitutivo da morte de Cristo fizeram com que a parceria entre ambos terminasse. Russell não só se desligou do *Herald*, como usou a *Watch Tower*¹⁶⁰ para defender o que considerava verdade. Ele reuniu, auxiliado pelos seus associados, “os fragmentos da verdade, há muito espalhados, e os apresentou ao povo do Senhor, isentos das doutrinas pagãs que desonram a Deus, tais como a Trindade e a imortalidade da alma”¹⁶¹.

Segundo o livro *TJPRD* (1993), Russell e seus associados “não foram chamados e nem ungidos e para receber honra e acumular riquezas, mas para gastar e serem gastos ao pregar as boas novas”¹⁶². Eles atenderam à convocação de Deus e promoveram reuniões para proclamar as verdades bíblicas e organizar viagens a diversos locais onde foram formadas classes ou “eclesias”. Estas eclesias, mais tarde, receberam a denominação de Congregações. Nas reuniões, havia pelo menos uma vez na semana, um discurso proferido por orador qualificado num salão tomado em regime de aluguel para tal fim. Elas aconteciam duas vezes por semana. Havia também reuniões nas casas com leitura de textos bíblicos. Reunidos os presentes “eram convidados a trazer a Bíblia, a sua concordância, lápis e papel e a participar”¹⁶³.

reinaria de modo ‘invisível aos mortais’ e, em 1856, Joseph Seiss, pastor luterano na Filadélfia, descrevera o segundo advento em duas etapas uma *parousia* ou presença invisível seguida de uma manifestação visível. Daí, em 1864, Benjamin Wilson na sua Bíblia *Emphatic Diaglott*, fez uma tradução interlinear de *parousia* por ‘presença’ e não ‘vinda’ e B. W. Keith, um associado de Barbour, havia levado isso à atenção de Barbour e de seus associados”.

¹⁵⁸ Idem, p.idem.

¹⁵⁹ Ibidem, p.47.

¹⁶⁰ A expressão *Watch Tower* não é exclusividade de C. T. Russell nem das TJ. George Storrs publicou um livro na década de 1850, intitulado *The Watch Tower: Or, Man in Death; and the hope for a Future Life (Torre de Vigia: ou o Homem na Morte; e a esperança de uma Vida Futura)*.

¹⁶¹ TJPRD, p.49.

¹⁶² Idem, p.51.

¹⁶³ TJPRD, p.51.

A obra de seis volumes de *Millennial Dawn* (1886 a 1904) foi escrita por Russell, bem como tratados e folhetos com assuntos da Bíblia. Redigiu muitos outros artigos que foram publicados na revista *Watch Tower*. Foi chamado de Pastor pelos associados por suas atividades em “pastorear o rebanho de Deus”. Foi eleito, inicialmente em Pittsburgh e depois outras quinhentas Congregações espalhadas pelos EUA e Grã-Bretanha, e o reconheceram como seu pastor. Viajou muito indo a vários lugares proclamando as boas novas.

Já bastante doente, em 16 de outubro de 1916 iniciou uma programada turnê com seu secretário, Menta Sturgeon, a Detroit e a Michigan, via Canadá. Daí, depois de escalas em Illinois, Kansas e no Texas, ambos chegaram à Califórnia, onde Russell, em 29 de outubro, proferiu seu último discurso em Los Angeles. Aos 31 dias do mesmo mês morreu, aos 64 anos num trem em Pampa, no Texas. Não conseguiu publicar o sétimo volume de *Millennium Dawn*.

Na versão das próprias TJs, para explicar a inserção de Russell no MRTJ como continuador e não como fundador, elas (TJs) pregavam a verdadeira fé antes e depois de Jesus, porém, entraram num processo de enfraquecimento e de quase extinção após a morte dos últimos apóstolos. Por séculos depois da reforma, as igrejas católicas e as igrejas protestantes permaneceram em suas crenças comprometidas com o poder secular. Até que, no século dezenove, um clima de religiosidade envolveu os cristãos e foram re-estudados os ensinamentos bíblicos. Alguns estudantes da Bíblia iniciaram um exame mais aprofundado das profecias bíblicas e, como resultado desta conjuntura, pessoas de vários grupos religiosos começaram a pensar seriamente na prometida volta do Senhor.

A revolução industrial, o desenvolvimento de meios de transportes e os meios de comunicação rápidos, as idéias de Karl Marx e Friedrich Engels e as influências das teorias sobre a evolução de Charles Darwin, com sua obra *A origem das espécies*, estavam em ascensão e, de acordo com a história contada pelo MRTJ, todos estes acontecimentos colaboraram para tornar o clima favorável ao surgimento de um grupo religioso comprometido com a verdade. Coincidentemente, entre eles estava a figura de Russell, revigorado pelo espírito de Deus como a Sua testemunha pronta a se empenhar ao máximo para trabalhar em nome da verdade de uma maneira desejável. Preocupados com as profecias bíblicas, estes estudantes das Escrituras Sagradas, animados por Russell, tiveram a iniciativa de levar o estudo da Bíblia para além de seu grupo.

Algumas relações estabelecidas entre Russell e fatos históricos acontecidos foram feitas de tal forma que a sua verdade passou a ser a mesma para todos seus seguidores. Por exemplo, no caso da importância dada ao ano de 1914 para as TJs:

Quando estourou a Primeira Guerra Mundial em 1914, ‘The World’, um dos principais jornais da cidade de Nova Iorque naquela época, dizia, no seu suplemento: ‘O horrível irrompimento da guerra na Europa tem cumprido uma profecia extraordinária’. ‘Prestai atenção a 1914!’ ‘tem sido o brado de centenas de evangelistas viajantes que, representando esta estranha crença associada com Russell, percorreram o país de ponta a ponta, anunciando a doutrina de que ‘o Reino de Deus está próximo’.¹⁶⁴

Quando Russell falava da provação do período compreendido entre os anos de 1914 a 1918 ele se colocava em uma posição de um pastor, preocupado com as contradições que envolviam as predições sobre o final dos tempos:

Seja lembrado que estamos num período de provação. Se há alguma razão que induziria alguém a renunciar ao Senhor e à Sua Verdade e cessar de sacrificar-se pela Causa do Senhor, então não é o puro amor a Deus no coração que impeliu o interesse no Senhor, mas outra coisa; provavelmente a esperança de que o tempo fosse curto; a consagração foi só por certo tempo. Se assim for, agora é um tempo oportuno para renunciar.¹⁶⁵

Estas palavras, que apareceram em *A Sentinela*, de 1.º de novembro de 1914, não poderiam ser mais apropriadas. Os anos de 1914 a 1918 revelaram ser um “período de provação” para os Estudantes da Bíblia. Algumas das provações surgiram de dentro, outras vieram de fora. As predições falharam. Contavam todos com a vinda física de Cristo para estabelecer o seu Reino. Todas elas, porém, testaram os Estudantes da Bíblia de várias maneiras. Alguns abandonaram a Organização, mas a maioria persistiu apesar dos acontecimentos.

Em 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Fernando, da Áustria-Hungria, foi abatido pela bala de um assassino. Esse assassinato desencadeou a Grande Guerra, como era chamada originalmente a Primeira Guerra Mundial. O combate começou em agosto de 1914 quando a Alemanha invadiu a Bélgica e a França. Até o outono (hemisfério norte) daquele ano o conflito e suas terríveis conseqüências já se alastravam.

¹⁶⁴ TJPRD, p. 61.

¹⁶⁵ THE WORLD MAGAZINE. 30 de agosto de 1914. In: COLETÂNEA DE REVISTAS A SENTINELA. São Paulo: ATVBT, de 1.º de novembro de 1914.

“Terminaram os Tempos dos Gentios; seus reis já tiveram seus dias!”¹⁶⁶. Assim exclamou Russell ao entrar no refeitório da sede da Sociedade Torre de Vigia nos EUA, no Brooklin, na manhã de sexta-feira, 2 de outubro de 1914. Relata o livro *TJPRD* (1993) que houve muita emoção. A maioria dos presentes já por anos vinha aguardando 1914, porém não sabiam o que traria o fim dos Tempos dos Gentios.

A Primeira Guerra Mundial estava em andamento e, naquela época, cria-se que a guerra conduziria a um período de anarquia global que resultaria no fim do existente sistema de coisas. Havia também outras expectativas com respeito a 1914. Alexander H. Macmillan, batizado TJ em setembro de 1900, recordava mais tarde: “Alguns de nós pensávamos seriamente que iríamos para o céu durante a primeira semana daquele mês de outubro”. De fato, lembrando aquela manhã em que Russell anunciou o fim dos Tempos dos Gentios, Macmillan admitiu: “Ficamos muito emocionados e eu não teria ficado surpreso se naquele momento começássemos a subir, sendo aquele anúncio o sinal para começarmos a ascender ao céu – mas, naturalmente, nada disso aconteceu”.

As expectativas desiludidas da volta do Senhor Jesus fizeram com que, no século XIX, muitos seguidores de William Miller e vários grupos de adventistas saíssem da Organização. Mas os Estudantes da Bíblia associados com Russell continuaram com ele.

Russell, não ficou decepcionado. O fundador vinha incentivando os Estudantes da Bíblia a se manterem vigilantes e decididos a continuar na obra, mesmo se as coisas não culminassem tão cedo quanto esperavam. O mês de outubro de 1914 passou e Russell e seus associados ainda se achavam na Terra. Outubro de 1915 também passou. Como se portou Russell diante dos fatos? Pelos registros, ele não aparentou decepção e escreveu em *A Sentinela*, de 1.º de fevereiro de 1916:

Mas, irmão Russell, o que pensa sobre o tempo de nossa mudança? Não ficou decepcionado que não aconteceu como esperávamos que acontecesse? Talvez perguntem. Não, não ficamos decepcionados, é a nossa resposta (...). Irmãos, os dentre nós que temos uma atitude correta para com Deus não estamos decepcionados com nenhuma de Suas providências. Não era nosso desejo que a nossa vontade fosse feita, portanto, quando descobrimos que o que estávamos esperando em outubro de 1914 era errado, ficamos contentes que o Senhor não mudou Seu Plano para nos agradar. Não queríamos que Ele fizesse isso. Meramente desejamos entender Seus planos e propósitos.¹⁶⁷

¹⁶⁶ *TJPRD*, p.62.

¹⁶⁷ *TJPRD*, pp. 62, 63.

No livro *TJPRD* (1993) está o que Russell falou ao publicar *Aurora do Milênio*, mais tarde chamado de *Estudos das Escrituras*:

O histórico a seguir é apresentado não só porque se instasse comigo para fazer um retrospecto das orientações da Deus no caminho da luz, mas, especialmente, porque acho ser preciso contar a verdade com modéstia para desarmar os falsos conceitos e as distorções prejudiciais, e para que nossos leitores vejam como até agora o Senhor tem ajudado e orientado.¹⁶⁸

Por não se considerarem membros de uma crença surgida recentemente, as TJs vêem Russell como um organizador importante e a sua biografia lhes mostra como se reconstituiu o modelo padrão da Congregação cristã de Jeová, tal como é conhecido hoje. Os raciocínios sobre a Bíblia e as atividades que hoje são defendidas por elas remontam “à década de 1870 e ao trabalho de Russell e de seus associados, e de lá à Bíblia e ao cristianismo primitivo”¹⁶⁹.

2.3 Estrutura do movimento religiosa das Testemunhas de Jeová

2.3.1 Pontos centrais da crença religiosa das Testemunhas de Jeová

A base da doutrina¹⁷⁰ das TJs é a interpretação que fazem seus exegetas de uma forma quase totalmente literal da Bíblia. Em um e outro texto bíblico dão uma explicação do sentido figurado, contudo resguardam, na maior parte das vezes, uma interpretação conforme o próprio e genuíno significado das palavras nos textos bíblicos. O livro *EPES*, com suas mais de duas mil e quinhentas páginas distribuídas em três volumes, é um conjunto de conceitos e de citações bíblicas, interpretados à maneira do MRTJ. Em resumo, é uma explicação de partes de sua doutrina e rituais. Diz-se resumida porque estas partes são detalhadas em publicações periódicas e sob a forma de livros e brochuras, além das revistas, tratados e folhetos distribuídos nas reuniões e estudados sistematicamente em casa e em encontros semanais nos salões, com aplicações do ensino bíblico, histórias bíblicas em quadros e outras

¹⁶⁸ Idem, p.42.

¹⁶⁹ Ibidem p.42.

¹⁷⁰ As TJs não usam a palavra “doutrina”, preferem a palavra “ensino”. Acreditam que doutrina se refere ao ordenamento dos homens e não ao de Deus.

informações sobre assuntos vários da atualidade e do passado, eivados de citações interpretadas da Bíblia. Tanto os textos do Antigo Testamento quanto os do Novo Testamento são interpretados desse mesmo modo, aplicando os preceitos e exemplos no que couber aos dias atuais, sempre de acordo com os ordenamentos do CGTJ. Para elas, tudo o que tinha de ser revelado à humanidade já o foi pela Bíblia e o que resta agora aos humanos gerados com o espírito, as suas testemunhas é levar a mensagens a todos os cantos da terra, como o fizeram há seu tempo os apóstolos.

A doutrina do MRTJ mantém muitas semelhanças com o cristianismo, porém possui alguns pontos centrais próprios que a caracteriza e que a diferencia das demais crenças cristãs. Estas peculiaridades se tornam mais observáveis porque é justamente nelas que o comportamento das TJs também se baseia. São elas:

- 1º) A interpretação literal da Bíblia;
- 2º) Um só Deus Jeová em uma só pessoa e Ele é o Supremo Criador de tudo;
- 3º) Jesus, Filho de Deus, inferior ao Pai e Rei designado;
- 4º) A plenitude da recuperação humana;
- 5º) Maria, a mãe de Jesus;
- 6º) Inexistência de classe clerical.
- 7º) O poder do diabo: uma pessoa espiritual, governante invisível e controlador do mundo como um deus;
- 8º) A existência das TJs desde os tempos adâmicos;
- 9º) As TJs únicas detentoras do “segredo sagrado”;
- 10º) A revelação de Deus nas invenções humanas;
- 11º) O privilégio das 144.000 TJs;
- 12º) A alma é mortal;
- 13º) Uma compreensão *sui generis* sobre a morte;
- 14º) As duas ressurreições;
- 15º) 1914 o ano do retorno de Jesus;
- 16º) Armagedom e o Reinado Milenar de Cristo;
- 17º) Novo Reino – o paraíso na Terra.

1º) A interpretação literal da Bíblia

As TJs consideram a Bíblia uma história genuína e “do começo ao fim como um documento autêntico de historia religiosa”¹⁷¹. O MRTJ interpreta a Bíblia literalmente, como

¹⁷¹ A BÍBLIA. PALAVRA DE DEUS OU DE HOMEM? São Paulo: ATVB, 1989, p.53.

por exemplo, o relato contido em *Gênesis* e as demais referências bíblicas sobre Deus e a Criação de Deus. Para as TJs, Jeová Deus é reconhecido em toda a Bíblia como o Criador e, portanto, é o verdadeiro Deus e “é o Criador dos céus. Ele, o Deus, o Formador da terra e Aquele que a fez”¹⁷² e é “Aquele que fez o céu e a terra, e o mar, e todas as coisas neles”¹⁷³. Jeová é, pois o espírito¹⁷⁴ e o Criador de tudo e o fez do nada não fazendo uso de nenhum material preexistente. Ele tem existido desde sempre, estava só antes do início da criação¹⁷⁵. Jesus foi a primeira criatura como está em *João* 3:16. Ele foi “o princípio da criação de Deus”, conforme *Revelação* 3:14, e ele, o primogênito de toda a criação, “foi usado por Jeová na criação de todas as outras coisas, as nos céus e as na terra, ‘as coisas visíveis e as coisas invisíveis’” (*Col* 1:15-17)¹⁷⁶. Acreditam que Deus, na obra da criação, teve um ajudador. Jeová usou seu Filho unigênito, Jesus Cristo, para trazer à existência os anjos celestiais. Os anjos antecederam à criação da terra.

Para o MRTJ, o relato da Bíblia é fiel aos fatos acontecidos. Não se trata de linguagem figurada, de lenda ou de mitos. Acredita que a primeira de suas criações, o seu filho unigênito, foi denominado a Palavra¹⁷⁷. Através desse filho foram criados os anjos, filhos angélicos e viventes de Deus, como estatui *Jó* 38:4-7 e *Colossenses* 1:16,17. Seguiu-se a criação do universo e, no terceiro dia criativo de Deus, surgiram as ervas rasteiras, a vegetação e as árvores frutíferas. No quarto dia foram criados o sol e a lua. No quinto, foi a vez das almas viventes do mar e do ar e, no sexto, Deus criou os animais terrestres e, afinal, o homem e dele a mulher, conforme *Gênesis* 1:11-13,20-23,24-31 e *Atos* 1, 17:25, do pó tirado da terra, soprando a vida em suas narinas. E, depois criou a fêmea do gênero humano¹⁷⁸. Assim, com a criação de Eva, estava o homem completo como espécie e pronto para dar continuidade à raça humana¹⁷⁹. À base do que consideram as TJs “o relato de *Gênesis* sobre a criação emerge qual documento cientificamente sólido”¹⁸⁰. Acreditam que tudo isto aconteceu e do modo que está relatado porque que está escrito na Bíblia e é desta forma interpretado por elas.

¹⁷² *Is* 45:18.

¹⁷³ *At* 4:24.

¹⁷⁴ TJPRD, p.123, Zion’s Watch Tower, junho de 1882. A crença se refere ao espírito de Deus. Não é uma pessoa como o *espírito de demônios*, o *espírito do Mundo* e o *espírito do Anticristo* tampouco são pessoas. Doravante, a palavra será escrita em letra minúscula como as TJs escrevem, para diferenciar da terceira pessoa da Trindade cristã.

¹⁷⁵ *Gen* 1:1.

¹⁷⁶ EPES, v.1, p.583.

¹⁷⁷ *Jo* 1:1-3; *Col* 1:15.

¹⁷⁸ *Gen* 2:19; 2:7.

¹⁷⁹ *Gen* 2:18-25; 5:2.

¹⁸⁰ **A VIDA. QUAL SUA ORIGEM? EVOLUÇÃO OU CRIAÇÃO?** São Paulo: ATVBT, 1985, p.35.

Presas à literalidade da interpretação da Bíblia, são contrárias a toda noção de que a vida humana veio por evolução. Explicam a sua objeção assim:

A combinação casual de substâncias químicas, sob determinadas condições exatas. Jamais se observou tal coisa, e, realmente, ela é impossível. A vida na terra veio a existir em resultado duma ordem direta de Jeová Deus, a Fonte da vida, e pela ação direta de seu Filho, na execução desta ordem. Somente a vida gera vida. O relato da Bíblia conta-nos que, em cada caso, uma coisa criada produziu descendência à sua semelhança, ou 'segundo a sua espécie' (*Gen 1:12,21,25; 5:3*). Os cientistas verificaram que existe de veras a descontinuidade entre as diferentes 'espécies', e, excetuando-se a questão de origem, este tem sido o principal obstáculo para a teoria da evolução.¹⁸¹

Este modo de interpretar a Bíblia leva as TJs a se oporem a qualquer tratamento de saúde que implique em transfusões de sangue integral ou de suas partes integrantes, mesmo que a recusa implique a perda de suas vidas ou de seus familiares. O sangue é vida e é sagrado. Seguindo os princípios bíblicos e baseados no seu estudo pessoal da Palavra de Deus, se comportam como os cristãos primitivos, sem levar em conta o desenvolvimento científico e as modernas descobertas científicas que forem de encontro às suas crenças. As TJs não podem participar de guerras, nem de treinamentos de defesa bem como do serviço militar, pois o Reino que é delas e que deve ser defendido não é deste mundo.

2º) Um só Deus Jeová em uma só pessoa e Ele é o Supremo Criador de tudo

As TJs crêem que Jeová é o inigualável e único Soberano Senhor do Universo. É da doutrina do MRTJ que o espírito santo é a força ativa de Deus sobre todas as criações, uma energia em ação e, definitivamente, para as TJs não é uma pessoa independente e autônoma. Depende do Pai, pois é sua força e a sua própria atividade nos céus e na Terra e em todas as situações. Também Cristo Jesus, como a Palavra (ou Verbo), é uma criação espiritual e veio à Terra em obediência à vontade de seu Pai.

Em *Jeremias 10:10; Daniel 6:20,26; João 6:57; 2 Coríntios 3:3; 6:16 e 1 Tessalonicenses 1:17*, as TJs lêem que a vida sempre existiu, porque Jeová é o Deus vivo fonte de vida e que não teve princípio e nem terá fim e a primeira de suas criações, o seu filho

¹⁸¹ EPES, v.2, p.21.

unigênito, foi denominado a Palavra¹⁸². Através desse filho foram criados os anjos, filhos angélicos e viventes de Deus.

3º) Jesus, Filho de Deus, inferior ao Pai e Rei designado

Jesus Cristo para as TJs é o nome e título do Filho de Deus, desde o tempo de sua unção, enquanto estava na terra. Jesus, para o MRTJ, foi o primeiro, mas não o único a receber como recompensa o dom da imortalidade. Ele não era imortal antes da ressurreição por obra de Deus. Em *1 Timóteo* 6:15,16, Jesus Cristo é descrito como o Rei dos que reinam e Senhor dos que dominam, mas um rei e senhor diferenciado, pois é imortal. Ele é o “sumo sacerdote designado por Deus segundo a ordem de Melquisedeque, contudo, tem uma ‘vida indestrutível’” como está em *Hebreus* 7:15-17, 23-25.

A pessoa de Jesus, para o MRTJ teve uma existência pré-humana. A sua vida, para as TJs não começou aqui na terra. Teve uma vida celeste antes da vida humana e o seu nome celeste daquele que iria se tornar Jesus na terra era “Palavra”. Como Deus não teve princípio e estar a “Palavra” desde o “princípio” com Deus, identificam Jesus como o que veio antes de todos os seres criados (*Col* 1:15). Desta forma, as TJs vêem a “Palavra” como o primogênito de toda a criação de Deus. Deus é realmente o Pai de Jesus e o próprio Jesus indicou Jeová Deus como a Fonte de sua vida.

Outrossim, o fato de Jesus ter participado da criação não o faz Criador com o Pai. Só de Jeová Deus procede ao poder de criar, por meio da força ativa que é o Espírito Santo. E sendo Jeová o autor de toda a vida, todos os viventes devem sua vida a Ele.

As TJs explicam que a expressão “Filho unigênito” é usada em *João* 1:14; 3:16-18 e *1 João* 4:9, para indicar o caráter especial da figura de Jesus, o único que foi diretamente criado por Deus, uma criação ímpar de Deus, diferente de todos os outros que também são filhos, porém foram gerados por meio do Filho primogênito. Assim, ele também está subordinado a Jeová. Eles crêem que, quando tudo estiver sob o domínio de Jesus, o próprio Jesus se sujeitará Àquele que criou todas as coisas e as domina.

As TJs estão convictas de que o Cristo é verdadeiramente Filho de Deus, porém Jesus é uma criatura especial, mas criatura e, portanto, é “menor” que o seu Criador, assim ele não é e não pode ser considerado como um Deus.

4º) A plenitude do resgate da recuperação humana

O MRTJ crê na plenitude da recuperação humana por intermédio de Jesus Cristo que, como Filho de Deus, era um resgate bastante a ser dado ao Pai por toda a espécie humana.

¹⁸² *Jo* 1:1-3; *Col* 1:15.

Uma vez que a ofensa havia sido feita a Deus, as escusas deveriam ser dadas por alguém o mais próximo possível de sua majestade – Seu Filho. Dessa forma, a humanidade foi redimida pelo Cristo, dada a suficiência de Jesus de fazer o pagamento a Jeová pela dívida contraída pelo primeiro casal de humanos – Adão e Eva.

5º) Maria, a mãe de Jesus

As TJs acreditam que Maria é mãe de Jesus e que a sua importância advém desta maternidade e o seu merecimento começa aí. Ela é assim descrita pelo MRTJ, no seu livro de *Registro*:

Maria era descendente do pecador Adão, por isso, era imperfeita e pecaminosa. Por conseguinte, suscita-se a questão de como Jesus, ‘primogênito’ de Maria (*Lu 2:7*), podia ser perfeito e isento de pecado no seu organismo físico. Embora os atuais geneticistas tenham aprendido muito sobre as leis da hereditariedade, e sobre características dominantes e recessivas, não têm tido nenhuma experiência para saber o resultado da unificação da perfeição com a imperfeição, como no caso da concepção de Jesus. À base dos resultados revelados na Bíblia, parece que a perfeita força vital masculina (que causou a concepção) anulou a imperfeição existente no óvulo de Maria, produzindo assim um padrão genético (e desenvolvimento embrionário) que desde o começo era perfeito. Qualquer que fosse o caso, a operação do espírito santo de Deus naquela ocasião garantiu o êxito do propósito de Deus. Conforme o anjo Gabriel explicou a Maria, o ‘poder do Altíssimo’ a encobriu, de modo que aquele que nasceu dela era santo, o Filho de Deus. O espírito santo de Deus formou, por assim dizer, um muro protetor, de modo que nenhuma imperfeição ou força nociva pudesse prejudicar ou causar defeitos no embrião em desenvolvimento, desde a concepção (*Lu 1:35*).¹⁸³

6º) Inexistência de classe clerical

A Organização das Testemunhas de Jeová não possui uma classe clerical. Todos são chamados a pregar e divulgar “as boas novas”. Não há diferenças entre os membros da Organização no sentido de ter uma divisão hierárquica de leigos e clérigos. Todos são leigos e o múnus de ensinar, compete a todos os que têm a condição física e intelectual compatível para seu exercício. Não há uma formação específica para os pregadores bíblicos (publicadores).

¹⁸³ EPES, v.2, p.537.

7º) O poder do diabo como um deus: uma pessoa espiritual, governante invisível e controlador do mundo

Faz parte da doutrina das TJs a crença em Satanás¹⁸⁴, o diabo, um ser espiritual que separa o ser humano de Deus e possui os meios capazes de tirar a vida. O homicida, assim chamado em *Jó* 8:44, não mata de forma direta, todavia, indiretamente seduz e engana induzindo o ser humano a pecar e, conseqüentemente, o leva à morte. Apesar de ser criado por Deus, ele induz ou estimula a transgressão que leva à corrupção e à morte.

Crêem que Satanás se rebelou, porque não obedeceu a Jeová quando Este lhe deu a ordem para render homenagem ao ser humano criado à imagem do Pai, Deus, e à imagem do Seu Filho Jesus, também criatura. Satanás recusou obedecer e se revoltou dizendo prestar honrarias só a Jeová Deus e nunca às suas criaturas. A partir desta insubmissão que objetivou sua expulsão para a Terra, passou a reinar sobre o mundo, como um deus e onde, para confundir os seres humanos, provoca desde danos materiais, doenças e guerras até curas e “milagres”.

8º) A existência das TJs desde a época de Adão e Eva

O MRTJ considera-se presente desde o princípio, quando a humanidade começou a se formar após a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Quando o apóstolo Paulo, em *Hebreus* 12:1 fala: “Temos a rodear-nos uma tão grande nuvem”, crêem os associados que ele se refere, na verdade de forma figurada, a uma massa das Testemunhas de Jeová que começou a se formar pouco depois do pecado no Jardim do Éden.

9º) As TJs únicas detentoras do “segredo sagrado”

As Tjs consideram que o seu movimento religioso é o único capaz de levar a humanidade à salvação. Consideram-se os legítimos e únicos sucessores dos membros associados citados por Paulo e, portanto, as legatárias do “segredo sagrado” que no tempo aprazado foi lhes dado a conhecer:

Em outras gerações, este segredo não foi dado a conhecer aos filhos dos homens assim como agora tem sido revelado aos seus santos apóstolos e profetas, por espírito, a saber, que os das nações haviam de ser co-herdeiros e membros associados do corpo, e co-participantes conosco da promessa, em união com Cristo Jesus, por intermédio das boas novas.¹⁸⁵

¹⁸⁴ EPES, v.3, p.542. As TJs têm no relato bíblico, tomado literalmente, que foi Satanás quem falou por meio de uma serpente, seduzindo Eva a desobedecer à ordem de Deus. Eva, por sua vez, persuadiu Adão a adotar o mesmo proceder rebelde (*Gen* 3:1-7; *2Co* 11:3). Em conseqüência do uso que Satanás fez da serpente, elas dão a Satanás o título de “Serpente”, que passou a significar “enganador”. Tornou-se também “o Tentador” (*Mt* 4:3) e “o mentiroso”, “o pai da mentira” (*Jo* 8:44; *Re* 12:9).

¹⁸⁵ *Ef* 3:1-6; *Ro* 16:25.

Este “segredo sagrado” é algo que vem de Deus e que não é revelado até o Seu tempo devido, e apenas os escolhidos merecem conhecê-lo¹⁸⁶. Este segredo gira em torno de Jesus Cristo, como está em *Revelação* 19:10. Aliás, todos “os segredos sagrados” de Deus são relacionados com seu Reino messiânico, conforme *Mateus* 13:11.

Para as TJs é de grande importância entender o que envolve o conhecimento do segredo sagrado e seus muitos aspectos. O segredo sagrado inclui a Congregação, da qual Cristo é Cabeça, e os membros da Congregação são as TJs, seus co-herdeiros, com os quais ele compartilha o Reino, de acordo com o pacto feito com Jeová Deus.

Assim, são exclusivistas no sentido que só a sua crença salva, se crêem escolhidas e preservadas por Jeová ao longo dos tempos para espalhar a verdade. As demais crenças foram devastadas pela apostasia e, portanto, são falsas e perigosas. Com tal disposição, não há porque e como dialogar com elas, pois nada têm a oferecer além de colocarem em risco a verdadeira fé.

10º) A revelação de Deus nas invenções humanas

Acreditam as TJs que em toda descoberta científica há uma verdade bíblica que a precede. Toda invenção humana tem fulcro na revelação de Deus. É esta indicação bíblica que revela ao ser humano o caminho para as grandes conquistas científicas. Todo o saber dos seres humanos tem origem em Deus.

Assim, tudo o que o homem inventa ou cria têm motivação na revelação divina, que atuou e continua a atuar, orientando o ser humano nas suas modernas invenções e realizações científicas. Por exemplo: ao criar Deus, no quarto dia, a luz, Ele passou a “fazer” com que estes corpos celestes ocupassem uma nova relação para com a superfície da terra e a expansão por cima dela, funcionando como uma espécie de bússola. Estes “luzeiros deviam servir de sinais, e para épocas, e para dias, e para anos, provendo assim mais tarde diversas maneiras de orientação para o homem”¹⁸⁷. Outro exemplo: a idéia do avião retirada das aves e de seu aparato físico que lhes possibilita o vôo.

11º) O privilégio das 144.000 TJs

Pela interpretação bíblica das TJs, Deus cessou sua atividade de criação na terra após o sexto dia (*Gen* 2:2). Porém, em sentido espiritual, a sua obra não parou. Como exemplo, as

¹⁸⁶ EPES, v.2, p.553.

¹⁸⁷ EPES, v.2, p.585 e *Gen* 1:14.

TJs citam o apóstolo Paulo: “Se alguém estiver em união com Cristo, ele é uma nova criação”¹⁸⁸. Para tal relação de união com Cristo, é Jeová quem atrai a pessoa ao seu Filho e a gera com o espírito. Estes filhos de Deus, gerados com o espírito, os ungidos, compartilharão com Jesus Cristo o Reino celestial.

Acreditam que Deus intenciona que Jesus Cristo tenha governantes associados. Isto significa que alguns humanos irão para o céu e, na sua estadia na terra, Jesus iniciou um processo de escolha de homens e mulheres para se tornarem co-regentes ao seu lado. Disse que ia para o céu, a fim de preparar um lugar para eles (*Jo 14:1-3*).

Com este relato de *João*, querem as TJs esclarecer o porquê do número limitado de pessoas que irá para o céu e por que as demais, mesmo sendo TJs, ficarão no Reino da Terra, ainda que paradisíco. Na verdade, são poucos os escolhidos para o céu e isto é compreensível, dizem, pois mesmo no governo dos homens, só algumas pessoas fazem parte da administração e vão morar com ele na sede do governo!

Não haverá desonestos e nem políticos durante o reinado milenar de Cristo. Portanto, quando a Bíblia fala de “os reis da terra”, que “trarão a sua glória” à Nova Jerusalém, se trata, na realidade, de Jesus, “o Rei dos reis e os 144.000 vencedores do mundo que reinarão com ele por mil anos, para magnificar a organização real, para o louvor de Jeová Deus”¹⁸⁹.

Relativamente poucos dos fiéis a Deus foram escolhidos para a vida no céu, visto que é do propósito de Deus que os humanos vivam em felicidade na terra. Jesus foi o primeiro a ser levado ao céu. Depois disso, Deus continuou e continua a escolher os que vão compor o grupo dos 144.000. Da mesma forma que Jesus, estes seus seguidores também foram gerados pelo espírito e ungidos com espírito. A unção de Jesus e destes 144.000 é assim relatada:

Jesus foi ungido diretamente por Jeová, e sua Congregação de irmãos espirituais recebe a unção como corpo de pessoas por meio de Jesus Cristo. (*At 2:1-4,32,33*) Assim, eles receberam uma designação de Deus para serem *reis e sacerdotes com Jesus Cristo nos céus*. (*2 Cor 5:5; Ef 1:13,14; 1 Pe 1:3,4; Re 20:6*)¹⁹⁰

12º) A alma é mortal

É da crença das TJs que a alma como ser independente não existe. Ela é uma pessoa ou um animal, ou é a vida que um ser humano ou um animal usufrui. Os animais e os seres

¹⁸⁸ *2 Cor 5:17*.

¹⁸⁹ **CAIU A BABILÔNIA**. São Paulo: ATVBT, 1972, p.216.

¹⁹⁰ EPES, v.3, p.752.

humanos são almas viventes. A alma não é nada que possua existência autônoma. Pode e, de fato, morrer. Não é de forma alguma imortal e os mortos, bem como suas almas, “não estão cômicos de absolutamente nada e que a morte é um estado de completa inatividade”¹⁹¹. A crença na imortalidade da alma, para o MRTJ, é mais uma das várias apostasias que não só mergulhou as religiões num “mar de desesperança”, como também deslocou o Reino de Jeová da Terra, seu lugar certo, para o céu. Citam Agostinho, Bispo de Hipona, e sua obra *Cidade de Deus* como reforçador destas idéias, para eles falsas e desagregadoras.

13º) Uma compreensão *sui generis* sobre a morte

Crêem as TJs que a primeira morte foi causada pela transgressão de Adão e Eva e foi herdada pela humanidade e haverá outra, que é a segunda morte, diferente da primeira. Crêem que é impossível para a espécie humana livrar-se desta segunda morte, uma morte sem reversão, comparando-a com um “lago de fogo”¹⁹².

A morte para as TJs não é vista como fenômeno natural dos seres humanos como o é para os animais e os vegetais. Para o ser humano, a morte é um castigo pela violação ao preceito de Deus, cometida pelo primeiro casal humano, uma herança recebida e, mesmo que em alguns textos da Bíblia este fato não esteja claramente expresso e provoque uma compreensão de que a morte física é uma conseqüência natural da vida, isto é devido ao tempo em que as escrituras foram escritas. Contudo, o verdadeiro sentido da revelação é que a velhice e a morte são realmente efeitos do não cumprimento da ordem divina.

As TJs estão convictas de que o ser humano morre porque, realmente, o primeiro casal criado por Deus cometeu o pecado da desobediência, no Jardim do Éden, quando comeu o fruto proibido da árvore do conhecimento. A partir daí, o homem, por si próprio, passou a julgar o que é bom e o que é mau (*Gen 2:17; 3:5,6*). O pecado os levou a acreditar que sabiam, pretensiosamente, a distinção entre o que era *bom* e o que era *mau*, no sentido especial de fazerem, eles mesmos, este julgamento. Uma decisão idólatra, pois colocavam “o seu próprio critério acima do critério de Deus”¹⁹³. Como castigo por esta suposta capacidade receberam a morte. Entretanto, a morte dos animais já existia como um processo natural. Para o ser humano, o castigo da morte atingiu não só Adão, mas toda a sua descendência.

A conclusão lógica das TJs é: se o pecado conduz à morte, para abolir a morte é necessário abolir o que produz a morte, ou seja, o pecado. Portanto, a extinção da morte exige a anulação total do pecado. Com a humanidade obediente a Deus, os últimos vestígios de

¹⁹¹ Idem, p.31 e **O HOMEM EM BUSCA DE DEUS**. São Paulo: ATVBT, 1990, p.356.

¹⁹² *Re 20:14*.

¹⁹³ EPES, v.1, p.544.

violação das regras sagradas serão banidos e a própria morte deixará de existir. Deste modo, não haverá mais esta punição causada à raça humana pelo pecado de Adão¹⁹⁴.

14º) As duas ressurreições

As TJs crêem em duas ressurreições e as explicam: uma pessoa espiritualmente morta é denominada pelo modo emblemático de “morta”. Assim as TJs entendem porque Jesus podia falar sobre “os mortos enterrarem os mortos”, e o apóstolo Paulo podia referir-se à prostituta “morta, embora esteja vivendo”¹⁹⁵. Quem morre dessa forma, figurativamente, está fisicamente vivo e livre da vida anterior para seguir Cristo, como está em *Romanos* 6:18-20 e *Gálatas* 5:1. Com esta morte, a pessoa muda de estado espiritual. Ao representar esta mudança de estado como sendo a morte, as TJs vêem esclarecidas as profecias expostas no livro de *Ezequiel* 37:1-12¹⁹⁶, em que o povo escolhido de Deus no exílio da Babilônia haveria de “reviver’ e ser estabelecido mais uma vez no seu próprio solo”¹⁹⁷. Para o MRTJ, o livro *Revelação* 20:5,6 se refere à ressurreição daqueles que reinarão junto com Cristo como “a primeira ressurreição”. O apóstolo Paulo fala desta primeira ressurreição também como “mudança de estado ou condição espiritual”.

A primeira ressurreição também é explicada como a que acontecerá na vinda do Senhor (Jesus), quando os mortos, Nele ressuscitarão e os vivos serão arrebatados para encontrar-se com Ele nas nuvens (*1 Te* 4:17). Esta ressurreição incluirá apenas os da crença verdadeira, as TJs. As TJs se referem à segunda ressurreição como sendo a ressurreição dos injustos e esta conclusão é embasada na resposta de Jesus ao bom ladrão: “Deveras, eu te digo hoje: Estarás comigo no Paraíso”, como citado em *Lucas* 23:42,43. Esta segunda ressurreição, a dos injustos, naturalmente, acontecerá depois da primeira ressurreição e que se refere à ressurreição celestial daqueles justos (os 144.000) que reinarão junto com Cristo. A primeira ressurreição, a celestial, será a dos “ungidos”, aqueles que irão se aperfeiçoar em primeiro lugar. O aperfeiçoamento destes será feito antes do aperfeiçoamento dos injustos que obtiverem a segunda ressurreição, a terrestre. Os justos terão a ressurreição de vida e os outros terão a ressurreição para o julgamento¹⁹⁸.

15º) 1914 o ano do retorno de Jesus

¹⁹⁴ *1 Cor* 15:24-26; *Ro* 5:12; *Re* 21:3,4.

¹⁹⁵ *Lu* 9:60; *1Ti* 5:6; *Ef* 2:1.

¹⁹⁶ **RACIOCÍNIOS À BASE DAS ESCRITURAS**. São Paulo: ATVB, 1989, p.324 e *Ezequiel* 37:13, 14.

¹⁹⁷ *Idem*, p.idem.

¹⁹⁸ *Jo* 5:25 e 28.

O ano de 1914 é um marco na crença das TJs porque assinala a instauração do “dia do Senhor”. O MRTJ, após estudo da cronologia e das profecias bíblicas, chegaram a esta data e marcaram o ano de 1914 como o ano em que Jesus retornou à Terra. Uma data de vital importância para o MRTJ porque registra o retorno de Jesus Cristo, como foi profetizado, e que marcou o fim do velho mundo, com seu senso de segurança, e começou a era moderna, cuja característica é a insegurança¹⁹⁹. Neste mesmo ano, Deus ordenou ao Filho subjugar seus inimigos. Em obediência a Jeová, seu Pai, Jesus lançou à terra Satanás e seus demônios e, tendo purificado os céus, “Jesus começou a dominar como Rei”²⁰⁰. A narração meticulosa da ordem de Jeová a Jesus e sua pronta reação de obediência deixa transparecer uma preocupação sublinear do MRTJ em tornar clara a hierarquia existente entre Pai e Filho, entre superior e subordinado. Uma demonstração da posição privilegiada e especial de Jesus, todavia inferior, outra característica deste movimento neo-cristão.

Ao fixar esta data como o ano do retorno de Jesus e caracterizar esta volta como invisível e sem alarde de forma espiritual e discreta e só conhecida por seus fiéis seguidores, a Organização das TJs não só dissipou o mal-estar e a ansiedade provocados por logrados avisos da volta de Jesus, marcados para datas anteriores, como reforçou a idéia do fim dos tempos e a proximidade do Armagedom. O ano de 1914 é o ano iniciador do domínio de Jesus. É um tempo de separação dos seres humanos, quer para entrarem no mundo de Deus, quer para serem destruídas. É o tempo da “colheita”. As TJs colocam a decisão nas mãos das pessoas. O destino de cada um será determinado conforme a maneira que cada um receber as “boas novas”. Cada um saberá o que fazer para se enquadrar nas decisões proféticas²⁰¹.

16º) O Armagedom e o Reinado Milenar de Cristo

As TJs falam muito sobre o Armagedom: a grande guerra em que todos os governantes e reis de todas as nações da Terra se reunirão numa luta contra Deus. Tudo o que for mundano perecerá e o que for de Deus permanecerá para sempre. Todo aquele iníquo e que não aceitou as boas novas pregadas pelas TJs sofrerá a segunda morte. Os que se recusarem a fazer “o bem aos ‘irmãos’ de Cristo partirão para o decepamento eterno”²⁰². É uma situação com envolvimento global. Nesta luta, os que são os servos fiéis de Jeová Deus e que estão na terra não participarão da luta, conforme o preceito de que discípulos de Jesus não pegam em armas. É uma luta não só entre os demais seres humanos, porém é a grande luta na

¹⁹⁹ **A VERDADEIRA PAZ E SEGURANÇA: COMO PODERÁ ENCONTRÁ-LA?** São Paulo: ATVB, 1986, p.73.

²⁰⁰ **O MAIOR HOMEM QUE JÁ VIVEU.** São Paulo: ATVB, 1991, p.132.

²⁰¹ **UNIDOS NA ADORAÇÃO DO ÚNICO DEUS VERDADEIRO.** São Paulo: ATVB, 1983.

²⁰² **RACIOCÍNIOS À BASE DAS ESCRITURAS.** Op.cit., p.46-47.

qual participarão os exércitos no céu como apoiadores de Jesus Cristo, a Palavra de Deus. Sua vinda é certa e acontecerá quando Jeová Deus, que “age segundo a sua própria vontade entre o exército dos céus e os habitantes da terra”²⁰³ assim o quiser.

A Terra, antes foco de rebelião, agora está livre e volta a ter um *status* incontestável junto a Jeová Deus. Nada haverá entre Deus e a humanidade submissa, contudo terá que se submeter a um último teste. Os seres humanos terão que provar sua integridade, devoção e obediência. Satanás é solto e todos que o seguem fazem-no por contestar a soberania de Deus. Os que se deixam levar por Satanás já não podem contar com a ajuda de Cristo e não têm mais a quem e como apelar. Desse modo: “Todos os rebeldes, sejam espirituais, sejam humanos, receberão a sentença divina de destruição na segunda morte”²⁰⁴.

O reinado milenar, após o Armagedom, terá uma qualidade duradoura. No período de mil anos a humanidade será levada à perfeição. Todo poder, autoridade ou governo em oposição a Jeová serão destruídos. Depois de realizar tudo isto, Jesus devolverá o Reino a Jeová. Todavia, o seu Reino não será arruinado, apesar de ter a posição de Jesus ter se modificado em relação à Terra. Contudo, o seu domínio terá duração indeterminada e não sofrerá ruína no sentido “de que a autoridade governante não passará para as mãos de outros com objetivos diferentes”²⁰⁵.

O Reino Messiânico cumprirá plenamente o propósito original de Deus para com a Terra, a sua missão sacerdotal. O MRTJ fala da falta de apoio da humanidade a esse propósito de Deus. No entanto, “a vindoura terra habitada” estará sujeita ao filho do homem, Jesus Cristo e todos os que “sobreviverem à execução do julgamento de Jeová contra este velho sistema trabalharão unidos sob Cristo, o Rei”²⁰⁶. O ser humano volta a ser puro como nos tempos de Adão, antes do pecado, “quando não precisava de intermediário para estar com Deus”²⁰⁷. A Terra toda será um paraíso e toda “a humanidade usufruirá o trabalho de suas mãos e se beneficiará plenamente da fartura dos produtos da Terra”²⁰⁸.

Crêem que, num tempo futuro, haverá uma nova expressão do reinado divino, possibilitada por Deus tendo como intermediário seu Filho. Uma proclamação no céu de que o reino do mundo se tornou o Reino de Nosso Senhor e do Seu Cristo. É a soberania do Senhor Jeová, sobrepondo-se com autoridade sobre toda a terra. Ao seu Filho Jesus concede uma participação subsidiária nesse Reino, de modo que é chamado de “o reino de nosso

²⁰³ *Da* 4:35; *Mt* 24:36.

²⁰⁴ EPES, v.3, p.30-31 e *Re* 20:7-15.

²⁰⁵ **O REINO DE DEUS DE MILANOS**. São Paulo: ATVBV, 1975, p.7.

²⁰⁶ **ADORE A DEUS**. São Paulo: ATVBV, 2002, p.90.

²⁰⁷ EPES, v.3, p.402.

²⁰⁸ **ADORE A DEUS**. Op.cit., p.90.

Senhor e do seu Cristo”. É um reino muito maior que o “o reino do Filho do seu amor”, mencionado em *Colossenses* 1:13. “O reino de nosso Senhor e do seu Cristo é estabelecido no fim dos ‘tempos designados das nações’ e domina sobre toda a humanidade na terra”²⁰⁹. Aqui, mais uma vez, Jesus é colocado num plano abaixo de Deus. Nesta participação, Jesus Cristo age de modo a acabar com toda oposição a Deus e Satanás e seus demônios são derrotados.

17º) O Novo Reino – o paraíso na Terra

É da crença do MRTJ que a recompensa que os justos receberão de Jeová Deus está aqui mesmo na Terra e no futuro. O paraíso prometido e que Cristo se referiu ao falar com o bom ladrão sacrificado ao seu lado. Este paraíso não está nos céus, mas está aqui, é a Terra restaurada, livre de todo o mal. Jesus falava “do inteiro lar terrestre que se tornaria um paraíso (...) um lugar de beleza e deleite”²¹⁰. Não haverá nenhum iníquo a perturbar a paz, nem doenças, nem velhice. Nada abalará a felicidade, a paz e o amor constitutivos deste Paraíso restaurado e nele viverão os que aceitaram as “boas novas”, com o seu próprio corpo inteiramente preservado, criado à imagem e à semelhança de Deus.

As TJs têm bem claro em sua doutrina que haverá, sim, um Reino administrado com justiça, que trará paz e amor, mas é na Terra e não nos céus. E este reino virá no tempo marcado por Jeová Deus que enviará sinais de sua aproximação no tempo. Para o MRTJ está bem próxima a sua chegada, pois entendem que as guerras, a fome, os terremotos, a perseguição de cristãos e a pregação global das boas novas do Reino, por seus associados desde a Primeira Guerra Mundial, no período de 1914 a 1918, são os sinais que confirmam a brevidade do atual sistema de coisas. Para eles do MRTJ, estes acontecimentos provam também “que Jesus Cristo está agora reinando. Isto significa que haverá apenas ‘um curto período de tempo’”²¹¹ até que seja eliminada toda a oposição ao Reino, inclusive o Diabo e todos os governos constituídos pela humanidade. Após o que todo o mundo viverá numa paz duradoura e poderá regozijar-se “com um reino teocrático que trará paz duradoura”²¹².

O trabalho de campo das TJs, convidando as pessoas a estudar, é para “que todos os povos de todas as raças e nacionalidades despertem!”²¹³. Faz parte de sua rotina manter seu discurso diário de alerta, avisando as pessoas de que, por enquanto, o convite de Deus é de modo pacífico, porém mais tarde serão obrigadas a conhecer Seu nome à força, significando isto a destruição eterna e a perda total da grande oportunidade de viver num lugar preparado

²⁰⁹ EPES, v.3, p.411-412.

²¹⁰ **CONHECIMENTO QUE CONDUZ À VIDA ETERNA**. São Paulo: ATVB, 1995, p.9.

²¹¹ **FELICIDADE**. São Paulo: ATVB, 1981, p.151.

²¹² *Idem*, p.155.

²¹³ **AS NAÇÕES TERÃO QUE SABER**. São Paulo: ATVB, 1973, p.369.

para elas, por Deus, durante séculos, a própria terra que “tem o potencial de ser o lugar mais deleitoso para se viver” ²¹⁴.

2.3.2 O conhecimento para o batismo

A pessoa é visitada em sua residência e se mostrar interesse o publicador retornará na semana seguinte e iniciará a primeira etapa de estudos bíblicos. O estudante começa a receber as lições que estão distribuídas pelos livros e brochuras. Ele estuda primeiramente as noções elementares. Recebe como tarefa da semana ler e responder às perguntas contidas na revista *A Sentinela* do estudo da semana. Depois, vai se habituando a manusear e a ler a Bíblia, procurando nela os textos citados no estudo. A lição é tomada na Reunião de Estudo da revista que acontece após a Reunião semanal do discurso bíblico. Aos poucos, vai estudando toda a literatura jeoviana, sempre assistindo às três reuniões semanais.

Ao final dos estudos bíblicos, quando o publicador percebe que o estudante já tem conhecimentos suficientes, o encaminha ao ancião da Congregação na qual será lotado para ser sabatinado e, se for considerado apto e responder ao questionário denominado *Perguntas para os que desejam ser batizados*, subdividido em sessões, estará pronto para o batismo de imersão e se tornar uma TJ e um publicador das “boas novas”. A seguir, apresentam-se as perguntas dessa referida avaliação:

Parte I – Ensinos Bíblicos Elementares – *Hebreus 5:11; 6:3*

- 1) Quem é o verdadeiro Deus?
- 2) Quais são algumas das qualidades destacadas de Jeová?
- 3) O que significa dar a Jeová devoção exclusiva? Por que é ele o único a merecê-la?
- 4) Por que é importante que usemos o nome pessoal de Deus na adoração?
- 5) Como santificará Jeová Deus Seu nome? Como podemos participar nisso?
- 6) Por que seria errado fazermos uma imagem de Deus ou tentarmos adorá-lo por meio do uso de imagens?
- 7) Por que nos devemos esforçar a continuar a aprender tudo o que pudermos sobre Jeová? Como podemos fazê-lo?

²¹⁴ **A VIDA TEM UM OBJETIVO.** São Paulo: ATVBT, 1973, p.25.

Jesus Cristo e o resgate

- 1) Quem é Jesus Cristo?
- 2) Qual é a posição dele em relação a Jeová Deus?
- 3) Por que veio Jesus à terra e teve uma morte sacrificial?
- 4) Por que precisamos do resgate? Como este afeta a você pessoalmente?
- 5) Como retorna Cristo e com que propósito?

A operação do espírito santo

- 1) O que é o espírito santo e o que tem ele realizado conforme indicado pelos seguintes textos bíblicos?
- 2) Como opera hoje o espírito santo para o nosso benefício?
- 3) As idéias de quem estão registradas na Bíblia? Por que você deve estudar regularmente a Palavra de Deus?

Oração

- 1) A quem devem ser dirigidas as nossas orações?
- 2) Ouve Jeová todas as orações? Por que responde assim?
- 3) Quais são algumas das coisas sobre as quais pode orar?

O Reino De Deus

- 1) Com que direito é o Jeová o Soberano Universal?
- 2) Com quem tem ele partilhado o governo sobre sua criação?
- 3) O Reino de Deus é uma condição ou um governo?
- 4) Que bênçãos produzirá o governo do Reino para a terra e para a humanidade?
- 5) O que significa buscar primeiro o Reino?
- 6) Como sabemos que estamos no tempo do fim e que o Reino de Deus já domina?

Satanás e os Demônios

- 1) Quem é Satanás, o Diabo? Donde vieram ele e seus demônios?
- 2) Que advertências temos na Bíblia para ajudarmos a evitar práticas espíritas?
- 3) Como nos podemos proteger contra as influências de Satanás e dos demônios?
- 4) O que indicam as palavras de Deus a Faraó quanto ao Seu motivo de permitir que Satanás e seus demônios continuassem a viver até agora?

5) O que será de Satanás e dos seus demônios segundo o julgamento de Jeová para eles?

A Alma, o Pecado e a Morte

- 1) O que é a alma humana? Pode ela morrer?
- 2) O que é o pecado? Como foi que todos nós nos tornamos pecadores?
- 3) O que deve fazer quando comete um pecado?
- 4) Qual deve ser a nossa atitude quanto a cometer pecados?
- 5) O que é a morte?
- 6) Por que as pessoas morrem?

A ressurreição

- 1) Que esperança há para aquele que morre?
- 2) Quantos dentre a humanidade serão ressuscitados para a vida celestial junto com Jesus Cristo?
- 3) O que farão eles ali?
- 4) Qual é a esperança para o restante da humanidade que também será ressuscitada?
- 5) Quem não será ressuscitado e por quê?
- 6) Por que nos devemos apegar firmemente à nossa esperança da ressurreição dos mortos?

O casamento e o divórcio

- 1) Qual é a norma cristã para o casamento?
- 2) Qual é a única base bíblica para um divórcio que liberte a pessoa para casar-se novamente?
- 3) O que diz a Bíblia sobre pessoas casadas se separarem?
- 4) Por que as pessoas que vivem juntas como marido e esposa devem estar corretamente casadas?

A santidade da vida

- 1) Por que toda vida deve ser considerada sagrada?
- 2) Como encara Jeová (a) o derramamento ilícito de sangue humano, (b) o aborto, (c) o suicídio?

3) Como indicam os seguintes textos que Jeová considera o sangue como algo sagrado?

4) O que revelam os seguintes textos quanto às diversas maneiras em que a pessoa poderia tornar-se culpada de sangue?

Parte II – Os requisitos justos de Jeová – Miquéias 6:8

A lei cristã

1) De acordo com Jesus, quais são os dois maiores mandamentos da Lei mosaica?

2) Estão sob o pacto da Lei mosaica, com seus requisitos de guardar o sábado e oferecer sacrifícios?

Relacionamentos pessoais com outros

1) Que qualidade cristã deve caracterizar de modo notável o nosso relacionamento com nossos irmãos e irmãs espirituais?

2) Que princípios cristãos devem governar nossa conduta com pessoas que não são Testemunhas de Jeová?

3) Como devem os cristãos encarar as falhas de companheiros?

4) Se seu irmão pecar contra a sua pessoa e você achar difícil simplesmente desconsiderar a transgressão, ou se o pecado dele, cometido contra você, for de natureza grave e não deva ser encoberto, o que deverá fazer?

5) Quais são os frutos do espírito e como o cultivo deles nos ajuda a manter um excelente relacionamento com outros?

A elevada moralidade cristã

1) Por que é a pureza moral de todos entre o povo de Jeová importante para cada um de nós?

2) Por que deve ser evitada a mentira?

3) Qual é o conceito cristão quanto ao roubo?

4) Proíbe a Bíblia o uso moderado de bebidas alcoólicas?

5) Qual é o conceito cristão sobre a bebedice?

6) Por que devem os cristãos abster-se do uso não-medicinal de drogas viciadoras ou psicotrópicas?

7) Que motivos adicionais há para não usarmos o fumo, a noz-de-bétele ou outras substâncias viciadoras similares, de que se sabe que são prejudiciais para a saúde física e mental?

8) O que diz a Bíblia sobre a fornicação, o adultério, as relações sexuais com outra pessoa do mesmo sexo (homossexualismo) e outra conduta sexual ilícita?

9) Habilitá-lo-á o acatamento dos conselhos bíblicos a precaver-se contra tentações e pressões que o induziram a empenhar-se em alguma forma de imoralidade sexual, inclusive perversões sexuais?

10) O que é jogatina? Por que evitará o cristão ficar envolvido em qualquer forma de jogatina?

11) Se, por uma fraqueza, a pessoa cometer um grave pecado, mas desejar ser restabelecida no favor de Jeová, que ação deverá ela tomar imediatamente?

12) Além de confessar os próprios pecados, que responsabilidade pessoal recai sobre cada cristão, com respeito a relatar uma séria transgressão cometida por outros, que poderia ameaçar a pureza espiritual ou moral da congregação?

13) Qual é o conceito correto que devemos ter quando alguém é bíblicamente repreendido?

14) Que ação toma a congregação quando uma pessoa em seu meio mostra ser violador persistente e impenitente das leis de Deus?

A idolatria

1) O que é idolatria? Que advertência fornece a Bíblia quanto à idolatria?

2) Quais são diversas formas de idolatria contra as quais os cristãos precisam precaver-se neste mundo moderno?

Separação do mundo

1) De acordo com Bíblia, quem é “o governante do mundo” e “o deus deste sistema de coisas”?

2) Qual é a posição dos cristãos quanto a este mundo alienado de Deus?

3) Qual foi a atitude de Jesus para com a participação nos assuntos políticos do mundo?

4) Quando a pessoa se separa do mundo e se torna cristã que tratamento pode ela esperar receber da parte dos que permanecem no mundo?

5) Como é que ser separado do mundo afeta o emprego secular do cristão?

6) O acatamento de que princípios bíblicos adicionais ajudará o cristão a permanecer separado do mundo com respeito ao divertimento e à recreação que escolhe?

O ecumenismo

1) Seria correto os verdadeiros cristãos participarem na adoração junto com outros grupos religiosos?

2) Que atividades ecumênicas os verdadeiros cristãos devem evitar?

3) Por que precisa a pessoa certificar-se de ter rompido completamente toda associação com organizações religiosas falsas antes de se apresentar para ser batizada como TJ?

Dias festivos e celebrações

1) São os cristãos obrigados a guardar certos dias festivos?

2) Qual é a única comemoração religiosa que os cristãos são mandados observar?

3) Quais são alguns dos princípios bíblicos que lhe ajudarão a decidir se deverá ou não observar ou celebrar festividades populares em sua localidade?

4) Que menção há na Bíblia de celebrações natalícias? Como afeta isso seu conceito sobre celebrações natalícias?

O Batismo

1) Por que as Testemunhas de Jeová batizam em água aqueles que aceitam a fé cristã?

2) Quem deve ser batizado? Quando?

3) O que significa ser batizado em o nome (a) do Pai, (b) do Filho, e (c) do espírito santo?

Parte III – Sujeição aos arranjos de Jeová, sujeição no arranjo congregacional

1) Qual é o princípio básico em que se fundam os arranjos de Jeová dentro da congregação cristã?

2) Por que é especialmente necessário que nos sujeitemos hoje aos arranjos de Jeová dentro da congregação cristã?

3) Quais são alguns exemplos da sujeição dos discípulos de Jesus às instruções dele, a fim de realizarem seu ministério de maneira ordeira?

4) Como exerce Jesus a chefia sobre a congregação cristã hoje?

5) Por que meios visíveis é a chefia de Cristo representada na congregação?

6) Como demonstram os membros da congregação sujeição à chefia de Cristo na congregação?

Sujeição na vida familiar cristã

- 1) No arranjo de Deus, quem é a cabeça da mulher casada?
- 2) Como deve o marido exercer a chefia sobre a esposa? O exemplo de quem deve ele seguir como modelo?
- 3) Está a esposa livre da chefia do marido quando ele não é crente?
- 4) Quem tem perante Deus a responsabilidade de instruir e disciplinar os filhos?
- 5) Que responsabilidade têm os filhos dentro do arranjo familiar?

Sujeição às autoridades civis

- 1) Qual é a atitude correta que os cristãos devem manter para com os governantes do mundo?
- 2) Precisa o cristão pagar todos os impostos e as taxas exigidos por lei?
- 3) Há quaisquer circunstâncias sob as quais o cristão se negaria a obedecer aos governantes do mundo?
- 4) Deve o cristão cumprir requisitos legais, tais como o registro de casamentos e de nascimentos, responder a censos ou obter licenças e autorizações que não vão de encontro com as leis de Deus?

Parte IV – Obras que demonstram fé cristã – *Tiago 2:18*

A relação entre as obras e a fé

- 1) Por que deve a nossa fé cristã ser acompanhada de obras aprovadas?

As reuniões cristãs

- 1) Por que é proveitoso assistir às reuniões organizadas pela congregação?
- 2) Qual é a atitude correta que devemos ter para com as oportunidades de nos reunirmos com nossos irmãos e irmãs espirituais?
- 3) Que informações proveitosas para o povo de Jeová são consideradas nas reuniões congregacionais?
- 4) O ensino e a instrução de quem são dados nas reuniões congregacionais?
- 5) Por que deve esforçar-se a participar nas reuniões congregacionais por dar comentários e de outras formas quando tem oportunidade?

6) Quem deve assistir às reuniões congregacionais a fim de ser instruído na justiça?

O nosso ministério do reino

1) Que obra urgente especifica a Bíblia para todos os cristãos atualmente?

2) De acordo com os textos que seguem, quais são algumas das diversas maneiras em que podemos efetuar o nosso ministério?

3) Fazemos esta obra na nossa própria força?

4) Por que deverá estar disposto a pregar as boas novas a todo tipo de pessoas em seu território designado?

5) Por que deverá levar muito a sério sua responsabilidade de transmitir as boas novas a outros?

Honra a Jeová com suas coisas valiosas

1) Que exemplo do antigo Israel serve de modelo para darmos apoio material à obra do Reino Hoje?

2) Que lição ensinou Jesus sobre a generosidade?

3) Que exemplo em dar apoio à congregação foi dado pelos cristãos do primeiro século?

4) Por que devemos preocupar-nos com nossos irmãos e irmãs que venham a necessitar ajuda material?

5) Além de quaisquer contribuições materiais para promover as boas novas, o que devemos oferecer que é ainda mais importante?

6) Qual deve ser nossa atitude quanto a darmos de nós mesmos e de nossos bens materiais para o serviço de Jeová?

A dedicação e o Batismo

1) Qual deve ser sempre a nossa atitude para com fazer a vontade de Jeová?

2) Por que deve prevalecer essa atitude alegre e disposta até mesmo quando somos perseguidos ou passamos por alguma forma de provação?

3) O que significa a pessoa se dedicar-se a Jeová?

4) Por que deve ser batizado aquele que se arrependeu sinceramente, deu meia-volta e decidiu seguir a Cristo?

5) Por que é apropriado que os cristãos dedicados e batizados sejam chamados Testemunhas de Jeová?

Perguntas concludentes para consideração:

(a) Após o seu batismo em água, por que lhe será vital manter um bom programa de estudo pessoal e de participação regular no ministério?

(b) Como o ajudará a cumprir com sua dedicação a Jeová permanecer intimamente associado com a congregação?

(c) O que fará provar a Jeová que a dedicação que você fez foi sincera e de coração?

(d) Está agora plenamente convencido de que deve ser batizado na primeira oportunidade que houver?

2.3.3 Esquema estrutural da organização das Testemunhas de Jeová

A Organização das Testemunhas de Jeová tem como poder central o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová (CGTJ) que é o escalão máximo do MRTJ, com sede nos Estados Unidos da América, na cidade de Nova Iorque. Sob este poder estão os demais escalões, da forma abaixo posicionados:

CORPO GOVERNANTE DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

(Poder Central-EUA)

1 Presidente

1 Secretário

11 membros e respectivos secretários

COMISSÕES

Presidente	–	Redação	–	Ensino	–	Serviço	–	Editora	–	Pessoal	–	Filial
3 membros		3 membros		3 membros		3 membros		3 membros		3 membros		3 membros

FILIAIS E CONGÊNERES

Em cada parte do mundo onde o MRTJ atua instalam-se as Filiais e Congêneres.

Cada filial ou congêneres possui uma comissão de três a sete membros.

DISTRITOS

Cada distrito é dividido em circuitos.

CIRCUITOS

Cada grupo de 20 congregações forma um circuito.

CONGREGAÇÕES

Um grupo de TJs, de uma localidade, reunido para estudos bíblicos forma uma Congregação, dirigida, em geral, por três anciãos. O local onde se reúnem denomina-se “Salão do Reino das Testemunhas de Jeová”.

ANCIÃOS

SERVOS MINISTERIAIS

Auxiliares dos anciãos

PUBLICADORES

Cada pessoa batizada do MRTJ é um publicador.

2.3.4 Estrutura inicial das Testemunhas de Jeová

Em julho de 1879 foi publicada, pela primeira vez, a revista religiosa *Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo* (em inglês), em Pittsburgh, na Pensilvânia, EUA, com 6.000 exemplares. O seu redator e editor era Charles Taze Russell. Russell era associado a uma congregação de estudantes da Bíblia em Allegheny, na Pensilvânia, e esta congregação solicitou que ele servisse como seu pastor religioso. Estes cristãos vieram a ser conhecidos como Estudantes Internacionais da Bíblia. Russell veio a ser mundialmente conhecido como “Pastor Russell”.

Inicialmente, pelo Estatuto, todo associado que contribuísse com um total de dez dólares tinha direito a voto na escolha dos membros da junta de diretores e administradores da Sociedade. Esta Sociedade passou a ter Assembléias-gerais dos seus membros, numa base anual, desde 1885.

Em 26 de julho de 1931, num congresso geral da Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia, em Columbus, Ohio, EUA, passaram a se chamar Testemunhas de Jeová.

Até à década de 40 do Século XX, a Diretoria da Sociedade Torre de Vigia, constituída por sete membros, que incluía o Presidente, era virtualmente os responsáveis por toda a informação publicada, bem como pela orientação dos procedimentos administrativos e doutrinários a aplicar em cada congregação das TJs em toda Terra. Dessa forma, era habitual usar a expressão a “Sociedade” como referência a esta liderança.

2.3.5 A Organização das Testemunhas de Jeová

O CGTJ, inicialmente, foi composto e presidido por Russell. Ele estabeleceu o modelo de governo para o MRTJ, dando-lhe o que ele chamou de estrutura teocrática, nada tendo de democrática. Atualmente, este corpo governante é formado de doze membros e o presidente é escolhido entre eles por votação. Cada membro do CGTJ tem um secretário. Este segue os passos de seu superior, o membro titular do CGTJ. Ocorrendo a substituição, por qualquer motivo, este secretário, geralmente, assume o cargo e é observado pelos demais por um período que pode durar até três anos. Se tiver seu trabalho conforme e aprovado, é designado pelo presidente do CGTJ como membro efetivo. Após sua designação escolhe um secretário que o auxiliará nas suas atividades dentro da Organização. Este auxiliar, geralmente, é preparado para uma eventual substituição, se for necessário.

Os membros do CGTJ, titulares e secretários, são escolhidos por sua fidelidade e trabalho prestado ao longo dos anos à Organização.

Com o aumento da Organização, foram criadas várias Sociedades Religiosas para cuidar das publicações de livros, revistas e tratados do MRTJ e sua distribuição. Sempre que se estabelece uma filial ou congênera é designada uma Comissão de Filial de três ou mais anciãos para cuidar das diversas responsabilidades envolvidas em orientar a obra no país, sob a jurisdição de determinada filial ou congênera. Um membro da Comissão serve como Coordenador da Comissão de Filial.

As congregações locais, debaixo de cada organização filial ou congênera, são agrupadas em circuito e os diversos circuitos formam um distrito. Um superintendente de circuito é designado pelo CGTJ, ou por quem o CGTJ delegar esta responsabilidade, para servir as Congregações em cada circuito. Os Superintendentes de distrito visitam os diversos circuitos e trabalham, geralmente, junto com o Superintendente de circuito.

Para se obter a qualificação de Superintendente é necessário o saber bíblico e grandes qualidades morais cristãs e a total capacidade de ensino. Somente depois de qualificados podem se dizer ungidos pelo espírito santo. As normas bíblicas para os Superintendentes são muito elevadas e só os que são qualificados têm condições de cumprir. “As elevadas normas oferecem uma garantia de que os designados para serem anciãos darão bom exemplo na Congregação” ²¹⁵.

Os cargos de responsabilidade são recomendados pelo corpo local de anciãos. Isto é feito durante as visitas do Superintendente de circuito. Entretanto, o CGTJ poderá designar homens qualificados para qualquer lugar e em qualquer tempo. O CGTJ não é limitado pelas indicações de algum grupo local. Às vezes, o CGTJ autoriza certos representantes a fazer as designações de superintendentes.

Em cada Congregação há um superintendente-presidente que serve por um tempo indefinido. O mesmo se dá com o secretário, o superintendente de serviço, o dirigente do estudo de *A Sentinela* e o superintendente da Escola do Ministério Teocrático. Nestes cargos, os anciãos não servem em regime de rodízio. No caso de seu impedimento por saúde ou por ficar desqualificado, ele é substituído por outro ancião. Onde há poucos anciãos, um pode acumular funções até que outros irmãos se habilitem a serem designados anciãos.

Certos deveres são cuidados pela Comissão de Serviço da Congregação, composta pelo superintendente-presidente, pelo secretário e pelo superintendente do serviço. A função deles é tratar do manejo e da assinatura de diversos formulários, tais como os de inventário de literatura, de pedidos, de relatórios de campo e de recomendações de designação ou de desqualificação de superintendentes, servos ministeriais ou pioneiros regulares, ou outros deveres que forem solicitados pela Comissão de Serviço da Congregação.

Designa-se um Superintendente de cidade nas cidades que possuem mais de uma Congregação. Esta designação é feita na base de recomendação do superintendente ou do superintendente de circuito, se mais de um para servir nas congregações naquela cidade. O superintendente de cidade não tem jurisdição em nenhuma congregação exceto naquela em que serve como ancião. Ele pode fazer a ligação com a Filial, mas geralmente, a Filial ou congênera lida diretamente com cada congregação.

O CGTJ designa anciãos qualificados para servirem como superintendentes de circuito. Eles visitam as congregações de seu circuito duas vezes ao ano. Visitam também os pioneiros, pioneiros especiais e missionários que servem em locais isolados. Um dos principais objetivos destas visitas é promover as lideranças do Serviço de Campo.

²¹⁵ ORGANIZADOS PARA EFETUAR O NOSSO MINISTÉRIO. São Paulo: ATVBT, 1990, p.30-31.

O superintendente de distrito é o ancião viajante designado pelo CGTJ para atender certo número de circuitos que constituem um distrito.

Em cada uma das filiais ou congêneres da Sociedade Torre de Vigia em todo o mundo há três ou mais irmãos maduros e espiritualmente qualificados, que servem como Comissão de Filial que supervisionam a obra. Um dos membros é escolhido entre eles como coordenador da Comissão.

Superintendentes de Zona são os “irmãos” qualificados e designados pelo CGTJ para servir em uma das filiais ou congêneres em todo o mundo. Seu trabalho principal é “ajudar a Comissão de Filial com problemas ou questões que têm que resolver na realização da obra de pregar e de fazer discípulos” ²¹⁶.

A escolha dos *anciãos* antes era feita por eleição direta, atualmente não o é mais, porque ancião não é considerado um posto que se alcance por eleição, mas “uma condição alcançável pelo crescimento espiritual de cada um” ²¹⁷. As expressões “pastor” ou “ancião” não têm *status* de chefia. O “irmão” é indicado pelos anciãos da Congregação a que pertence e é observado por algum tempo. Verificada a sua capacidade em receber este privilégio de ser “ancião”, é designado. Este privilégio, o “irmão” designado pode ou não aceitar. Ao aceitar, seu nome é levado ao superintendente do circuito que, por sua vez, levará o nome do indicado à filial do país, no caso de Juiz de Fora, ou de qualquer cidade do Brasil à filial, em São Paulo, onde ele será aprovado ou não como “ancião” para servir em sua comunidade religiosa ou em outra, onde houver maior necessidade.

O servo ministerial auxilia os anciãos no seu trabalho na Congregação e é considerado um prestador de serviço valioso. Exige-se dele boa formação cristã e que leve uma vida exemplar e que evidencie uma boa capacidade de executar bem as tarefas que lhe são designadas. Suas tarefas são as mais variadas dentro do Salão de Reino. São homens examinados quanto à aptidão dentro da congregação e devem servir de exemplo para os demais associados. Todos são publicadores, ou seja, proclamadores de Reino das TJ.

O modo teocrático da organização é aceito como genuíno por todos os associados. As orientações do CGTJ são recebidas como corretas e de acordo com a lei de Jeová Deus por todas as congregações. As congregações aceitam também o modo como são feitas:

²¹⁶ ORGANIZADOS PARA EFETUAR O NOSSO MINISTÉRIO. Op.cit., p.54.

²¹⁷ TJPRD, p.213.

As designações de anciãos para superintender filiais ou congêneres, distritos, circuitos e congregações. Contam com o ‘escravo fiel e discreto’²¹⁸ para obter o alimento espiritual no tempo apropriado (Mt 24:45-47). O restante do ‘escravo fiel’ e seu Corpo Governante, por sua vez, aderem estritamente à chefia de Cristo, apegam-se aos princípios bíblicos e sujeitam-se à orientação do espírito santo.²¹⁹

A designação para o serviço, nas diversas congregações, é ratificada pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados dirigida pelo CGTJ, que é reconhecida por todos os associados ao MRTJ como a legítima representante visível do Senhor na terra. Dentro da interpretação da Bíblia, a “cabeça” da Organização sempre será Cristo, designado que foi por Jeová.

Quando uma Congregação ultrapassa o número ideal de participantes, em geral mais de cem pessoas, os anciãos desta se reúnem e estudam a possibilidade de se formar ou não nova unidade com uma nova denominação. Quanto à construção do novo Salão para abrigar a nova Congregação, tão logo consigam recursos materiais e local adequados, a construção do mesmo é liberada e acompanhada, de perto, pelos anciãos do circuito, das Congregações e do escritório da filial de São Paulo.

Usam-se diversos elos na direção da obra das TJs, nas mais de 200 terras em que é feita. A direção geral vem do CGTJ. Anualmente, o CGTJ envia representantes a 15 ou mais “zonas” em todo o mundo, para conferenciar com representantes de filiais em cada zona.

Há filiais e congêneres espalhadas por várias partes do mundo. Em cada filial há uma comissão de três a sete membros, para supervisionar a obra nos países sob a sua jurisdição. Muitas das filiais têm gráficas, algumas com rotativas de alta velocidade, por sua vez, em circuitos. Cada circuito compõe-se de cerca de 20 congregações. Um superintendente de distrito visita os circuitos em seu distrito, em rodízio.

Realizam-se anualmente duas assembléias para cada circuito. Há também um superintendente de circuito e este visita cada congregação no seu circuito, geralmente duas vezes por ano, ajudando as TJs a organizar e a fazer a pregação no território designado à sua respectiva congregação.

²¹⁸ Este escravo fiel e discreto é constituído de todos na Terra que foram ungidos com o espírito santo para serem co-herdeiros com Cristo e que, unidamente, servem sob sua direção. Cristo usa esta classe de escravos como instrumento para fornecer a necessária supervisão às Congregações. Os 144.000 ungidos formam “o escravo fiel e discreto”. Atualmente, o número de ungidos na Terra é de aproximadamente 8.000. Dentre eles estão os membros do CGTJ, seus respectivos secretários e os membros das Comissões.

²¹⁹ **ORGANIZADOS PARA EFETUAR O NOSSO MINISTÉRIO.** Op.cit., p.28.

A congregação local, com seu Salão do Reino, é o centro da proclamação das boas novas na sua comunidade. As regiões que cabem a cada congregação são divididas em pequenos territórios desenhados em mapas. Para cada território são designadas as TJs que, em duplas, vão visitar e falar com as pessoas de cada casa. Cada congregação é composta desde umas poucas até 100 TJs, conta com anciãos designados para cuidar de diversos deveres. O número é reduzido para que cada membro seja conhecido pelo nome e de forma a serem atendidos individualmente pelos anciãos e servos ministeriais, caso necessitem e, em caso de ausência prolongada sem explicação ou de doença, em suas casas. O número reduzido objetiva um maior entrosamento entre os “irmãos” de uma mesma Congregação.

O proclamador ou publicador é a pessoa vital no MRTJ. Todos as TJs quer sirvam na sede mundial, quer em filiais ou nas congregações, participam nesta atividade de campo, que consiste em falar pessoalmente aos que não pertencem à Organização sobre o Reino de Deus e sobre as Escrituras Sagradas.

São feitos relatórios mensalmente sobre estas visitas bem como sobre a distribuição de revistas e publicações²²⁰ e são enviados à sede mundial que, anualmente, os compila e os publica em um *Anuário*. É feito também um quadro geral em *A Sentinela*, uma das revistas da Organização, em 1º de janeiro de cada ano. Estas duas publicações fornecem relatórios pormenorizados sobre os resultados do trabalho de seus associados referentes a cada ano. Por exemplo, o *Anuário* de 1989 indica que, em 1988, 9.201.071 TJs e pessoas interessadas assistiram à Comemoração anual da morte de Jesus. No ano de serviço de 1988, as TJs fizeram mais de 785.000.000 de horas de serviço de campo, ensinando as “boas novas” e entregando as revistas e publicações e 239.268 novas TJs foram batizadas. O número de publicações distribuídas chegou a centenas de milhões de exemplares.

No começo de dezembro de 1975, todo o CGTJ reuniu-se em Brooklyn, Nova Iorque, EUA, com o fim de considerar recomendações relacionadas com a organização e o funcionamento. Por muitos meses, duas comissões diferentes haviam tomado em consideração ajustes na organização. Assim, em quatro de dezembro de 1975, o CGTJ aceitou unanimemente essas recomendações e o presidente, em 12 de dezembro de 1975, as comunicou à família de Betel²²¹. Todas as filiais e congêneres em todo o mundo receberam as explicações sobre os ajustes no CGTJ. Para facilitar o trabalho, haviam sido formadas seis comissões do CGTJ e estas seis comissões começaram a funcionar em 1º de janeiro de 1976.

²²⁰ Esta entrega de revistas e tratados, feitos de casa em casa e em locais públicos, é denominada pelo MRTJ como “colocação” de revistas e tratados.

²²¹ A família de Betel são as pessoas associadas ao MRTJ que trabalham na “casa de Deus” auxiliando na obra de cada Congregação.

Cada comissão tem um presidente que serve por um período de um ano e os membros das comissões são designados pelo CGTJ.

a) Comissão do Presidente

Formação: Presidente em exercício do CGTJ, Presidente anterior e o próximo a ser presidente.

Funções: O presidente em exercício tem como função coordenar e aviar os assuntos para o CGTJ. Fazer relatórios sobre emergências maiores, desastres, campanhas de perseguição ou outros assuntos urgentes que afetam as TJs. Tais assuntos são levados imediatamente à Comissão do Presidente, para que possam ser apresentados ao CGTJ.

b) Comissão de redação:

Formação: Um presidente e dois membros.

Funções: Supervisionar em forma escrita e gravada as mensagens bíblicas para publicação e distribuição entre as TJs e o público em geral. Supervisionar também o trabalho de tradução feito em toda a Terra.

c) Comissão de ensino:

Formação: Um presidente e dois membros.

Funções: Supervisionar as escolas e as assembléias para a educação espiritual dos associados e também a instrução da família de Betel. Supervisionar a programação da matéria a ser usada no ensino e superintender os programas de rádio e televisão, bem como os programas de assembléias.

d) Comissão de serviço

Formação: Um presidente e dois membros.

Funções: Supervisionar todos os campos da obra evangelizadora e se responsabilizar por eles tomando a dianteira para desenvolvê-los adicionalmente. Envolver-se nas atividades das congregações, nas ações dos superintendentes de circuito e de distrito, na obra dos missionários das Comissões de Filial e nas visitas periódicas dos superintendentes de zona.

e) Comissão editora:

Formação: Um presidente e dois membros.

Funções: Supervisionar a impressão, edição e expedição das publicações em todo o mundo. Responsabilizar-se também pelas gráficas e propriedades pertencentes e administradas pelas diversas sociedades usadas pelas TJs, tais como as atuantes em operações financeiras, em assuntos jurídicos e comerciais relacionados com a divulgação das boas novas.

f) Comissão do pessoal

Formação: Um presidente e dois membros.

Funções: Supervisionar os arranjos feitos para a prestação de assistência pessoal e espiritual aos membros das famílias de Betel e ter a responsabilidade de convidar novos membros a servir nas famílias de Betel e nas fazendas em todo o mundo.

g) Comissões de filial

Formação: Um presidente e dois membros.

Funções: Supervisionar a obra do CGTJ por meio das seis comissões.

A partir de 1º de fevereiro de 1976, foi decidido que cada filial tivesse uma comissão responsável para cooperar com o CGTJ na administração dos arranjos organizacionais e mantê-lo informado sobre o progresso da obra do Reino de Jeová no território designado. Esta comissão tem um presidente que serve por um ano. Dependendo do tamanho da filial, a comissão poderá ter desde três membros a sete. O rodízio de presidência nas comissões de filial ocorre a cada ano em 1º de janeiro.

Fazem parte do atual CGTJ, conforme dados tirados do último anuário recebido em julho de 2007 referentes ao ano de 2006²²²: Carey W. Barber, John E. Barr, Samuel Herd, Geoffrey Jackson, Theodore Jaracz, Stephen Lett, Gerrit Lösch, Anthony Morris III, Guy Pierce, David Splane²²³.

2.4 A identidade religiosa das Testemunhas de Jeová

²²² ANUÁRIO. São Paulo: ATVBT, 2007, p.4-5.

²²³ O nome dos demais ungidos até o término deste estudo ainda não tinham sido publicados. Segundo informação do Ancião, porta-voz da Congregação Fábrica, cada um dos componentes do CGTJ tem um secretário e que, geralmente, é ele quem substitui o ausente e que, às vezes, por questões internas e de luz (do espírito de Jeová), demora em até três anos a escolha definitiva e a divulgação do nome do novo membro.

No MRTJ há exigências divinas específicas que, segundo as TJs, têm que ser cumpridas por aqueles que têm o privilégio de ser parte da organização, como está em *1 Coríntios* 11:3. Além disto, existem metas e propósitos que devem ser seguidos pelos que dirigem a organização das TJs. A assunção do cumprimento deste ordenamento inclui a submissão primeiro e essencialmente a Jeová Deus e, depois, a quem dirige a organização em Seu nome. Esta assunção e sujeição às normas é o que também identifica uma TJ. Uma disposição total e desejada para obedecer e aceitar as imposições da Organização. Este ordenamento procede do CGTJ e é reconhecido pelos associados como uma necessidade para atingir os propósitos de Deus. Em diversos ângulos, o MRTJ se auto-identifica como uma organização terrestre de Jeová, separada e diferente de todos os demais movimentos religiosos.

A identidade religiosa das TJs se caracteriza pelo comportamento de total obediência ao que o CGTJ decide, inclusive quanto à forma da escolha dos ungidos, em que nenhuma TJ pode questionar este privilégio, auto-reconhecido de alguns e concedido diretamente por Deus a determinadas TJs que irão fazer parte do escravo fiel e discreto, o corpo formado por 144.000 ungidos tendo Jesus o Cristo como “cabeça” e Deus como Chefe Único e Supremo. Cada um dos associados da organização tem que aceitar a organização teocrática e entender que, sem este tipo de organização, as TJs não teriam como cumprir as muitas tarefas designadas por Jeová “decentemente e por arranjo”²²⁴.

São fundamentalistas e fiéis ao movimento da ideologia americana do século XIX, sob a forma de um neopuritanismo, ideologia mais ou menos messiânica, no sentido de que foram escolhidos por Deus para fazer triunfar no mundo um ideal de justiça e crença religiosa pois são criacionistas e fiéis à infalibilidade das Escrituras Sagradas. Querem que se retorne à interpretação literal de *Gênesis* sobre a criação do mundo e a origem do primeiro casal de humanos.

Isto é também o que identifica estes crentes, entre outras características: uma volta ao passado e aos usos e costumes embasada nos termos do AT, interpretado sempre de forma literal. Para as TJs, a Bíblia não foi revelada para ser interpretada, mas para ser aceita de forma integral. A rejeição a certos avanços científicos da medicina moderna, tais como a transfusão de sangue, é exercida de uma forma muito natural e sem constrangimentos. A identidade religiosa vai-se formando com o atropelo da crença anterior, avanços sociais e dos conceitos já assimilados. Resvala a construção da nova identidade religiosa, insensivelmente,

²²⁴ *1 Cor* 14:33,40.

por idéias modernas que revolucionam e continuarão a revolucionar todo o entorno do MRTJ, sem, contudo, influenciá-la de modo efetivo.

Pertencer a esta organização é identificar-se como um “enviado” que tem o dever de pregar e instruir as boas novas através do serviço de campo e “colocação” das revistas e tratados. A mensagem que eles se obrigam pregar é dupla: primeiramente mostram às pessoas capazes de saber como poderão alcançar o Paraíso na terra. Depois, explicam o que vai acontecer aos iníquos e advertem que “o dia de vingança da parte de nosso Deus” está muito próximo, como está profetizado em *Isaías* 61:1,2 e *Sofonias* 3:8.

Para a sua identificação como filhos de Deus, as TJs fazem uma analogia com as palavras do apóstolo Paulo, em sua carta dirigida aos romanos, em que designou como sendo aquelas pessoas que, por suas obras e entendimento da verdade, foram agraciadas com o espírito da adoção. Como herdeiros do Reino junto com Cristo “serão glorificados. Jesus resgatará seus corpos humilhados e os transformará de tal modo que eles se harmonizarão com o corpo de Cristo e com ele reinarão”²²⁵. Como crêem as TJs, todo o passado de dores, de imperfeições físicas sofridas na terra e causado pelo pecado de Adão será anulado por uma inigualável glória e de tal grandeza que todo o antes será nada.

É colocado que o tornar-se membro do Reino de Deus e filho de Deus, na acepção querigmática do termo, não é uma coisa fácil de obter. Há dificuldades e obstáculos a vencer. Não basta o conhecimento das verdades bíblicas. Para a organização, além deste saber, é necessário que a própria pessoa se identifique como uma TJ e se dê a conhecer como uma TJ. O assumir inteiramente uma identidade religiosa que a diferencie das demais pessoas, adotando crenças e devoções, atitudes, hábitos e comportamentos calcados na interpretação dada pelo MRTJ aos livros sagrados, é, no mínimo, o que se espera da cada associado. Sabem que nem toda crença e costumes religiosos são maus, porém “Deus não os aprova quando se originam de religião falsa ou são contrários a outros ensinamentos bíblicos”²²⁶. É preciso ser diferente dos demais crentes, externar estas diferenças e ser reconhecido como tal – um fiel seguidor e proclamador dos ensinamentos de Jeová (*Mt* 15:6).

A diferença na identidade religiosa das TJs imprime a sua marca, não apenas de forma particular e pessoal, mas e, sobretudo, pública. Sempre com uma passagem da Bíblia para embasar suas atitudes, a TJ fala destas como constituintes de uma espécie de barreira que Deus mesmo impõe para impedir a entrada dos indignos, como estatui *João* 6:44; *1 Coríntios* 6:9-11; *Gálatas* 5:19-21; *Efésios* 5:5. Quem desejar a salvação tem que encontrar a entrada e passar por um portão estreito, ser persistente e seguir por um caminho difícil que restringe as

²²⁵ EPES, v.2., p.132.

²²⁶ **DEUS REQUER**. São Paulo: ATVB, 1996, p.22.

ações de cada um. “Não seria uma aristocracia mundanal, não se levaria em conta a posição destacada entre os homens”²²⁷.

Como já foi dito no capítulo anterior, a construção da identidade passa pela narrativa que cada um faz de sua própria pessoa. O membro do MRTJ, com a anamnese permanente de fatos do AT e do NT, já assimilou a interpretação da organização e, desta forma, a incorporou à narração que faz da sua vida. A sua história de vida é, após a conversão, contada de maneira diferente. Aos fatos ocorridos no passado, e também aos da atualidade, dá uma descrição permeada de passagens ligadas às profecias bíblicas, como se eles já estivessem inscritos no “rolo da vida” muito antes de sua ocorrência e, portanto, aconteceram como estava previsto, dentro do tempo e do espaço certo, aprazado por Jeová Deus. Acalentadas por esta reflexão bíblica – que as isenta de ressentimentos e culpas que, de uma forma ou de outra, vêm afetar o presente – as Tjs estruturam sua identidade religiosa sobre uma base condizente com seus anseios.

Os hábitos de comemorar as festividades do Natal, a Semana Santa, os aniversários natalícios, as festas folclóricas, os dias santos e os feriados nacionais, dentre outros, não despertam nas TJs mais motivação para as demonstrações de respeito, de afeto ou de alegria tão comuns na grande maioria da sociedade nestas ocasiões. Orientados a considerar tais comemorações, uma oportunidade apenas comercial, incentivada pelos meios de comunicação com objetivos exclusivamente financeiros e desviantes, se destituem delas.

A linguagem tem um diferencial que identifica a pertença religiosa do associado ao MRTJ. Dificilmente são usadas gírias e, mesmo nos jovens, a linguagem não contém o palavreado comum da idade. Como a linguagem demonstra o caráter da identidade religiosa, nota-se uma maneira de expressão própria, comum ao grupo. O nome “Jeová” aparece nas conversas informais mesmo quando o assunto não é religioso. O modo de vestir também é característico nas reuniões do salão e no serviço de campo. Homens e mulheres em trajes de passeio, com roupas e cortes de cabelo específicos a cada sexo que os caracterizem, tradicionalmente, como homem ou mulher sem os exageros e sem a preocupação com os modismos.

Merece atenção o fato de ser a identidade religiosa das TJs construída também pelo sexo. A diferença que colocam entre homens e mulheres têm causas na sua interpretação bíblica, em especial a que fazem das citações do apóstolo Paulo, e com conseqüências na identidade de cada um. Observa-se que as identidades masculinas estão ligadas às concepções de chefia e comando e as identidades femininas às de obediência ao chefe-homem e de

²²⁷ Mt 23:1,2,6-12, 33; Lu 16:14-16.

diligência no lar. Os homens destinam-se a posições na comunidade religiosa sobre as mulheres. Eles são os pontos de referência. Tem-se, neste caso, também a diferença pelo sexo presente e realçada na identidade religiosa dos associados ao MRTJ.

As TJs entendem que a submissão voluntária às leis de Deus é vital. Uma obediência que vem diretamente do coração e não tão somente formal ou unilateral da Lei. Só revestidas desta subordinação elas se tornam capazes e merecedoras do Reino de Deus. Dessa forma, a identidade religiosa perpassa pela obediência aos padrões da Organização. Uma identidade religiosa construída sobre os alicerces das Escrituras Sagradas. Uma formação religiosa que é digna de um súdito voluntário, aquele que prefere estar em sujeição, em ceder, em submeter-se aos superiores, às leis ou a determinado arranjo de coisas a perder a “salvação”. O ser identificado como TJ lhes é o bastante em todos os sentidos. Uma obediência a Deus que perpassa todo o tempo pela obediência e vigilância²²⁸ às normas emanadas pelo Corpo Dirigente. E esta plena aceitação:

Inclui a sujeição de Jesus Cristo ao Pai (1Co 15:27, 28), da Congregação cristã a Jesus (Ef 5:24) e a Deus (He 12:9; Tg 4:7), dos cristãos individuais àqueles que tomam a dianteira na Congregação (1Co 16:15, 16; He 13:17; 1Pe 5:5), das mulheres cristãs ao arranjo prevalecente na Congregação na questão do ensino (1Ti 2:11), dos escravos aos seus donos (Tit 2:9; 1Pe 2:18), das esposas ao marido (Ef 5:22; Col 3:18; Tit 2:5; 1Pe 3:1,5), dos filhos aos pais (1Ti 3:4; compare isso com Lu 2:51; Ef 6:1) e dos governados aos governantes ou às autoridades superiores (Ro 13:1, 5; Tit 3:1; 1Pe 2:13).²²⁹

As TJs entendem e aceitam, incontestavelmente, como única e verdadeira a sua crença. Assim, para elas, nenhuma outra religião ou crença religiosa tem credibilidade. Quando se dá crédito a outras doutrinas surgem as possibilidades de diálogo entre as diversas identidades religiosas presentes, real ou virtualmente no universo do sujeito. Como o MRTJ não dá esta concessão a nenhuma outra crença religiosa, o associado não vê mais nenhum benefício em dialogar com outras religiões e prescinde socializar-se com os seus membros. Assume um distanciamento, que considera prudente, das pessoas que não congregam com ela. Praticamente se isola dos membros das outras denominações religiosas como uma forma de proteção. Adquire outra personalidade, protegida e, ao mesmo tempo, reforçada pela voluntária e exigida discriminação pela crença. Tal atitude é mostrada quando se frequenta as

²²⁸ Vigilância porque se houver uma TJ com um comportamento contrário às normas morais e religiosas, aquele que disto tomar conhecimento tem o dever de alertá-la e, na persistência no erro, encaminhar a ocorrência aos anciãos da Congregação a qual pertence a transgressora para as devidas providências que vão da simples advertência à desassociação do “desviado”.

²²⁹ EPES, v.3, p.646.

reuniões onde se discute esse assunto entre outros. Por exemplo, um dos temas sugeridos às TJs para palestras é *Alerta que doutrinas falsas contaminam*, embasado na interpretação que fazem de *Mateus 16:6* – “mantende-vos de olhos abertos e vigiai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus”, referindo-se estes últimos citados, segundo eles, aos crentes de outras denominações religiosas.

2.5 A expansão das Testemunhas de Jeová

2.5.1 O MRTJ no mundo

Atualmente, o MRTJ e as entidades jurídicas usadas por ele têm escritórios em muitas partes do mundo. Atuam de forma efetiva em 229 terras²³⁰ (não países) e suas publicações são distribuídas em mais de 110 idiomas²³¹. O MRTJ é reconhecido legalmente na maioria dos países onde atua efetivamente. No ano de 2006 foi realizado o relatório mundial por continente e em todos os países destes continentes que contam com a presença efetiva da Organização. Por este relatório chegou-se aos seguintes totais por continente no ano de 2006:

a) África

A África com um total de 57 (cinquenta e sete) países e com uma população, de acordo com o *Anuário* de 2007, em torno de 802.232.357. Escalados para atender a estas pessoas estão 1.043.393 publicadores, que são as TJs batizadas e com condições de visitar as casas, clubes e outros locais para ensinar as “boas novas” e “colocar”²³² as publicações do MRTJ. O total de estudos bíblicos²³³ realizados foi de 1.903.665. Quase ao terminar esta pesquisa recebeu-se o *Anuário* de 2008 e os números no continente Africano aumentaram

²³⁰ O número de terras é calculado segundo a divisão da Terra no início dos anos 90. Segundo um ancião da Congregação Fábrica, divide-se a Terra por situações que ela atravessa. Por exemplo, se o país é ditatorial o assunto tratado refere-se àquelas necessidades e é adequado às necessidades dela.

²³¹ Segundo números fornecidos no livro TJPRD, p.723, referentes ao ano de 1992.

²³² As TJs usam a expressão “colocar” para designar o ato de dar às pessoas as revistas e/ou tratados, quando as encontram nas ruas ou as visitam em suas próprias residências.

²³³ O MRTJ dá a denominação de “estudo bíblico” a cada estudante que recebe ensino dos publicadores. O total de estudos bíblicos corresponde exatamente ao total de pessoas que aceitaram receber em seus lares o publicador e estão sendo preparadas para o ingresso no MRTJ pelo batismo. Assim, o total de estudos bíblicos é igual ao número de pessoas que em breve serão batizadas.

passando para 2.027.124 estudos bíblicos e o número de publicadores para 1.086.653 bem como ampliou-se para 827.387.930 a população a ser atendida.

b) As Américas

Pelo *Anuário* de 2007, são 55 países das Américas com uma população estimada em 883.782.291. O número de publicadores do Reino é de 3.256.287. O total de estudos bíblicos realizados é de 3.111.358 em 2006. Pelo *Anuário* de 2008 (ano base 2007) os números passaram para uma população a ser evangelizada de 893.357.181 por 3.367.544 publicadores. O total de estudos bíblicos passou para 3.236.692. Um percentual de aumento das conversões em aproximadamente 3,5 % sobre os números anteriores.

c) Ásia e Oriente Médio

A Ásia e o Oriente Médio com 47 países, com uma população de 3.930.343.401 tem um total de 591.750 publicadores e 477.609 estudos bíblicos no ano de 2006. Segundo os últimos números, publicados no *Anuário* 2008 (ano base 2007), houve um aumento geral e atualmente há 607.112 publicadores para assistirem a uma população de 3.993.686.009 habitantes. O total de estudos bíblicos foi de 496.577. Um percentual de conversões de pouco mais de 0,9 % sobre o ano anterior.

d) Europa

A Europa, pelos dados do *Anuário* de 2007, com 46 países, conta com a presença ativa de 1.506.019 publicadores das TJs, encarregados de atender a população estimada em 730.776.667. As TJs perfizeram em 2006 (*Anuário* 2007) um total de 744.319 estudos bíblicos. Segundo o *Anuário* de 2008 (ano base 2007), os números subiram para 47 países, com uma população de 732.610.687 a ser atendida por 1.533.790 publicadores. O total de estudos bíblicos foi de 749.911. O percentual de conversões foi de 1,85 %, aproximadamente, sobre o ano anterior.

e) Oceania

A Oceania com um total de 30 países conta com a presença ativa de 94.323 publicadores para divulgar a obra para uma população estimada em 35.914.649 habitantes. Foram dados 49.667 estudos bíblicos só no ano de 2006. Segundo o *Anuário* de 2008 (ano base 2007) os dados aumentaram para 96.691 publicadores para atender a um universo de

36.829.259 pessoas, perfazendo um total de 51.122 estudos bíblicos. Um crescimento de 2,52% pontos percentuais nas conversões em relação ao ano anterior.

2.5.2 Relatório Mundial do MRTJ

Até 1980, as TJs estavam em condições de levar avante sua obra de pregação legalmente em 187 países. Este número vem crescendo à medida que vão sendo formadas sociedades jurídicas locais para que o MRTJ possa atuar em harmonia com as normas do governo. Em outros países, as antigas maiores sociedades jurídicas das TJs são registradas legalmente, a fim de se permitir a livre movimentação de seus membros em suas atividades de posse de propriedades, o envio de missionários e o recebimento de carregamentos de literatura bíblica.

A ilustração 1, a seguir, expressa os indicativos do ano de serviço 2007, ano de exercício 2008.

Totais Gerais	2007	2006
Filiais e congêneres das Testemunhas de Jeová ²³⁴	113	114
Número de países que relataram ²³⁵	236	236
Total de Congregações	101.376	99.770
Assistência à Comemoração ²³⁶	17.672.443	16.675.113
Participantes da Comemoração ²³⁷	9.105	8.758
Auge de publicadores a serviço do Reino ²³⁸	6.957.854	6.741.444
Média mensal de publicadores ²³⁹	6.691.790	6.491.775
Porcentagem de aumento sobre 2006	3,1% s/2006	1,6%

²³⁴ Filiais e congêneres são as Congregações instaladas em um Salão do Reino e as entidades jurídicas necessárias para seu funcionamento legal.

²³⁵ Total de Congregações que fizeram o relatório mensal das atividades de cada membro.

²³⁶ Número de pessoas TJs e visitantes que foram à Comemoração religiosa da morte de Cristo.

²³⁷ Número de ungidos presentes.

²³⁸ O número máximo de publicadores no ano.

²³⁹ Número de publicadores dividido por 12 meses.

Número de batizados	298.638	248.327
Média mensal de pioneiros auxiliares ²⁴⁰	312.741	269.557
Média mensal de pioneiros ²⁴¹	678.638	642.182
Total de horas gastas no campo ²⁴²	1.431.761.554	1.333.966.199
Média mensal de estudos bíblicos ²⁴³	6.561.426	6.286.618
Total de ministros ordenados ²⁴⁴	19.581	19.328
Total de gastos com missões em US\$ ²⁴⁵	121 milhões	111 milhões

Ilustração 1: Quadro de indicativos gerais das Testemunhas de Jeová.

Fonte: Dados do **Anuário** 2008, (Elaborado pela autora).

As maiores corporações reconhecidas legalmente, que representam as TJs e as datas em que foram organizadas, são as seguintes:

- 1884 Escritório Central – sede da Organização das TJs
Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania – EUA
- 1909 Escritório Central – sede da Organização das TJs [atualmente]
Watch Tower Bible and Tract Society of New York, Inc. – EUA.
- 1914 International Bible Students Association, Londres, Inglaterra, e corporações filiais no Canadá e em outras nações da Comunidade Britânica.
- 1953 Monomi-no-To Seisho Sashhi Kyokai (Japão).
- 1956 Wachturm Bibel-und Traktat-Gesellschaft (Alemanha).
- 1979 Association Chrétienne Les Témoins de Jéhovah de France (França).

2.5.3 O MRTJ no Brasil

O livro *TJPRD* descreve o povo brasileiro como muito religioso e predominantemente católico e, usando suas próprias palavras:

Gigante [...] um povo bondoso, de coração aberto, com inclinações religiosas, e que aprecia muito a música e os esportes. [...] O Catolicismo Romano é a religião predominante, embora haja bom número de protestantes, de judeus e de muçulmanos. O espiritismo, em suas formas

²⁴⁰ Pioneiro auxiliar é a TJ que dedica 70 horas de serviço de campo.

²⁴¹ Pioneiro especial é o que faz 840 horas anuais de serviço de campo.

²⁴² Total de horas de pregação bíblica feita de casa em casa.

²⁴³ Estudo bíblico é o mesmo que estudante. O número de estudos bíblicos corresponde ao número de estudantes e futuras TJs.

²⁴⁴ Os ministros são as TJS que servem nas sedes em todo o mundo. Todos são membros da Ordem Mundial dos Servos especiais de tempo integral das TJs. São pioneiros especiais com 840 horas de serviço de campo por ano.

²⁴⁵ O dinheiro é gasto para a manutenção de pioneiros especiais, missionários e superintendentes viajantes nas suas designações de serviço de campo e publicações.

supostamente mais elevadas, bem como em suas formas inferiores (a macumba, a magia negra), bem como a superstição e a astrologia, são amplamente praticados, até mesmo por católicos.²⁴⁶

2.5.3.1 Expansão do MRTJ no Brasil

a) 1920 – Rio de Janeiro

O primeiro estado brasileiro a receber simpatizantes do MRTJ foi o Rio de Janeiro. Segundo o *Anuário* de 1974, no Brasil a mensagem das TJs foi ouvida pela primeira vez por volta de 1920, trazida por oito marujos brasileiros que leram a “Carta das Épocas” na cidade de Nova Iorque em uma vitrine de um salão de reuniões de um pequeno grupo de Estudantes da Bíblia, como eram conhecidas as TJs, e sentiram vontade de saber mais. Com este objetivo, enquanto o seu navio “São Paulo” sofria reparos em Nova Iorque voltaram até aquele salão e ouviram atentamente o que foi dito no discurso religioso. Ficaram motivados com a mensagem e passaram a freqüentar as reuniões aos domingos. Liam todas as publicações que recebiam e deste modo tiveram oportunidade de saber mais sobre o que aqueles estudantes da Bíblia ensinavam.

Os marujos conseguiram um exemplar da única publicação que a Organização das TJs tinha em português, a Bíblia e algumas revistas em espanhol e dessa forma continuaram a estudar sem que os colegas do navio soubessem, pois temiam as zombarias por parte da tripulação. À medida que liam as escrituras, segundo o mesmo relato, sentiram-se encorajados pelos estudos e começaram a divulgar o que aprendiam entre os colegas. Dois “irmãos”, que sabiam a língua portuguesa, chamados Frank Silva e John Perry muito os ajudaram neste trabalho. Em 10 de março de 1920 retornaram ao Brasil e resolveram morar juntos no Rio de Janeiro, onde continuaram a estudar através das revistas e das correspondências com Frank e Perry.

Como queriam muito divulgar as “boas novas”, traduziram algumas obras e imprimiram alguns tratados com matérias retiradas das publicações, um deles foi denominado *O Milênio*. O estudante Pinho lembrou-se de distribuí-lo às portas das igrejas após os ofícios religiosos e os outros estudantes, como o seu colega Diniz, faziam sermões em alguns parques públicos. Rutherford, presidente da Sociedade na época, teve sua atenção voltada para o

²⁴⁶ ANUÁRIO. Op.cit., 1974, p.33.

interesse do grupo que, a cada dia, crescia em número e, em março de 1922, enviou George Young para o Rio de Janeiro como seu representante.

Uma reunião pública especial foi realizada no auditório do Automóvel Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, em março de 1922, e o assunto do discurso foi *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão!* Relatam as TJs que foi um sucesso tão grande que viram a necessidade de alugar um espaço para abrigar regularmente os Estudantes Internacionais da Bíblia. O Salão Nobre do Instituto de Literatura Portuguesa foi o local escolhido para as reuniões, que aconteciam todos os domingos, e onde foi realizado o primeiro batismo do grupo, em 10 de outubro de 1922. Entre eles estavam Aristides Corrêa Pinho e Januário da Silva Diniz.

Foi estabelecida uma filial num pequeno escritório situado à Rua do Rosário, nº. 76, 2º andar, Rio de Janeiro, mais tarde transferido para Rua Ubaldino do Amaral, 90. A Sociedade Torre de Vigia (dos EUA) organizava assim a sua primeira filial na América do Sul. Os associados recebiam primeiramente as revistas e publicações em espanhol. A edição em português foi iniciada com o primeiro assunto na *Torre de Vigia* baseado em *Sofonias 3:16* – “Não Deixe as Suas Mãos Enfraquecerem”. Outros artigos eram *A Causa Principal*, *O Amor*, e *Está Usando a Sua Mina?* Este último, fulcrado em *Lucas 19:13*.

b) 1923 – São Paulo

Em 1923, o MRTJ chegou ao estado de São Paulo com o interesse de algumas pessoas da comunidade. Young, em uma de suas visitas àquela cidade, proferiu o discurso *A Bíblia e o Espiritismo*, no Conservatório Musical. Entre os ouvintes estava Jacintho Pimentel Cabral que se dispôs a oferecer a sua casa como lugar das reuniões para os Estudantes da Bíblia. Mais tarde, tornou-se membro da família de Betel no Brasil. Quase ao mesmo tempo, Felino Bonfim d’Almeida, empregado do departamento de saúde pública do Rio de Janeiro, resolveu distribuir as publicações jeovianas por todo o país e teve relativo êxito nesta empreitada. Felino continuou a pregar até a sua morte, em 24 de agosto de 1955.

A fim de atingir mais pessoas, em 1937, as TJs da filial em São Paulo conseguiram que uma estação de rádio dessa cidade “transmitisse os discursos de cinco minutos do Juiz Rutherford três vezes por semana, em espanhol, inglês e alemão”²⁴⁷. Apesar de ter o contrato a duração de um ano, foi interrompido, após quatro meses de funcionamento, quando ao ser tocado o disco *Purgatório* houve uma forte discussão entre os católicos da região. Para evitar

²⁴⁷ ANUÁRIO. Op.cit. 1974, p.46.

a repetição destes fatos, a emissora de rádio se recusou a continuar as transmissões da Sociedade.

Contudo, a Sociedade promoveu outro instrumento de propagação de suas mensagens em São Paulo: o carro-sonante. Este carro-sonante era um Chevrolet ano 1936, com uma corneta em sua capota.

Por uns oito meses e meio, este meio de soar a mensagem do Reino foi usado cada semana nas praças públicas, tais como o Jardim da Luz e a Praça da República, bem no centro da cidade. Os discos eram tocados em vários idiomas. O carro-sonante também era usado eficazmente nos feriados e nos cemitérios no ‘Dia de Finados’.²⁴⁸

Uma das autoridades municipais, o Sr. Carlos Lopes, fez com que estes discursos divulgados pelos auto-falantes cessassem durante algum tempo, ao exigir uma licença municipal que só foi conseguida em janeiro de 1938. Os discursos voltaram a ser propagados em discos no idioma espanhol e, em outubro do mesmo ano, vieram os primeiros discos em português que foram tocados muitas vezes pelos vinte fonógrafos (toca-discos) espalhados pela cidade.

Nas grandes áreas metropolitanas, como São Paulo, apesar das dificuldades encontradas inicialmente, os proclamadores conseguiram implementar a “obra”. Pelos dados colhidos no mesmo *Anuário*, na Grande São Paulo, há 241 congregações, com 20.033 publicadores, inclusive 217 pioneiros. No estado inteiro de São Paulo há 494 congregações, com 30.953 publicadores, ou quase a metade do número total de congregações e publicadores no Brasil, que se empenham em procurar as pessoas em suas próprias residências para ensinar o que aprenderam e “colocar” as publicações semanais do MRTJ.

c) 1927 – Rio Grande do Sul

Por volta de 1927 o Sul do país recebia notícias esparsas sobre o Novo Reino. Alexandre Gauze, ao ver um folheto sobre a Bíblia enquanto falava com um seu vizinho, perto da cidade de Erechim, pediu para lê-lo e, interessado, leu também outras publicações, recebidas por este vizinho, de um primo de Nova Iorque. Mais tarde escreveu à Sociedade “solicitando mais informações. Depois de ler as outras publicações disponíveis, ele as

²⁴⁸ Idem, p.47.

emprestou a seu cunhado, Bronislau Komka (nascido em Kraczevice, Lubin, Polônia)”²⁴⁹. Komka leu os folhetos e tentou sem grande êxito divulgá-las entre seus familiares.

Gauze foi entrementes visitado por um peregrino, Paulo Sadove, que implementou o estudo iniciado, e juntos visitaram Santa Rosa pregando o que haviam aprendido. Ambos foram expulsos da Igreja Adventista à qual supostamente pertenciam e assim ficaram mais livres para pregar. Em 1940, Komka foi indicado Superintendente da Congregação de Erexim. Em 1943, formou-se a Congregação de Getúlio Vargas sob a superintendência de Manoel Skrzek, também polonês.

Para o Rio Grande do Sul veio outra Testemunha européia, Erich Kattner, trabalhador do lar de Betel em Praga. Foi designado primeiramente para a zona rural do noroeste do Rio Grande do Sul. Região de difícil acesso onde, depois de trabalharem na lavoura por vários dias, ele e outros saíam para dar testemunho de colônia em colônia, ensinando a poloneses, alemães, russos e italianos. Kattner logo aprendeu a língua portuguesa e foi convidado a trabalhar no Betel do Brasil, em 1944. “Daí cursou a décima sexta turma de Gileade e foi designado de novo ao Brasil, (...) tanto como superintendente de circuito como de distrito antes de voltar para Betel, em 1953”²⁵⁰.

d) 1931 – Amazonas

No estado do Amazonas, em 1931, alguém enviou tratados bíblicos para várias igrejas batistas situadas nesta região. Zeno de Oliveira Simões, pastor batista no distrito de Pesqueira, após discutir sobre o tema “inferno” com seu irmão Guilherme, iniciou um estudo com ele. Guilherme solicitou da Congregação de São Paulo várias publicações e com elas convenceram suas famílias à conversão e, neste mesmo ano, foi fundada a Congregação das TJs no Brasil em Manaquiri, a primeira no meio das selvas do Amazonas. Esta Congregação, com o passar do tempo, se tornou a maior do Brasil, na época com cerca de setenta membros, inclusive crianças.

Segundo o *Anuário* referente ao ano de 1973 e publicado no ano de 1974, no interior da imensa selva amazônica, no estado do Amazonas, havia, até o ano de referência, 36 congregações, com um total de 890 publicadores, muitos dos quais viajavam em seus barcos a motor e barcos a remo para visitar os habitantes daquele estado. Na região conhecida como Amazônia legal, que inclui também os estados do Pará, do Acre, Rondônia, Roraima e Amapá, estão trabalhando, efetivamente, em um total de 73 congregações com 1.895

²⁴⁹ ANUÁRIO. Op.cit., 1974, p.43.

²⁵⁰ Idem, p.49.

publicadores que levam avante a missão a que se obrigam as TJs de pregar as “boas novas”. Nesta área há 42 pioneiros especiais que se ocupam em abrir novos territórios.

e) 1934 – Bahia

Na Bahia, no ano de 1934, o Professor George Shakhashiri, uma TJ, chegou de navio a Salvador para visitar seu irmão e, no tempo de parada, usou sua folga para visitar alguns amigos libaneses e para colocar²⁵¹ muitas publicações bíblicas em árabe. Conheceu Amim Jorge Jacob Darzé, também uma TJ, no dia anterior à partida de seu navio.

Darzé, nascido no Líbano em 20 em maio de 1914, era emigrante e veio para o Brasil em 1925. Como eram muito pobres, Darzé vendia tudo o que lhe caía nas mãos, tornando-se um mascate ou vendedor ambulante. Ao se casar com uma jovem moça da Igreja Batista, ficou muito envolvido com essa religião e passou a freqüentá-la com mais assiduidade. Após algum tempo, já insatisfeito com a doutrina desta crença, teve um rápido contato com Shakhashiri, que deixou com ele muitas publicações do MRTJ e prometeu mais publicações em português. Quando Darzé foi batizado, em 1935, sua casa se tornou um centro de estudo bíblico. Em junho de 1945, a primeira Congregação da Bahia foi organizada em Salvador e o libanês foi indicado superintendente.

No estado da Bahia, do trabalho de Shakhashiri e do libanês Darzé, iniciado em 1935, resultou, segundo o *Anuário* das TJs, os totais de 70 congregações, com 5.751 publicadores e 55 pioneiros, na capital, Salvador. No estado inteiro, existiam, pelos últimos dados obtidos, 171 congregações, com 8.462 publicadores, 123 pioneiros regulares e 55 pioneiros especiais.

f) 1935 – Santa Catarina

Em 1935, estabeleceram em Blumenau os pioneiros da Alemanha, Theodor e Alexander Mertin, e reiniciaram seus ensinamentos bíblicos visitando cidades e vilarejos do vale do Rio Itajaí. Mais tarde, convidaram outro casal, Leopoldo Koenig e sua esposa Ida, a trabalhar com eles. Os Koenig, nascidos na Áustria, pioneiros na Europa desde a década de 1920, continuaram a prestar no Brasil estes serviços.

Em Santa Catarina, onde estava a maior colônia alemã no Brasil, era difícil a locomoção para quem não falasse a língua alemã. Esta dificuldade foi sanada quando, por um decreto do governo brasileiro, todas as escolas foram obrigadas a falar e a ensinar na língua portuguesa o que, em seu devido tempo, facilitou o ensino das TJs.

²⁵¹ O MRTJ usa o termo “colocar” para significar uma visita religiosa feita, deixando nesta visita uma ou mais publicações jeovianas.

g) 1938 – Alagoas

Em 1938, a Congregação se estabeleceu em Maceió, capital de Alagoas, através do proclamador Aristides Corrêa Pinho.

h) 1939 – Paraná

Entre os estrangeiros recém-chegados ao Brasil se achavam TJs. Entre elas estava o alemão Otto Estelmann, sendo Testemunha batizada em dezembro de 1920. Ao chegar ao Brasil, radicou-se no Paraná em 1939, tinha quarenta e quatro anos. Trabalhou em Curitiba e em várias outras cidades, tais como Santa Maria, Ijuí e Santa Cruz, no Rio Grande do Sul. Foi preso muitas vezes, suspeito de espionagem nazista, inocentado seguiu à frente da pregação, que considerava sagrada na sua vida.

i) 1940 – Pernambuco

Em 1940, Pinho foi enviado como pioneiro especial²⁵² para Pernambuco e, em Recife, ajudou a organizar uma Congregação, naquele tempo, uma das quinze existentes em todo o Brasil.

j) 1941 – Minas Gerais

No estado de Minas Gerais as Tjs se instalaram em 1941 e assim se referiram à população local:

Apesar do domínio do clero católico, empreendeu-se então um trabalho de implementação do ensino já anteriormente iniciado. No princípio de 1941, Basílio Korolkovas, seus dois filhos e sua nora, foram designados a trabalhar em todas as cidades e localidades ao longo da ferrovia ‘Centrar’, desde Afonso Arinos até Belo Horizonte, a capital do estado. Começando em Juiz de Fora, como a base de suas operações, visitaram o chefe de polícia e lhes foi assegurada plena liberdade de fazer sua obra. No entanto, o bispo protestou, e, pelo alto-falante da igreja matriz, continuou a bradar acusações contra os irmãos e contra o irmão Rutherford. Muitas pessoas ali não concordaram com ele, contudo, ficaram com mais de 300 livros e 2.000 folhetos.²⁵³

²⁵² A Organização das TJs denomina pioneiro auxiliar à TJ que faz o trabalho de campo com duração não inferior a 50 horas mensais. O pioneiro regular se obriga a 840 horas anuais e o pioneiro especial dedica mais de 70 horas mensais.

²⁵³ ANUÁRIO. Op.cit., 1974, p.54.

Viajando para Santos Dumont e depois para outras cidades do interior de Minas Gerais, as TJs agora pediam primeiro autorização às autoridades para então distribuir suas revistas. Trabalhando desta forma expandiram-se pelas cidades visitadas e em setembro de 1942:

O Brasil foi incluído numa cadeia de oitenta assembléias a serem ligadas com a realizada em Cleveland, Ohio, a *Assembléia Teocrática do Novo Mundo*. Para o discurso público, alugou-se o Hotel Terminus, local elegante no centro de São Paulo. Um total de 721 pessoas estavam presentes no domingo, quando o irmão Adelino dos Anjos Gomes proferiu o discurso especial *Paz – Pode Durar?*.²⁵⁴

2.5.3.2 Desafio em terras brasileiras

Na “terra” Brasil o MRTJ encontrou obstáculos que dificultaram, mas não impediram, a continuação até os dias atuais da “obra”. As TJs, Herman Bruder e Horst Wild, junto com suas esposas, também vieram da Europa para o Brasil. Ao chegarem foram presos suspeitos de nazismo, em fevereiro de 1940. Porém, foram soltos e reiniciaram sua obra de proclamadores. Wild serviu por muitos anos como superintendente da cidade em São Paulo, e, até junho de 1971, foi diretor da Sociedade legal no Brasil.

Em novembro de 1937, obteve-se o registro junto ao governo brasileiro da Sociedade sob o nome em inglês, *Watch Tower Bible and Tract Society*, como filial da Sociedade estadunidense. E, alguns dias antes da publicação deste registro, a Terceira Câmara do Tribunal de Impostos e Taxas em São Paulo, declarou que a Sociedade estava isenta do pagamento de impostos sobre suas publicações e as mesmas teriam livre trânsito entre os estados da União.

Em setembro de 1939, a mensagem contida nos folhetos *Encare os Fatos e Fascismo ou Liberdade* provocou reações diversas, o que fez com que a polícia municipal e outras autoridades começassem a perseguir as TJs e pôr obstáculos contra a obra. Alguns associados, inclusive o superintendente da filial, foram detidos e presos por cerca de vinte e duas horas.

²⁵⁴ Idem, p.54.

Relatam as TJs o aumento da pressão contra elas “até que em 31 de maio de 1940, a Sociedade foi avisada de que o Ministro da Justiça tinha decretado a proscricção da Sociedade no Brasil”²⁵⁵. Em dezembro, Yuille foi detido por algumas horas e foram confiscados uns 20.000 folhetos *Fascismo ou Liberdade*. Foi um tempo de dificuldades. Os folhetos confiscados foram mais tarde devolvidos. O nome da revista foi mudado para *Atalaia, Anunciado o Reino de Jeová* para desviar a atenção do Governo. Em janeiro de 1943, por exigência legal pedida pelos adventistas que tinham uma revista com nome semelhante, novamente foi mudado para *A Sentinela*, nome que perdura até os dias atuais, tirado de *Isaías 21:6*.

Segundo as TJs, as dificuldades encontradas para obter o reconhecimento legal para a Sociedade no Brasil só foram ultrapassadas em abril de 1957, ano da eleição para presidência do Brasil, do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. O presidente aprovou o parecer legal do Consultor-Geral da República, Dr. A. Gonçalves de Oliveira, que recomendava o arquivamento, ou fim do processo, contra a *Sociedade Torre de Vigia*. Esta decisão foi publicada no *Diário Oficial*, de segunda-feira, oito de abril de 1957.

Segundo o relato, mesmo com o reconhecimento legal os problemas enfrentados eram ainda muitos. Havia uma crise mundial na época e as TJs eram vistas com desconfianças por causa de seus hábitos, sobretudo sobre o cumprimento de serviço militar obrigatório para todos os brasileiros capazes. Elas, por objeção da consciência, não podiam portar armas. Em 1953 aconteceu, depois de muita celeuma, a primeira isenção legal da obrigação militar, dada pelo Governo às TJs com base na Constituição de 1946 que preconizava que qualquer pessoa que alegasse objeção da consciência poderia pedir a provisão constitucional da isenção do serviço militar. Todavia, apesar deste precedente, muitos associados sofreram agressões e até penalidades por parte de algumas autoridades que não interpretavam de forma correta o dispositivo constitucional. Afinal, para esclarecer o processo e terminar com as irregularidades, o governo do Marechal Arthur da Costa e Silva, no Decreto nº 56, de oito de junho de 1967, delineou “instruções pormenorizadas e completas para o andamento de todos os casos de isenção do serviço militar à base de convicções religiosas”²⁵⁶.

Até 1973, no Brasil, os números estavam no seguinte patamar, segundo o *Anuário* de 1974, até maio:

Média de Publicadores	72.058
N.º de Congregações	1.539

²⁵⁵ ANUÁRIO. Op.cit., 1974, p.51.

²⁵⁶ ANUÁRIO. Op.cit., 1974, p.79.

Revistas Avulsas Distribuídas	3.961.950
-------------------------------	-----------

Ilustração 2: Quadro das publicações I.

Fonte: Dados do Anuário, 1974 (Elaborado pela autora).

2.5.3.3 Fatos ocorridos durante o Governo Militar

Em janeiro de 1967, realizou-se o congresso internacional em São Paulo com a presença de seis dos diretores das corporações da Sociedade: Knorr, Franz, Henschel, Suiter, Couch e Larson. O local da assembléia foi o Estádio do Pacaembu, com a participação de 46.151 ouvintes do discurso *O Milênio da Humanidade sob o Reino de Deus*.

Em 1969, um decreto instituiu o ensino nas escolas da disciplina “Educação Moral e Cívica”. Logo após, aconteceram alguns casos isolados de expulsão das escolas, quando jovens TJs se recusaram a cantar o hino nacional ou a participar em cerimônias de saudação à bandeira. Em Rio Claro, estado de São Paulo, doze estudantes foram levados à polícia e seus pais ouvidos juntamente com o diretor da escola. Após este procedimento, a polícia enviou o caso para ser considerado pelo DEOPS (um departamento da Secretaria de Segurança Pública). Oswaldo Monezi e Augusto S. Machado Francisco, então presidente e secretário respectivamente da Sociedade no Brasil, esclareceram o motivo do procedimento das crianças e o DEOPS expediu um atestado de boa conduta para a Sociedade.

Outro caso ocorrido com trinta crianças, nesta mesma época, que sofreram um processo de expulsão numa escola na cidade de São Paulo. Em Santo André, o pai de uma criança TJ, apresentou um recurso à Secretaria de Educação de São Paulo em que delineava a posição de consciência de seu filho, razão pela qual havia a recusa em participar de sessões cívicas.

O assunto foi entregue à Comissão Estadual de Moral e Civismo, composta de dez membros, entre os quais havia três membros das forças armadas, advogados, professores e uma freira. Um parecer favorável foi escrito por esta comissão, mas a Secretaria de Educação preferiu rejeitá-lo, e enviou o caso para a Comissão Nacional de Moral e Civismo. (...) Visto que o Parecer desta Comissão Federal seria apresentado ao Ministro da Educação, foram arranjadas entrevistas com seus consultores jurídicos por parte dos diretores da Sociedade, e um dos diretores também conseguiu considerar o assunto pessoalmente com o Ministro da Educação.²⁵⁷

²⁵⁷ ANUÁRIO. Op.cit., 2008, p.81-82.

O Parecer da CEMC/SP, conforme publicado no *Diário Oficial*, órgão do Governo, embora não isentasse os filhos das TJs das cerimônias cívicas, deveras reconhecia o direito constitucional à liberdade de religião e à liberdade de consciência. O mesmo Parecer dava a devida consideração à pessoa de Deus! O Parecer também citava a Declaração *Dignitatis Humanae*, de 1965, comentando que todos devem ser imunes à coerção, de modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a sua consciência nem impedido de agir.

2.5.3.4 Números atuais do MRTJ no Brasil

Atualmente, pelas informações tiradas do *Anuário* 2008, com referência ao ano de 2007, no Brasil são:

Auge da publicação em 2007	679.211
Proporção	Uma publicação para cada grupo de 279 pessoas
Média de publicação	649.772
Porcentagem de aumento sobre 2006	4%
Média de publicação em 2006	624.140
Nº de batismos	36.784
Média de pioneiros auxiliares	28.348
Média de pioneiros	49.115
Nº de congregações	10.251
Total de horas	127.169.286
Média de estudos bíblicos	736.714
Assistência à comemoração	1.697.318

Ilustração 3: Quadro das publicações II.

Fonte: Dados do Anuário 2008 (Elaborado pela autora).

2.5.4 O MRTJ em Juiz de Fora

O estado de Minas Gerais, “rico em minério de ferro, ouro, em recursos hidrelétricos e gado (...) povoado por católicos carolas, muito dos quais acham até mesmo impossível de imaginar trocarem de religião”²⁵⁸, também recebeu a visita das TJs em fevereiro de 1924. O primeiro contato foi através de Isaías Lourenço Ferreira, que recebera os folhetos, ainda acamado no Hospital Central da Marinha, na Ilha das Cobras. Ao deixar o hospital continuou

²⁵⁸ ANUÁRIO. Op.cit., 1974, p.39.

a assistir às reuniões e foi batizado em agosto de 1924. Logo depois, mudou-se para Guarani, Minas Gerais, e ali começou a pregação nas suas horas de folga e na pequena empresa de beneficiamento de café onde trabalhava.

Em 1938, na cidade de Juiz de Fora, Isaías andava pela feira, certo dia, quando encontrou Antônio Pereira Júnior, vendedor de frutas, que ouviu com razoável interesse a mensagem religiosa que Isaías leu para ele. Depois disto Isaías o visitou algumas vezes e quando Antônio ia ao Rio pegar mercadorias para vender o ajudava e viajava com ele. Nestas viagens ele se supria das publicações religiosas, pegando-as na filial. Os dois se ajudavam, juntos vendiam as frutas e depois iam distribuir as revistas. Antônio e o amigo se converteram ao MRTJ. Os dois logo se tornaram proclamadores da doutrina e se empenharam em construir na cidade o primeiro Salão do Reino.

Em Juiz de Fora, com o passar dos meses, Antônio se organizou de modo a poder viajar para outros lugares a trabalho e também ao ensino da mensagem de Jeová. Assim, “fortalezas do catolicismo, tais como Santos Dumont, Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Belo Horizonte, Sabará, Nova Lima e Sete Lagoas foram visitadas”²⁵⁹. Atualmente, a organização de Jeová está presente em quase todo estado de Minas Gerais.

Nos dias de hoje, os Salões do Reino das TJs estão presentes e funcionando em 30 bairros da cidade. Eles são abertos ao público quatro vezes por semana para as reuniões e encontros que acontecem sempre à noite. Nos salões há de um a seis “anciãos”, conforme sejam residentes nas imediações do Salão sob a direção de um deles, designado. Juntos são responsáveis pelas reuniões de discursos, estudos, planejamento de visitas domiciliares, distribuição de publicações, recolhimento e destino das contribuições e demais serviços de administração e manutenção. Não há altar nem qualquer símbolo religioso, apenas do lado de fora, em pequeno destaque, o nome “Salão do Reino das Testemunhas de Jeová”.

Os salões são construídos em sistema de mutirão, em um bairro escolhido pela organização, por pedreiros, carpinteiros, eletricitas, bombeiros e outros profissionais pertencentes à própria Congregação beneficiada e a algumas outras mais próximas, também construídas com a mesma arquitetura e cor clara, geralmente, amarelo-ocre, nos mesmos moldes. Todos os homens e as mulheres que trabalham na construção da nova sede são voluntários e participam desta empreitada em suas horas de folga. As mulheres fazem o almoço e os lanches para todos os trabalhadores e os homens preparam o terreno legalmente adquirido e na construção. Em poucas semanas, erguem a edificação, pintam, limpam e ornamentam o novo local que vai abrigar os associados da nova Congregação.

²⁵⁹ Idem, p.40.

Em Juiz de Fora, os Congressos são realizados geralmente no campo de *Sport Club de Juiz de Fora*, mas na ausência de disponibilidade deste local podem ser realizados em outro local com igual capacidade.

Nesta cidade, os salões são construídos, em sua maioria, para atender até cento e cinquenta pessoas sentadas, mas segundo o ancião porta-voz, para seguir o disposto na Bíblia, de bem ensinar, toda vez que o número de participantes ultrapassa o total de 100 pessoas, a Congregação se desmembra e muda para outro local onde é providenciada a construção para seu abrigo. Não havendo esta possibilidade, as reuniões da recém-criada Congregação passam a ser realizadas no mesmo Salão do Reino, porém em dias diferentes e, se necessário, no mesmo dia em horários diferentes.

Um dos mais novos Salões do Reino foi construído no Bairro de Santa Terezinha e abriga a Congregação do mesmo nome. A Congregação Central, atualmente se encontra desmembrada e se formou nova Congregação: ambas funcionam no mesmo prédio, à Rua Constantino Paletta. A Congregação Fábrica também foi desmembrada e a nova Congregação foi deslocada para o Bairro Industrial, onde funciona em prédio próprio.

O crescimento do MRTJ em Juiz de Fora, além de outros fatores, deve-se à atenção dada às pessoas que, ou por curiosidade ou por interesse religioso, procuram o Salão das TJs e à persistência com que as TJs e os novos conversos trabalham no “campo”.

A nova identidade religiosa dos conversos promove neles um afastamento radical, e cada vez mais e a todo o momento, da personalidade anterior, na medida em que colocam como objetivo primeiro o crescimento em número e no espaço de TJs dispostas a repetir com intensidade a sua façanha. No fazer-se convertido, a ruptura que é engendrada na pessoa vai se tornando familiar e querida, pois na conversão é um novo ser que emerge, sem nenhum lastro com o seu antigo ser.

No capítulo 3, ao analisar este fenômeno, procurar-se-á demonstrar como esta pertinácia frente à mudança constrói o edifício da nova identidade religiosa, com todo um complexo de atitudes e hábitos marcados pelo distanciamento do antigo modo de ser e de agir.

3 CONSTRUÇÃO DA NOVA IDENTIDADE RELIGIOSA A PARTIR DO DISCURSO DO CONVERTIDO

3.1 Introdução

Durante quase toda vida convivemos com outras pessoas. Primeiramente com pessoas da própria família, depois com os conhecidos da família e com uns variados tipos de conhecidos e desconhecidos. Círculos de relacionamento são adicionados ao círculo familiar e se estendem abrangendo outros grupos sociais. Nestes grupos, são contatados amigos e inimigos, conhecimentos e desconhecimentos, voluntários e involuntários. Nessa convivência, aprender e ensinar, copiar e ser copiado, amar ou odiar são ações que se confundem num emaranhado de circunstâncias e sentimentos.

No constante conviver, a pessoa se percebe parte de fenômenos psíquicos e sociais. Neste processo de inter-relações, do qual nenhum ser humano escapa, surgem as inevitáveis adaptações ou as mudanças. A identidade religiosa não é estática. Como as sociedades, ela se desenvolve, adapta-se ou é substituída por outra que pode ser bem diferente. O social exerce notável influência tanto nas mudanças como nas permanências. E, de acordo com Rodrigues, “somos muito suscetíveis à influência exercida pela atividade expressa ou mera presença passiva de outras pessoas”²⁶⁰. E esta influência ainda é maior em situações de anormalidade em que “a presença de outros em situações críticas influi decididamente no comportamento das pessoas”²⁶¹.

Dentro do atual contexto da sociedade, algumas pessoas, por diversos motivos e em diversas situações afetivo-emocionais, são levadas à construção de uma nova identidade religiosa. No caso específico das TJs e sob o ponto de vista dos conversos, este processo não passa por “arranjos”, porém, passa por uma eliminação de conceitos básicos para que não se edifique sobre uma base “ruim”. Os conversos constroem a sua nova identidade religiosa, não sobre a anterior com adaptações, cortes ou concessões, mas a constroem em “substituição”, usando a mesma terminologia do MRTJ²⁶², por outra que se quer, de forma notória, diferente.

²⁶⁰ RODRIGUES, Aroldo. Op.cit., p.31.

²⁶¹ Idem, p.33.

²⁶² Quando as TJs falam de conversão, elas usam a expressão “substituição de identidade”, pois não se pode “colocar uma roupa limpa sobre uma roupa suja” ou “maças de prata em bandeja de ouro” e “maças de ouro em bandeja de prata” (Palavras de uma TJ por ocasião de uma conversa em campo).

O objetivo deste trabalho é perceber de que forma a pessoa convertida ao MRTJ lida com situações de sua vida que vão de encontro às crenças e aos pressupostos religiosos que a nova identidade impõe e de que forma o converso se harmoniza consigo mesmo ao seguir as regras da congregação, que são tão diferentes do ordenamento anterior. E também verificar o comportamento da nova TJ diante de situações em que há enfrentamento entre razão e crença, ocasiões em que o amor familiar e a obediência civil são desafiados pelas regras impostas pela opção de fé.

A referência a textos bíblicos é uma constante na linguagem dos conversos. Uma forma de “justificar” e dar reforço positivo às suas idéias e atitudes. Nota-se uma satisfação muito grande do converso em demonstrar o quanto conhece da Bíblia, como seus atos são guiados por ela e como este seu modo novo de ser o agrada. A opinião que tem sobre si mesmo passa a ser mais importante para ele do que a dos estranhos a sua crença. A conversão é, para ele, motivo de orgulho e demonstra através de palavras que não lhe basta ser uma TJ, ele necessita mostrar que o é.

Os conversos de ambos os sexos, pelas respostas que dão às entrevistas e pelo modo como se portam, têm prazer em ostentar uma diferença com relação aos demais crentes e em demonstrar a todos que estão felizes com isto. Mesmo quando são tratados com indelicadeza e até de maneira preconceituosa, sentem-se aliviados e livres, pois estão a serviço de Deus numa campanha de levar a salvação aos que estão fora do “rebanho” de Jeová Deus. Aos que os tratam com desdém e não os ouvem, em suas visitas no decorrer do serviço de campo²⁶³ para pregação das “boas novas”²⁶⁴, reveladas por Deus na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo, têm uma atitude de compreensão, uma vez que estas pessoas agem assim porque ainda não foram “escolhidas” para fazer parte do Novo Reino. Estas pessoas, segundo as TJs, não merecem deles rancor, mas compaixão.

O estudante começa por conhecer a interpretação das Escrituras Sagradas feita pela organização. Novos significados, com os quais o estudante se identifica intensamente, vão dar a ele uma estrutura de incontestável plausibilidade e que enseja a conversão. Uma avaliação é feita e é positiva, consistente e de acordo com as preferências do estudante e isto é o bastante para fazê-lo mudar de comportamento. A partir desta mudança de atitude, o caminho para a construção de uma nova identidade está aberto. Estes componentes cognitivo, afetivo e

²⁶³ Ao trabalho de ensinar a doutrina de casa em casa as TJs denominam de “serviço de campo” que é feito em duplas masculinas ou femininas.

²⁶⁴ Às mensagens transcritas em suas publicações as TJs dão o nome de “boas novas do Reino de Jeová” simplificadas na expressão “boas novas”.

comportamental, integrantes das atitudes sociais, se influenciam mutuamente e se orientam para um estado de harmonia.

A harmonização com a sua própria pessoa e com os demais membros de sua comunidade familiar é adquirida após um trabalho lento e persistente. Tudo o que lhe é dado fazer é recebido como uma tarefa em cumprimento ao ordenamento divino, recebido e aceito por ocasião de seu ingresso no MRTJ. Esta sua opção voluntária é graças ao livre arbítrio que todo ser humano possui de ser ou não parte do povo escolhido do Reino de Jeová. O converso aprende que seu grande mestre deixou a solução para todos os problemas nos textos bíblicos e é neles que cada associado se inspira e apreende o que precisa para viver bem. A *Bíblia* é consultada a cada dúvida que porventura possa ter. É nela que ele vai se apoiar quando afligido por dúvidas, ansiedades e tristezas nos embates que a vida lhe oferece a cada momento. É uma forma nova de vivenciar os mesmos problemas e de procurar um modo diferente de solucioná-los.

3.2 Considerações acerca de (in)flexões em campo: fazendo etnografia das Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora/MG

3.2.1 Análise das entrevistas

Toda mudança implica sentimentos que se opõem. Estes sentimentos provocam um movimento que é impulsionado em duas direções opostas: uma orientada para a vontade de mudar, motivada por diversas causas, e a outra direção voltada para a resistência à mudança, uma predisposição à desestabilização e à insubordinação às novas opções. Tal predisposição não é incomum. No início do processo de transformação da identidade, observa-se, pela fala do convertido e suas respostas, que nele também há contradições e a conversão provoca esta movimentação, comum nestes casos. De um lado, a tendência de fixar a nova identidade religiosa, como mudanças da linguagem, dos hábitos, etc., e, de outro, em direção contrária, uma resistência a este novo estado. Estes lados antagônicos, às vezes se “aproximam”, no sentido de uma acomodação, porém, nunca em rota de colisão. Por exemplo, quando a princípio o recém-associado procura evitar certos atos e assim minimizar os efeitos de algumas obrigações, como a pregação a domicílio, festejos natalinos e natalícios, aceitação

conformada de impostos, entre outros menos citados, e, deste modo, tentar conciliar antigos hábitos com os novos. Isso, na realidade, não é viável, uma vez que a sua aceitação pelo movimento está condicionada não só à obediência à organização e aos seus ditames, mas também à demonstração externa desta obediência. Uma direção acaba por anular a outra, reforçando a mudança. Desta forma, esta relutância cai, aos poucos, no decorrer do aprendizado e, finalmente, é vencida para a cerimônia do batismo.

Os conversos dizem que entram na organização porque primeiramente, de uma forma ou de outra, se encontravam desconfortáveis na sua crença anterior e com tal disposição aceitaram o “convite” para ouvir os ensinamentos e para visitar o salão, feito por amigos ou familiares ou por publicadores TJs. Através deles – que dão um testemunho pessoal sobre o movimento religioso e sua nova percepção de vida –, acabam sendo persuadidos à conversão. Também porque, de um modo ou de outro, sofrem as influências do fenômeno do pluralismo moderno. Este pluralismo moderno, que segundo Berger e Luckmann, é “causa da crise de sentido da modernidade e leva a um enorme relativismo dos sistemas de valores e da interpretação”²⁶⁵, fenômeno sempre presente nas sociedades dos tempos atuais.

Os novos associados, nas observações feitas em campo e através das conversas informais, consideram o seu instrutor como uma pessoa realmente conhecedora dos caminhos para a salvação e reconhecem nele a figura de um “enviado” de Jeová. Admiram-se com a facilidade com que manuseia a Bíblia e como para cada dúvida apresentada, encontra facilmente a resposta nela. O estudante convertido considera que o encontro com o “irmão” foi uma bênção de Jeová e que estava na sua hora de ser escolhido, entre os muitos chamados. A cada sessão de estudo, a ele é dado, para ler, partes de um livro, como uma tarefa a ser executada para a sessão seguinte. Esta técnica pedagógica, através de perguntas e respostas e a realização de paralelos com os textos bíblicos despertam neles a vontade de adquirir e de ler mais a literatura jeoviana. Ele se entusiasma com as coisas novas aprendidas através de textos sagrados e suas conversas passam a ter uma conotação religiosa, mesmo quando o assunto não é religião. Com as leituras, o converso confessa que o modo de perceber a própria vida e a vida dos outros mudou muito e considera que pertencer a esta organização é identificar-se como um “enviado” com o dever de pregar e instruir as “boas novas”²⁶⁶ através do serviço de campo e “colocação” das revistas e tratados.

O convertido se crê revestido da verdadeira filiação divina e também se identifica como “enviado” e que depois dos estudos precisa cumprir a sua missão de espalhar as boas

²⁶⁵ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Op.cit., p.50-51.

²⁶⁶ Às mensagens contidas nas publicações do MRTJ e respectivas interpretações bíblicas, os publicadores denominam “boas novas”.

novas que teve o privilégio de conhecer. Como foi chamado e escolhido como seguidor e testemunha fiel de Jeová, deverá promover a expansão da organização, possibilitando a salvação para tantos outros que foram “chamados” e, pelo espírito santo de Jeová, foram “escolhidos”. O converso se vê referido nas palavras de Paulo, o apóstolo, em *Romanos 8:16-8*, como se fossem dirigidas, especificamente, a ele.

Na medida em que o converso estuda com o seu instrutor, ele passa a ver a Organização como uma organização terrestre de Jeová separada e com características próprias que a diferencia de todos os demais movimentos religiosos. Gradualmente, a aceitação do modo teocrático e nada democrático de como se organizam, surge simultaneamente com a adoção de certos padrões de comportamento sempre moldados na Bíblia. Não há questionamentos sobre esta forma de governo. Nota-se que o espírito crítico demonstrado por alguns convertidos sobre a organização de sua antiga crença, simplesmente desaparece quando se refere à sua nova opção religiosa. Todo o ordenamento é aceito como indispensável para o cumprimento dos desígnios de Deus.

Os publicadores do MRTJ visam à conversão dos estudantes. Assim, ministram os ensinamentos com base numa metodologia aprendida e repetida durante meses nas reuniões de ministério, com a atenção sempre voltada para o uso, da Bíblia, em todos os momentos. As revistas e os tratados têm todos os assuntos, inclusive os não religiosos, como é o caso da revista *Desperta!*, entrelaçados com os textos bíblicos tanto do NT como do AT. Estes publicadores passam por um período de treinamento nos Salões do Reino que freqüentam, inclusive com sessões de dramatização onde são encenadas várias situações que acontecem nos trabalhos de campo²⁶⁷.

Estes proclamadores²⁶⁸ do Reino de Deus, mesmo em se tratando de outros assuntos laicos, têm um cuidado sempre alertado de estabelecer paralelos com exemplos bíblicos, aliás, trazem sempre consigo a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*²⁶⁹ para consultas e insistem para que o estudante faça o mesmo. O converso se torna um publicador tão logo se demonstre capaz de fazer referências bíblicas e estabelecer paralelos. Todos os convertidos entrevistados se tornaram publicadores. O publicador é a TJ que já se batizou e tem conhecimentos suficientes sobre a organização e a doutrina do MRTJ e demonstra ter vontade e condições de ensinar em domicílio. Pelas entrevistas, sabe-se que muitos demonstraram

²⁶⁷ **ORGANIZADOS PARA EFETUAR O NOSSO MINISTÉRIO.** Op.cit., p.12-31. Só pode ser publicador e fazer o “trabalho de campo” o associado ao MRTJ. Aquele que ensina a Bíblia sem ser TJ é considerado transgressor.

²⁶⁸ As palavras “publicador” e “proclamador” para as TJs têm o mesmo significado: pregador à domicílio.

²⁶⁹ TNMES.

inibição e receio nas primeiras visitas, porém, tais dificuldades foram vencidas após algumas semanas e agora fazem isto de forma bem natural.

Nas reuniões da Congregação, o estudante convertido é recebido com muita simpatia e agrado, o que o faz ficar bem mais à vontade. Alguns dizem que se sentem melhor no Salão do Reino, mesmo quando estudantes, do que no templo ou igreja que antes freqüentavam como crentes. Estes se sentem mais inseridos naquele “estranho” contexto religioso do que se sentiam no seu próprio meio religioso. O motivo deste sentimento é proveniente do fato de se considerarem mais queridos e reconhecidos. Os conversos atribuem esta receptividade ao fato de serem as TJs movidas pelo amor a Jeová Deus e não aceitam a justificativa, lógica até certo ponto, dada pelos adeptos da crença anterior, da quantidade maior de pessoas que freqüentam suas igrejas ou templos como fator impeditivo de maior proximidade. Para os conversos, a alegria com que são recebidos na congregação, o seu reconhecimento pelo nome próprio e de terem a sua participação elogiada e a sua ausência notada, são motivos que, certamente, colaboraram para sua freqüência assídua e continuidade nos estudos bíblicos e permanência no seio da organização.

Na rotina das reuniões de “Discurso Público”, após a preleção, começa a parte de questionário sobre o tema da noite. Esta parte da reunião se chama “Estudo de ‘A Sentinela’” e nela há uma expectativa maior por parte do converso. Ao ser solicitado a participar, respondendo às perguntas formuladas a partir do tema tratado, o converso se sente importante com a atenção que desperta e com os elogios ao final do estudo. Sempre que um estudante se oferece para dar uma resposta é elogiado e incentivado a continuar. A reunião, sempre pontual, ganha vigor de ânimo com as muitas participações e comentários dentro do tema do dia. O tempo de duração dos encontros, duas horas, passa “rápido demais” segundo a ponderação de uma entrevistada: “Eu acho muito bom ir à reunião. A gente responde as perguntas, o tempo passa rapidinho!”²⁷⁰. O desejo de participar na próxima reunião como sujeito ativo e com melhor desempenho faz com que o converso adquira e estude a revista *A Sentinela*. Este exercício acaba por desinibir o estudante, liberando-o do temor em falar em público e expor seus comentários e facilitando o seu início como um publicador das “boas novas”²⁷¹.

As dúvidas sobre a doutrina, mesmo as que estiverem dentro do tema tratado na reunião, não devem ser levantadas pelos conversos nem durante nem após o discurso, porém, somente nas sessões de estudo domiciliar. Durante a reunião de estudo, preferencialmente

²⁷⁰ ANEXO, Entrevista 7, p.219.

²⁷¹ Por “boas novas” as TJs denominam as mensagens das revistas e outras publicações que recebem semanalmente para estudo e distribuição durante as visitas domiciliares.

realizada aos domingos, fazem-se perguntas sobre o estudo daquele dia e as respostas são lidas na própria revista *A Sentinela*, objeto daquele estudo. O converso aprende e se adapta ao comportamento nas reuniões onde nenhum comentário e/ou opinião pessoais devem ser feitos.

O convertido também se impressiona e comenta sobre a forma como são feitos os congressos – a limpeza e a organização. Um convertido de 68 anos comenta satisfeito sobre a existência dos indicadores que, durante todo o evento, orientam os recém-chegados e indicam onde estão os lugares vagos: “É impressionante tanta gente e tanta organização! Tem até rapazes que fala onde é bom para a gente ficar e aí a gente fica sentado. As crianças também tudo quieto, ouvindo”²⁷². A presença de crianças não atrapalha o evento, pois é costume as crianças ficarem junto aos seus pais e já estão habituadas ao silêncio e à atenção aos oradores. É comum também ouvir dos convertidos e dos visitantes alusões ao modo gentil e deferente de tratar os visitantes e os idosos nos eventos do MRTJ. Outro fato mencionado é a não-separação hierárquica entre “anciãos” e crentes. Em virtude disso, nos congressos todos são igualmente tratados e ocupam os mesmos lugares. A reserva de lugares não é feita por função ou papel desempenhado, mas pelas condições físicas dos participantes. As prioridades são os mais velhos e os menos saudáveis ou com deficiências. A apreensão deste tratamento dispensado às pessoas é referida com satisfação e com frequência pelos conversos e também teve influência na boa impressão que tiveram da Organização. Muito provavelmente, estas impressões tiveram alguma relação com a sua presença e permanência nos eventos promovidos pelas TJs e posterior conversão ao MRTJ.

Percebe-se ao analisar as respostas das entrevistas e as outras observações em campo, que é consciente a mudança de comportamento dos conversos condicionada à sua nova maneira de pensar. Por exemplo, na fala do C4 (ANEXO, Entrevista 4) referindo-se a sua nova identidade: “Pode-se dizer que mudou da água para o vinho. No meio social passei a ser uma pessoa de destaque, entre aspas, no sentido de que toda a minha vida as minhas decisões se baseava na palavra de Deus e isso me fez a diferença”²⁷³. O seu comportamento é referendado por este novo sistema de idéias. Para os conversos é a partir da conversão que seu raciocínio se tornou coerente e esta convicção lhe dá argumentos para explicar suas atitudes e suas respectivas finalidades sociais.

O estudante adquire a capacitação intelectual exigida pelo MRTJ, após sessões de estudo bíblico feitos em casa, no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová e na frequência às reuniões semanais. Não há um tempo determinado para o batismo. O que se exige são os

²⁷² ANEXO, Entrevista 7, p.219.

²⁷³ ANEXO, Entrevista 4, p.201.

conhecimentos bíblicos e a nova maneira de ser do estudante. Entretanto, mais do que o conhecimento e o comportamento, é imprescindível uma aceitação real dos novos hábitos e costumes implantados pelo sistema da Organização²⁷⁴. A mudança nas atitudes, depois da apreensão da nova interpretação das escrituras sagradas, é recebida com tranquilidade pelos conversos, todavia, em alguns casos, algumas mudanças nos usos e costumes familiares não são bem recebidas pelos membros da família, o que causa certo descontentamento, principalmente, entre irmãos.

O publicador tem para os conversos um efeito encorajador. Sem dúvida, “o comunicador é muito importante no fenômeno da mudança de atitude, [...] credibilidade e competência são duas características importantes para persuadir o recebedor”²⁷⁵.

Por outro lado, o MRTJ procura, dentro daquilo que lhe é possível fazer, evitar as distâncias físicas entre seus adeptos, com a finalidade precípua de fortalecê-los na crença. Isto ele faz incentivando sempre a convivência entre os “irmãos” e a distância física em relação aos “forasteiros”. Mas, nem sempre a proximidade física consegue anular a distância social. Dessa forma, desde a “distância entre os corpos em um diálogo, o tipo de aperto de mão, de abraço, a topografia dos espaços funcionais[...] refletem a distribuição do capital específico em um espaço social dado”²⁷⁶, tudo isto é levado em conta a fim de reduzir não só as distâncias físicas, mas também as distâncias sociais entre os associados TJs comuns e entre eles e os anciãos. Através de gestos afetivos, locais agradáveis e, sobretudo, com uma comunicação pela voz capaz de manter uma unidade de sentido entre o *que* é dito e *como* é dito, o comunicador TJ “visa inculcar um certo tipo de relação global com o outro que, uma vez interiorizada vai suscitar – toda vez que determinadas condições objetivas se apresentarem – um certo tipo de comportamento”²⁷⁷. O comportamento que se espera de uma TJ convertida.

Na construção da nova identidade religiosa a Congregação exerce uma influência notável sobre o estudante. Tanto o publicador, que o acompanha em seus estudos, como os crentes TJs e anciãos do Salão do Reino freqüentado por ele agem e se expressam intencionalmente, na maioria das vezes de forma inconsciente, para provocar no estudante o tipo de reação esperada e querida por eles: a conversão ao MRTJ. Goffman (2007) apresenta uma reflexão sobre esta característica da comunicação:

Quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente

²⁷⁴ As TJs se referem ao MRTJ como a “Organização de Jeová” ou simplesmente “Organização”.

²⁷⁵ HOVLAND e WEISS. In: RODRIGUES, Aroldo. op. cit., p.383.

²⁷⁶ BARROS FILHO, Clóvis; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. **Comunicação do Eu**, p.85.

²⁷⁷ Idem, p.65.

para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter.²⁷⁸

Além do estudo e das leituras, o converso fala da “Escola do Ministério Teocrático” em que são ministrados cursos de oratória, sempre através de textos bíblicos e simulação de situações já vividas pelos publicadores no serviço de campo. Ele se entusiasma com as coisas novas aprendidas através de textos sagrados e suas conversas passam a ter uma conotação religiosa, mesmo quando o assunto não é religião. Uma entrevistada de 24 anos fala com entusiasmo: “Ah! Eu gosto de ler a Bíblia. A gente aprende muito, eu sempre falo isto com meus colegas. A gente vê diferente, fica diferente, tudo é diferente mesmo!”²⁷⁹. Com as leituras, surge uma nova maneira de perceber a sua e a vida dos outros. O novo associado considera que pertencer a esta organização é identificar-se como um “devedor” que tem a obrigação de levar as boas novas aos demais seres humanos através do serviço de campo e de lhes dar as publicações do MRTJ.

Ao ingressar no aprendizado, os estudantes são informados que deverão seguir o estatuído na Bíblia, e que a Bíblia não foi feita para ser interpretada, mas para ser integralmente seguida. O que é exigido para o batismo e, a conseqüente inclusão entre os “irmãos” do Reino, é mais que o conhecimento básico que os capacite a responder o questionário – *Perguntas para os que desejam ser batizados*²⁸⁰ – é necessário também que demonstre, clara e externamente, ser uma TJ. Manter um comportamento de modo a fazer diferença dentro da sociedade, diante das próprias TJs e diante daqueles que não fazem parte da organização, é identificar-se como uma TJ interna e externamente.

Os egressos da Igreja Católica têm mais cuidado ao falar de Jesus, passam a considerá-lo não como a terceira pessoa da Santíssima Trindade, porém como uma criatura de Deus. Seu nome não é muito falado entre eles, embora seja respeitado, referem-se a ele sempre como “o filho primogênito de Deus”. Maria é uma mulher terrestre escolhida por Jeová para ser a mãe de seu filho Jesus, na terra. Não é mais invocada como Nossa Senhora, mãe de Deus. Nota-se que, geralmente, alguns se referem à Mãe de Deus de uma maneira crítica e surpresa, como uma convertida: “Eu sentia. Eu vou dizer o que eu sentia. Não existe hoje a palavra brega? Eu sentia que os ensinamentos, aquela cantoria toda, aquele abaixa e levanta, aquele acender de velas, aquele negócio de visitar mosteiros da fé lá em Vitória, aquela coisa toda não era aquilo que

²⁷⁸ GOFFMAN, Erving. Op.cit., p.15.

²⁷⁹ ANEXO, Entrevista 7, p.219.

²⁸⁰ Perguntas no item 2.3.2 (Conhecimento para o batismo).

eu queria”²⁸¹. Já uma outra convertida, mais ou menos na mesma faixa etária, fala no assunto referente à sua crença anterior em Jesus como Deus Filho e em Maria como mãe de Deus até com certo pesar: “Foi difícil (pausa) porque eu tinha muitos quadros, e aquilo a gente fica com remorso porque a gente acredita e (pausa) a gente achava assim... Ruim”²⁸². Porém, no final, todas analisam esta nova forma de ver Jesus e a mãe de Jesus como uma correta apreensão da palavra divina e sua anterior compreensão como um equívoco, uma vida nas “trevas da ignorância”. Católicos e os demais conversos vindos das Igrejas Evangélicas elevam suas orações somente ao espírito de Jeová Deus.

Apesar de se considerarem cristãs, as TJs não elevam as suas preces a Jesus e não recitam a oração “Pai Nosso” como os outros crentes. A repetição dos mesmos termos não lhes parece próprio do “orar”, a oração deve ser original e ser dirigida ao Pai Criador. Os conversos passam a ter a mesma percepção cognitivo-religiosa do seu instrutor; aprendem que a intervenção de Deus na terra, em tempos atuais, sob forma de milagres simplesmente não existe mais, desde a morte do último dos apóstolos. Os convertidos passam a ver o “milagre” não como algo bom, ainda que cure, porém como algo maligno. Não é mais o poder de Deus que se sobressai e se revela, mas o poder do Diabo que se camufla, estrategicamente, confundindo as pessoas. O convertido confessa que ainda guarda vestígios da antiga crença e, a princípio, se vê diante de situações embaraçosas. Um dos entrevistados declarou que demorou a aceitar esta intromissão de Satanás, estranhava esta criatura investida de um poder como se fosse um deus. Contudo, foi convencido e instruído a crer que o livre arbítrio é uma dádiva de Jeová e que o ser humano aprenderá a usá-lo para o seu próprio bem neste enfrentamento, através da leitura e estudo diários das Escrituras²⁸³.

Outra particularidade do MRTJ apontada pelos conversos é a que se refere à forma de como deve ser feita a oração. O termo “rezar” que para os católicos também significa orar, para as TJs “rezar” é uma expressão não compatível com o seu modo de ser porque se refere aos atos de benzer, repetir mecanicamente, celebrar e prescrever, entre outras acepções, porém, não tem a conotação de uma súplica religiosa ou de uma prece. Sobre a quem orar as TJs são restritivas: somente a Deus. Como declarou uma TJ: “a oração aceitável é à pessoa certa, Jeová Deus, sobre assuntos dentro dos propósitos de Deus, como as TJs ensinam”²⁸⁴. Para eles, mesmo que alguém ensine o contrário ratificam o seu entendimento à luz da

²⁸¹ ANEXO, Entrevista 1, p.183.

²⁸² ANEXO, Entrevista 5, p.208.

²⁸³ Comentário transcrito do Diário de Campo.

²⁸⁴ ANEXO, Entrevista 7, p.219.

Organização com o texto: “Embora alguns afirmem que se possa dirigir corretamente uma oração a outros, tais como ao Filho de Deus, a evidência aponta enfaticamente o contrário”²⁸⁵.

Uma marcante função do MRTJ através de seus publicadores junto aos conversos é provocar uma constante anamnese do AT e do NT. O efeito mais importante disto é a confirmação do acerto de sua atitude, que o converso tomou ao mudar de opção religiosa e, a partir das reações e diálogos diferentes, a nova identidade do converso vai sendo construída e afirmada. Ao assumir o caráter de verdade da nova interpretação bíblica, sua identidade religiosa se transforma também numa espécie de proteção contra os sentimentos de abandono, solidão, rejeição e incertezas, comuns na sociedade e mais acentuados nos dias atuais ante o caráter provisório e débil do ser humano. Como foi tratado no capítulo um, a identidade religiosa no mundo contemporâneo passa pelos efeitos que os acontecimentos sociais e políticos da pós-modernidade precipitaram.

No MRTJ há uma clara divisão de papéis e funções entre homens e mulheres. Aos homens cabem as decisões finais, os cargos de direção – desde os mais simples aos mais importantes. Supervisores, superintendentes, diretores de estudos, leitores, auxiliares de leitura e indicadores são ocupados por homens. Isto é bem aceito, igualmente, tanto pelos conversos do sexo masculino como os do sexo feminino. Aliás, as mulheres se vêem numa posição mais confortável que antes e os homens gostam do papel de protetor e cabeça do casal. É o que se conclui com respostas como a da entrevistada C3 (ANEXO, Entrevista 3):

Não questiono. Porque é de dentro da Bíblia que a mulher é o vaso mais fraco e a gente precisa da orientação e da ajuda do homem. Qualquer decisão eu aceito, porque acatar é diferente de aceitar. Que o João é o ‘cabeça’ da família... As decisões são tomadas de comum acordo, mas a palavra final é dele.²⁸⁶

A nova identidade é fortalecida pelo grau de satisfação que o novo papel lhes possibilita, pois é assim que a Organização interpreta os vários textos bíblicos em que situações entre homens e mulheres aparecem e as TJs do sexo feminino demonstram estar em consonância com estas diretrizes, pois o modelo aceito é o das mulheres e homens da Bíblia.

Bourdieu (1992) afirma que toda escolha religiosa está sobrecarregada de justificativas “do existir” num contexto social em certa posição. Dessa maneira, a trajetória religiosa e a sedução do sagrado na sociedade do Brasil, nestes tempos atuais, têm não apenas motivação

²⁸⁵ EPES, v.3, p.136.

²⁸⁶ ANEXO, Entrevista 3, p.197.

de caráter religioso e cultural, mas também têm cunho sociológico²⁸⁷. A análise das entrevistas e as observações feitas mostram que esta afirmação também se aplica aos conversos ao MRTJ. As respostas destes novos associados corroboram esta motivação. Relatam, por exemplo, que finalmente se encontraram ao conseguir uma auto-satisfação no trabalho, no lar e na sociedade onde estão inseridos. Percebem que este *status* finalmente só foi alcançado porque mudaram e construíram uma nova identidade religiosa. O convertido C4 (ANEXO, Entrevista 4) deixa isto bem claro quando fala: “Então eu posso dizer que sou um vencedor, neste aspecto, pelos princípios, pelo respeito que tenho pela vida e por aquilo que eu estava fazendo. Eu fui destaque, não só pessoal, mas também até mesmo em nível profissional”²⁸⁸. A conversão deu a eles suficiência para estar bem consigo e com os outros.

Segundo os próprios conversos, o grau de satisfação encontrado no MRTJ os deixou convencidos do corretismo do caminho que escolheram seguir. Percebe-se pelo modo singular de se expressar, como a da entrevistada C1 (ANEXO, Entrevista 1), que a construção da nova identidade religiosa passou por vários módulos: “Jeová esperou, primeiro que o sentimento brotasse dentro do primeiro homem e aí ele presenteou Adão com a mulher. Eu acho muito... Muito inteligente e sábio por parte de Deus. Esperar a vontade do homem (para se manifestar). É maravilhoso!”²⁸⁹. Pela integração à organização, o contentamento e a segurança que eles encontraram ao adotar esta crença, a avaliação subjetiva que fizeram da opção foi positiva sentindo que a qualidade de suas vidas, de fato, mudou para melhor, apesar de resvalar por dificuldades.

3.2.2 Uma breve apreciação sobre as anotações de campo

A maioria das TJs das Congregações visitadas e estudadas – Central e Fábrica atualmente desdobradas em outras duas Congregações, Rio Branco e Bairro Industrial – ou são nascidas em famílias de TJs ou são egressas de diferentes denominações religiosas. O próprio fundador, Russell, era presbiteriano e de família presbiteriana. Chama especial atenção o fato de que, aproximadamente, 87% dos batizados são provenientes de lares católicos e os motivos da evasão católica não são iguais, mas no geral há uma grande queixa

²⁸⁷ BORDIEU, Pierre. Op.cit., p.56.

²⁸⁸ ANEXO, Entrevista 4, p.201.

²⁸⁹ ANEXO, Entrevista 1, p.183.

sobre o grande vácuo que existia entre a atenção e a segurança que desejavam e o que, de fato, recebiam da antiga crença. A conclusão a que chegam os conversos é a mesma: o poder do conhecimento da verdade e o sentimento de verdadeira pertença ao MRTJ fazem a diferença entre o desejar e o ter. Investidos da nova identidade religiosa, eles se consideram plenamente receptores da graça divina e isto lhes é o bastante.

Um aspecto extraordinário relacionado às conversões ao MRTJ é a descoberta de que o Diabo governa o mundo como um deus. Esse poder dado a Satanás supera a todas as expectativas, ao mesmo tempo em que diminui a magnitude do poder de Deus e do caráter de sua intervenção no âmbito terrestre. Como relata Birman, em seu estudo sobre a conversão ao Neopentecostalismo: “[...] diríamos que nestes discursos (dos conversos) estes personagens (espíritos do Mal, os demônios) possuem um lugar importante só comparável à força de Deus”²⁹⁰. No caso das TJs acrescentar-se-ia que essa força demoníaca, existe de fato como um deus, está ativa e presente não nas pessoas, mas ela está no governo da Terra.

Acompanhando o pensamento de Birman e estendendo-o até as conversões ao MRTJ temos, pois, “como princípio ontológico, a idéia de uma interferência contínua de Deus na ordem do mundo, através do vínculo que possui com os seus fiéis. Quer dizer quanto mais ativar este vínculo com Deus maior será a intervenção divina”²⁹¹, que acontece de forma contínua na vida das pessoas. No caso peculiar das TJs, esta intervenção de Deus se dá não de forma direta como sugerem o exorcismo e os milagres, porém ela se dá no sentido de fortalecer a TJ, dando-lhe condições de persistir na verdade, apesar das perenes investidas do Diabo, que não é por Ele impedido. É esta ingerência demoníaca que motiva esta forma de intervenção divina e, que ao ver do MRTJ, é a única.

Tais perturbações de Satanás iniciaram em 1914, o tempo determinado por Deus para que ele, junto com seus demônios, fossem expulsos dos céus. É este vínculo, estabelecido por um “pacto” entre Deus e a humanidade, que protege os seres humanos dos acometimentos demoníacos: um vínculo fortalecido cada vez que são acionadas as “armas de defesa” constituídas pelo estudo bíblico, persistência na fé e no amor a Jeová. E quanto mais estas “armas” forem usadas, menor será o poder de ataque do Mal, o Diabo.

Outra manifestação do poder do Diabo é a sua capacidade de se travestir em enviado de Jeová ou de curador em nome de Deus. As TJs não aceitam mais milagres, esta era já passou. Deus já não mais faz milagres na Terra. Nada de inumano, sobrenatural e, nesse sentido extraordinário, acontece em nossos dias por obra de Deus. O que é designado de

²⁹⁰ BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina e CRESPO, Samira (Orgs.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

²⁹¹ Idem.

milagre não passa de mais uma artimanha do Diabo para enredar as pessoas e, desta forma, afastá-las do caminho verdadeiro. Este raciocínio se percebeu quando, em uma das Reuniões de Serviço, um convertido relatou a sua história de doença quando seu médico diagnosticou nele a Hanseníase. Apavorado, sabendo da gravidade da doença e do regime exigido para o tratamento, segundo ele, orou muito a Jeová, pedindo a sua cura para que ele não se afastasse do serviço de campo e seguisse sem interrupção no seu trabalho de estudos bíblicos domiciliares. Queria um milagre. Não poderia ficar sem sua obra de proclamador do Reino de Jeová. Orou muito e em três meses, continua em seu relato, estava curado e trabalhando normalmente. Deu o depoimento falando no milagre recebido.

O dirigente de leitura logo dissipou a alegria do narrador dizendo a todos, pelo microfone: “Milagres já não acontecem mais!”. O que chamam de milagre ou é coincidência, erro do diagnóstico médico ou é perfeitamente explicável cientificamente. Detalhou o que acontece nestes casos, pois estas intervenções de Deus na terra, agora, não mais existem e ainda acrescentou para ratificar sua explicação que no caso de oração e pedido de cura e esta ocorrer sem o concurso direto do médico, o autor da façanha será o Diabo, usando este artifício para confundir a criatura e separá-la de Jeová²⁹².

A preocupação do dirigente da reunião não se volta para o converso, mas para, prontamente, desfazer aquela “tolice” diante das TJs presentes. O novo associado entende então que as dúvidas sobre a doutrina, mesmo as que estiverem dentro do tema tratado na reunião, não devem ser levantadas pelos conversos em público, porém somente nas sessões de estudo domiciliar. Durante a reunião de estudo, geralmente realizada aos sábados, fazem-se perguntas sobre o estudo daquele dia e as respostas são lidas na própria revista *A Sentinela*, objeto daquele estudo. O converso aprende e se adapta ao comportamento nas reuniões onde nenhum comentário pessoal ou opinião deve ser feito e quando o são, reconhecem como normal o fato de serem ignorados ou advertidos sobre a intempestividade.

Para as TJs, todos os relatos de pseudomilagres são considerados coincidências, fraudes ou são cientificamente explicáveis. Atualmente, qualquer fenômeno que se pareça com epifania deve ser inferido como uma ação do Satanás, o diabo, muito poderoso no plano terrestre e os conversos, após alguns deslizes, acabam por aceitar como verdade estas interpretações dos fatos.

Outra constatação foi feita em um Congresso, de agosto de 2006, realizado durante dois dias no Campo do *Sport* Clube de Juiz de Fora, no intervalo entre uma parte e outra do encontro, quando as pessoas ficavam pelas imediações, livremente. Uma conversa

²⁹² Anotações do Diário de Campo.

entreouvada pela autora deste estudo, de um recém-batizado e um convidado seu. Diziam mais ou menos isto: que apesar do poder do diabo, Jeová era mais poderoso. O tempo estava muito quente e, mesmo assim: “Com este calor todo e quanta gente veio! Nada segura quem é ‘escolhido’ de Jeová Deus”²⁹³. Este fato assevera a percepção que têm de Deus e de sua interferência e a do Diabo na Terra. Deus, dando perseverança se devidamente obedecido e, da intervenção de Satanás, nas desgraças humanas, inclusive na intervenção dele nas agruras do tempo, subsistente desde a sua forçada descida pelo Criador às proximidades da terra.

Repetindo Birman, faz-se apenas uma ressalva relacionada à proteção contra o Diabo ou sobre a *purificação ritual* que, na especificidade do MRTJ, só tem êxito sob a égide dos métodos de defesa dados por Jeová, já citados no parágrafo anterior:

O aspecto extraordinário, portanto que diz respeito à conversão, é esta descoberta específica, que não há mal que Deus não possa curar. E em consequência qualquer evento mesmo o mais banal parece também ser exemplos de caráter extra natural de presença divina quanto exemplo do caráter absolutamente ordinário de Sua intervenção na ordem do Mundo. O que nos faz pensar que em 1º lugar nesta visão de mundo o Mal faz parte da ordem cotidiana. Em 2º lugar o infortúnio como parte material das coisas, será eficazmente resolvido, através da intervenção divina por intermédio da ação de purificação ritual.²⁹⁴

Os convertidos receberam, segundo eles, a proteção de Jeová e estão em segurança enquanto se mantiverem firmes em sua doutrina. Porém, é uma fortaleza em constante alerta e vigilância. Deixar de freqüentar as reuniões, de fazer os estudos bíblicos e se deixar levar pelo descumprimento das normas divinas é deixar cair o muro de proteção que os separa do iníquo. Por isto, os conversos se obrigam a manter uma freqüência assídua às reuniões, Congressos, um comportamento ideal, hábitos e atitudes concernentes à verdade de modo a identificar-se como uma legítima TJ.

Embora se considerem sob a enérgica proteção de Jeová, a força máxima dada ao Diabo é tal que as TJs necessitam se proteger separando-se do mundo e dos que não são associados ao MRTJ. A situação criada pela interpretação e uso da Bíblia gera efeitos modificadores no sistema de vida dos conversos a partir da visão de mundo destes novos associados. Este novo horizonte descarta antigos valores, sobretudo dos conversos egressos do catolicismo. Os rituais e costumes dos católicos são vistos como malignos e provenientes

²⁹³ Comentários de um converso.

²⁹⁴ BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina e CRESPO, Samira (Orgs.). Op.cit., p.68-69.

de rituais primevos e enganosos, o que leva aquele que assume a nova identidade religiosa a fazer o mesmo juízo de valor. Este aceite do novo associado pelo MRTJ é feito não sem antes adverti-lo sobre a energia vital e a capacidade residual que a antiga crença deixa. Alertado, o converso deixa de evocar imagens divinas em seus rituais e no seu simbolismo enquanto manifestações do Satanás. Agora seus valores estão num conjunto diversificado de conceitos, tirados da Bíblia e, mais especificamente, do AT, identificados como formativos dos representantes típicos de Jeová na Terra, as TJs. Isto se pode inferir pelas palavras entreouvidas numa das reuniões de serviço, na Congregação Fábrica, de uma TJ que, apesar de ser TJ, a muito tempo evitava as pessoas que não eram da mesma crença religiosa e não freqüentava as festas. Dizia que as TJs não deveriam se misturar com crentes de outras religiões ou com os descrentes, pois isto era muito “perigoso”²⁹⁵.

3.3 A construção da nova identidade no discurso do converso

Percebe-se pelas entrevistas e observações feitas que no início do processo de construção da nova identidade religiosa o converso se vê diante de sentimentos contraditórios o que, aliás, acontece usualmente em todo processo de mudança. Uma dicotomia que faz surgir dois vetores em rumos opostos, como foi analisado no item anterior. A particularidade destes conversos é que surge, no enfrentamento entre o sentimento de mudança e o de resistência a ela, inicialmente, uma motivação subjetiva de adequar às novas regras alguns de seus antigos hábitos. Isto é logo percebido como ação impossível e, descartada uma vez que a conversão ao MRTJ não comporta adequações da antiga identidade religiosa à nova maneira de ser, porém importa em substituição de identidade, é uma nova pessoa que tem que surgir. Um esforço dolorido e diuturno é realizado até que, enfim, o novo sistema, gerador de efeitos transformadores vence e a tendência de fixar a nova identidade religiosa, com mudanças da linguagem, dos hábitos sociais e religiosos entre outros, se estabelece e a pessoa não só se converte, porém ainda manifesta o desejo de converter os que estão fora da Organização.

Na identidade religiosa dos conversos ao MRTJ vê-se com nitidez a influência que a interpretação bíblica do AT desperta (na tradução aprovada pelo *New World Bible Translation Cominter* – New York). O significado e a importância dada ao AT pelo MRTJ têm reflexos na apreensão dos fatos do presente e nas ações do cotidiano da vida dos novos

²⁹⁵ Anotação do Diário de Campo.

conversos. E, obviamente, seu procedimento em face de estímulos sociais ou em face de sentimentos é orientado pelas profecias e citações desta escritura. Os fenômenos naturais do presente, tais como as catástrofes naturais e as provocadas, são a efetivação de previsões feitas pelos intérpretes da revelação de Deus inscrita nas Escrituras Sagradas e as ações individuais e/ou coletivas dos homens e mulheres não terão o poder de detê-las, nem conseguirão minimizar seus efeitos. Esta forma de ver o passado traz suas conseqüências no presente e na preparação de sua vida futura. Esta é uma das muitas diferenças que constroem a identidade religiosa dos conversos e os identificam como TJ. A releitura da Bíblia traz de volta um passado pessoal visto agora sob novo ângulo, o desconforto, causado pelas culpas, efeito das ações e/ou omissões ocorridas no passado, deixam de existir ou são minimizadas a ponto de não mais incomodar e esta descoberta também se torna elemento integrante do processo de construção da nova identidade religiosa. Dos entrevistados, a maioria egressa do catolicismo teve, de forma quase unânime, esta experiência. Porém nenhum deles deixou de mencionar a dificuldade experimentada ao assumir de maneira integral a nova identidade religiosa como TJ.

O converso se diz confortado pela nova compreensão da sua vida passada, da vida presente e da atual expectativa para o futuro. O fato de viver e vivenciar tantos fenômenos que ocorrem à sua volta já não tem mais a mesma percepção de antes. Uma nova explicação é dada para tais eventos. Para aceitar a nova explicação sobre o porquê dos acontecimentos, ele desconstrói um todo antes coerente, formado de conceitos logicamente concatenados. Este todo que dava significado à sua existência no mundo deixa de cumprir este papel. Em função disto o converso modifica os conhecimentos organizados sobre si mesmo e faz uma nova avaliação sobre sua existência no mundo e com o mundo. Para o novo associado, o que permitiu que ele, o convertido, encontrasse a verdade foi a luz do espírito santo que o iluminou e lhe mostrou que o caminho da salvação está no MRTJ. O pedido de luz ao espírito santo é sugerido por alguns proclamadores aos seus estudantes e seguido por eles no início de seu estudo bíblico. Convicto da veracidade da nova crença ele crê que foi realmente inspirado pelo espírito de Jeová Deus ao fazer esta escolha.

A teoria que o converso desenvolveu sobre si mesmo é modificada em função da nova avaliação sobre sua existência no mundo e com o mundo. Através de observações feitas em campo e de acordo com a declaração dos novos associados, percebe-se que eles crêm realmente, que o conhecimento correto da palavra de Deus é que lhes permitiu ver o caminho, o que lhes possibilitou a conversão ao MRTJ e os colocou na reta final da corrida para a salvação. Para ele, a nova identidade construída a partir de novos conceitos adquiridos

responde aos seus anseios e supre a sua necessidade espiritual e este suprimento foi como uma fórmula ideal encontrada para tornar a sua vida melhor.

A imagem que o sujeito faz de si mesmo é o princípio da construção identitária. O estudante é convidado a fazer uma análise de sua vida antes e depois da conversão. Dessa forma, percebe que o seu modo de viver não está conforme os ditames da interpretação bíblica feita pelo MRTJ e que está admitindo como sua de agora em diante. Sente, então, necessidade de ter um retrato condizente com o que acaba de apreender e com esta nova perspectiva em relação à vida passada, presente e à futura no seu comportamento começa a delinear outra personalidade.

Os instrutores informam aos que são admitidos na organização que devem colocar os interesses materiais em segundo plano. Assim, devem ser puros de coração e pacíficos. Dessa forma a construção da nova identidade religiosa passa pela identidade pessoal, adaptando-a para que, mesmo em assuntos não-religiosos, deva se primar pela tolerância, obediência, temperamento brando e humildade, desde que o ordenamento imposto esteja dentro da lei e não vá de encontro aos propósitos de Jeová. Pela interpretação jeovaniana toda autoridade legalmente constituída e conforme as leis da justiça vêm de Deus e como tal deve ser obedecida. Com isto, uma nova forma comportamental surge. As coisas materiais passam a ter apenas uma existência coadjuvante. O objetivo é Deus e a matéria só existe para auxiliar o alcance do objetivo final – a manutenção do seu nome no “rolo da vida”. Seu relacionamento com os familiares é adaptado à maneira de ser jeovaniana²⁹⁶. Suas ações são guiadas pelo objetivo do grupo religioso. Sendo o mundo extremamente corrupto, uma barreira deve ser erguida entre as TJs e ele, separando-os a fim de evitar uma evidente e certa contaminação. Uma espécie de “muro da lei”. Embora se percebam dentro de um mundo capitalista – em que as necessidades materiais surgem e têm que ser supridas –, reconhecem que devem manter-se afastados e “fora” dele, pelo menos no que lhes for possível. Tomam um novo posicionamento nas relações de família e sociais mediante esta fuga à materialidade das coisas e às eventuais ocasiões de contato direto ou indireto com o mal.

Ao ingressar no aprendizado, os estudantes são informados também que todo o ensino bem como o ordenamento da Organização é tirado das Escrituras Sagradas, que deverão seguir o estatuído na Bíblia e o exemplo de Jesus e seus apóstolos. Logo o estudante percebe que o exigido para o batismo e conseqüente inclusão entre os “irmãos” do Reino é mais que o conhecimento básico que o capacita a responder ao questionário – teste denominado

²⁹⁶ Uma vida protegida dos apelos comerciais para o consumo, do incentivo à procura de uma educação superior em detrimento a uma educação religiosa.

*Perguntas para os que desejam ser batizados*²⁹⁷. É necessário também que mostre clara e externamente ser uma TJ. Ser uma TJ e demonstrar isto é manter um comportamento de modo a fazer diferença dentro da sociedade diante das próprias TJs e diante daqueles que não fazem parte da Organização.

De acordo com Woodward, existe “uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”²⁹⁸. Ao se espelhar nas demais TJs, os conversos dizem assumir aquelas peculiaridades que antes discriminavam. Os conversos admitem que mudaram o modo de vestir e o uso de adornos, perfumes e jóias. O convívio com os associados e a receptividade que passam a ter neste grupo religioso leva o novo converso a repensar também todo o seu modo de proceder socialmente. Suas preocupações mudam tanto em espécie como em intensidade. Os gastos ficam mais equilibrados e em alguns o controle do consumo de bens e serviços se instala no lar. Seu pensamento dominante muda de foco porque a todo o momento a presença da insignificância da vida mundana lhes é colocada de várias formas. O próprio esquema de relações sociais e, de forma destacada, das relações familiares é reformulado a partir desse enfoque. Desse modo, conforme a mesma autora, a construção da identidade não só passa pelas relações sociais, mas é também uma construção simbólica.

O processo da construção da identidade religiosa dos conversos ao MRTJ passa pela diferença entre homens e mulheres desde o início dos estudos quando aos homens ensinam os homens, sempre em duplas, como faziam os apóstolos ao tempo de Jesus e às mulheres ensinam as duplas femininas. Com relação à construção da identidade religiosa pelo sexo, o destaque é a figura do homem mais prestigiada e considerada como superior. A identidade do homem está sempre ligada às concepções de chefia e comando e a identidade religiosa da mulher, às de obediência ao chefe-homem e de diligência no lar. Aos homens destinam-se a posições mais importantes na comunidade religiosa. Às mulheres papéis secundários nas reuniões de serviço, de estudo e demais eventos. Os homens são os pontos de referência. Tem-se, neste caso também, a diferença pelo sexo presente e realçada no processo da construção da identidade religiosa dos conversos ao MRTJ de ambos os sexos.

O converso tem consciência de que sua linguagem também sofre uma modificação cada vez mais acentuada na maneira de falar. Dessa forma, a nova identidade passa também pela construção de uma linguagem diferente, pontuada por expressões e palavras menos profanas e mais religiosas. Embora considerem Jesus Cristo como Filho de Deus, o seu nome é raras vezes citado nas conversas e reuniões e quando se faz menção a ele é sempre num contexto de profecias do AT ou junto à expressão “Filho de Jeová”. Os conversos egressos

²⁹⁷ Perguntas no item 2.3.2.

²⁹⁸ WOODWARD, Kathryn. Op.cit., p.10.

das igrejas evangélicas em especial da IURD demonstram ter uma preocupação maior quando se referem a Jesus, têm o cuidado de colocar em evidência o nome do Pai, como Criador e Jeová Deus.

A releitura da Bíblia, em especial o AT, traz de volta um passado visto agora sob novo ângulo e esta redescoberta do passado é também parte constituinte do processo da construção da nova identidade do converso. Este passado, que tem um impacto muito forte no modo de ser das TJs e esta característica tem um duplo efeito nos conversos: de um lado, impressiona o novo associado e, de outro lado, lhe traz a tranqüilidade de não ser o responsável exclusivo do seu passado. Ele vê as diferenças no modo de interpretar a sua vida passada o que atua significativamente no processo de construção da identidade. O fato de ações e omissões já ocorridas terem uma explicação bíblica retira dos convertidos a percepção íntima de culpa em decorrência deles e o de imerecida atenção de Deus, bem como remove o caráter de urgência angustiada em realizações na vida presente, sentimentos estes tão comuns na época atual e minimizados e até inexistentes na grande maioria das TJs.

Sempre há uma preocupação, por parte dos conversos, ao responder as questões e nas conversas, em acrescentar um texto bíblico como reforço às noções apreendidas e escopo às suas atitudes e comportamento. Uma necessidade de dar veracidade às informações e também garantir perante todos a legitimidade do seu processo de desidentificação e de construção de uma nova identidade. Ao substituir a interpretação e a crença anterior e se revestir de uma nova identidade religiosa o estudante se vê como aquele que efetivamente tem como modelo, Jesus Cristo. Gostam de citar passagens tais como: Jesus instou com as pessoas para que fossem limpas não só externamente, mas também no íntimo (*Lu 11:38-41*). E, em *Mateus 15:18,19*: “Ele mostrou que as coisas que dizemos e fazemos são um reflexo daquilo que há em nosso coração”. Isto corrobora a lição escrita no seu livro-referência *TJPRD* (1993):

Segundo explicou o apóstolo Paulo, ‘se formos realmente ensinados por Cristo, seremos feitos novos na força que ativa a nossa mente’, e ‘nos revestiremos da nova personalidade, que foi criada segundo a vontade de Deus, em verdadeira justiça e lealdade’ (*Ef 4:17-24*).²⁹⁹

Embora não seja marcado por forte motivação sociológica no processo da mudança de identidade religiosa, percebe-se, ainda que de forma sutil, a influência desta perspectiva também na formação da nova identidade do converso ao MRTJ. Esta influência foi analisada

²⁹⁹ TJPRD, p.187.

por Bourdieu³⁰⁰. Na sua expressão de “melhor se sentir” em sua nova forma de vida e atual convivência social há o sentimento de auto-satisfação almejado e só conseguido quando acontece uma interação forte dentro da comunidade das TJs. E este conjunto de ações compartilhadas, com trocas de experiências e influências recíprocas seja no Ministério Teocrático³⁰¹ seja nas reuniões da Congregação dá ao novo associado o bem estar que se manifesta nas atitudes, nas respostas e nas conversas. Ao se identificar com o MRTJ, através da sua mudança, ele de fato demonstra que se sente parte ativa e importante da comunidade, um associado que vai auxiliar a “obra” e como tal é celebrado e recebido por todos.

O ato da nova TJ de aceitar plenamente as condições da organização traz implícita a obrigação de ter um comportamento coerente em relação a elas. Isto só é possível através de uma modificação significativa da sua identidade religiosa. Na medida em que novos conceitos substituem os antigos, é normal que traços importantes da pessoa se alterem: as circunstâncias que não só a individualizavam como também a distinguiam e a afastavam dos crentes do MRTJ, agora já não existem mais. A inserção da pessoa no MRTJ passa por esta mudança necessária para sua identificação com o novo grupo que a recebe e para se sentir da mesma natureza. Muitas coisas vão mexer com a sua sensibilidade e seus sentimentos. Por exemplo, o ecumenismo, para o MRTJ, não é o modo de Deus. A ligação com outros de outras religiões e “doutrinas falsas” contaminam, e a ordem revelada pelas escrituras é separar-se delas. Há só um caminho e ele é estreito e difícil de encontrar. Por ele, só poucos conseguem passar e estes poucos são aqueles que dão o testemunho de Jeová. O converso, ainda estudante, guardou as palavras que estudou num dos livros da Organização: “Não devemos apenas ler a Bíblia, mas também agir de acordo com o que lemos”³⁰² que se legitimam nos textos bíblicos, apontados pelo publicador, *Provérbios 21:11; Jeremias 10:23; Mateus 16:6,12; Gálatas 5:9; 2 Timóteo 3: 5; 2 Coríntios 6:14-17; Revelação 18:4; Efésios 4:4-6 e Mateus 7:13,14.*

Como já exposto no capítulo um, a construção da identidade passa pela narrativa que o sujeito faz dele mesmo. No caso do converso, isto também ocorre, e com base na interpretação jeoviana sobre as Escrituras Sagradas, a história de sua vida é vista sob novo ângulo e narrada sob esta perspectiva. Fatos vividos por ele agora passam a ser contados sob uma visão religiosa diferente, alguns pautados em previsões bíblicas. Todos os acontecimentos em sua vida a partir da conversão são colocados como ocorridos no tempo e na hora aprazados pelo espírito de Jeová, assim como o seu batismo e a sua associação ao MRTJ. Um lugar para onde são muitos os chamados e poucos os escolhidos. O converso

³⁰⁰ BORDIEU, Pierre. Op.cit., p.56.

³⁰¹ Ministério teocrático é o ensino das “boas novas”, ministrado pelos publicadores de casa em casa.

³⁰² **A BÍBLIA. PALAVRA DE DEUS OU DE HOMEM?** Op.cit., p.187.

agora tem o privilégio de ser parte do grupo dos escolhidos. Portanto, dificuldades e sacrifícios ser-lhes-ão impostos e serão bem-vindos, pois o caminho da salvação é estreito e espinhoso. Velhos hábitos de convívio familiar e social terão de ser abandonados e substituídos por outros ditados por normas bíblicas. Novas formas de cuidar da saúde são inseridas deprimindo conquistas científicas tais como transfusões de sangue para prolongamento da vida dentre outras.

Os conversos também se referem ao cuidado que passam a ter com a linguagem. No início da conversão mais lenta e pensada. Quanto à forma de se expressar também há uma modificação cada vez mais acentuada na maneira de se referir às mesmas coisas antes manifestadas diferentemente seja através de gírias ou modismos seja numa linguagem formal, porém totalmente secular. Dessa forma a nova identidade passa também pela construção de uma linguagem diversa e cuidada, pautada nas expressões menos profanas e mais religiosas. A menção respeitosa e muito freqüente dos nomes “Jeová” e “Jeová Deus” acontecem nas rodas de conversa entre as novas TJs.

Com a doutrina jeovianiana o modo de participação na vida político-social segue em direção aos “irmãos” e à simples observância das leis sem a conotação de esforço por justiça e direitos. Atos do governo terrestre são aceitos não como modelos, porém como uma forma de obediência e seguir o exemplo de Jesus: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. É dever de todos o cumprimento de ordens emanadas do poder constituído desde que não sejam contra as leis de Jeová Deus. Acreditam as novas TJs que todo poder emana de Deus e se é assim, não cabe aos crentes da Organização interferir na constituição do poder na terra, quer seja votando, quer seja sendo votado, por exemplo. Contudo, se há um poder constituído ele terá que ser obedecido e não deverá haver pelas TJs, questionamentos sobre as leis e atos do governo, sobre sua intencionalidade, se são legais e/ou justas e se cabíveis ou não. Só a Deus cabe julgar o que é certo ou errado, o que deve ser ou não reavaliado. O seu dever, agora como uma TJ é cumprir as leis e seguir o caminho de Jeová.

Ao assumir esta forma de vida, a identidade religiosa construída sob esta nova estruturação ordena mudanças na forma de exercer a cidadania. Há alterações importantes na atuação civil, sócio-política e militar do associado tais como a forma de cumprir obrigatoriedade do voto, do serviço militar, inserção na vida política seja partidária ou não partidária e participação em movimentos sociais fora de sua organização religiosa. Esta nova identidade religiosa começa a interferir na esfera social de uma forma contínua e visível. O converso confessa que os atos antes executados sem preocupação religiosa agora passam a tê-

la pós a conversão e de forma vigiada³⁰³ pela doutrina das TJs. As novas TJs não podem se dedicar à vida político-partidária. Para eles só cabe a Deus governar o mundo e fazer as leis, que foram reveladas nas Sagradas Escrituras³⁰⁴. Pode até se falar em certa desobediência civil feita “em nome de Deus”. Os conversos se sentem, neste contexto, harmonizados e desobrigados de certas providências solidárias em relação ao mundo. É como se estivessem não só liberados, mas também resguardados das conseqüências negativas do envolvimento com a vida social e política fora do MRTJ.

3.4 As narrativas do “Eu” na perspectiva dos conversos

Neste item são abordados recortes das entrevistas dos conversos em que são narrados os fatos e os sentimentos pelos quais passaram neste processo de mudança e construção da nova identidade religiosa, sob o ponto de vista deles. Os episódios descritos pelos conversos mostram angústia, conflito, alegrias e tristezas, entre outros sentimentos contraditórios. Apontar-se-á nas entrevistas algumas narrativas do “Eu” entre as várias divisadas no interior das Congregações estudadas. O que vem corroborar as reflexões feitas no capítulo dois, com as quais compartilha Jimenez, que supõe o ser humano, na experiência da modernidade, lançado “sozinho no cenário material e biológico que habita. [...] a expansibilidade tecnológica de nossa cultura, deixa o homem contemporâneo numa situação de pobreza”³⁰⁵ e solidão. Uma situação em que a falta de solidez dos sentidos da vida vivida pelos conversos ao MRTJ vai alterar não só a vivência da social das pessoas como a sua própria identidade pessoal e religiosa. Desta forma, “sem a segurança metafísica de que a tutela divina era a principal guardiã, [...] sem as vozes do divino”³⁰⁶, o sujeito recebe da conjuntura na qual está inserido a responsabilidade de construir a sua própria vida. Livre da tutela sagrada este contemporâneo, afastado de uma crença religiosa que o oriente, se vê desesperançado e cercado de dúvidas. Diante de circunstâncias próprias da pós-modernidade é lançado na busca de outra tutela e, no caso específico descrito aqui, a encontra no MRTJ ao qual se associa e

³⁰³ Há o costume de se vigiar a conduta do associado dentro e fora dos eventos religiosos. E, se duas ou mais TJ testemunharem contra um associado, este será questionado pelos anciãos e podem sofrer de simples advertências à desassociação do MRTJ.

³⁰⁴ Nas eleições para o executivo e o legislativo, elas comparecem à cabine de votação e anulam seus votos. Desta forma, se resguardam dos efeitos da não presença obrigatória aos pleitos.

³⁰⁵ JIMENEZ, José. **La vida como azar: la complejidad de lo moderno**. Trad. Manuela Agostinho. Lisboa: Vega, 1997, p.9-11.

³⁰⁶ FAIA, Maria Amélia. Op.cit., p.27.

onde se percebe novamente protegido. Ele passa a contar uma nova história, esta também de sua autoria com os mesmos personagens, porém, numa outra direção e com outro final, num cenário onde o ser humano empreende a enorme tarefa de procurar sentido para sua vida e onde o encontra na medida em que é capaz de edificar a sua própria substância subjetiva.

3.4.1 Narrativa do “Eu” inconformado

Inicialmente o converso faz uma narrativa de um “Eu” inconformado, porém disposto a mudanças. Toma-se como exemplo as palavras da convertida C1 (ANEXO, Entrevista 1). Depois que foi atraída, mais pela simpática paciência com que foi ouvida do que pela mensagem que lhe foi dada pelo publicador, num primeiro contato que se seguiu a outros. Ela estava incomodada pelo fato da não-suficiência de sua crença, querendo falar e ser ouvida. Procurava, como mesmo disse, “instrução para instruir meus filhos”. Encontrou, porém ainda assim sofreu. E transcrevendo as suas palavras:

Não vou mentir. O primeiro Natal, (pausa) quando me batizei (pausa) quando chegou dezembro, o Natal estava pipocando, tínhamos o hábito de reunir a família botar aquela mesa bonita, comes e bebes aquilo que você conhece né, então aquele Natal e meus filhos esperando! Natal para eles era uma festa máxima! Quando chegou o dia de Natal eu tive que decidir, ou você é ou você não é e quando você está no Salão³⁰⁷ você é autêntica TJ. Então eu chorei mais de uma hora no chuveiro me lavando daquilo tudo que eu estava desejando naquela hora. E tomei banho por uma hora e chorava porque eu achava que estava perdendo aquela alegria, eu estava tirando aquela alegria de meus filhos – Mãe, eu pedi isto, mãe... Eu pedi aquilo, (emocionada) e aquele Natal não teve nada, e foi muito desastroso para meus filhos [...].³⁰⁸

Uma narração sobre um “Eu” recalcitrante em que sentimentos contraditórios se engastam no constructo a partir do qual diferentes elementos vão sendo adicionados e, outros, arrancados para a elaboração do novo “Eu” transformado e ativo. Um “Eu” que não se resigna ainda às normas por ele mesmo escolhidas! O apelo dos filhos dilacerando suas mais ternas convicções, somado ao seu próprio grito, ambos abafados pela emergência desse seu “outro”.

³⁰⁷ Salão é o local onde as TJs se reúnem. É uma forma abreviada de se referir ao Salão do Reino das Testemunhas de Jeová.

³⁰⁸ ANEXO, Entrevista 1, p.183.

É uma luta consigo mesmo, num conflito, pois são duas forças de um mesmo “senhor” que se confrontam interiormente. Mesmo o converso, muitas vezes sente-se sucumbir ao antigo “Eu” e é amparado pelo “irmão” TJ. Esta não é uma situação incomum. Para cada hábito ou costume substituído se impõe ao aspirante a TJ sentimentos iniciais de perda e de abandono, tornando árduo o caminho da conversão. Contudo, esta arduidade não traz desânimo nem desarticula o publicador e seu discípulo, ao contrário, ela assinala o acerto da escolha e aponta para a convicção da verdade encontrada no estudo pela futura TJ. Orientado a ver nesta “dor” as manobras do iníquo (o Diabo) ele, mais uma vez, lança mão das “armas” que lhe são colocadas nas mãos pelo instrutor jeoviano: a leitura diária da Bíblia – e a todo momento em que esta “dor” surgir –, a oração ao espírito de Jeová Deus, o estudo e a presença às reuniões. Isto, porém, não significa dizer que desde o início o converso está em harmonia consigo e com os outros das outras crenças, mesmo dentro da sua família. Na verdade, é o início de uma jornada onde os caminhantes se arrimam nas chamadas “armas”³⁰⁹ fornecidas pelo seu instrutor. A narrativa de um converso C4 (ANEXO, Entrevista 4) ratifica esta assertiva:

Para se tornar uma Testemunha de Jeová ela tem que passar por um ensino bíblico, ou seja, ela tem que ser ensinada em vários princípios bíblicos, para que ela possa, de fato, ter o entendimento (dos princípios bíblicos) e automaticamente passar a agir de acordo com os princípios bíblicos que ela está adquirindo através da Bíblia.³¹⁰

Num outro relato de um dos conversos, a idéia que tem inicialmente do cerne de sua personalidade é confusa e ainda não corresponde aos seus anseios mais simples:

Na verdade eu via na minha mente confusões, e eu não recebi informações precisas com respeito às confusões que eu tinha com respeito a orar a Deus, mas sempre esbarrava que pra chegar a Deus eu tinha que passar por uma série de outros princípios religiosos como santos e coisas assim e isso me preocupava.³¹¹

³⁰⁹ As referidas “armas” são a oração ao espírito de Jeová, a leitura da Bíblia, a assistência às reuniões e assembléias e as sessões de estudos bíblicos.

³¹⁰ ANEXO, Entrevista 4, p.201.

³¹¹ ANEXO, Entrevista 4, p.201.

Este sentimento de insuficiência diante do Criador e a necessidade de um mediador, ou mediadores, para se chegar até Ele é interpretado pelo publicador como provocação de Satanás que penetra por uma entrada deixada livre pelo crente às suas investidas, é por onde ele entra e coloca a dúvida. Esta “brecha”, da qual se aproveita o Diabo, é fechada quando se está no caminho certo e se comporta de uma maneira correta. Com esta explicação e mais as leituras o converso se aquieta naquele momento, porém, o sentimento de inconformidade retorna quando ele tem que se desfazer de seus símbolos religiosos. Como no relato desta convertida:

- Foi difícil (pausa) porque eu tinha muitos quadros, e aquilo a gente fica com remorso porque a gente acredita e (pausa) a gente achava assim... Ruim.³¹²
- Ah! Não cheguei jogar fora não (riso leve, pesaroso) num cheguei a jogar fora não, eu dava pros outros.³¹³
- Ah! Eu ficava sempre lembrando Jesus, lembrava da minha outra religião (pausa longa)...³¹⁴

Percebe-se, não só pelas palavras, mas pelo tom da voz, a emoção com que esta nova TJ tenta se livrar de antigos símbolos e como estes ainda, neste início de conversão, têm significado para ela. Ao usar a palavra “remorso”, ela mostrou bem que o que lhe resta, realmente, da antiga crença não são apenas objetos bonitos, porém, é muito mais do que isto. O que ainda está em jogo, e não foi descartado, no seu interior é o que estes objetos da antiga fé representam para ela. A identidade também se constrói com representações e esta se observa, não são assim tão fáceis de serem desvencilhadas. O agora, para alguns conversos, se encontra, não importa o que se faça, cheio de lembranças, que logo são atropeladas por exortações do tipo: “Leiam as Escrituras! Vejam o apóstolo Paulo!”. Entre outras similares.

Esta outra narrativa de uma convertida revela também o conflito inicial, onde se debate um “Eu” inconformado com o desfazimento de suas “coisas”, que foram para ela anteriormente, tão caras, sagradas e dignas de respeito. Ao ser questionada se possuía imagens ou outros objetos católicos ela respondeu:

³¹² ANEXO, Entrevista 5, p.208.

³¹³ Idem.

³¹⁴ Ibid.

Tinha... É..., quer dizer tenho, mas estão no fundo da gaveta. Ainda não tive jeito de ficar sem eles. Mas não são nada! É só lembrança, o terço meu pai me deu, ah! Tenho um menino Jesus, tão lindo...! Era do presépio da minha avó e eu peguei ele.³¹⁵

Sua resposta é reveladora, embora deixe uma curiosidade: – quando obedecerá totalmente à Organização e se livrará destes objetos? E como o fará?

Neste outro recorte, de modo semelhante, este converso mostra o “Eu” desestruturado e na sua narração deixa perceber o quanto lhe custa a sua escolha: “Confesso que até hoje eu faço o máximo dentro de mim para eu botar uma pedra encima deste sentimento que me fazia aquela alegria fora do comum” (fala das comemorações)³¹⁶.

Esta outra situação mostra como o converso, apesar de não estar bem antes da mudança, mesmo assim se ressentido com ela e assim se descreve:

Desde que eu comecei a estudar eu comecei assim a me sentir assim que tudo o que eu estava fazendo estava errado. Mas foi difícil para eu sair dessa outra (religião) evangélica apesar de saber que estava errada..³¹⁷

3.4.2 Narrativa do “Eu” superado

A importância destas narrativas é que elas revelam uma superação do converso pelas novas idéias e interpretações. Ele sente que percorreu até o fim o seu antigo caminho sem, contudo, chegar a lugar nenhum. A entrevista C7 (ANEXO, Entrevista 7) mostra o modo como a pessoa se via e se sentia: “Era insegura. Achava que ninguém gostava de mim. Tinha medo de morrer, um monte de coisa. Aqui na terra a gente está sempre em perigo”³¹⁸. A narração de seu “Eu” resvala num passado amargurado e, em sua memória, ainda bem presente.

Estas outras narrativas permitem observar quase a mesma reação destes conversos ao descreverem o seu sentimento anterior, ultrapassado por uma diferente maneira de ser e de viver:

³¹⁵ ANEXO, Entrevista 7, p.219.

³¹⁶ ANEXO, Entrevista 1, p.183.

³¹⁷ ANEXO, Entrevista 2, p.190.

³¹⁸ ANEXO, Entrevista 7, p.219.

– Eu sentia. Eu vou dizer o que eu sentia: – Não existe hoje a palavra brega? Eu sentia que os ensinos, aquela cantoria toda, aquele abaixa e levanta, aquele acender de velas, aquele negócio de visitar mosteiros da fé lá em Vitória, aquela coisa toda... Não era aquilo que eu queria. Aquilo pra mim não representava algo que me achegasse a Deus e tudo aquilo para mim era brega!³¹⁹

– Ir para clubes eu amava vôlei eu amava natação e eu percebi que eu estava dando muito mais do meu tempo para estas coisas, porque quando eu ia, eu ia com a família então eu tive de usar o equilíbrio, eu busquei o equilíbrio então eu procurava sempre ir nos dias que não tinha reunião ... Nos dias de reunião, acabou!³²⁰

3.4.3 Narrativa do “Eu” social

Berger fala da importância do papel social na vida do indivíduo e de como ao representar estes papéis a emoção, que já existia dentro dele, emerge e se torna maior. “Ao assumir o papel, este inevitavelmente, reforça aquilo que já existia [...] O professor que representa uma cena de sabedoria vem a se sentir sábio”³²¹. Em outras palavras, quando o sujeito desempenha um papel no grupo social suas ações e atitudes derivadas não só expressam este papel como também a fabricam. Da mesma forma, também o converso, ao assumir a crença das TJs, desempenha seu papel de Testemunha de Deus e de exemplo à Sociedade como um ser que atua de maneira diferente nas diversas instituições sociais que ele integra.

Das entrevistas foram recortados alguns trechos que servem para demonstrar este “Eu” social dos conversos. Com relação às comemorações de aniversário, duas novas TJs assim narram seu comportamento e atitudes:

– Oh! Só tive um contato muito difícil com minha sogra. A minha sogra quando chegava os aniversários ela vinha com os presentes. Ela chegava dia antes para fazer o bolo. Então certa vez a minha filhinha ia fazer um aninho, C., ela já chegou com tudo praticamente e ela já começou a fazer o bolo. Mas era num sábado e era exatamente o tempo, o dia que o “irmão” M vinha dar o estudo conosco então deixei minha sogra na sala de jantar fazendo o bolo e fui atender o irmão. Quando falou que era o “irmão” M. que estava chegando. Esta palavra “irmão” deixava ela completamente atônita, então sabe o que ela fez? Eu recebi o “irmão M pela porta social e ela saiu pela

³¹⁹ ANEXO, Entrevista 1, p.183.

³²⁰ Idem.

³²¹ BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Op.cit., p.109.

garagem, foi embora, deixou tudo pra lá e foi embora, não quis saber de mais nada.³²²

– Ih! No início foi bem cruel. Os amigos ficavam admirados e muitos não entendiam. Minha mãe, meu pai e tios não entendiam e às vezes até se aborreciam com isto. Eu também, quem não gosta de presente e festas? (risos) Minha tia até se aborreceu com a vó. Mas não teve jeito... [parou de comemorar].³²³

Outro comportamento social narrado é com relação a possíveis convites de apadrinhamentos em casamentos realizados em igrejas de outras religiões:

– Para falar a verdade eu nunca fui convidada. Eu já fui testemunha de casamento, mas no civil. Se a pessoa me chamar eu vou explicar a ela, baseada na Bíblia, que aquela não é minha fé. Falo numa boa com aquela pessoa; que ela entenda que aquele não é o meu conceito.³²⁴

Em relação às comemorações de aniversários, uma entrevistada assim se expressou:

De casamento nem me lembro quando fui agora de aniversário não, porque a Bíblia não fala especificamente assim, mas Jesus é nosso modelo e você pode ler a Bíblia de *Gênesis* a *Apocalipse* que você não vê celebrar aniversários. A Bíblia fala de dois aniversários e nestes dois aniversários e neste dia eles pediram a cabeça de duas pessoas. Então tem para nós uma conotação negativa. Têm perigos, nós sabemos, agora se uma pessoa quiser comemorar seu aniversário, ninguém pode proibir.³²⁵

Este outro converso já se acostumou a não freqüentar as reuniões com seus amigos. Em sua narração percebe-se como o seu comportamento social foi, a princípio, difícil de ser aceito e como encara a obrigação do voto eleitoral:

³²² ANEXO, Entrevista 1, p.183.

³²³ ANEXO, Entrevista 7, p.219.

³²⁴ ANEXO, Entrevista 3, p.197.

³²⁵ ANEXO, Entrevista 6, p.213.

Foi ruim também, muito ruim, mas depois eu fui me aproximando mais dos “irmãos”, deixando os de perigo... Não adianta votar, tudo fica na mesma. É Jeová que é de fato nosso governante.³²⁶

3.4.4 Narrativa do “Eu” reconciliado

Nesta fase da narração é preciso se ater às diversas pautas da construção desta identidade religiosa possível. Há uma sucessão de episódios complicados que acontecem no tempo e no espaço e que a invadem. A identidade religiosa “passa por uma relação de verdade do sujeito em relação a si mesmo e ainda passa por uma capacidade de assumir essa verdade em relação aos outros”³²⁷, familiares, amigos, colegas de trabalho, etc.

Neste item foram separadas partes das entrevistas onde as narrativas são de compatibilização. Percebe-se que, ao dizer de qual sentimento eles estão imbuídos depois da conversão, a idéia que se tem é de um “Eu” reconciliado, como se depois de uma grande penitência, finalmente, viesse o perdão. O converso se diz:

- Feliz, alegre, muito feliz. Não tenho depressão. Passamos por problemas difíceis da família de mãe, de irmão, mas estamos sempre alegres.
- Temos nossos momentos... Claro, somos seres humanos, mas mal de mim se não fossem as TJs!
- Me sinto privilegiada! E gosto de falar que eu sou TJ e deu uma chance, eu dou testemunho!³²⁸

Como bem o diz Faia, “a questão da identidade enquanto consciência de si é indissociável quer da questão da alteridade, quer da questão da linguagem que lhe é inerente”³²⁹. Na verdade, no modo que o converso usa para se narrar a si e aos outros se vê, claramente, que em relação à identidade religiosa a alteridade é fator de grande importância e o conceito de identidade não pode ser considerado estanque em relação a ela.

³²⁶ ANEXO, Entrevista 7, p.219.

³²⁷ FAIA, Maria Amélia. Op.cit., p.12.

³²⁸ ANEXO, Entrevista 2, p.190.

³²⁹ FAIA, Maria Amélia. Op.cit., p.40.

De um ponto de vista antropológico, a identidade é uma relação e não uma qualificação individual, como o entende a linguagem comum. Assim a questão da identidade não é “quem sou”, mas “quem sou em relação aos outros, o que são os outros em relação a mim?”.³³⁰

Uma narrativa, retirada de uma das entrevistas de um converso, mostra a auto-harmonização do “Eu” consigo mesmo e com os outros dos diversos meios com os quais convive:

Então hoje, eu entendo que suprir a minha vida com os princípios da Bíblia, com o conhecimento da palavra de Deus é que me torna capaz de viver no mundo e posso dizer que me torna mais feliz em viver neste mundo, embora tanta desordem eu sou mais feliz vivendo baseado nos princípios da Bíblia.

Faia (2005) se refere à importância dos “quadros de referência” para a construção da identidade religiosa no converso e percebe-se isto pela leitura desta citação e de outras respostas às entrevistas realizadas com os novos conversos ao MRTJ, em que se declaram felizes após o batismo. Nelas, eles explicam o porquê se auto-aceitam e se harmonizam consigo mesmo e com os demais sujeitos do meio social onde se encontram inseridos. Demonstram satisfação com o resultado obtido com a mudança. Compreendem que de suas idéias, e do seu trabalho interior de autoconstrução e auto-interpretação, vai depender o encontro do sentido de suas vidas, busca esta que os impeliram a mudar:

Pode-se dizer que mudou da água para o vinho, né. No meio social passei a ser uma pessoa de destaque (com satisfação), entre outras no sentido de que toda a minha vida as minhas decisões se baseava na palavra de Deus e isso me fez a diferença. [...] Então eu posso dizer que sou um vencedor, neste aspecto, pelos princípios, pelo respeito que tenho pela vida e por aquilo que eu estava fazendo. Eu fui destaque, não só pessoal, mas também até mesmo em nível profissional.³³¹

– A minha mente ficou mais organizada, ele me citou aquele texto de provérbios, o sermão da montanha o *Eclesiastes* 3 e aquele texto que diz assim – O amor, *Coríntios* 13, ele mostrou que o amor não se comporta assim...Ele raciocinou comigo esta questão do amor... então eu pude ver que

³³⁰ GOSSIAUX, Jean François. “**Le paradoxe de l’identité**”. Conférence DIF POP sur L’identité national. Junho/1997. In: BORBALAN, Jean Claude Ruano et CABIN, Philippe. **L’identité national: L’individu, le groupe, la société**. S.L: Sciences Humaines, 1998, p.2e.

³³¹ ANEXO, Entrevista 4, p.201.

aquilo tudo foi porque eu não tive família e só cresceu dentro de mim, fui disciplinada com amor e descobri que Jeová é tão amoroso! Na criação das flores cada uma de uma cor. Você olha para as montanhas, uma variedade de verdes... Nada te cansa... Sabe!³³²

– Nós somos esclarecidos com idéias novas, informações novas e isto nos ajuda a ser mais fiéis mais perseverantes, pois estamos aguardando um governo novo que vai ser estabelecido. Então já somos orientados a nos comportar estamos orientados para viver dentro deste tempo e desde já.³³³

[...] Ele (o publicador) raciocinou comigo esta questão do amor [...] então eu pude ver que aquilo tudo foi porque eu não tive família e só cresceu dentro de mim, fui disciplinada com amor e descobri que Jeová é tão amoroso! Na criação das flores cada uma de uma cor. Você olha para as montanhas, uma variedade de verdes... Nada te cansa... Sabe!³³⁴

É reveladora a atitude do converso C4 (ANEXO, Entrevista 4) quando ele une o sentimento de “vencedor” ao ânimo da conversão, como também da entrevistada C1 (ANEXO, Entrevista 1) quando se diz mais organizada. Ambos, na verdade, com estas manifestações de contentamento e com palavras fazem emergir a reflexão feita pelos autores de *A comunicação do Eu* em que:

Qualquer manifestação subjetiva, comportamento, discurso ou mesmo o silêncio é um fenômeno (por estar ao alcance da percepção sensorial de outrem) que, para o senso comum e muitos iniciados, é a simples revelação do fenômeno (ser em essência) que lhe deu causa.³³⁵

Dessa maneira, grande parte das manifestações subjetivas dos conversos é espontânea, não é feita de forma premeditada com a finalidade de obter vantagens com elas. E tal acontece porque, segundo os mesmos autores, “as instâncias de socialização exercem sobre o indivíduo uma ação pedagógica multiforme”³³⁶, dessa forma, dá-lhes conhecimentos suficientes para que sejam inseridos socialmente e aceitos no meio em que vivem.

Várias outras narrações dos conversos evidenciam esta harmonização e como elas aconteceram no decorrer do processo.

³³² ANEXO, Entrevista 1, p.183.

³³³ Idem.

³³⁴ Ibid.

³³⁵ BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. **Comunicação do Eu**, p.75.

³³⁶ BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. Op.cit., p.78.

Bem este controle é feito através do respeito mútuo. Respeito os princípios da minha mãe e a recíproca é feito por ela.³³⁷

Na verdade vai acontecer esta harmonia nas famílias independente se ela tem a religião X ou Y e a gente vai conviver bem cada um respeitando os seus princípios e respeitando seus espaços.³³⁸

Mesmo com relação às crenças que claramente divergem do Cristianismo, do qual sua fé teve origem e às obrigações militares e algumas civis³³⁹, às quais são levadas a desobedecer, os conversos empenhados em divulgar as “boas novas” encontram harmonia e se sentem, enfim, reconciliados ao ver tais ordens refletidas na interpretação que fazem das Escrituras Sagradas.

– Com certeza nós vamos votar, mas nós não votamos em determinada cara. (Vota-se nulo). Nós já temos nosso governo. A Bíblia deixa bem claro que Jesus não fez parte do mundo. Quando pegaram para fazer dele rei ele se retirou, ele não participou de política e ele deixou o modelo para nós e nós mediante o estudo da Bíblia que nós fazemos, nós sabemos que a humanidade já passou por todo tipo de governo, já experimentou toda forma de governo e a gente vê o caos que está o mundo, um o presidencialismo outro... Todo tipo!³⁴⁰

Não se tem a pretensão de esgotar o assunto sobre as mais diferentes narrações dos diversos “Eu” encontrados entre os conversos, pela exigüidade do tempo determinado para uma dissertação. Contudo, dentro dos limites temporais e de espaço concedidos foi possível perceber as nuances entre uma narrativa e outra. Uma coisa é incontestável: mesmo para quem ficou entre os atores sociais desta “história” fazendo este estudo por mais de três anos, ainda há surpresa e emoção ao ouvir e transcrever estas narrativas e perceber as reações vividas pelos seus atores.

De acordo com Faia, “se a vida sem história é um acaso, a história de uma vida é o tólos, o sentido, em última instância o destino”³⁴¹.

³³⁷ ANEXO, Entrevista 4, p.201.

³³⁸ Idem.

³³⁹ As TJs não devem participar do serviço militar, das eleições, de manifestações de patriotismo e de organizações cívicas. O curso superior é desencorajado porque fomenta valores seculares etc. Vide capítulo 3.

³⁴⁰ ANEXO, Entrevista 6, p.213.

³⁴¹ FAIA, Maria Amélia. **O Eu construído**, p.141.

CONCLUSÃO

Alguns objetivos foram elencados ao se iniciar este trabalho e, dentre eles, dois se destacam: compreender em que consiste a formação da nova identidade religiosa construída a partir da conversão e perceber como o converso se auto-compreende e se auto-harmoniza neste contexto. O destaque dado a estas duas finalidades da pesquisa não tira a importância dos outros objetivos porque só foi possível atingir aqueles porque estes foram alcançados e os possibilitaram. Quando, num primeiro momento, fica demonstrado o estágio no qual grande parte da humanidade pós-modernizada está, ainda que em contínuo e progressivo movimento, entende-se o porquê de tanta mudança e os efeitos dela.

Quando se colocou também como objetivos do trabalho interpretar o desenvolvimento da definição da identidade do convertido e conhecer como se processam as relações sociais do sujeito a partir da conversão, se pensou, inicialmente, que tais respostas seriam trazidas pelo converso no momento das entrevistas e seriam suficientes para a análise. Realmente tal fato ocorreu, com uma ressalva: o estudo teórico feito nos capítulos um e dois vieram elucidar e trazer uma interpretação mais fiel às suas respostas e aos flagrantes de conversa ouvidos entre um encontro e outro nas reuniões e congressos.

A causa da mudança e da opção do ator social pelo MRTJ, não foi, como se pensava à primeira vista, a busca da compreensão do grande enigma que é Deus o que, aliás, entende-se que, se não é tarefa possível, usando a “revelação” da Bíblia de forma figurada, mais impossível ainda, se se pode falar assim, entendê-lo interpretando-a de forma literal, como fazem as TJs. Primeiramente, porque não é função das religiões procurarem esta compreensão, nem têm elas esta pretensão, tão grande é a complexidade da questão que nem ela, nem outra ciência, é capaz de captá-la. Segundo, porque esta incompreensão é geralmente aceita pelo ser humano – conforma-se com o fato de não ser possível entender um poder que deu origem a tudo e que não teve princípio nem terá fim. A crença religiosa deverá, sim, dar ao crente condições de viver, e bem, dentro deste grande e inconcebível mistério, apesar do mistério.

Para o converso, esta possibilidade foi o princípio do processo de transformação porque ele se inseriu de uma forma significativa dentro do MRTJ e sempre que o indivíduo se insere numa crença religiosa, desta forma, a assimilação é tal que ele se torna capaz de se sentir coerente dentro do “mistério” que esta crença acolhe, apesar do mistério. Ao estudante

foi apresentada uma crença e a sua aceitação deu início ao processo de construção da nova identidade religiosa.

Ao analisar as respostas e o comportamento dos conversos não foi possível deixar de observar o quanto as colocações feitas por Woodward (2000), Dausset (apud AUBERT, 1983) e Silva *et al.* (2000) se encaixaram nestes perfis. O converso ao MRTJ faz questão de ser identificado pela diferença que ele mantém em relação aos crentes de outras religiões. Aliás, esta “diferença” os exclui da sociedade não crente, de uma forma, vista por eles, agradável e bem vinda, pois os afasta do “perigo da contaminação”, ao mesmo tempo em que os aproxima do “Bem Supremo”. A construção da sua identidade passa pela diferença e é marcada por ela em todos os sentidos. A estrutura da Organização das TJs mostra um governo teocrático e que nada tem de democracia, como seu livro de *Registro* relata e como o próprio CGTJ não tem nenhum interesse em ocultar, ao contrário, a todo o momento isto é lembrado. Esta forma de governo assegura o CGTJ é a ideal para o fiel cumprimento dos desígnios de Jeová e, se assim não fosse, tal obediência não seria possível. Desta maneira, todas as ordens emanadas do CGTJ são de forma total e irrestrita cumpridas, sem discussão. Afirma também que esta é uma forma de se manter em unidade o grupo religioso das TJs e conservar a sua estrutura baseada no modelo original da primitiva Congregação Cristã.

O seu fundador, embora se dissesse avesso a qualquer tipo de clericalismo dentro da Organização que criasse uma hierarquia com privilégios para o clero, não teve como se furtar a isto e acabou por criar um sistema de governo que, na realidade, guarda algumas semelhanças com outras estruturas de instituições religiosas que possuem classe clerical. O sistema nada tem de democrático, tanto na forma de ordenamento, principalmente em relação à escolha do comando maior aqui na Terra – a formação do CGTJ.

Em relação à construção da identidade das TJs, percebe-se a marcante presença da interpretação bíblica na maneira de organização do raciocínio dos convertidos e no modo de solucionar seus problemas, sejam eles de relacionamento social ou de foro íntimo. A conclusão é que as crenças religiosas estão sempre presentes de maneira muito vigorosa na vida de cada uma das TJs arroladas e que a solução de seus problemas pessoais e dos familiares passa sempre por elas. O comportamento das TJs é, na maioria das vezes, interrompido pelas finalidades de sua existência, que as fazem ponderar entre a razão, as obrigações legais e o compromisso assumido com a doutrina do MRTJ. Com as citações do texto bíblico às mãos, a opção é sempre o pacto com Jeová.

Segundo Berger e Luckmann (2004), as idéias que enriquecem o ser humano não são autônomas, independentes. Elas não surgem do nada, não têm uma vida própria. Elas

pertencem ao próprio ser humano e fazem parte de um todo, de uma estrutura que é construída pela sociedade e para a sociedade. Como dinâmica que ela é, está em constante transformação que traz novas necessidades que, por sua vez, exigem novas idéias. Uma construção global para atender a esta demanda é vital. Assim, os conversos constroem uma sustentação para o novo conjunto de significados que vão substituir os antigos diferentes e, por vezes, contraditórios e que antes eram aceitos de uma forma natural.

Ocorre que esta construção global é feita pelo ser humano para atender às suas necessidades vitais. A dialética *ser humano X mundo* cria, permanentemente, situações problemáticas que têm que ser resolvidas e a estrutura global construída pelo ser humano está orientada para prover os meios de solucioná-las. Dessa forma, o ser humano para se converter a determinada crença religiosa precisa de condições sociais e conceituais adequadas e, para se manter nela, necessita estar inserido na comunidade religiosa. Não basta ser TJ: é necessário para se manter TJ freqüentar a comunidade TJ.

Os associados admitem, de acordo com o entendimento da Organização, que deve haver um limite imposto às relações sociais: quanto mais o espaço social for limitado à convivência dentro da organização das TJs, menos as influências do “exterior” serão sentidas por eles. Dessa maneira, novas idéias vão surgir como parte desta atual perspectiva de vida em resposta às necessidades ditadas por ela. Uma estrutura de plausibilidade é construída pelo converso que possibilita a auto-aceitação e sua harmonização frente ao mundo e se torna constitutiva da nova identidade religiosa.

As entrevistas vieram, de uma forma bem simples, elucidar a interrogação aberta no início da pesquisa e, juntamente com as noções sobre o movimento, se ligam à compreensão da maioria dos conceitos teóricos citados no segundo capítulo relativos à identidade, identidade e diferença, identidade religiosa e conversão. Os conversos, nas suas narrativas, puseram à mostra a maneira como construíram a sua identidade religiosa e como estão a conviver com este novo ordenamento. No decorrer das entrevistas é facilmente perceptível entrever a dificuldade que cada um, a sua maneira, enfrentou e solucionou e que alguns ainda estão a resolver. Em todos os casos nota-se uma alegria ou, pelo menos, a sua expectativa esperançosa e também a realidade de enfrentamentos do novo modo de vida em todos os seus aspectos, inclusive porque embates acontecem e eles sabem que ainda acontecerão muitos “tropeços”!³⁴².

Das entrevistas também ressaltam-se as “armas” que usam como modo de defesa contra a má recepção nas casas visitadas e como evitar as influências más que possam lhes

³⁴² As TJs usam a palavra “tropeço” para significar toda espécie de dificuldades que advêm.

acarretar desânimo e dúvida na crença. É recomendado a todas TJs que procurem conviver num ambiente social propício ao seu desenvolvimento religioso, ou seja, o meio social das TJs.

Faia fala da importância dos “quadros de referência”, no interior do qual, a vida do converso se desenrola, na construção da identidade pessoal e, por extensão, na construção da identidade religiosa, para além das estruturas mentais e dos processos psicológicos individuais. Estes *quadros* dão ao converso uma noção do social que, somado às suas idéias individuais, possibilitam a ele uma vivência de experiências únicas.

Os “quadros de referência” vão se fazendo e conseguindo o seu verdadeiro significado, “enquanto horizontes potenciais de comportamento e ação possíveis a partir da compreensão específica e da atualização individual que cada ator social lhes confere na sua prática existencial cotidiana”³⁴³. Com isto, torna possível ao sujeito uma reconciliação interior, pois encontrou coerência e sentido para a sua realidade existencial.

Em relação também com as escolhas das amizades mais íntimas e do círculo de relacionamento, os “anciãos” alertam, sempre apoiados na leitura bíblica citando o adágio popular: “Diga-me com quem andas e eu te direi quem és”. E, como bem o diz Faia, “a questão da identidade enquanto consciência de si é indissociável quer da questão da alteridade, quer da questão da linguagem que lhe é inerente”³⁴⁴. Na verdade, no modo que o converso usa para narrar a si e aos outros se vê, claramente, que em relação à identidade religiosa a alteridade é fator de grande importância e o conceito de identidade não pode ser considerado estanque em relação a ela. Assim, nestes tempos, a “contemporaneidade redefine os parâmetros existenciais do indivíduo pela constante mobilização reflexiva da auto-identidade, requerendo um exercício de quotidiano de auto-conhecimento e autodeterminação”³⁴⁵. Numa proliferação de opções, cada vez mais próximas, em que:

De um ponto de vista antropológico, a identidade é uma relação e não uma qualificação individual, como o entende a linguagem comum. Assim a questão da identidade não é ‘quem sou’, mas ‘quem sou em relação aos outros, o que são os outros em relação a mim?’.³⁴⁶

³⁴³ FAIA, Maria Amélia. **O Eu construído**, p.36.

³⁴⁴ *Ibid.*, p.40.

³⁴⁵ *Ibid.*, p.32.

³⁴⁶ *Ibid.*, p.40.

Pelas narrativas percebe-se que, aos poucos, uma conciliação está sendo arranjada no interior de cada converso. É como se eles estivessem a “fazer as pazes” consigo mesmos e assim encontrassem, de um jeito ou de outro, uma forma de auto-harmonização e compatibilização com a alteridade representando papéis, bem como assumindo as determinações, refletindo junto com os “irmãos” e, talvez mais importante, subjetivando as conclusões.

O converso ao MRTJ, ao assumir determinados comportamentos e atitudes relacionados ao tratamento de saúde e à própria maneira de enfrentar o futuro profissional dentro de uma sociedade cada vez mais exigente, tem consciência dos inúmeros riscos que lhe são impostos. A percepção constante destes riscos existenciais é vista como natural, pois segundo Faia:

Constitui enquanto sentimento fundamental do modo-de-ser contemporâneo, elemento estruturante da identidade pessoal, entendida enquanto processo incessante de procura interior já que, num contexto de contemporaneidade, não existem ‘quadros de referência’ partilhados por todos, universalmente verdadeiros, indubitáveis ou elegíveis ao estatuto fenomenal de fatos indiscutíveis.³⁴⁷

Sobre a noção de risco, Giddens esclarece que o mundo moderno contemporâneo, que ele chama de modernidade tardia, é apocalíptico não porque se encaminha de forma inexorável para uma calamidade, porém, porque ele introduz perigos para a humanidade jamais vistos e enfrentados por ela³⁴⁸.

O que, na realidade, acontece nestes tempos é que, ao contrário da estabilidade, os seres humanos têm consciência de que achar significado para as suas vidas depende de um esforço interior de autoconstrução e auto-interpretação de si e, no dizer de Faia, uma procura contínua disposta numa dialética existencial necessária, a saber, descoberta ‘versus’ invenção³⁴⁹.

Neste processo individual de construção de sua nova identidade religiosa e construção de sentido o converso é submetido, pela própria conjuntura social, a um exercício constante e sem fim de um auto-questionamento existencial e hermenêutico. É exposto a situações de dúvidas e incertezas, só possíveis neste atual sistema de coisas em que o sujeito se torna cada

³⁴⁷ FAIA, Maria Amélia. Op.cit., p.33.

³⁴⁸ GIDDENS, Antony apud FAIA, Maria Amélia. **O Eu construído**, p.33.

³⁴⁹ FAIA, Maria Amélia. Op.cit., p.33.

vez mais reflexivo perante o mundo. Uma busca de sentido que implica em fazer uma avaliação vigorosa do que é, de fato, uma vida plena, bem como agir de acordo com o sentido encontrado nela.

A experiência adquirida, previamente e durante este estudo, junto às TJs no estudo bíblico, o acompanhamento das suas reuniões semanais e o comparecimento a duas assembléias e a um Congresso Nacional, deram subsídios para a consecução dos capítulos dois e três desta dissertação, juntamente com o trabalho de campo, propriamente dito, por meio das entrevistas e sua análise. Muitos dos *insights* foram conseqüências das entrevistas e outros surgiram no registro no diário de campo de observações feitas nas muitas visitas, presenças às reuniões e estudos domiciliares.

O estudo foi desenvolvido seguindo uma metodologia, o que não quer dizer que outra não poderia ser adotada para conseguir um outro olhar. As respostas a todas as indagações que sugerem o tema não caberiam numa única reflexão, contudo, a forma dialogal estabelecida entre a autora e o MRTJ permitiu uma aproximação que, dentro dos limites do tempo e do espaço, lançou uma visão ainda que limitada sobre as TJs, sua doutrina e seu modo de ser e se harmonizar diante das contingências do mundo atual e em seu meio social.

No decorrer do capítulo três, na leitura das entrevistas, observa-se que outros “Eus” emergem das narrativas e é obvio que não se conseguiria versar sobre todos eles. Optou-se por aqueles que tocaram mais de perto a vida dos envolvidos nesta pesquisa: o inconformado, o social, o superado e o reconciliado. A autora, neste momento, se expõe à críticas que podem advir dos seguintes fatos: de ter escolhido umas narrativas em detrimentos de outras ou de ter colocado sua emoção nas escolhas. Contudo, dada a natureza complexa que tem uma pesquisa de campo em que, nem sempre se pode fugir de pressupostos subjetivos, dispõe a se submeter a mudanças se desta forma melhor resultado for obtido.

Muitas reflexões foram feitas com os estudos dos autores elencados neste trabalho, algumas conceituações de fato levaram a questionamentos entre eles - As TJs, após a sua conversão, mudaram de identidade religiosa ou simplesmente fizeram adaptações? É complexo um diagnóstico final e acabado. Uma afirmação definitiva e sem reservas é praticamente impossível pela própria peculiaridade do tema identidade considerando a exigüidade do tempo. Este trabalho, entretanto abre portas para novas pesquisas em relação às interrogações que emergem do tema.

Também que não se esgotaram todas as possibilidades de análise do processo de construção da identidade dos conversos ao MRTJ. Muitas vias estão abertas, tais como: O que de fato muda quando se converte ao MRTJ? As crenças? Os valores? As representações? As

lealdades interpessoais ou algo mais fundamental? Até que ponto a “representação” interfere nas identidades das TJs? Indagações que poderão ser respondidas num próximo estudo.

Esta pesquisa trouxe para a autora, além de muitos conhecimentos gerais e específicos, uma maneira nova de ver o MRTJ: um antes quase preconceito e uma estranheza foram substituídos por um respeito face aos “sacrifícios” impostos aos seus fiéis, sacrifícios estes, repita-se, vistos pelas TJs como uma aprovação de Deus à sua forma de ver e interpretar a Bíblia e proceder de acordo com ela. Também com relação às visitas domiciliares que antes causavam uma mal disfarçada contrariedade, hoje é mais uma oportunidade de contato social até certo ponto interessante.

Os indivíduos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. É o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico na sua experiência³⁵⁰.

³⁵⁰ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.7.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982.

ANTONIAZZI, Alberto *et al.* **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996.

ARENDT, Hannah. **La crise de la culture**. Paris: Gallimard, 1972.

AUBERT, Mautice *et al.* **Pour les droits de l'homme**. Paris: Librairie des Libertés, 1983.

BARROS FILHO, Clóvis; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. **A comunicação do eu**: ética e solidão. Petrópolis: Vozes, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERGER, Peter L. **Invitation to Sociology**: a humanist perspective. New York: Garden City Doubleday, 1963.

_____. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Perspectivas sociológicas**: Uma visão humanística. 18^o ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BERKENBROCK, Volney J. Perspectivas e desafios para a evangelização na América Latina: constatações a partir do outro lado. In: PIVA, Elói Dionísio (Org.). **Evangelização. Legado e perspectivas na América Latina e no Caribe.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs.). **O mal à brasileira.** Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1997.

BOFF, Leonardo. **A voz de arco-íris.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **Igreja carisma e poder.** Petrópolis: Vozes, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos.** Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CIPRIANI, Roberto; ELETA, Paula; NESTI, Arnaldo. **Identidade e mudança na religiosidade latino-americana.** Petrópolis: Vozes, 2001.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias: construções da realidade social.** São Paulo: EDUSC, 2001.

DE BENEDICTO, Marcos. **Artigo relatado no IV Simpósio Nacional de Universitários Adventistas.** Agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.unasp.edu.br/simposio/programa.htm>>. Acesso em: 02. out. 2007.

DEBRAY, Régis. **Le feu sacré: fonctions du religieux.** Paris: Gallimard, 2003.

DREWERMANN, Eugen. **Religião para quê?** São Leopoldo: Sinodal, 2004.

DULLIUS, Paulo Lari. Identidade e diferença. In: PEREIRA, William César C (Org.). **Análise institucional na vida religiosa consagrada.** Pub. CRB, REB-56, março, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Paulus, 1989.

ELIAS, Norbert. Qu'est-ce que la sociologie? In: CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias: construções da realidade social**. São Paulo: EDUSC, 2001.

ESTEVES, João Pissara (Org.). **Comunicação e identidades sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

FAIA, Maria Amélia. **O eu construído**. Identidade pessoal e consciência de si. Lisboa: Minerva-Coimbra, 2005.

FERRET, Stéphane. **L'identité**. Paris: Flammarion, 1998.

FERRY, Luc. **O que é uma vida bem sucedida**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

FIGUEIREDO, Fernando A. **Evangelização: conversão e testemunho**. Petrópolis: Vozes, 1976.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 2003.

FISHER, Mary Pat. **A religião no século XXI**. Lisboa: Edições 70, 1999.

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GONZÁLEZ, Leopoldo Jesús Fernandez; DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. **Cadernos de Antropologia da Educação: homem, pessoa e personalidade**. 2º volume. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOSSIAUX, Jean François. "Le paradoxe de l'identité". Conférence DIF POP sur L'identité national. Junho/1997. In: BORBALAN, Jean Claude Ruano et CABIN, Philippe. **L'identité national: L'individu, le groupe, la société**. S.L.: Sciences Humaines, 1998.

GRAND'MAISON, Jacques. **Le monde et le sacré**. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1966.

HALL, Stuart. **Signification, representation and ideology: Althusser, critical studies in mass communication**. Londres: Lawrence & Wishart, 1985.

HAMBURGER, Jean. **L'homme et les hommes**. Paris: Flammarion, 1976.

HARVEY, David. The condition of post-modernity. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JIMENEZ, José. **La vida como azar**. La complejidad de lo moderno. Trad. Manuela Agostinho. Lisboa: Vega, 1997.

KAUFMANN, Jean-Claude. **L'invention de soi: une théorie del'identité**. Armand Colin/SEJER, 2004.

LANE, Silvia Maurer T. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MARIZ, Cecília Loreto. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (Org.). **A religião numa sociedade em transformação**. Petrópolis: Vozes, 1967.

MARTELLI, Stéfano. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

PARDO, José Luis. El sujeto inevitable. In: CRUZ, Manuel (Org.). **Tiempo de subjetividad**. Barcelona: Paidós, 1966.

PIVA, Elói Dionísio (Org.). **Evangelização: Legado e perspectivas na América Latina e no Caribe**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RÉMOND, René. **Le christianisme em accusation**. Entretiens avec Marc Leboucher. Paris: Albin Michel, 2005.

RICOUER, Paul. **Temps et récit**. Tomo 3. Paris: Seuil, 1985.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 1988.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Bahia: s/e, 1935.

ROSELLÓ, Francesc Torralba. **Qué es la dignidad humana**. Ensayo sobre Peter Singer, Hugo Tristan Engelhardt y John Harris. Barcelona: Herder, 2005.

RUTHEFORT, Jonathan (Org.). **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **Que é o pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **On religion: speeches to its cultured despisers**. New York: Harper & Row, 1965.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Deis. **As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística**. Brasília: Finatec, 2003.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA DO MRTJ

A BÍBLIA. PALAVRA DE DEUS OU DE HOMEM? São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1989.

A CRIAÇÃO: VEIO A VIDA POR EVOLUÇÃO OU CRIAÇÃO? São Paulo: ATVBT, 1985.

A VERDADEIRA PAZ E SEGURANÇA: COMO PODERÁ ENCONTRÁ-LA? São Paulo: ATVBT, 1986.

A VIDA. QUAL SUA ORIGEM? EVOLUÇÃO OU CRIAÇÃO? São Paulo: ATVBT, 1985.

A VIDA TEM UM OBJETIVO. São Paulo: ATVBT, 1973.

A VITÓRIA DIVINA E SEU SIGNIFICADO PARA A HUMANIDADE AFLITA. São Paulo: ATVBT, 1973.

ACHEGUE-SE A JEOVÁ. São Paulo: ATVBT, 2002.

ADORE A DEUS. São Paulo: ATVBT, 2002.

AMIGOS DE DEUS. São Paulo: ATVBT, 2000.

ANUÁRIO. São Paulo: ATVBT, 1974, 1978, 2003, 2005, 2007, 2008.

APRENDA DO GRANDE INSTRUTOR. São Paulo: ATVBT, 2003.

AS NAÇÕES TERÃO QUE SABER. São Paulo: ATVBT, 1973.

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ NO SÉCULO XX. São Paulo: ATVBT, 1989.

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ E A QUESTÃO DO SANGUE. São Paulo: ATVBT, 1977.

CAIU A BABILÔNIA. São Paulo: ATVBT, 1972.

COLETÂNEA DE REVISTAS DESPERTAI. São Paulo: ATVBT, 2003, 2004.

COLETÂNEA DE REVISTAS A SENTINELA. São Paulo: ATVBT, 2003, 2004.

COMO PODE O SANGUE? São Paulo: ATVBT, 1990.

CONHECIMENTO QUE CONDUZ À VIDA ETERNA. São Paulo: ATVBT, 1995.

CUMPRIR-SE-Á O MINISTÉRIO DE DEUS? São Paulo: ATVBT, 1971.

DEUS REQUER. São Paulo: ATVBT, 1996.

EDUCAÇÃO. São Paulo: ATVBT, 1995.

É ESTA A VIDA? São Paulo: ATVBT, 1975.

ESCOLA DO MINISTÉRIO. São Paulo: ATVBT, 2001.

ESTUDO PERSPICAZ DAS ESCRITURAS SAGRADAS. Volume 1, 2 e 3. New York: Watch Tower Bible and Tract Society of Pensilvânia, 1991.

FAMÍLIA FELIZ. São Paulo: ATVBT, 1996.

FELICIDADE. São Paulo: ATVBT, 1981.

HISTÓRIAS BÍBLICAS. São Paulo: ATVBT, 2004.

IMPORTA-SE DEUS REALMENTE CONOSCO? São Paulo: ATVBT, 1992.

JUVENTUDE: O MELHOR MODO DE USUFRUÍ-LA. São Paulo: ATVBT, 1976.

MANUAL DA ESCOLA TEOCRÁTICA. São Paulo: ATVBT, 1992.

MUNDO SEM GUERRA. São Paulo: ATVBT, 1992.

O OBJETIVO DA VIDA. São Paulo: ATVBT, 1993.

O CRIADOR. São Paulo: ATVBT, 1998.

O ESPÍRITO SANTO. São Paulo: ATVBT, 1976.

O GRANDE INSTRUTOR. São Paulo: ATVBT, 1972.

O HOMEM EM BUSCA DE DEUS. São Paulo: ATVBT, 1990.

O MAIOR HOMEM QUE JÁ VIVEU. São Paulo: ATVBT, 1991.

O MELHOR MODO DE VIDA. São Paulo: ATVBT, 1979.

O NOME DIVINO. São Paulo: ATVBT, 1984.

O QUE A BÍBLIA REALMENTE ENSINA. São Paulo: ATVBT, 2005.

O REINO DE DEUS DE MIL ANOS. São Paulo: ATVBT, 1975.

O SEGREDO DE UMA FAMÍLIA FELIZ. São Paulo: ATVBT, 1996.

OS JOVENS PERGUNTAM. São Paulo: ATVBT, 1989.

ORGANIZADOS PARA EFETUAR O NOSSO MINISTÉRIO. São Paulo: ATVBT, 1990.

PORQUE ADORAR A DEUS? São Paulo: ATVBT, 2000.

PROFECIAS DE ISAÍAS. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: ATVBT, 2001.

QUANDO MORREMOS. São Paulo: ATVBT, 1998.

RACIOCÍNIOS À BASE DAS ESCRITURAS. São Paulo: ATVBT, 1989.

SALVAÇÃO DO HOMEM. São Paulo: ATVBT, 1976.

SEGURANÇA MUNDIAL. São Paulo: ATVBT, 1986.

SOBREVIVÊNCIA PARA UMA NOVA TERRA. São Paulo: ATVBT, 1984.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. São Paulo: ATVBT, 2000.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ QUEM SÃO? 1989 GOVERNO. São Paulo: ATVBT, 1993.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. PROCLAMADORES DO REINO DE DEUS. São Paulo: ATVBT, 1993.

TODA ESCRITURA É INSPIRADA EM DEUS E É PROVEITOSA. São Paulo: ATVBT, 1990.

TRADUÇÃO DO NOVO MUNDO DAS ESCRITURAS SAGRADAS. São Paulo: ATVBT, 1986.

TRINDADE. São Paulo: ATVBT, 1989.

UM LIVRO PARA TODAS AS PESSOAS. São Paulo: ATVBT, 1997.

UNIDOS NA ADORAÇÃO DO ÚNICO DEUS VERDADEIRO. São Paulo: ATVBT, 1983.

VENHA O TEU REINO. São Paulo: ATVBT, 1981.

VERDADEIRA PAZ E SEGURANÇA. São Paulo: ATVBT, 1986.

VIDA FAMILIAR. São Paulo: ATVBT, 1978.

VIDA SATISFATÓRIA. São Paulo: ATVBT, 2001.

VIVA PARA SEMPRE. São Paulo: ATVBT, 1982.

VIVER PARA SEMPRE. São Paulo: ATVBT, 1989.

ANEXO – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1: C1

Idade 65 anos.

Sexo: F

Congregação Central

(Conversas iniciais)

(...) Jeová esperou, primeiro que o sentimento brotasse dentro do primeiro homem e aí ele presenteou Adão com a mulher. Eu acho muito... Muito inteligente e sábio por parte de Deus. Esperar a vontade do homem (para se manifestar). Você tem este livro *Toda Escritura é inspirada*. Estamos estudando nele na Escola Teocrática, às quartas-feiras. Você tem este livro? Ele explica tudo desde *Gênesis* até o *Apocalipse*!

S: Há muito tempo que você é testemunha de Jeová?

C1: Há cinco anos.

S: A que crença você pertencia?

C1: Eu era católica.

S: Por que você escolheu a crença das TJs e não outra religião?

C1: É porque eu achei muito interessante, ele foi paciente comigo em explicar o texto que meu irmão carnal mesmo, de S Paulo... Ele foi me visitar, ele disse: – Maria não era imaculada, e como católica a gente tem Maria em alto escalão, digamos assim, Ele começou a me explicar, mas ele se enrolou um pouco, e falou: – Eu gostaria que você buscasse uma pessoa que já entendesse e que estivesse a mais tempo na verdade; e me indicou uma pessoa que eu deveria procurar, mas eu não procurei, e até briguei com ele. Eu só fiquei com a dúvida...

S: Você ficou em dúvida com a Igreja Católica?

C1: Não, eu fiquei em dúvida com o que ele disse sobre N. Senhora. Eu queria que ele me mostrasse isto na Bíblia, então quem por acaso bateu na minha porta foi o irmão M, foi um pioneiro, não sei se vocês se lembram dele. E começou a me explicar, ele foi tão claro, ele

pegava a Bíblia e me mostrava com tanta destreza que eu... Eu gostava muito de ler, mas eu nunca tinha pego uma Bíblia então eu vi que a sabedoria dele era fora do comum.

S: E este foi o primeiro contato com...

C1: Este foi o primeiro contato com as TJs.

S: Antes deste contato você sentia alguma ansiedade ou alguma coisa na religião que você professava antes?

C1: Eu sentia. Eu vou dizer o que eu sentia: – Não existe hoje a palavra brega? Eu sentia que os ensinamentos, aquela cantoria toda, aquele abaixa e levanta, aquele acender de velas, aquele negócio de visitar mosteiros da fé lá em Vitória, aquela coisa toda não era aquilo que eu queria. Aquilo pra mim não representava algo que me achegasse a Deus e tudo aquilo para mim era brega, na primeira palavra...

S: Quando você começou a se engajar no MRTJ você procurava especificamente o quê na sua vida?

C1: Eu procurava instrução para instruir meus filhos...

S: Você achava que o que então estava recebendo não era suficiente?

C1: Não era mesmo e eu estudei em Colégio católico, eu não recebia nem uma orientação, nem moral nem espiritual o que eu só recebia castigos, mas eu queria receber era uma orientação.

S: Quando você finalmente batizou, aprendeu tudo, você no momento que estava estudando o que você esperava? E quando você finalmente batizou como se sentiu?

C1: Eu me sinto mais preparada para enfrentar situações, todas as coisas que acontecem comigo eu estou assim orientada, preparada em saber que todas as coisas do que eu aprendi durante estes anos como uma, vamos dizer uma pessoa que publica aquilo que já sentiu, eu preciso falar para os outros, (com ênfase) eu tenho que falar para os outros como isso me ajudou na orientação dos meus filhos e me ajudou na educação de meus filhos, tanto assim que meus filhos hoje podem não ser profissionais em tudo que fazem, mas os meus filhos sabem exatamente até onde vão, sabem que estão fazendo a coisa errada e se vão é com conhecimento. Eu adquiri durante estes longos anos muito conhecimento que me ajudou a ter sabedoria para lidar com várias situações na minha vida.

S: Então a mudança da religião católica para o MRTJ provocou mudanças na sua vida?

C1: Ah! Provocou, provocou sim.

S: Houve alguma mudança drástica ou foram se adaptando?

C1: Foram adaptando, foram adaptando.

S: Por que, por exemplo, você deveria ter crucifixos, imagens?

C1: Claro tinha, eu tinha um crucifixo que tinha vindo á de Aparecida depois que aprendi dentro dos textos da Bíblia que aquilo não tinha nada a ver com a ordem de Jeová eu fui eliminando.

S: Mas foi assim com aquela tristeza?

C1: Mas, não, foi normal, natural. Correntinhas de ouro que meus filhos ganharam quando nasceram (pausa) não tive o menor escrúpulo em me desfazer delas.

S: E dentro de sua família ainda existe alguma pessoa que é de outra crença?

C1: Todos. Na minha casa todos (pausa) todos (com alívio!). Todos nós, eu e meu marido estudamos juntos e os meus filhos... vinha uma outra pessoa para ensinar.

S: E com relação a seus pais tem algum problema com relação a eles? Por que eles têm as suas crenças, a sua maneira de festejar o Natal, os aniversários, como você fez isto?

C1: Oh! Só tive um contato muito difícil com minha sogra. A minha sogra quando chegava os aniversários ela vinha com os presentes. Ela chegava dia antes para fazer o bolo. Então certa vez a minha filhinha ia fazer um aninho, C... Ia fazer um aninho ela já chegou com tudo praticamente e ela já começou a fazer o bolo. Mas era num sábado e era exatamente o tempo, o dia que o “irmão” M. vinha dar o estudo conosco então deixei minha sogra na sala de jantar fazendo o bolo e fui atender o irmão. Quando falou que era o “irmão” M que estava chegando. Esta palavra “irmão” deixava ela completamente atônita, então sabe o que ela fez? Eu recebi o “irmão M pela porta social e ela saiu pela garagem, foi embora, deixou tudo pra lá e foi embora, não quis saber de mais nada. Então esta foi uma parte, mas a outra parte teve boa porque a minha mãe foi morar comigo e ela era viúva e o que eu pude fazer para minha mãe foi fazer tudo pra ela, ela aceitou chorando, porque ela tinha um problema de saúde e quando eu li para ela aquela passagem que Jesus Cristo fez com aqueles leprosos. Eu pude

passar para ela este relato eu li para ela, ela chorava tanto, tanto que aquela comparação, que eu fiz para ela, deixou ela assim (ela disse): “Então o que eu estou esperando é isto que eu preciso saber”.

S: E a crença que os católicos têm, por exemplo, que a pessoa ao falecer, recebe a bênção com o ritual todo da morte?

C1: Eu perdi vários parentes, estes parentes eles nunca tiveram muita aproximação comigo não. E assim que eu me tornei uma TJ eu me identifiquei mesmo eu não fiquei escondendo. Eu era TJ 24 horas.

S: Você demonstra para todos o que é independente do que possam pensar sobre isto?

C1: Tranqüilamente e com muito orgulho.

S: Logo assim que você entrou para o MRTJ como você se sentiu? Eufórica, deprimida?

C1: Eu me senti muito feliz. Eu sempre fui muito pesquisadora, eu lia muito, então o fato então o fato de ter uma Bíblia na mão para mim era algo novo e eu lia e sentia uma alegria fora do comum, então aquilo me motivou a estar sempre alegre a ler, eu entendia que Deus era um Deus feliz!

S: Então com relação aos festejos de Natal, casamento de alguém, estes hábitos sociais, Como foi para você ao abandoná-los?

C1: Não vou mentir. O primeiro Natal, (pausa) quando me batizei (pausa) quando chegou dezembro, o Natal estava pipocando, tínhamos o hábito de reunir a família botar aquela mesa bonita, comes e bebes aquilo que você conhece né, então aquele Natal e meus filhos esperando! Natal para eles era uma festa máxima! Quando chegou o dia de Natal eu tive que decidir, ou você é ou você não é e quando você está no Salão³⁵¹ você é autêntica TJ. Então eu chorei mais de uma hora no chuveiro me lavando daquilo tudo que eu estava desejando naquela hora. E tomei banho por uma hora e chorava porque eu achava que estava perdendo aquela alegria, eu estava tirando aquela alegria de meus filhos - Mãe eu pedi isto, mãe... Eu pedi aquilo, (emocionada) e aquele Natal não teve nada, e foi muito desastroso para meus filhos futuramente (eles saíram mais tarde da organização). Eu tomei a posição, na verdade eu fui muito forte para Jeová, mas meus filhos ficaram tão decepcionados que com o

³⁵¹ Salão é o local onde as TJs se reúnem. É uma forma abreviada de se referir ao Salão do Reino das Testemunhas de Jeová.

passar do tempo eles... Quando chegou o tempo deles tomar a decisão de celebrar ou não o Natal, de festejar ou não os aniversários, de festejar ou não a Páscoa eles apelaram pro mundo, eles ficaram no mundo e eu saí e hoje eles estão vendo a diferença. Eles já vêm a diferença porque agora eles já fazem as suas pesquisas vêm a situação que o mundo está atravessando e eles falam assim: – É mãe a senhora tinha razão... E eu digo... eu não...!

S: Então foi doloroso... (a TJ interrompe).

C1: Foi doloroso, mas só nesta época de Natal, confesso que até hoje eu faço o máximo dentro de mim para eu botar uma pedra encima deste sentimento que me fazia aquela alegria fora do comum (expressão de perda), mas quando eu me vejo dentro do Salão ouvindo todas aquelas palestras eu digo: – Gente!! Mas que liberdade eu consegui... Porque meu marido ficou alegre de um lado, porque ele não tinha mais que ficar dando presentes, era um gasto... Uma coisa incrível... (risos) fora do comum eu acho que ele ficou feliz, mas por outro lado eu fiquei feliz porque conheci a verdade (expressão de conformismo).

S: E hoje, por exemplo, depois de tanto tempo como é que você lida com esta euforia das pessoas e você fora dela? Ainda sofre?

C1: Não, não ligo mesmo. Até para aniversários, como esta semana teve o do meu filho e ele disse: – Poxa, mas eu não ganhei nada no dia do meu aniversário... E eu respondi: – Mas você já não está acostumado com isto você ganha tanto o ano inteiro e vai querer um dia uma coisa para você. E esse filho ele ganha presentes! Ele não ganha presentes assim não, mas ele faz as artes dele e a gente vem atrás pagando e quer dizer ta ganhando ou não tá?... A gente é que está perdendo!

S: O que você fazia antes e agora depois da conversão deixou de fazer?

C1: Ir para clubes eu amava vôlei (suspiros), eu amava natação e eu percebi que eu estava dando muito mais do meu tempo para estas coisas, porque quando eu ia, eu ia com a família então eu tive de usar o equilíbrio, eu busquei o equilíbrio então eu procurava sempre ir nos dias que não tinha reunião ... Nos dias de reunião, acabou!

S: Você agora concilia sua vida esportiva com a religião ou você abandonou?

C1: Não, eu abandonei porque a idade chegou, não por causa da religião.

S: E que coisas novas você começou a fazer e que não fazia antes?

C1: Ah, minha filha uma coisa muito nova, receber as pessoas com naturalidade... Se você chegasse na minha casa antes de eu me tornar uma TJ eu perdia tudo... eu não sabia onde ficava o açúcar, eu perdia tudo.

S: Ficava insegura?

C1: Extremamente insegura, porque eu não tive família, eu não fui criada com a minha família então eu não sabia ser uma dona de casa...

S: E depois?

C1: Depois que eu me tornei TJ eu busquei equilíbrio... Porque o próprio “irmão” me ajudou, quando ele chegava lá em casa ele falava assim: – Oh! A “irmã” agora vai sentar... Porque eu era toda organizada meus horários... Era tudo muito dentro de horário. Aí quando ele chegava, ele chegava às duas horas, a cozinha tinha que estar super-arrumada, as crianças de banho tomado, a casa encerada, tudo brilhando, aí ele sentava fazia o estudo e depois deste estudo tinha o lanche que eu oferecia e tudo mais. Então, esta organização eu passei a adquirir depois que eu me tornei uma TJ, porque antes eu ia atropelando, eu não conseguia conciliar casa e serviço de campo. Se alguém ligasse para mim e dissesse: – Olha, ó! Gente! Nós vamos dar uma chegadinha em sua casa... Parente, principalmente, eu já não enxergava mais nada, ficava toda manchada, eu não enxergava mais nada eu engasgava, eu gaguejava, e quando as pessoas chegavam, eu perdia meu chão!

S: E por que você acha que adquiriu isto depois que se tornou uma TJ?

C1: Porque ele me ensinou a organizar a minha mente. A minha mente ficou mais organizada, ele me citou aquele texto de provérbios, o sermão da montanha o *Eclesiastes 3* e aquele texto que diz assim: – O amor, *Coríntios 13*, ele mostrou que o amor não se comporta assim... Ele raciocinou comigo esta questão do amor... então, eu pude ver que aquilo tudo foi porque eu não tive família e só cresceu dentro de mim, fui disciplinada com amor e descobri que Jeová é tão amoroso! Na criação das flores cada uma de uma cor. Você olha para as montanhas, uma variedade de verdes... Nada te cansa... Sabe! (sonhadora).

S: Então acredito que estas perguntas que vou fazer já estão respondidas, mas só para terminar: Quando você se converteu você firmou um compromisso de ruptura de idéias que tinha e com o mundo e aceitação das idéias atuais, em detrimento das anteriores?

C1: Plenamente.

S: A necessidade de fazer parte foi do grupo foi atendida? Você se sente parte do MRTJ?

C1: Me sinto.

S: E antes você se sentia parte da comunidade católica a que pertencia?

C1: Sim, tanto que quando os “irmãos” visitaram a comunidade de Piau, onde eu acabara de comprar uma casa, eu vi aquele movimento na pracinha e um deles bateu em minha porta e se identificou como TJ eu disse: – Ah! Eu vou lá em JF, lá na casa do Bispo e dizer a ele que as TJs já estão infiltrando na diocese (risos).

S: Você sentiu necessidade de assumir os valores defendidos pelo grupo?

C1: Claro...

S: A necessidade de acatar as lideranças?

C1: (Gesto afirmativo).

S: Você, quando recebe uma ordem, lá no salão, por exemplo, não fazer transfusão de sangue, na eleição, você não deve votar, você obedece de coração ou obedece porque tem que obedecer?

C1: Não... Essas diretrizes, elas são aceitas de maneira mais sincera.

S: Então vem um candidato, dizendo: – Maria eu trouxe aqui um “santinho” para você distribuir para mim, o que faz? Como você fala para ele?

C1: Eu falo pra ele, simplesmente: – Olha eu não participo de política, eu agradeço muito, mas vou deixar você bem ciente que eu não participo disto.

S: Com relação a impostos, você questiona ou cumpre o que tem que ser pago?

C1: Eu costuro para fora, mas sei que isto não representa nada.

S: Sim, você está isenta, mas e se não estivesse isenta, você pagaria?

C1: Claro, pagaria se é de César é de César.

S: Você reconhece o governo como uma autoridade seja lá como for sua conduta?

C1: Sim. Isto é um requisito cristão: “Dar a César o que é de César”.

S: Requisito das TJs?

C1: Hum... Hum das TJs.

S: Você já sentiu vergonha de fazer o trabalho de campo?

C1: De jeito nenhum.

S: O que você sente quando alguém não quer lhe ouvir?

C1: Eu fiz a minha parte...

C1: A princípio eu saía do sério. Eu falava com a “irmã” que saía comigo eu vou para casa, hoje eu não falo mais. E não conseguia falar mesmo. Com o passar tempo eles foram me orientando na congregação, os estudos mesmo que eu fazia sobre a Bíblia “não é a ti que eles rejeitam, mas é a Mim”, né.

Entrevista 2: C2

Idade: mais de 50 anos.

Sexo: F

Congregação Central

S: Como foi o seu primeiro contato com o MRTJ?

C2: Eu não as conhecia e nunca tinha ouvido nas TJs. Quando eu deixei a católica em 1977. Eu estava à procura.

S: Mas você deixou a católica por quê?

C2: Porque achei que estava muito repetitiva. Entrava oco e saia vazio. Não era aquilo que eu queria.

S: Com relação à doença, à sua vida?

C2: Com relação à espiritualidade.

S: Houve algum fato que precipitou?

C2: Não, eu achei que não estava me preenchendo dentro do espiritual mesmo, uma falta mesmo. Como diz aquele texto do Sermão do Monte Côncios de suas necessidades espirituais que eles serão salvos, eu estava cônica das minhas necessidades espirituais aí eu saí.

S: Como foi o seu primeiro contato, alguém te visitou como foi?

C2: Eu havia chegado num domingo de uma Igreja evangélica e meu marido havia ido à feira e estava fazendo almoço e bateu o interfone... Pelo interfone e falou que teria alguma mensagem da Bíblia para mim, e eu falei: – Eu cheguei de uma Igreja agora. Ai ele respondeu para mim, mas você não tem dois minutos para Deus. Ai eu respondi: – Tenho. Abri o interfone e ele subiu e eu ate senti quando os vi que era diferente e percebi...

S: Teve uma boa impressão?

C2: Boa impressão!

S: Quando eles começaram a pregar você de pronto aceitou de pronto ou relutou?

C2: Nem um minuto eu relutei (pequena pausa) era duas TJs e um deles era ancião e nos dois minutos na porta eu lhes disse que gostava muito do Livro de Tiago aí ele me perguntou se eu sabia o nome de Deus e eu não soube responde, eu falei que era Emanuel, e dali eu os mandei entrar e dos dois minutos devem ter ficado umas duas horas. E amei.

S: E quando eles retornaram?

C2: Amei. Quando ele me perguntou: – Você quer estudar a Bíblia? Ele percebeu que eu era deveria ser uma ovelha.

S: Foram homens ou mulheres?

C2: Homens, dois homens.

S: E depois quem te deu o ensino?

C2: Ai ele perguntou: – Você quer estudar a Bíblia?, eu respondi: – Eu quero. Ai na revisita veio uma mulher.

S: E a partir daí só mulher, porque mulher ensina mulher e homem... (interrupção pela C2).

C2: Homem a homem. Ai ela combinou o dia e o horário.

S: E você se sentiu tocada pelo espírito? Porque às vezes as TJs sugerem que os estudantes orem ao espírito santo para ele mostrar o caminho.

C2: Fui aprendendo da Bíblia. Não teve isso de emoção e coisa, foi simplesmente o estudo da Bíblia.

S: Como você se sentiu no dia em que foi batizada? E com relação a festas depois que se converteu. Como se sentiu quando você assumiu de fato a crença?

C2: Desde que eu comecei a estudar eu comecei assim a me sentir assim que tudo o que eu estava fazendo estava errado. Mas foi difícil para eu sair dessa outra evangélica apesar de saber que estava errada.

S: Então você foi católica, evangélica...?

C2: Católica, evangélica, kardecista, Seicho-Noe, e depois vez evangélica, eu estava procurando mesmo...

S: De qual evangélica?

C2: Quatro anos de... (reticente) Igreja Universal. Pensava tá errado ...(timidamente) mas para onde que eu vou?

S: E quando você se converteu já sabia o que podia fazer e o que não podia fazer?

C2: Porque é referente à Bíblia e o que fala e tudo é embasado na Bíblia.

S: Com relação ao seu primeiro Natal após a conversão, a sua primeira Páscoa, como foi a sua reação?

C2: Não fez diferença nenhuma acatei, assim numa obediência total porque era o que eu estava procurando.

S: E com relação a sua família, que como brasileiros têm por hábito festejar muito, como foi sua colocação?

C2: Não, a família não envolveu em nada.

S: Você tem os filhos grandes, casados?

C2: Não, tenho um filho com dezesseis anos.

S: Não provocou nada?

C2: Nada, não provocou nada.

S: E quanto a imagens, cruzes, etc.?

C2: Eu já tive santos (imagens), mas devido a esta igreja evangélica já tinha acabado, mas não sabia nada da Bíblia. Eles falavam que não podia, mas não tinha o amparo legal ali para me mostrar. Aceitei, eu era mansa.

S: Como era seu relacionamento com a política, obrigações de voto, etc.?

C2: Os impostos, como somos professores já vem descontado no nosso pagamento. Nunca tive objeção nenhuma. Quanto à eleição anos atrás eu trabalhava, mas eu aceitei tranquilamente (não votar). Tudo que vinha da Bíblia eu aceitava sem questionar.

S: Qual a sua preocupação com o País e com o futuro antes da sua conversão. Como você se posicionava com as situações de dívidas, guerras, de morte?

C2: Eu achava tudo normal, tudo natural e na vida morria e acabava.

S: E as desgraças que aconteciam à sua volta e a atual situação?

C2: Não me afetava não.

S: E depois que você se converteu?

C2: Feliz, alegre, muito feliz. Não tenho depressão. Passamos por problemas difíceis da família de mãe, de irmão, mas estamos sempre alegres. Temos nossos momentos...

C2: Claro, somos seres humanos, mas mal de mim se não fossem as TJs.

S: E quando você vê as notícias da televisão com desgraças, mortes, terremotos, o que você pensa? O que vem à sua cabeça?

C2: Profecias se cumprindo. O AT se tornando verdade. Em 2 Timóteo 3:1-5 a gente vê isto nitidamente, as profecias se cumprindo³⁵² (e mostrou a Bíblia).

S: Você demonstra para todos que é uma TJ, ou tem medo e em determinadas situações você se recolhe?

C2: Me sinto privilegiada! E gosto de falar que eu sou TJ e deu uma chance, eu dou testemunho.

S: Tudo bem.

C2: Tudo mudou para melhor, minha família, meu marido tudo.

S: Houve algum trauma relacionado à conversão com a sua família, com o pai, com a mãe?

C2: A mãe muito católica, de início quando me viu lendo aquele livro Conhecimento que conduz à vida eterna ela disse assim: – As TJs não acreditam em Jesus. Foi a primeira opositora (oposição). Eu respondi: – Mãe não é o que o livro está falando, mamãe, não é isso e depois passado algum tempo ela disse que fez a pergunta a um padre e que o padre disse que só as TJs saberiam responder.

S: E hoje ela...?

C2: Ela continua católica, preguei muito para ela, falei muito para ela, mas hoje ela está com esclerose, esclerosou.

S: Você deixou de fazer muita coisa depois da sua conversão?

C2: Não, porque eu já não fazia.

³⁵² ¹Sabe, porém isto, que nos últimos dias haverá tempos críticos, difíceis de manejar. ²Pois os homens serão amantes de si mesmos, amantes do dinheiro, pretensiosos, soberbos, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, desleais, ³sem afeição natural, não dispostos a acordos, caluniadores, sem autodomínio, ferozes, sem amor à bondade, ⁴traidores, teimosos, enfunados [de orgulho], mais amantes de prazeres do que amantes de Deus, ⁵tendo uma forma de devoção piedosa, mostrando-se, porém, falsos para com o seu poder; e destes afasta-te. ⁶Pois, dentre estes surgem aqueles homens que se introduzem ardilosamente nas famílias e levam cativas mulheres fracas, sobrecarregadas de pecados, levadas por vários desejos, ⁷sempre aprendendo, contudo, nunca podendo chegar a um conhecimento exato da verdade.

S: Que coisas novas que estão sendo um desafio para você agora e que faz tranquilamente?

C2: Quando eu comecei a pregar era um desafio, mas agora uh! É a melhor coisa que a gente faz é pregar. A melhor.

S: E sobre “Muitos são chamados e poucos os escolhidos”.

C2: Poucos os que aceitam né, viver dentro dos princípios bíblicos e que não são pesados.

S: E como são chamados?

C2: Exatamente, porque a Bíblia tem um texto que diz assim: – Ninguém pode vir a mim a menos que o Pai o atraia então quando somos contatados pelas TJs e aceitamos plenamente todas as orientações que eles dizem da Bíblia, né, e que a gente constata que vem da Bíblia somos movidas para escutar e somos movidas para aceitar e raciocinar...

S: Movidas por quem?

C2: Movidos por esta força ativa, não tem aquele texto que diz assim “Onde tiver um ou mais reunidos em meu nome lá estará o meu espírito presente entre eles. Esta força ativa nos atrai a Jeová. Então, uma vez que somos atraídos, nós temos que ficar juntos com aqueles que também foram atraídos por ele, nas congregações. Então o que ativa a todas as TJs é o espírito santo de Jeová, nas reuniões, nas assembléias, nos congressos porque ali muita coisa é passadas muitas informações, porque você sabe que dentro da congregação das TJs cada dia que passa surge um ponto novo. Nós somos esclarecidos com idéias novas, informações novas e isto nos ajuda a ser mais fiéis mais perseverantes pois estamos aguardando um governo novo que vai ser estabelecido. Então já somos orientados a nos comportar estamos orientados para viver dentro deste tempo e desde já!

S: Onde vocês procuram esclarecer as dúvidas quando surgem?

C2: Dentro da Bíblia. A Bíblia responde a todas as nossas perguntas.

S: E sobre os inventos do homem?

C2: Jeová Deus. Um dos atributos de Deus é a sabedoria. Os quatro atributos dele que são Deus são amor, justiça, sabedoria e poder... Quando Ele criou o homem Ele disse para Jesus Cristo assim: – Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Então Ele nos dotou

com esses poderes, essa sabedoria. Você pode ver que o homem tem sabedoria e esta sabedoria vem sendo manifestada ao longo dos séculos.

(A TJ C1 retorna à sala e responde também as perguntas).

S: E quantos aos milagres?

C2: Os milagres acabaram com a morte do último apóstolo.

S: Então não tem mais milagres?

C2: Não. Não existem, mas existe a medicina que Jeová dá a inteligência para os remédios (para os homens).

S: Então uma pessoa tem uma doença e começa a rezar?

C2: Orar! Orar! (enfática). Podemos orar e para o médico, para o espírito santo de Jeová iluminar o médico. Agora milagre não, só até o ultimo dos apóstolos, João, que tinha o poder, e ele morreu 100 anos EC.

S: Então milagres, hoje, não há?

C1: Não, não há.

S: Então o que chamamos milagre é obra do Satanás? Ele faz o ato e nós pensamos que é milagre de Deus?

C2: Isto mesmo. Satanás persiste em se transformar em anjo, para enganar os homens.

C1: Para a pessoa continuar na escuridão. Jesus disse: – Eu sou a luz. Ah! Porque você falou doutrina, não é doutrina as TJs acatam a Bíblia como autoridade.

C2: As TJs não falam em doutrina, porque de acordo com *Marcos 7.7-7*. “É em vão que persistem em adorar-me, porque ensinam por doutrinas os mandados de homens”. Deixando o mandamento de Deus, vós vos apegais à tradição de homens. Então nós só podemos acatar os mandamentos e não as doutrina e nem a tradições, elas acatam os mandamentos. Não se fala em doutrina mas em ensino!.

C2: As TJs não têm doutrina, elas seguem a Bíblia, os mandamentos. (enérgica) Quem escreveu a Bíblia? Quantos escreveram?

S: Muitos homens.

C2: Quarenta homens! (Impaciência e firmeza) Quantos anos? 1613 anos. De 1513 que começou com Moisés e terminou em 98 da EC com João escrevendo os *Evangelhos*. *Apocalipse* ele escreveu em 96.

S: E como vocês sabem esta cronologia?

C2: Justamente para você ver a harmonia. Eles não se conheceram e tem harmonia, porque o Autor é um só. Ele usou homens, o pensamento é Dele. As TJs não têm doutrina elas acatam os mandamentos, está em *Marcos 7:7*. Aí, é doutrina de homens. Quando falar com você, você pergunta: – Onde está escrito? Satanás...

S: Como se fala, então? Como eu falo?

C1: Os ensinamentos, as orientações de Jeová.

C2: Os ensinamentos. Estamos vivendo no tempo da colheita. Em 1914, Jesus foi empossado como Rei, nos céus e estamos aguardando aquela ordem de Jeová, senta-te a meu lado até que Eu ponha teus inimigos de escabelo aos teus pés, estes inimigos ele já jogou dos céus. Tanto que em 1914 houve aquela guerra nos céus, Satanás foi expulso para a nossa terra e por isso é que a terra está se contorcendo em dores, porque Satanás sabe que está chegando o fim do período dele.

C2: Os ungidos são escolhidos por Jeová. Nós escolhemos viver na terra. Atualmente, há mais ou menos 8.000 ungidos vivos, dos 144.000 que viverão eternamente nos céus.

Entrevista 3: C3

Idade: 35 anos

Sexo: F

Congregação Fábrica

S: Quando você foi batizada? Com quantos anos você foi batizada?

C3: Em 1989. Não sou boa em matemática. Estou com 35 anos... (16 anos)

S: Na sua casa havia crucifixos, imagens...

C3: (interrompendo)! Tinha...

S: E como é que você fez esta mudança, de não ter mais imagens?

C3: Tinha um crucifixo encima da cama da minha mãe, quando a gente aprendeu que a gente não pode adorar imagens e que não está dentro do ensino da Bíblia, a minha mãe se desfez da única coisa que ela tinha que era o crucifixo.

S: E até hoje toda a sua família é TJ?

C3: Só a minha mãe, a minha irmã, que é deficiente auditiva e uma irmã minha que estuda.

S: E você teve dificuldades em relacionamento com as pessoas que eram católicas?

C3: Não nunca tive... Problema de enquete, estas de televisão...

S: E em relação às comemorações natalinas, de aniversários, de Páscoa, tão diferentes das comemorações jeoviananas. Como foi esta troca? Como é hoje?

C3: Eu aprendi dentro da Bíblia, com a minha mãe que mostrava o lado de que isto não iria agradar a Jeová, porque não está dentro da Bíblia e no que era explicado, a gente aceitava e a gente perguntava o porquê e tinha sempre, sempre a resposta foi objetiva, A gente nunca... Nós nunca ficávamos no vácuo com aquela opção de simplesmente acatar o que minha mãe, as pessoas falavam. A gente realmente entendia o que a Bíblia falava e a gente concordava.

S: Quando havia alguma divergência procurava na Bíblia...

C3: Justamente. Toda a forma de orientação sempre foi guiada pelo que a Bíblia diz.

S: Quando um casal católico convida você para madrinha de um casamento, você entra numa boa dentro da Igreja?

C3: Para falar a verdade eu nunca fui convidada. Eu já fui testemunha de casamento, mas no civil. Se a pessoa me chamar eu vou explicar a ela, baseada na Bíblia, que aquela não é minha fé. Falo numa boa com aquela pessoa; que ela entenda que aquele não é o meu conceito.

S: Você considera que as outras religiões são boas, ou só o caminho da salvação é o do MRTJ?

C3: É a minha fé. Eu acredito que baseada na Bíblia. A Bíblia diz que há dois caminhos, um que leva à destruição e aquele que conduz à vida eterna. Eu acho que toda religião tem seu lado bom, porque todos nós fomos criados com a necessidade da religiosidade, de ter um conceito sobre Deus, de ter uma fé. Só que eu, o que aprendo na Bíblia é a minha fé que vai me conduzir à vida eterna. E a Bíblia diz que aqueles que fazem a vontade de Deus e permanecem fiéis até o fim serão salvos.

S: No caso de aparecerem pessoas com mensagens de outra crença para você, você a ouve achando que vai aprender alguma coisa ou você descarta?

C3: Quando, por exemplo, domingo a gente está em casa e vem uma pessoa e bate, a gente escuta, porque do mesmo modo que eu gosto que a pessoa mostre respeito quando eu estou pregando de casa em casa eu também faço isto me identifico como TJ, se a pessoa faz alguma pergunta, eu respondo, logo em seguida eu não vou fazer uso daquela explicação eu descarto ela. Não vou menosprezar ou usar aquilo como motivo de deboche, não de maneira alguma! Eu trato a pessoa com muito respeito, muita educação.

S: E então no seu conceito somente a sua fé salva?

C3: É (pausa) no meu conceito sim.

S: E com relação ao modismo, tatuagens, que a gente vê por aí, muita televisão, internet, como você convive com isto?

C3: Eu acho assim, Suely. A internet... tem o seu lado bom dela, no que diz respeito à instrução, dados para atualização sobre o que acontece no mundo, informação, agora o lado ruim dela, independente de ser TJ ela vai se privar daquilo. Pais como eu, eu tenho uma filha de cinco anos então a gente escolhe. Televisão da mesma forma. Televisão hoje está muito ruim. Basicamente só vejo telejornal. Quanto à tatuagem isto é um modismo, marca muito o corpo da gente, só aí...! Como no Japão as pessoas usam tatuagem e estas pessoas elas são, tipo, recriminadas, por aí você vê que já não é uma coisa assim muito bem aceita e tudo. Mas respeito quem faz, não o critico. Mas modismo eu, não aceito não.

S: Mas você não acompanha porque é uma ordem ou por que...

C3: (interrompendo) Porque a Bíblia diz que você tem que ser uma pessoa diferente. A Bíblia fala isso, onde a mulher tem que tratar do cabelo, em outras palavras, usar uma coisa bonita, mas que não vai chamar atenção, que você vai se identificar também pelo seu modo de vestir e não só pelo seu caráter, pela sua moral, a pessoa vai olhar e vai dizer: “poxa! ela é uma TJ ,ela ouve Jeová, anda de acordo”.

S: Então é importante para a pessoa convertida ao MRTJ ter a aparência de uma TJ?

C3: Justamente, é.

S: Não só sentir, mas também mostrar...

C3: (interrompendo) Porque senão eu posso está é (sic) camuflando e isso não é o objetivo.

S: Nesta pregação, desde pequena, você vinha acompanhando seus pais?

C3: Desde nove anos.

S: O que você acha da supremacia do homem sobre a mulher? Você aceita bem ou você questiona?

C3: Não questiono. Porque é de dentro da Bíblia que a mulher é o vaso mais fraco e a gente precisa da orientação e da ajuda do homem. Qualquer decisão eu aceito, porque acatar é diferente de aceitar. Que o homem é o cabeça da família... As decisões são tomadas de comum acordo, mas a palavra final é dele.

S: Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

C3: Não...

Entrevista 4: C4

Idade: 40 anos

Sexo: M

Congregação Fábrica

S: Qual foi o seu primeiro contato com as TJs?

C4: Foi em 1986, no trabalho, eu trabalho no comércio, nas conhecidas Casas Pernambucanas e lá tive contato com uma TJ.

S: E antes você era?

C4: Bem, na verdade eu nunca fui assim especificamente de uma religião. Minha mãe tem lá seu lado católico, mas eu nunca me interessei. Às vezes eu ia à missa, às vezes não!

S: Fez primeira comunhão?

C4: Fiz, mas nunca fui concentrado em nenhuma não. Tinha como norte a minha mãe, mas nada, além disto.

S: O que aconteceu que você se tornou um religioso praticante?

C4: Na verdade eu via na minha mente confusões, e eu não recebi informações precisas com respeito às confusões que eu tinha com respeito de orar a Deus, mas sempre esbarrava que pra chegar a Deus eu tinha que passar por uma série de outros princípios religiosos como santos e coisas assim e isso me preocupava. Foi aí que eu tive oportunidade de entrar em contato com esta pessoa. Ele começou a falar de uma maneira diferente o que seria então estudar a Bíblia e como então Deus teria de escutar a oração de que maneira, isso foi uma das coisas que me fez aprofundar neste aspecto de estudar a Bíblia com as TJs.

S: E seus pais continuam sendo católicos?

C4: Eles continuam até o momento.

S: E como está o seu relacionamento com eles?

C4: Na verdade a minha mãe nunca foi empecilho para mim e nem eu ara ela, ela me respeita assim como eu respeito a ela e seus princípios religiosos. Desta maneira eu tenho um bom relacionamento com ela neste aspecto.

S: Como é que fica por ocasião do aniversário dela, do Natal em que há uma confraternização familiar?

C4: Na verdade, isso também por a minha mãe ter uma religião ela me respeita. Os princípios que eu tenho ela reconhece e me entende, que estas partes não são ligadas à minha doutrina porque em me engajei bem no estudo da Bíblia. Então na casa há assim um comum acordo, né. Enfim... Ela me respeita assim como eu a respeito neste aspecto.

S: Nesta mudança sua de identidade religiosa, quando antes você era um não-praticante e hoje é um praticante religioso, deu uma guinada em sua vida? Provocou mudanças em seus hábitos sociais? Comemorações, etc.?

C4: Pode-se dizer que mudou da água para o vinho, né. No meio social passei a ser uma pessoa de destaque (com satisfação), entre outras no sentido de que toda a minha vida as minhas de decisões se baseava na palavra de Deus e isso me fez a diferença. Por exemplo, em situação contrária eu poderia estar me envolvendo com vários tipos de pessoas com conceitos diferentes, princípios diferentes, e que na verdade foram prejudiciais. Por exemplo, eu tenho na... (Breve pausa)... Durante esta escalada tinha muitos amigos, supostamente que eu tinha, muitos deles perderam a vida, porque eles tinham algum conceito religioso, mas não eram praticantes e se envolviam em ene situações contrárias. E até mesmo perderam a vida. Então eu posso dizer que sou um vencedor, neste aspecto, pelos princípios, pelo respeito que tenho pela vida e por aquilo que eu estava fazendo. Eu fui destaque, não só pessoal, mas também até mesmo em nível profissional.

S: Este destaque você quer dizer no sentido de ser diferente?

C4: Diferente, ter conceitos diferentes e isto fez com que eu melhorasse em vários aspectos.

S: Eu vou ler algumas coisas aqui e você vai me dizer se realmente você as assumiu: – Quando a pessoa se converte como foi o seu caso, ela assume alguma espécie de compromisso como MRTJ?

C4: Bom. Na verdade, não há um compromisso assim escrito, pois Deus criou as pessoas com livre arbítrio. Nós temos cada um de nós tem contas a pagar, isto independente de religião, nós temos essa conta a pagar. Até cito o livro de *Gálatas* 6:4, que diz que cada uma pessoa levará a sua própria carga, mas neste aspecto, baseados nos princípios que vamos

adquirindo de fato passamos a assumir um compromisso religioso, diretamente ligados aos princípios da palavra de Deus, a Bíblia. Aí sim, perante a Bíblia nós temos este compromisso.

S: Quando você se converteu aceitou totalmente as idéias ou ficou alguma que você não aceitou?

C4: Neste aspecto a gente pode (breve pausa)... Acaba ensinando diferenciado, exemplo. Toda... Todo prospecto das TJs... Ela, de uma certa maneira, para se tornar uma Testemunha de Jeová ela tem que passar por um ensino bíblico, ou seja, ela tem que ser ensinada em vários princípios bíblicos, para que ela possa, de fato, ter o entendimento dos princípios bíblicos e automaticamente passar a agir de acordo com os princípios bíblicos que ela está adquirindo através da Bíblia. E com o tempo ela pode de fato analisar no seu coração e na sua mente se ela está aprendendo e o que ela está aprendendo daquele conceito religioso. Aí no futuro, no futuro, ela mesmo própria, sem intervenção, vai tomar uma decisão se ela quer de fato se tornar uma TJ.

S: No seu caso você sentiu necessidade de fazer parte daquela família de TJs, sentiu vontade de ser parte daquele grupo?

C4: Neste aspecto sim, porque à medida que nós estudamos a palavra de Deus a Bíblia, automaticamente nós vamos buscar pessoas que estão inseridas no mesmo contexto, nossos amigos e aí você passa a ser, passa a se transformar, se vê envolvido com estas pessoas e a partir do momento que você está seguindo os mesmos princípios que a pessoa está seguindo, automaticamente você estará sendo inserido em todos aqueles aspectos e os princípios religiosos que as outras pessoas têm com aquelas pessoas aí você de fato estará associado com eles.

S: Foi a partir daí que você sentiu necessidade de assumir o estilo de vida das TJs?

C4: Bom, com o passar do tempo você notou que a partir dos princípios da igreja que você tem você começou a transformar sua mente e o seu coração. E existe um princípio da Bíblia, em *Efésios* que fala que você vai ter uma nova personalidade. Nova personalidade porque agora você tem novos princípios diferentes, princípios bíblicos diferentes, automaticamente, com a nova identidade você tem que mudar, não é aquela pessoa, anteriormente você é uma nova pessoa. Aí você baseia seus princípios na Bíblia e, aí você começa a fazer alguns ajustes. Então, você tem, então, uma nova identidade baseada nos (nestes) princípios.

S: Quanto às lideranças do grupo, as ordens do Corpo Governante, você tem necessidade de acatar sem questionar?

C4: Necessidade, ela é transformada nas ações e nos princípios que nós adquirimos. Nós recebemos alguns princípios bíblicos e dentro dos princípios bíblicos nós notamos que temos que fazer algum ajuste. Aí, como iniciei com você, o Criador nos dá o livre arbítrio, nós podemos ou não fazer ou não estas mudanças baseado nos princípios que nós estamos recebendo.

S: Então para ser Testemunha de Jeová tem que acatar?

C4: Neste aspecto toda a informação que vem do Corpo Governante das TJs que é através dos princípios da Bíblia nós então vamos forçar a entender, a buscar este entendimento porque são princípios da palavra de Deus e queremos agradar como foco, não às pessoas, mas ao Criador então, se é o Criador que fala através da Bíblia a gente vai procurar acatar e viver à altura dentro do nosso melhor, à altura do que estamos aprendendo.

S: Como você se harmoniza com a família, não a sua esposa e filhos, mas pai, mãe e irmãos e consigo mesmo com relação a estas novas atitudes e hábitos que você agora tem como TJ? Como você faz para ter esta harmonia?

C4: Bem este controle é feito através do respeito mútuo. Respeito os princípios da minha mãe e a recíproca é feito por ela. Na verdade vai acontecer esta harmonia nas famílias independente se ela tem a religião X ou Y e a gente vai conviver bem cada um respeitando os seus princípios e respeitando seus espaços.

S: Quando surge um problema relacionado com a saúde, problemas cotidianos de dívidas, dinheiro, situação política, como v tenta resolver estes problemas?

C4: Nós tentamos resolver usando a Bíblia, por exemplo, há momentos em que decisões têm que ser tomadas. Vamos avaliar perante o princípio da Bíblia, porque a Bíblia sendo um livro capaz de nos guiar a um assunto favorável para a gente tomar um tipo de decisão seja no âmbito da política, seja no âmbito social ou no entretenimento.

S: A sua preocupação com a situação global, com a situação do país, como é hoje e como era antes da conversão? Como é o seu envolvimento com a política?

C4: Os dois princípios anteriormente, conforme eu lhe disse, eu não era muito voltado para nenhum princípio. Para mim estava tudo Ok. Estava mais ou menos bom. Mas foi

passando o tempo e pelo conhecimento da Bíblia que fui adquirindo através dos estudos passamos a perceber que a situação mundial é crítica difícil, é complicada, mas neste aspecto, quando se pesquisa bem a Bíblia, passamos a ter uma visão mais apurada e passamos a entender o que está de fato acontecendo no mundo e que a palavra de Deus, a Bíblia Sagrada ela é capaz de nos relatar a situação do mundo. Ela até mesmo nos mostra quem governa o mundo. Porque existe tanta confusão no sentido político e no sentido religioso e como é a esperança e convicção precisa pro futuro. Então olhando o futuro que a Bíblia nos apresenta eu me sinto tranqüilo por quê? (exaltando-se) Porque tudo que acontece no mundo foi profetizado pelo maior homem que já viveu sobre a terra e que todo mundo conhece – o famoso Jesus. E o que ele mencionou que estaria acontecendo nos últimos dias, nós conseguimos identificar através do estudo da Bíblia, e quando conseguimos identificar há um refrigério para nossa alma. Por quê? Porque nós temos esperança, a nível de futuro, do Criador fazer um ajuste ou intervir na sociedade humana estabelecendo aqui um reino totalmente diferente dos governos humanos, mas um reino que vem lá do céu que vai ser entronizado aqui na terra.

S: Então quer dizer que o fato da pessoa rezar a Deus para parar uma guerra, por exemplo, não tem para vocês muito significado!

C4: Bom, na verdade a oração a Deus é importante o Salmo 65 fala que Deus é ouvinte de orações. Só que nós, como pesquisadores da Bíblia – é uma diferença neste sentido, porque sabemos que embora pessoas podem fazer *Congressos de Paz*, podem orar a Deus, podem mudar a política para com Deus, podem fazer isto de melhor. Nós entendemos baseados nos princípios da Bíblia que isto em si não é solução. Por quê? Porque a Bíblia menciona no livro de *Mateus* versículo 9 e 10: – Que o reino de Deus é a solução para a humanidade embora as obras sociais para quem gosta e faz, é interessante, pode-se fazer isto, não tem problema mas isto de fato não é que o mundo... por que... precisamos de um reino real e o governo de Deus é real e é este governo é que vai resolver os problemas de todo o mundo.

S: Quer dizer que para as TJs as ações dos homens são importantes, mas elas não vão impedir o que está previsto para a humanidade? E...

C4: Muito bem!

S: Que este caos, esta confusão vão acontecer mesmo, não adiantará em nada a ação do homem?

C4: Como eu mencionei 2 *Timóteo* 3 de 1 a 5, diz isto pra nós – haveria tempos críticos, difíceis de manejar. A essência diz tudo, nós vivemos isto nos últimos dias. Então nós podemos fazer coisas boas? Eu posso ajudar meu próximo, assim como você e qualquer outra pessoa, podemos fazer algo. Podemos fazer obras sociais? Podemos fazer obras sociais. Mas isto não determina e não vai ser um fato somador pra Deus não intervir, é uma profecia, profecia de Gênesis que diz no futuro o Criador vai intervir com seu reino aqui na terra, então isso é o fato que acontecerá.

S: Você se preocupa em melhorar de vida, em estudar, fazer planos para o futuro ou sua visão agora é mais tranqüila com relação ao futuro?

C4: Bom, a gente sabe que a gente vive num mundo capitalista, não é verdade? E, por conhecimento de fato nós precisamos ter, mas a bagagem que podemos dizer é que nós somos supridos pelo conhecimento da Bíblia de rico conhecimento e não só secular através de revistas Sentinela e Despertai como outros livros, mas também isto nos dá ou nos garante que podemos através dos conhecimentos que temos da Bíblia na sua palavra e todos os acessórios que temos dentro da organização, nós estamos bem preparados para viver no mundo tão atribulado. Claro, nós respeitamos também alguns pontos que a Bíblia nos chama que podemos ver no mundo sem fazer parte dele, ou seja, sem ser diretamente envolvido por ele. Porque se passarmos a nos envolver diretamente com ele, nos seus conceitos, nos seus princípios nós vamos nos envolver com ele e tornar mais amante do mundo do que de Deus e Tiago menciona que seremos considerados como adúlteros se amar o mundo mais do que Deus. Porque o nosso foco é o Criador e o nosso princípio é a palavra de Deus... Nós podemos viver no mundo, podemos trabalhar no mundo, mas ficamos mais tranqüilos porque no futuro teremos reembolso por parte do Criador, embora não negamos de educar nosso filho em boas escolas, não negamos de ter conhecimento do mundo dentro de alguns princípios religiosos, não negamos de ter conhecimento através da televisão dentro dos princípios da Bíblia Sagrada. Ou seja, o mundo existe, mas nós regemos o mundo conforme os princípios que temos na Bíblia.

S: Agora para terminar: O que você procurava ao se engajar no MRTJ?

C4: Bem... (Pausa)...

S: O que você procurava e o que você encontrou ou não ou ainda procura?

C4: O que eu procurava era o conhecimento da palavra de Deus. Como eu disse para você o meu conhecimento era distorcido ou pouco. Então isto pra mim não satisfazia. Na verdade a partir que eu me engajei no MRTJ, passei, a ter conhecimento da Bíblia e a ser TJ, depois de ter conhecimento da palavra de Deus (ênfase) Passei a perceber que lá eu sou suprido das minhas necessidades espirituais e na verdade é isso que a Bíblia menciona. Tanto é que no Sermão do Monte o grande Jesus lá em *Mateus 5:3* ele mencionou que fermento seriam as pessoas que estavam cômnicas de suas necessidades. Então hoje, eu entendo que suprir a minha vida com os princípios da Bíblia, com o conhecimento da palavra de Deus é que me torna capaz de viver no mundo e posso dizer que me torna mais feliz em viver neste mundo, embora tanta desordem eu sou mais feliz vivendo baseado nos princípios da Bíblia.

S: Que ajuda na parte material?

C4: Sem dúvida.

S: Com relação à palavra de Paulo, muito mencionado que fala da supremacia do homem sobre a mulher o que você tem a dizer sobre isto?

C4: Bem, eu posso lhe dizer de algumas maneiras. Primeiro aspecto nós temos que considerar que a Bíblia é um guia e deve ser usado não só o NT, mas também o VT. A ciência comprova hoje que o homem veio de um casal, isto é inegável. Agora, Darwin falou muito sobre evolução, mas hoje deparam com o ciclo correto, de que o homem foi formado, se o homem foi formado ele foi criado e se foi criado ele é uma criação de Deus e lá em *Gênesis* o Criador, Ele, criou o primeiro homem e lá em *Gênesis 2:24* ao 27. Ele mencionou que o homem lá no paraíso e aqui mesmo na terra ele precisava de uma ajudadora. Primeiro princípio sobre a mulher: – Sabemos que a mulher é uma ajudadora. Bom, baseado nisso, todas as nossas decisões são baseadas em comum acordo. Paulo menciona, de fato, que a mulher é um vaso mais fraco, por isto ela é considerada perante a Bíblia em segundo plano, não a menosprezando, mas colocando numa posição ideal. Porque nós sabemos que a mulher é emocional e o homem usa mais a razão. Por isso que o homem é a cabeça da mulher. Isto não é as pessoas que falam, isto é, um princípio religioso. A Bíblia menciona que o homem é a cabeça da mulher assim como Cristo é a cabeça do homem e conseqüentemente, a cabeça de Cristo é o próprio Deus. Seguindo esta hierarquia para você entender que a mulher tem seu status dentro da organização e é considerada uma pessoa igual ao homem. Só que no arranjo familiar ela é a cabeça do marido. O marido tem a decisão final embora a considere sempre

como a pessoa que está ajudando. Por exemplo, no relato da Bíblia, o relato de Abraão, Sara certa vez chegou perto de Abraão e conversou com ele sobre a serva Hagar. Abraão atendeu Sara.

S: Explique, você disse que a mulher é a cabeça do marido?

C4: Não, não. Eu me expressei mal, na hora eu fiquei complicado. Em *1 Coríntios* a mulher está em sujeição ao homem. O homem é a cabeça da mulher, cabeça do homem é Cristo e cabeça de Cristo é Deus. Então é esta hierarquia. Uma hierarquia bíblica que é respeitada.

S: Muito bem! Obrigada!

Entrevista 5: C5

Idade: 80 anos

Sexo: F

Congregação Central

S: Como foi o seu primeiro contato com as testemunhas de Jeová?

C5: O primeiro contato foi na minha casa. Ela passou lá e entrou e falou comigo sobre as TJs, a sua religião.

S: E a sua religião anterior qual era?

C5: Nasci na igreja católica. Fui batizada na igreja católica, e continuei, frequentei o catecismo, quando criança. Depois fui “filha de Maria” quando fiquei mocinha... (pausa)...

S: E depois?

C5: Depois, passei a ser da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus.

S: Por que você resolveu ser TJ?

C5: Porque a pessoa que era TJ me amolava muito. Ia toda semana e queria que eu fosse TJ, e me convidava pra ir aí foi indo... Foi indo... Foi indo e eu resolvi.

S: E você gostou dos ensinamentos?

C5: Eu gostei dos ensinamentos.

S: Foi batizada?

C5: Aí fui batizada, lá...

S: Chegou a fazer trabalho de campo?

C5: Fazia... Trabalho de campo...

S: Tinha dificuldades no trabalho de campo?

C5: Às vezes eu tinha. Não era sempre que era assim favorável. Tinha vez que era longe de casa.

S: E você tinha vergonha neste trabalho ou de ser uma TJ?

C5: Não. (Pausa) Eu nunca tive vergonha não... Falava com todo mundo que eu era, comentava que eu era TJ. Falava sobre religião.

S: E com relação à eleição, você sempre votou e quando você passou a ser TJ como ficou esta situação?

C5: Ah! Eu parei de votar.

S: Por quê? Eles lá pedem para parar de votar?

C5: Não... (Longa pausa). Eu não sei se eles proíbem... (em dúvida). Não sei se eles aconselham... Eles não proíbem não. (A filha responde de dentro do quarto: – Não, eles falam para ir lá e não votar). Eu acho que não...

S: O que eles orientam lá para vocês votarem?

C5: Pra gente votar nulo.

S: E eles explicam por que agir assim? Que não é para votar?

C5: Não, eles não explicam...

C5: Não, só fala prá não votar.

S: E não explicam por que não se deve votar?

C5: Não, não explica por que.

S: Pelo menos para você não falaram?

C5: Só falam que não deve votar.

S: E sobre festas de aniversário?

C5: Eles falam que não deve.

S: E sobre comemoração de Natal?

C5: Também não tem.

S: E quando você era católica você comemorava?

C5: Quando eu era católica eu votava. Eu fazia festa de Natal?

S: E gostava?

C5: Gostava...

S: E quando você passou a ser TJ foi difícil, não votar mais, não fazer mais festas de Natal?

C5: Foi muito difícil.

S: E teve problemas com a família?

C5: Tive.

S: Especificamente com quem da família?

C5: Ah! Tive problemas com os meus filhos. Eles não gostavam daquela minha vida de não votar, de não fazer festas. Eu estava acostumada a fazer festas...

S: E para você foi ruim esta passagem ou você aceitou bem?

C5: Não foi ruim porque eu aceitei essa dificuldade, aceitei.

S: E com relação a doenças, a transfusão de sangue?

C5: Eu nunca precisei.

S: E se precisasse?

C5: Se eu precisasse talvez eu não tomava sangue. Porque estava acostumada a aceitar.

S: E com relação a alimentação, per exemplo sangue de galinha, de porco?

C5: Sangue não.

S: Se você for convidada para ser madrinha de um casamento religioso, ou para um casamento no religioso? Como é o ritual?

C5: Não pode aceitar, não pode ser madrinha. Pode ir, mas não pode ficar muito à vontade na igreja. Por exemplo, não entra na igreja.

S: Batizado pela mesma forma?

C5: Mesma forma fica do lado de fora.

S: Quanto tempo você ficou estudando antes de batizar?

C5: Uns dois anos.

S: E para batizar, o que foi preciso fazer?

C5: Pra batizar não precisou fazer nada.

S: Não tinha questionário para responder?

C5: Tinha. Tinha a pessoa tinha que conversar com o ancião... Tinha de falar as coisas que...

S: Ele perguntava?

C5: Perguntava. O ancião vinha e perguntava se a gente estava disposta a acompanhar... A não ir na missa da igreja da gente... A não rezar as orações da gente, por exemplo: – Ave Maria, Pai Nosso, Creio em Deus Pai...

S: E com relação a imagens, crucifixo?

C5: Também não pode não. Imagens, estátua, quadros...

S: E foi difícil para você aceitar isto, para tirar estas imagens de casa?

C5: Foi difícil (pausa) porque eu tinha muitos quadros, e aquilo a gente fica com remorso porque a gente acredita e (pausa) a gente achava assim... Ruim.

S: Mas jogou fora?

C5: Ah! Não cheguei jogar fora não (riso leve, pesaroso) num cheguei a jogar fora não, eu dava pros outros.

S: Dava as imagens para outras pessoas?

C5: Sim.

S: Você chegou a ter alunos a dar estudo?

C5: Ah! Eu estudava sim com uma TJ.

S: Sei, mas você teve alunos TJs, estudantes?

C5: Não, nunca cheguei a ensinar, não.

S: Por enquanto só aprendeu?

C5: Aprendo, batizei fiz serviço de campo.

S: TL mantém obras sociais?

C5: Heim?

S: TJ ajuda os pobres, têm um local que...

C5: (interrompendo) De reunião?

S: Não, não é local de reunião, que eles ajudam, por exemplo, mas de ajuda a órfãos, asilos de velhos etc.?

C5: Hum, hum. Não fazem.

S: Então esta parte de caridade organização não faz?

C5: Não, não faz.

S: E vocês usam muito o nome de Jesus?

C5: Não. Nunca fala em Jesus.

S: Quando você era católica você falava muito em Jesus e ao passar para TJ como você lidou com esta situação?

C5: A gente não falava em Jesus. A gente quase nunca ouvia falar de Jesus.

S: E para você foi estranho isto ou aceitou bem?

C5: Foi muito ruim, eu achei muito ruim.

S: Como você fez para se acostumar?

C5: Ah! Eu ficava sempre lembrando Jesus, lembrava da minha outra religião (pausa longa)...

S: Então foi muito difícil?

C5: Foi muito difícil. Você não pode festejar o seu aniversário nem o de ninguém (pausa).

S: E pedir a Deus, a Jeová para ajudar é permitido?

C5: Pode. Mas a Jeová a gente pode pedir. Em Jesus e em Nossa Senhora não se fala. Fala só de Jeová.

S: Obrigada.

Entrevista 6: C6

Idade: 50 anos

Sexo: F

Congregação Fábrica

S: Qual o seu nome e Idade?

C6: F. e tenho 50 anos.

S: Quanto tempo você está nesta Congregação de TJs? Do Bairro Industrial?

S: Mais de cinco, mais de seis?

C6: Quatro anos?

S: Qual foi o motivo que levou você a se engajar no MRTJ?

C6: Eu casei e fui morar com a minha sogra que era TJ, os filhos dela também foram criados assim, mas se afastaram por causa do pai. Aí eu comecei a observar a diferença: o comportamento deles, como se falavam, o caráter. Embora eu tenha sido criada dentro do catolicismo e eu tinha meus princípios morais, mas eu via assim muita diferença.

S: E você notava esta diferença para melhor?

C6: Para melhor! O comportamento dentro de casa... Fui comparando... Fui vendo a diferença!

S: Então você era uma católica praticante?

C6: Sim. Inclusive nas minhas orações eu pedia a Ele duas coisas. Eu não queria casar com caminhoneiro e nem com um rapaz de outra religião. Eu tinha horror de caminhoneiro e de outra religião.

S: E ele era de outra religião caminhoneiro?

C6: Era e era de outra religião.

S: E ele era TJ?

C6: Era só que ele estava afastado.

S: Na sua identidade religiosa como católica você tinha seus rituais, suas imagens, crucifixo, como ficou esta situação?

C6: Com toda sinceridade é lógico. Eu como católica estava até conversando com uma pessoa. O meu pai era devoto de uma imagem, minha mãe de outra e eu aquelas “folhinhas” pequenas com cada dia dedicado a um santo. E eu não tinha nenhum santo preferido. Eu até questionava eu tenho que escolher um santo, pensava todo mundo tem um santo, um time de futebol. Eu nunca me interessei por aquilo. Você entendeu? Mesmo meu pai sendo devoto de um, minha mãe de outro. Inclusive eu tenho o nome de... Por causa de uma promessa que minha mãe fez. Mas eu ficava pensando, eu nunca me senti atraída por aquilo.

S: Você tinha algum sentimento de culpa?

C6: Eu tinha sim, um sentimento de culpa. Eu pensava todo mundo tem uma devoção eu não tenho, um é devoto de um, outro de outro e eu não tenho nenhum. E eu ficava assim

S: E você chegou a escolher algum?

C6: Não.

S: E tinha em sua casa símbolos, imagens enquanto católica?

C6: Não, na minha casa não tinha imagens o que a minha mãe tinha era aqueles... Que ficavam assim dentro daqueles... Daqueles... Que todo mundo tinha... Aquele antigo – o oratório.

S: E você fazia suas orações?

C6: Eu fazia... Fazia sim... Mas eu ficava com aquilo assim na cabeça, mas ao mesmo que eu fazia, eu ficava assim pensando, todo dia a mesma coisa, achei interessante, não sai daquilo... Entendeu... Eu fazia perguntas à minha mãe e minha mãe não sabia responder.

S: Como era a sua convivência com o pároco da sua Igreja? Com as pessoas da paróquia?

C6: Era uma coisa assim muito distante, inclusive assim quando a minha mãe tinha criança, ela ia à missa e ela não levava, pois se a criança chorava na Igreja, era uma igreja enorme, ele perguntava – Quem era aquela vaca e pedia pra vaca sair. E eu não esqueço isso... como criança em não esqueço isso e a minha mãe com criança pequena não ia e a criança ficava com a irmã mais velha. O padre se chamava Oscar, Padre Oscar, entendeu e eu tinha aquela coisa, sabe, eu achava uma ignorância também chamar assim uma pessoa de vaca, sem respeitar o padre falava: – Quem era aquela vaca que deixava criança chorar dentro da igreja. Então criança não pode chorar?

S: E em relação às comemorações de Natal, Páscoa dia de aniversários como você se relaciona com isto?

C6: Olha, prá mim não foi difícil, pois eu já não fazia isto. Porque eu morava em uma fazenda e meus pais não faziam nada disso e entendeu então depois eu fui aprender biblicamente que isto estava errado e nós não fazemos o que não é certo. Tudo que tem origem pagã nós não fazemos.

S: E quanto às obrigações civis, ir lá votar escolher um candidato para vereador, governador etc. Como é a sua atuação?

C6: Nós cumprimos as nossas obrigações para com as autoridades e as ordens das autoridades superiores como o apóstolo Paulo mesmo falou obedecer às autoridades superiores desde que o que eles mandem não entre bem conflito com as ordens de Deus. Nós votamos, cumprimos direitinho, não deixamos de votar.

S: Vocês votam? Porque outro dia estava com uma TJ e ela me disse que entra na cabine anula o voto e sai. É assim?

C6: Com certeza nós vamos votar, mas nós não votamos em determinada pessoa. Nós já temos... A Bíblia deixa bem claro que Jesus não fez parte do mundo. Quando pegaram para fazer dele rei, ele se retirou, ele não participou de política e ele deixou o modelo para nós e nós mediante o estudo da Bíblia que nós fazemos nós sabemos, a humanidade já (pausa) passou por todo tipo de governo, já experimentou toda forma de governo e a gente vê que o caos que está o mundo, um o presidencialismo outro... todo tipo!

S: Quem escolhe, para vocês, o governante é Deus?

C6: Não é propriamente Deus, Ele permite que aquela pessoa suba ao poder, porque se Ele não quiser...! Ele permite, mas que Ele escolhe, não.

S: Vocês...

C6: (interrompendo) Porque nós sabemos, entendeu, a gente estuda, nós somos pessoas que estuda a Bíblia, mas também temos Conhecimentos Geral né, no livro Clímax da Revelação a gente sabe sobre os poderes do mundo, as potências e tudo e como que a Bíblia fala certinho e a gente sabe, entendeu, a Bíblia diz tudinho que a confusão, tudo virá através do homem, porque a Bíblia fala o homem tem dominado o mundo para o seu prejuízo.

S: O seu primeiro contato com as TJs foi através de seu marido?

C6: Foi. Eu nunca tinha ouvido falar, nem sabia que existia esta “religião”?

S: Como foi o seu relacionamento com sua mãe que continuou católica?

C6: De respeito com ela e com todas as pessoas.

S: Foi difícil relacionar com seus irmãos?

C6: Antes de mim a primeira a deixar o catolicismo foi a minha irmã e depois dela fui eu. Com minha irmã não foi não. Com os filhos dela é de respeito. A gente ia na casa dela com os filhos pequenininhos e eu falava com eles para respeitar os quadros as imagens. Sempre assim com respeito. Nós respeitamos as pessoas e suas crenças. Vamos de casa em casa levar a mensagem que foi uma ordem que Jesus deu, mas nós não ironizamos ninguém respeitamos as pessoas e as suas crenças.

S: Você freqüenta festas de aniversários, casamentos?

C6: De casamento nem me lembro quando fui agora de aniversário não, porque a Bíblia não fala especificamente assim, mas Jesus é nosso modelo e você pode ler a Bíblia de *Gênesis* a *Apocalipse* que você não vê celebrar aniversários. A Bíblia fala de dois aniversários e nestes dois aniversários e neste dia eles pediram a cabeça de duas pessoas. Então tem para nós uma conotação negativa. Tem perigos, nós sabemos, agora se uma pessoa quiser comemorar seu aniversário, ninguém pode proibir.

S: Como você vê a sua vida passada os fatos do seu passado como católica, antes de se tornar TJ?

C6: Normal.

S: Você crê que os fatos estavam previstos por Deus?

C6: Não. Normal.

S: Você acha que isto já estava previsto?

C6: Não. Eu já não acreditava nisto. A minha mãe não tinha Bíblia, mas ela falava que tinha. Mas eu aprendi a Bíblia depois que eu casei. Mas eu sempre não acreditei, assim, que Deus não fizesse isto de ter um livro e escrevesse ali fulano vai morrer disso, fulano vai morrer daquilo, sicrano vai fazer disso... Eu nunca tive... Sempre eu não concordava com isto, cê entendeu?

S: Que o destino particular de cada um...

C6: Foi escrito...

S: E estas desgraças naturais acontecendo, como você vê isto?

C6: Primeiramente a gente vive num tempo. As coisas que o homem faz tem efeitos na natureza. Coisas erradas afetam a natureza. Isto é uma coisa que acontece. Eu vi, por exemplo, na época do tsunami um líder religioso falou que as pessoas que viviam ali eram pessoas que tinham uma vida imoral, que era uma punição da parte de Deus.

S: O fato de estas coisas estarem acontecendo roubos, problemas sérios de violência, você vê isto como um sinal?

C6: Sinal conclusivo. Porque Jesus disse na Bíblia Cap. 24 de *Mateus*. Jesus falou nos sinais que mostraria que estaria nos tempos do fim. As pessoas podem dizer – Mas isto sempre aconteceu. Mas não tudo ao mesmo tempo.

S: O que é o AT para as TJS?

C6: Nós temos a Bíblia de Gênesis a Apocalipse completa e perfeita e nós tiramos proveito dela toda. O AT, que algumas pessoas dizem estar obsoleto, a gente fica maravilhada com ele. Nós não estamos mais debaixo da lei mosaica, mas Jesus resumiu a lei mosaica em dois mandamentos Amar a Deus a amar ao próximo, mas você lendo a Bíblia você vê o cuidado de Deus pelo povo dele aí você fica encantada. A bíblia é uma só de Gênesis a Apocalipse.

S: Como é sua oração, a quem é dirigida?

C6: Nós somos específicos em nossas orações.

S: Específicos como?

C6: Damos glória a Deus. Se eu tiver determinado problema, por exemplo, meus filhos se formaram na Federal (UFJF) e eles estão estudando para um concurso então eu peço a Deus para ele se sair bem.

S: Mas todos não pedem o mesmo?

C6: Sim, mas Jeová sabe o que é bom para mim. Cada coisa tem a sua hora de acontecer. Se eu não for atendida é porque não estava na hora. É como está em *Eclesiastes* - Há um tempo para tudo... Para sorrir... Para chorar.

S: Obrigada.

Entrevista 7: C7

Idade: 24 anos

Sexo: F

Congregação Fábrica

S: Quanto tempo você tem de convertida?

C7: Tem uns cinco anos.

S: Como você conheceu o MRTJ?

C7: Pela minha avó, que se converteu há uns dez anos, acho dez ou onze.

S: Você teve algum problema com a sua conversão?

C7: No princípio eu não falava, não, com as colegas, mas depois eu falei.

S: De que crença religiosa você era?

C7: Eu era católica, fiz primeira comunhão.

S: Por que você se tornou TJ?

C7: Porque minha vó sempre me chamava. Eu ia só pra acompanhar, mas depois fui gostando das reuniões. Eu era muito tímida e como no salão a gente responde no microfone eu fui gostando de participar. Aí eu lia a Bíblia para falar bem as leituras e fui aprendendo.

S: Você estudou com sua avó?

C7: Não, duas irmãs iam na minha casa todo domingo de manhã para dar estudo e eu recebia os livros e as revistas.

S: E o que lhe chamava mais a atenção?

C7: O tratamento das pessoas. Todo mundo recebe a gente com um sorriso. Elogia os comentários que a gente dá e isto faz a gente querer cada vez participar mais, estudar mais para dar a resposta mais certa. E não dá para cansar, pois os discursos são muito bons e educativos, ensina muito. Eu acho muito bom ir à reunião, o tempo passa rapidinho.

S: Você já assistiu a algum Congresso? O que achou?

C7: Já fui a três. É muito interessante. E, o bom é que tudo é muito limpo e organizado. Todo mundo fica em seu lugar.

S: O que mudou na sua vida?

C7: Muita coisa. Eu era insegura. Achava que ninguém gostava de mim. Tinha medo de morrer, um monte de coisa. Aqui na terra a gente está sempre em perigo, mas lendo as Escrituras a gente se livra de muito mal. Jeová olha por todos. O modo de perceber as coisas mudou para melhor. Hoje eu não sou tão preocupada com futuro, ligo, mas menos. Deus é que sabe o melhor para mim.

S: Como você encarou o fato de não comemorar mais Natal, aniversário, dia das Mães?

C7: Ih! No início foi bem cruel. Os amigos ficavam admirados e muitos não entendiam. Minha mãe, meu pai e tios não entendiam e às vezes até se aborreciam com isto. Eu também, quem não gosta de presente e festas?(risos) Minha tia até se aborreceu com a vó. Mas não teve jeito...

S: Você possuía imagens, terços? O que você fez com eles?

C7: Tinha, quer dizer tenho, mas estão no fundo da gaveta. Ainda não tive jeito de ficar sem eles. Mas não são nada! É só lembrança, o terço meu pai me deu, ah! Tenho um menino Jesus, tão lindo...! Era do presépio da minha avó e eu peguei ele.

S: E quanto à sua personalidade?

C7: Mudei. A gente tem que mudar quase tudo. Ser mais obediente, mais verdadeira, levar uma vida chegada aos ensinamentos de Deus...

S: Nas demais crenças religiosas, não é tudo isto pedido também?

C7: (Pausa) É... Só que a gente não faz... Bem eu não fazia!

S: E porque não?

C7: Sabe que não sei bem... (pausa). Acho que... Ah! Em volta da gente... Ninguém se preocupa... tá todo mundo pensando só em tirar vantagens, preocupado em subir na vida. É isso!

S: E você não?

C7: Também... Mas a obra de Jeová está em primeiro lugar!

S: E quanto a votar, ir às reuniões dos amigos que não são da sua crença?

C7: Foi ruim também, muito ruim, mas depois eu fui me aproximando mais dos “irmãos”, deixando os de perigo... Não adianta votar, tudo fica na mesma. É Jeová que é de fato nosso governante.

S: Perigo?

C7: É maçã boa no meio de ruínas estraga. Depois a própria Bíblia ensina tudo isto. Afastar do Mal e o Mal está no Mundo.

S: Você lê muito?

C7: Leio e em francês. As TJs têm a literatura em vários idiomas e a gente aproveita para aprender.

S: Qual o valor para você do AT e do NT?

C7: Tem tudo de bom lá, desde o início como tudo começou e como vai acabar de Gênesis até Revelação.

S: E Jesus Cristo?

C7: É o Filho de Deus, ele abriu as portas de entrada para o Reino de Jeová, mas não é Deus. Na Bíblia está que só se chega a Deus por meio de Jesus.

S: Você fala muito na Bíblia, você antes a lia?

C7: Até tinha uma, porque estudei no Santa Catarina, mas só pegava nela no colégio.

S: E agora é diferente? Por quê?

C7: Porque agora eu estou na verdade e penso diferente, faço coisas diferentes...! Sei, quer dizer, aprendi que na Bíblia está o que eu preciso saber... Está tudo lá...

S: As TJs são diferentes?

C7: (Balança a cabeça, afirmativamente).

S: A quem você dirige suas orações?

C7: A Jeová Deus e a mais ninguém.

S: Obrigada.